

1944 / 1945 - 23 a 26

1943 - 21 / 22

25

REVISTA DA ACADEMIA MATO-GROSSENSE
DE LETRAS

ANO: 1943 – ANO: XI - Nº 21-22

ANO: 1944-1945 – ANO: XII-XIII - Nº 23 a 26

REVISTA DA ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

Ano XI

1943

Tomos XXI-XXII

Sumário

O primeiro decênio da Academia (1932-1942):

Uma década de trabalho cultural — *José de Mesquita*

A saudação do Instituto Histórico — *Isac Póvoas*

Oração em nome do Gremio D. Aquino — *Pe. Antonio Wasik*

Cadeira n. 16:

Elogio de Aquilino do Amaral — *Ovidio Corrêa*

Cadeira n. 20:

Elogio de Caetano de Albuquerque — *Severino de Queiroz*

Três poemas da Saudade — *José de Mesquita*

Poesias:

Madrugadas cuiabanas — *D. Aquino Corrêa*

Ato de Bondade, Janua Cœli, Solidariedade, Flores da vida... flores da morte..., A lei da Vida, No parque da Gavea — *José de Mesquita*

Cáceres — *Oscarino Ramos*

Cristo, ainda — *Alirio de Figueiredo*

Dois suaves mistérios — *D. Aquino Corrêa*

Páginas femininas:

Oração paraninfal — *Guilhermina de Figueiredo*

Uma sábia — *Aída Bastos de Siqueira*

Ama as estrelas, Sonho, Materialização — *Benilde Moura*

Meu vestidinho xadrez, Contradição — *Maria Santos Costa*

A verdadeira doutrina de Cristo, Parábola da Fraternidade — *Cesario Prado*

Taunay e Rebouças — *V. Corrêa Filho*

Águia branca ferida — *Olegario de Barros*

O nome "João" em Mato Grosso — *Philogonio Corrêa*

Noiva das Arábias (conto) — *Lobivar Matos*

O ensino primário em Mato Grosso (tese) — *Francisco Mendes*

Voluntário da Pátria — *Generoso Ponce Filho*

Xavier Marques — *Raimundo Maranhão*

Páginas dos Mestres:

Cântico da Páscoa — *Aloisio de Castro*

Máscaras — *Tristão da Cunha*

Páginas dos Novos:

Céu de estrelas — *Guy de Mesquita*

Ilusão — *Domingos Felix de Souza*

Uma flor do Clero cuiabano — *Jorge Otaviano da Silva Pereira*

Luminosæ stellæ — *Rabindranath Tagore Pires*

Tristão de Ataíde, Mestre e Apóstolo — *Luis-Philippe Pereira Leite*

Uma estrela do nosso romantismo — *Wanir Delfino Cesar*

Joaquim Ribeiro e a "Folk-lore of Americas" — *Corsindio Monteiro*

Exaltação à Cidade — *Jorcy Dreux*

Índice geral da "Revista do Centro Matogrossense de Letras" (1922-1932).

O Primeiro Decênio Acadêmico

7 DE SETEMBRO DE 1932 — 7 DE SETEMBRO DE 1942



UMA DÉCADA DE TRABALHO CULTURAL

DISCURSO PROFERIDO PELO PRESIDENTE
DA ACADEMIA MATOGROSSENSE, DESEM-
BARGADOR JOSÉ DE MESQUITA, NA SES-
SÃO COMEMORATIVA DO DIA DA PÁTRIA
E DO 10.º ANIVERSÁRIO DA ACADEMIA

HÁ dez anos, justos, nesta mesma hora e local, instalava-se, solenemente, com a presença das mais altas autoridades e das figuras mais representativas do escol cuiabano, a Academia Matogrossense de Letras. Ardia, pelo Brasil, a fogueira destruidora e sinistra da guerra civil, desencadeada, havia dois meses, nas terras bandeirantes. Um signo rubro, marcial, parece, destarte, haver predestinado esta sociedade de homens de letras e pensamento. Agora, a comemoração do seu 1º decênio vem nos encontrar em pleno estado de guerra. Quer assim Deus, para que, de fôrma impressionante, ressaia, no lugubre *decor* de sangue e lágrimas, ao fragor babélico da luta e da chacina implacavel que divide os homens, o valor imanente e eterno da Cultura.

A Cultura, meus Senhores, que abre, entre a escuridão ambiente, essas clareiras magníficas da Arte, do Sônho e da Beleza, é que permite ao homem do mais brutal e sangrento dos séculos que a terra já viu passar, crer e esperar na regeneração da humanidade, na Paz entre as nações de bôa vontade e na alvorada redentora de um dia de liberdade e de justiça, em que o Direito deixe de falar pela bôca dos canhões, nas rodas apocalíticas dos tanques de guerra, no granizo infernal das bombas incendiárias e na insídia dos torpedos saltando incautas naves sobre o dorso tranquilo das águas marinhas...

A Cultura é que aqui nos congrega, nesta hora feliz e repousante, sentindo que, bem ao contrário do que pregam espíritos de visão unilateral e obtusa, é, justamente, em horas como esta, que o Homem mais precisa da Cultura, que maior se faz a necessidade de afirmar a supremacia do Espírito, o primado da Inteligência, a hegemonia da Alma sobre a matéria, da Espiritualidade sobre as forças rudes da violência e do ódio, da destruição e da carnificina.

Esse o papel das Academias, essa a tarefa que nos assiste. Porque, senhores, nós, a quem a Providência fadou a viver no mais belo dos séculos, das conquistas mais avantajadas do progresso — o rádio, o avião, a eletricidade, a televisão... — sômos, também, os filhos da mais trágica época que já viveu o mundo. E assistimos estarecidos, a essa cruel hecatombe, nascida do colapso do Direito; do desprezo das leis primárias de amor ao próximo, do cultivo sistematizado do ódio, da ambição, da força bruta erigindo-se em árbitro dos destinos humanos.

Mas confiamos ainda e esperamos. Sabemos que tudo isso passará e que, — para revocar um pensamento admirável, vasado em fórmula não menos impressiva

e oracular do grande apóstolo da Cultura e do Direito, que foi Rui Barbosa — nós sabemos que «a montanha dominará o pântano, a avalanche saneará o brejo» e que dias melhores estão reservados à humanidade, após esta tremenda provação por que permite Deus que ela passe, para resgate de tantos crimes e de tantas loucuras.

Deixemos, pois, que os ignaros e os ignavos debaterem ou resmunguem, entre dentes, contra a Cultura e contra as Academias, desde que nós sabemos que não foi, decerto, do seio das sociedades culturais, ou das Universidades, nem mesmo do cérebro lúcido e raciocinante dos homens que pensam e cultuam a Arte e o Bélo, que poderia jamais ter surgido essa hecatombe que por aí vai, levando o horror, o luto, o sangue e o pranto aos mais recônditos pontos do planêta. Assim clamavam e clamam os «espíritos práticos» contra a invasão dos bachareis ou, melhor, dos doutores, o que fez dizer a alguém que si toda a gente no Brasil fosse bacharel — pelo menos não haveria a lepra do analfabetismo. Assim, si todas as nossas cidades tivessem uma Academia, um Grêmio literário — não haveria tanta alma fechada, tanto carater comprimido, tanta estreiteza de visão e tanta incompreensão da Beleza e da Bondade... O homem seria outro. E a vida seria melhor.

A Academia, Senhores, surgiu da metamorfose do *Centro de Letras*, criado a 22 de maio de 1921, e que, em 11 anos, já vinha realizando um trabalho extraordinário pela Cultura nacional. Trabalho que a Academia continuou, continúa e continuará. Há, entretanto, quem pergunte, de bôa ou má fé, por simplicidade ou por aleivosidade — onde está o trabalho da Academia? É que esse trabalho, Senhores, como todo o verdadeiro trabalho de Cultura, não aparece nos cartazes, não se

apregôa pelos camelôs, não tem matinadas, barulho de cabotinices ou matraqueios ruidosos. Ele é um labor tenaz e constante, que vem, obedecendo às leis naturais, construindo pelos fundamentos, ao invés de fazer obras de fachada, que nem sempre poderão primar pela solidez dos alicerces. É um esforço lento mas seguro, que não leva em mira impressionar ou aparecer. Ele, entretanto, fica. Ele aí está, aos olhos de quem o queira ver. São os 22 volumes da Revista do Centro e os 20 da Academia, abrangendo um período largo e fecundo de 20 anos, de semeadura espiritual. Esses 42 tomos, de uma continuidade jamais interrompida nem diminuída, representariam, si mais não houvesse, o maior e melhor ativo que a Academia poderia trazer num balanço a favor da Cultura, já não direi matogrossense, mas brasileira. São estudos, ensaios, poesias, ficção, crítica, bibliografia, folklóre, história literária, toda a nossa evolução mental de dois séculos, compendiada em uma série de quasi 50 volumes de leitura variada, util e interessante.

Além disso, tereis por lançados a crédito na conta da Academia os seus saráus de arte, com a apresentação dos melhores elementos do nosso meio — musicistas, ditrises, cantoras, que têm, neste salão, em magníficas festas, o ensejo de exibirem seus altos predicados, apurando o gôsto artístico de nossa gente. E as eruditas e belas conferências, nas quais já foram estudados vinte patrônos, focalizando-se, à luz de formosos ensaios, homens, épocas e aspectos do nosso panorama intelectual. E as exposições de pintura, de imprensa e bibliografia, patrocinadas pela Academia. E as horas-literárias, com leitura de trabalhos dos acadêmicos. E o incentivo que a Academia vem dando a novas e promissoras vocações, nas suas *Páginas dos Novos*. Tudo isso, meus Senhores, acreditamos, sinceramente, que ignoram os que perguntam pelo que tem feito a Academia.

Não é este, claro está, um relatório, senão que li-
geiro recensear do que tem feito a Academia durante
essa primeira década de vida. A exposição regulamen-
tar da nossa atuação durante o biênio findo, será ofe-
recida, a seu tempo, na primeira sessão ordinária, em
que se dará conta do que interessa à nossa economia
interna.

Comemorando a data de hoje, tão significativa para
o Brasil e para a Academia, temos a grata satisfação
de dar posse à Diretoria reeleita, e de ouvir os discurs-
sos de elogios dos patronos Aquilino do Amaral e Cae-
tano de Albuquerque, pelos acadêmicos Ovidio Corrêa
e Severino de Queiroz, e lidos, respectivamente, pelos
acadêmicos Philogonio Corrêa e Ulisses Cuiabano, fi-
cando, assim, preenchidas as cadeiras ns. 16 e 20, cria-
das ultimamente.

Maior não pôde ser a nossa satisfação vendo, ao
nosso lado, nesta hora de gratas expansões, os nossos
queridos companheiros de Ideal, do Instituto Histórico
de Mato Grosso e dos Grêmios Julia Lopes, Alvares
de Azevedo e D. Aquino Corrêa, dignamente represen-
tados o primeiro pelo nosso confrade Isác Póvoas, os
outros pela distinta professora Carlinda Mercante, pelo
jovem beletista Rubens de Mendonça e pelo Pe. Antô-
nio Wasik, seu dedicado Diretor.

A eles, bem como às dignas Famílias, a todos que
nos trouxeram a honra da sua presença, o nosso sincero
agradecimento, que desejo expressar de modo especial
às gentis senhorinhas que aquiesceram em abrilhantar
o nosso programa com a recitação de trabalhos mato-
grossenses.

E ao dar como aberta a sessão, só me resta, Se-
nhores, invocar sobre a Academia, que ora penetra os

umbrais de uma nova éra, as melhores bençãos de Deus, para que ela possa continuar correspondendo, de fórma eficiente, à vossa confiança, trabalhando sempre mais pela Cultura, de cujo florecimento depende, mais que de outras circunstâncias, o engrandecimento de nossa Pátria, cujo natalício, como Nação livre, hoje comemoramos, entre verdadeiras efusões de amor, de fé, de entusiasmo e de civismo.

Continuemos, pois, a trabalhar, todos unidos, todos empenhados nessa tarefa comum de dar ao Brasil, pela Cultura, que só medra em países livres, o lugar que lhe cabe no concerto da Civilização americana e universal.

Avante! Por um Brasil sempre maior e sempre melhor, livre, unido, culto e feliz!

A saudação do Instituto Histórico de Mato-Grosso

pelo Prof. Isac Póvoas

Buscando desincumbir-me de uma delegação recebida, eu venho, em nome de uma das mais antigas associações culturais de nossa Terra — o Instituto Histórico de Mato Grosso — trazer à sua irmã mais nova — a Academia Matogrossense de Letras — os seus mais vivos e expressivos cumprimentos, assim como a sua sempre franca, integral e inabalável solidariedade, na data auspiciosa que hoje deflue, data caríssima por todos os motivos, para essa douta e prestigiosa agremiação que, com muito acerto, já foi chamada de irradiadora da cultura e do patriotismo matogrossense.

Patriotismo e cultura!

Não póde haver, senhores, divisa mais nobre, mais alevantada e mais sublime do que essa. Ela basta, por si só, para definir um programa e para falar dos propósitos elevados de uma agremiação.

Não a adotastes oficialmente, ao que me parece; não a tendes inscrita na frontaria do pórtico do vosso sodalício; entretanto, éla é aí praticada de fáto, com carinho e com amôr, não tendo sido jamais relegada para um plano secundário.

Folheai as páginas brilhantes da vossa revista, esse espelho fiel da vida da vossa instituição, esse repositório completo e perfeito das vossas atividades. Élas aí estão para atestar com toda a veemência, para procla-

mar alto e bom som, a veracidade daquela afirmação.

As belezas sem par e a opulência da terra dádiosa que nos serviu de berço, são descritas pelas penas fulgurantes dos vossos prosadores, como são também cantadas pelos vossos vates primorosos.

Uns e outros porfiam em não deixar cair no olvido os feitos memoráveis dos nossos gloriosos antepassados, daqueles varões ilustres que souberam, com a pena ou com a espada, gravar os seus nomes dignos e respeitados, nos fastos da nossa história.

Em todos os atos da vossa vida acadêmica, em todas as vossas manifestações como entidade de cultura, tendes sempre timbrado em deixar exuberantemente provado que aí, no gineceu da vossa Academia, onde as ciências e as letras erigiram o seu altar e de onde, de mãos dadas, vos apontam as regiões serenas dos mais puros idealismos, nesse gineceu, repito, paira, antes de tudo, e acima de tudo, como a inspiradora suprema, a imagem sacrossanta da Pátria altiva que nos viu nascer.

Não foi, senhores, por uma circunstância fortuita, nem por méra obra do acaso, que foi vinculada a fundação do Centro Matogrossense de Letras, o precursor da Academia homônima, ao acontecimento máximo da nossa nacionalidade, rememorado pela efeméride brilhante de 7 de Setembro.

Não foi, de igual forma, por uma simples coincidência, que se solenizou, onze anos após, a conversão d'aquele Centro em Academia, na mesma data faustosa de 7 de Setembro, em que o Brasil também se convertia em Pátria livre.

Coincidência, senhores da Academia Matogrossense de Letras, eu noto é no ambiente em que festejastes aquela assinalada metamorfose sofrida pelo vosso cenáculo, metamorfose em que se vislumbrava algo de semelhante entre «a passagem da nebulosa para a estrela, do botão para a flôr, da crisálida para a borboleta», e

neste em que solenizais a passagem do primeiro decênio da vossa vida acadêmica.

Sentíamos aqui, naquela época, como sentia de igual modo o Brasil inteiro, a mais cruciante e torturante angústia.

Toldades estavam os horisontes pátrios com a luta tremenda que se deflagrava, de brasileiros contra brasileiros. Era, não há negar, um quadro contristador aquele que se observava. Eram povos irmãos que se degladiavam na mais cruenta das pelejas; eram, como com muita propriedade foi dito na ocasião «filhos desta grande terra — grande demais para manter e agazalhar toda a população do mundo e, desgraçadamente pequena demais para a partilha do mando e da ambição» que se defrontavam em campos opostos, fazendo sangrar o coração da Pátria.

Foi debaixo dessa atmosfera pejada de nuvens negras que surgiu a Academia Matogrossense de Letras pondo, como com muita felicidade disse o vosso Presidente, «uma estria de luz nos céus noturnos, como o arco-iris da bonança em meio da procela desencadeada, como a estrela solitária ou o faról luci-trememente a guiar o navegante nas aguas do mar tenebroso».

Hoje, decorridos dez anos, celebrais a festa da vossa Academia em um ambiente ainda mais conturbado.

Não se trata mais, para felicidade nossa, de divergência entre os filhos do Brasil.

É o deflagrar da tresloucada ambição de domínio absoluto do orbe que vai, de país a país, de continente a continente, estendendo por toda a parte os seus tentáculos medonhos, procurando colher nas malhas do tenebroso conflito povos das mais afastadas regiões.

São os fumos densos dessa vasta cratera que arde, que crepita no velho mundo, que chegam até nós.

São as labaredas dessa vasta fogueira construída por mãos perversas e criminosas que estendem a sua

lingua de fogo até êste lado do Atlântico, procurando fazer intervir na luta quem inteiramente alheio a ela, empenhado se achava na construção da sua própria grandeza.

É o totalitarismo sórdido e desabusado que vem provocar-nos em nossa própria casa, na mais vil e truculenta das alucinações; é a pirataria nazi-fascista que se volta claramente contra nós, atentando, positivamente, calculadamente, contra a nossa soberania nacional.

É êste o ambiente em que comemorais a passagem do vosso primeiro decênio acadêmico.

Mas, ainda desta vez, a Academia Matogrossense de Letras será, como sê-lo-ão também as suas co-irmãs da federação, o farol, a estrela que ao lado da bendita constelação do Cruzeiro do Sul, iluminarão o caminho dos nossos exércitos na sua marcha para a vitória.

Continuai, senhores acadêmicos, na obra ingente de patriotismo que vindes realizando. Não vos aparteis jamais da divisa que vos norteia.

Eu, que com tanta satisfação, vos vi sempre nas épocas de calmarias, de joelhos, no altar imaculado da Pátria, orando pela sua grandeza e pela sua felicidade, folgo imensamente, nestes momentos revôltos, vendo-vos de pé, pela sua honra e pela sua integridade.

Oração em nome do Grêmio D. Aquino Corrêa
pelo Diretor *Pe. Antonio Wasik*

Há dois anos apenas, que no vetusto Liceu Salesiano de S. Gonçalo, inaugurou-se o Grêmio Literário "Dom Aquino Corrêa", composto da elite intelectual, da juventude do mesmo educandário.

Inicio as minhas palavras com este preâmbulo, para não causar surpresa o meu aparecimento nesta tribuna, porquanto, o programa oficial deste sarau, em que se comemora o auspicioso Decênio da Academia, momentos de arte que nos empolgam e arrebatam, não contempla a saudação do Grêmio de Dom Aquino. Ficaria mal, que ao lado da mimosa floração intelectual feminina do Grêmio Júlia Lopes e do conceituado sodalício literário "Alvares de Azevedo" não se colocasse a caçula das associações beletristas de Cuiabá, o mais novo rebento da intelectualidade estudantina local, embora se ache ainda em botão.

A omissão no programa, constitue uma falta da nossa parte, porque não mandamos a tempo a nossa adesão aos belos festejos decenais. Contudo, consolamo-nos com a expressão tirada das Sagradas Escrituras: «Bemaventurados os últimos, porque eles, hão de ser os primeiros!»

Exmo. Snr. Presidente! Ilustres Senhores Acadêmicos e Distinta Sociedade Cuiabana! Somos sem dúvida os últimos pela nossa adesão, mas certamente os primeiros pela sinceridade e pelo coração. Existem laços estreitíssimos que ligam o nosso Grêmio à Academia. Permiti, que mencione apenas dois élos de ouro desta

união: o nosso egrégio patrono é sem dúvida a maior glória da Academia Matogrossense de Letras — este, será o primeiro elo e o segundo provém da circunstância que quasi todos os componentes deste cenáculo de letras foram alunos do Liceu Salesiano, onde desabrocharam as suas inteligências, onde despontou o gosto pela beleza literária da lingua vernácula. Julgo que isto é suficiente para estabelecer a nossa primazia de homenagens e votos e reparar o involuntário retardamento da adesão.

Senhores Acadêmicos! Nesta noite ditosa que nos recorda a outra da instalação, da qual já decorrem dois lustros, enquanto a Academia Matogrossense cobre-se de justos louros, símbolo de mérito e de vitória diante da sociedade cuiabana, estadual e nacional, o Grémio Literário de Dom Aquino Corrêa, atravez das minhas descoloridas palavras vos dirige a saudação pela festa jubilar, felicitações pelo passado, admiração pelo trabalho e mais fagueiros augúrios para o futuro.

Senhores! Recordar é viver! Permití que afaste o resposteiro do passado e o compare com a hora presente: PARA O BEM DO BRASIL! Foi a epígrafe da oração patriótica pronunciada há oito anos, pelo ínclito Sr. Presidente Dr. Mesquita, ao inaugurarem-se os melhoramentos desta séde social, sob a operosa administração do Senhor Fenelon Müller... Eis as lapidares palavras do Exmo. Sr. Presidente: «Dentro dos muros deste Panteão, em que a sombra augusta de Leverger parece ainda errar, protegendo e abençoando os que nele trabalham, não penetram outras preocupações senão esse culto sereno, constante e abnegado do civismo!» Este vem a ser programa executado no decurso de dois lustros de trabalhos pacíficos. Ainda uma outra coincidência se me antolha: quando em 1932, na heroica e lendária Paulicéa crepitava o braseiro formidável da Revolução constitucionalista, instalava-se nesta basílica da

arte, neste oasis suave da paz e do trabalho» a Academia Matogrossense de Letras, passando a ser a ditosa metamorfose do Centro homônimo... E hoje, quando a mesma Paulicéa vibra de entusiasmo eucarístico, esta colméia da Arte festeja o seu decênio de fundação, realizando-se desta forma o voto do Snr. Presidente lançado há dez anos desta mesma tribuna. Porque, presentemente, luziu o dia da fraternidade em que todos os brasileiros do norte ao sul, nas aras da Pátria e nos altares da Igreja, comungam não só a simbólica hóstia branca e imaculada da concórdia e do civismo, como também a Hóstia santa, a realidade consoladora da Igreja Católica, tudo isto, por entre os esplendores do 4º Congresso Eucarístico Nacional na capital bandeirante. Ainda, há oito anos, o Dr. Mesquita, em sua belíssima oração, referia-se ao velho continente aonde, «já pairava o aspeto macabro da guerra prestes a estalar»... E o que dirá agora, quando o vaticínio doloroso se cumpriu, quando uma carnificina jamais vista, sem precedentes na história, assola o mundo envolvendo a América e o Brasil?...

O ilustre Snr. Presidente, lançou então aos acadêmicos a palavra de ordem para a unidade que se resume: «Sopitando ódios e paixões, trabalhemos para o Brasil»... E agora quando *alea jacta est*, quando caiu a decisão, que salva a honra do Brasil, eu espero que o Snr. Presidente lançará uma semelhante proclamação: «Trabalhemos para a honra e a defeza do Brasil!»

Senhores! Não vedes a Pátria agredida, a Pátria vilipendiada, ofendida nos seus bens e seus filhos, à maneira da plangente Verônica a estender os seus braços súplices e a nos falar: O' vós que passais pelos caminhos vêde e considerai se existe alguma dôr maior do que a minha!? O eminente Chefe da Nação, o Dr. Getúlio Vargas, compreendeu e avaliou este brado da Pátria e num gesto decidido e histórico semelhante àquele

de Dom Pedro em Ipiranga, cuja efeméride, hoje comemoramos, desembainha a espada e estruge o brado: «A honra ou a morte!...» E partiu o grito de guerra contra os agressores e reboou pelas quebradas das serras, ecoou pelos descampados desde os seringais do norte até às plácidas coxilhas do sul e por todo o Brasil perpassou um frémito de nova vida de civismo, de desagravo à Pátria, eletrizando e mobilizando as forças vivas da nação.

Senhores! O que nos cabe fazer? Trocar a pena pela espada! E vós senhores Acadêmicos trocareis a poltrona de acadêmico pelo assento dum avião de caça ou bombardeiro ou pelo estreito espaço nas trincheiras ou nos tanques? Se a pátria o exigir, cada cidadão deve fazê-lo, porque aqui se trata da vida ou da morte, de homens livres ou de escravos da tirania agressora... Contudo, não só com a espada se combate!... Senhores poetas, oradores, escritores e jornalistas, desde já, podeis combater os bons combates em defesa da causa sagrada que nos anima e que aliás é a causa das nações e das pessoas que ainda não perderam a noção da honra e da vergonha. Podeis consagrar desde já as vossas penas e os vossos talentos pela defesa da causa justa e nobre que o Brasil oficialmente abraçou, fiel às suas tradições de nobreza, de honra e de retidão. Dizem de Péricles, o grande ateniense, que a sua palavra iluminava como um clarão e feria como um raio. É um exemplo luminoso para nós nestes críticos dias: as nossas palavras devem iluminar as consciências e as mentes como um clarão e tratando-se dos traidores, dos quintacolonistas, devem ferir como o raio.

Senhores! Eu termino e digo: Abençoadas as palavras dos tribunos que orientam e iluminam!

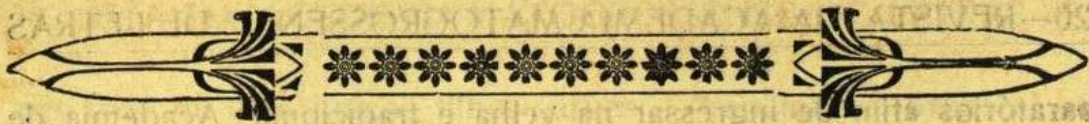
Benditas as penas dos escritores e poetas, que nestes momentos, se inspiram na literatura épica, em defesa da honra e do torrão natal!

Cadeira n.º 16

ELOGIO DE AQUILINO LEITE
DO AMARAL COUTINHO —

PELO ACADÊMICO OVIDIO CORRÊA

LIDO PELO ACADÊMICO PHILOGONIO CORRÊA
EM SESSÃO DE 7 DE SETEMBRO DE 1942



A refórma dos estatutos da Academia Matogrossense de Letras, aumentando o número de seus membros e admitindo que pessoas residentes fóra de sua séde, mas dentro do Estado, pudessem ser eleitas socios efetivos, em lugar de correspondentes, como era antes, medidas essas que, como outras providências, habilitavam aquele Sodalício a entrar para o grêmio da Federação das Academias de Letras do Brasil, permitiram que eu pudesse, pela segunda vez, ingressar no pórtico deste Templo.

Pela segunda vez, porque, trazido para aqui em 1923, conduzido por vossas mãos amigas, perdi, entretanto, a qualidade de efetivo, em razão de haver transferido minha residênciã para a cidade de Campo-Grande, passando para a categoria de correspondente.

Lucrou, porem, o Centro com a substituição do retirante. Não obstante, reincidistes na vossa benevolência. É, pois, sobremaneira penhorado, que tenho a honra de agradecer aos excelsos membros deste augusto Cenáculo a generosidade de minha escolha para ocupar, efetivamente, uma cadeira ao seu lado; ao lado daqueles, aos quais, de há muito me habituei a estimar e admirar, pelos talentos e virtudes exornantes de seus lapidares espíritos; qualidades invejáveis que eu tanto desejava possuir, afim de estar à altura de bem ombrear com tão distinguidos pares.

E tanto mais grata me é a conclamação de agora, porquanto tivestes o gesto verdadeiramente fidalgo de conferir-me a cadeira que tem por patrono um distintíssimo parente meu, cuja memória se impõe ao meu respeito e veneração: o Dr. Aquilino Leite do Amaral Coutinho, primo-irmão de meu venerando pai e a quem me incumbe fazer referências. Quase nada sei sobre o Dr. Aquilino do Amaral, que se retirou de Cuiabá mocinho ainda, em demanda da capital paulista, no intuito de completar pre-

paratórios afim de ingressar na velha e tradicional Academia de Ciências Jurídicas e Sociais, e como de fato se deu; mas, se soubesse, ficaria no caso a que alude Álvaro Lins em uma de suas primorosas "Notas de um diário de críticas" sem embargos de estar eu muito longe de me qualificar um "verdadeiro escritor":

«O momento de escrever traz para o verdadeiro escritor uma sensação penosa e angustiante. Uma espécie de sentimento de medo ou de angústia. Certamente não é indolência aquilo que o faz adiar o seu trabalho até o último momento possível. Ao contrário; o verdadeiro escritor ama e deseja o trabalho literário, e nessa situação mesma é que se encontrará a causa de suas hesitações. Ele imagina a literatura com a maior seriedade e se imagina, por isso, indigno dela. Experimenta ao escrever um duplo sofrimento: antes, a incerteza, o receio, o medo de que nada consiga escrever; depois, o desgosto do que escreveu: a certeza de que o seu trabalho vale muito pouco ou quase nada, porque tudo que realiza se coloca infinitamente abaixo do que imagina e aspira. É uma luta dramática esta que se desenvolve no espírito do escritor, entre a sua idealização e a sua realização. As idéias, os pensamentos, os planos não são difíceis em si mesmos. A dificuldade toda se encontra na expressão em palavras. Não sei de nada mais comovente do que esta luta de um escritor com as palavras que precisam ser conquistadas e dominadas. E fico assombrado diante da leviandade e da inconsciência com que os falsos escritores jogam com as palavras, como se elas fossem uns brinquedos inofensivos e a literatura um divertimento.»

Formado, estabeleceu banca de advocacia na Paulicéia, constituindo logo família, que se estendeu largamente, pelo número de descendentes que deixou, dos quais conheci pessoalmente ape-

nas três: os dois únicos filhos varões — Aquilinho, bacharel em direito e Tancredo, professor normalista, nosso consócio, correspondente do antigo "Centro de Letras", ambos já falecidos, e Ofélia, casada com o Dr. João Cezar de Arruda, juiz de direito da antiga comarca de Livramento, tragicamente vitimada em Cuiabá, na Revolução de 906, por bala penetrada por uma das janelas da casa de sua residência, no momento em que atravessava a sala de jantar, em desempenho de suas lides domésticas.

Inteligência vivaz e cultivada, Aquilino do Amaral foi, dentro em pouco, consagrado orador de renome e polemista de escola, tanto da tribuna jurídica, como na imprensa e da oratória popular.

Incentivada a campanha republicana e a da abolição da escravatura, com a formação do Partido Republicano Paulista, Aquilino do Amaral transportou-se para a cidade de Campinas, um dos núcleos mais vigorosos da nova agremiação, afim de melhor auxiliar seus correligionários políticos, especialmente Campos Sales, de quem era amigo íntimo e grande admirador, com a sua fluente palavra falada e escrita.

Proclamada a República, candidatou-se a um dos lugares de senador federal, por seu Estado natal, vindo a Mato-Grosso pleitear sua eleição. Foi então que eu o conheci e bem de perto, pois que foi hospedado por meu saudoso progenitor e o fiquei estimando deveras, pela sua simpatia irradiante e a bela formação de seu espírito.

O pleito foi renhido, conseguindo, entretanto, o Dr. Aquilino colocar-se em primeiro lugar na lista dos eleitos, a despeito de terem sido seus concorrentes os nomes prestigiosos de Joaquim Murinho e Pinheiro Guedes, este último, sobrinho e candidato do próprio governador do Estado, General Antônio Maria Coelho.

Durante os meses passados em Cuiabá assumiu a direção do órgão oficial do Partido Nacional, no qual empreendeu a campanha movimentada de sua eleição, enchendo, ele sosinho, todo o jornal, desde os artigos redacionais, sueltos e pilhérias, repletos da mais fina verve, reçumbrantes de um espírito sadio e moço, não obstante os cincoenta e tantos janeiros que lhe encaneciam a nobre cabeça sempre altiva. Certa vez, por exemplo, ele figurou o velho e pacato Lourenço Taques apresentando-se em Palácio ao general Coelho, propondo-se a ser um dos cabos eleitorais de seu partido, e, à pergunta do general de: se ele se sentia ainda com forças para missão tão árdua, podendo, talvez, ter necessidade de lutar fisicamente com adversários musculosos, respondêra: V. Excia. é porque não me conhece. Nas matas do

meu sítio da Jocoara, eu costumo caçar onça sem gastar pólvora nem balas: agarro-as pelo rabo, tonteio-as um pouco, aboleando-as e bato a cabeça delas na parede, até morrerem...

Foi um dos pouquíssimos políticos que conseguiram codilhar o arguto condutor de homens que era o coronel Generoso Ponce. Devendo ser organizados partidos, republicanos, em substituição aos da monarquia, feitas as demarches para a escolha dos dirigentes, etc., no primeiro pleito que se ia ferir, para a escolha dos representantes do Estado no Congresso Federal, o Coronel Ponce foi o primeiro a deitar boletins avisando o povo, sem distinção, para uma reunião, em a casa de sua residência, às seis horas da tarde. Diante da apreensão manifestada por seus amigos, Aquilino insinuou sorridente: Não tem nada, não se impressionem. Vamos também imprimir boletins convidando, igualmente, o povo, sem distinção, para outra reunião, a realizar-se duas horas antes, no teatro Amôr à Arte. Vocês ponham lá música, muito foguete e muita cerveja; o resto, deixem por minha conta. Efetivamente, às quatro horas da tarde começaram a estrugir os rojões e a banda militar a executar marchas alegres e entusiásticas. Começou a afluir gente aos magotes, enchendo literalmente o teatro. O Dr. Aquilino, deliberadamente, chegou um tanto atrasado da hora marcada, e, para maior efeito, acompanhado de um crescido número de amigos de destaque social. Após algum descanso de pretenso cansaço, assomou à tribuna e falou durante cerca de três horas, encantando a enorme assistência, que o aplaudia delirantemente, sem sombra de enfado ou de qualquer desprazer. Terminada sua triunfante oração retirou-se risonho, gosando a decepção do coronel Ponce, de haver ficado sem *quorum* para deliberações.

Aquilino viajou a Europa, e, conhecer a Europa, àquele tempo, principalmente Paris, reconhecida como a capital da intelectualidade mundial, era indício de cultura aprimorada.

Em moço, poetou. Empolgado pela grandiosidade do panorama da "Serra do Taquaral", dedicou-lhe uma de suas produções, que conhecemos através da "A Província de Mato-Grosso", de Ferreira Moutinho, obra que, mesmo não sendo nem um primôr de estilo, é, entretanto, interessante pelo valor informativo das cousas do tempo; devendo-se perdoar a acrimonia da linguagem do autor na apreciação de certos fatos, dada sua qualidade de português, havendo escrito seu livro ainda sob a impressão das ocorrências do célebre 30 de Maio.

O Dr. Aquilino do Amaral era um carater! Em toda sua vida demonstrou isso, nas múltiplas modalidades de suas ativi-

dades sociais. Seus discursos, desassombadamente proferidos no Senado, são prova exuberante dessa afirmativa. Adversário partidário do Senador Ponce e amigo particular do presidente Campos Sales, dissentindo, entretanto, do modo de proceder deste, dando mão forte a seu ministro Joaquim Murinho para levar a efeito a Revolução de 99 e consequentemente derrubar o partido político chefiado por aquele senador, assumiu a defeza deste, levantando uma campanha tão forte contra seu amigo e o ministro deste, que marcou época no tempo, como se vê dos anais da Câmara Alta do País. Em seus discursos, nessa fase de sua representação, teve frases candentea como estas:

«Não sabe o orador até onde quer o Sr. Campos Sales experimentar a paciência do Estado de Mato Grosso! Todos os dias são denunciados, na tribuna do Senado e da Câmara, pelos representantes daquele Estado, os atentados sem nome na história do Brasil, praticados pela Legião Campos Sales contra os direitos e a liberdade do partido republicano, que representa ali dois terços do eleitorado.

E tantas tropelias não têm um paradeiro, parecendo mesmo que o governo federal, que com uma palavra podia suspender tantas perseguições e violências, faz timbre em esmagar de vez os adversários do seu secretário da fazenda.»

«...O Sr. Campos Sales consentiu que o ministro da fazenda, abusando da influência que exerce sobre s. excia., se tornasse o senhor daquele Estado, que vivia em paz, de onde não se levantou uma só queixa durante o governo passado. Consentiu, e para isso forneceu os meios, que um grupo armado, sob o nome de LEGIÃO CAMPOS SALES, sitiasse a assembléia dos representantes do povo, que a obrigasse a anular a eleição do presidente do Estado, violência a que ela submeteu-se sob o fogo dos revolucionários, enquanto nas ruas derramava-se o sangue de brasileiros, armavam-se trincheiras, varejavam-se as casas e eram desrespeitadas as famílias, que fugiam espavoridas».

«...«Sim que este governo é em tudo semelhante ao governo de Napoleão III, no último ano, tão apropriadamente denominado por Zola — a época do regabofe.»

... «Mas, viva o dr. Campos Sales ! Gritam os homens peritos nas blandícias do engrossamento. E S. Excia., envolto na fumaça dos canhões que o saudam, entre os vivas dos *verdadeiros* amigos e republicanos, os criadores e defensores da era nova, das venturas sonhadas pelos propagandistas da República, passa recostado nos coxins macios do seu carro por entre essa multidão de carneiros, de cujo costado corta-se a lã para encher as almofadas do seu leito, onde s. excia. sonha com a vitória alcançada em Mato-Grosso, enquanto à sua cabeceira o ministro da fazenda faz comentários sobre a vida de Bacon».

— — —

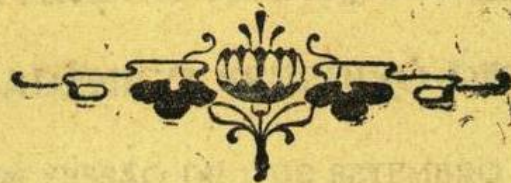
Não crê na probidade política do Sr. Campos Sales, depois dos acontecimentos de Mato-Grosso, que lhe deixaram na vida pública uma nódoa indelevel; mas crê na sua probidade pessoal e está quasi convencido de que s. excia. pensa que não vive enganado por aquele que a Concentração colocou a seu lado para impopularizar o seu governo e preparar o esfacelamento do partido que é contrário ao jacobinismo, o que em parte tem sido conseguido. Para que a concentração triunfe em seu plano, é, porém, preciso que o Sr. Campos Sales se faça réu de um crime hediondo — a ingratidão, e se o homem grato, sabe-o S. Excia., pôde ter algumas qualidades más, o ingrato não pôde ter uma só qualidade boa».

Aquilino do Amaral era um purista do idioma, um paladino da linguagem; tinha estilo próprio, incisivo e fascinante; timbrava no emprego das palavras com a mais lídima expressão das idéias, a ele bem se podendo atribuir a exortação de Olavo Bilac, enunciada em discurso proferido no Grande Hotel Central, de Lisbôa, em 31 de Março de 1916.

«Mas, portugueses e brasileiros, não sejamos apenas artistas, e bons artistas: sejamos educadores, e bons educadores. Somos nós os legítimos depositários da nossa civilização. Demos o nosso carinho, o nosso conselho, a nossa direção aos talentos que se estão formando e aos que têm de nascer. Devemos dizer-lhes: sede vós, sede a vossa terra ! Sede vós e não

sejais imitadores dos outros; sêde vós, nos assuntos de vossa idealização. E prezai a vossa lingua, respeitando-a e libertando-a dos feios aleijões, do calão pesado que a deshonra e dos estrangeirismos inuteis que a sobrecarregam! »

Eis aí, senhores acadêmicos, o pouco, o pouquíssimo que posso dizer em relação ao muito de valor intelectual e moral do meu insigne patrono. Sirvam, entretanto, minhas palavras, de par com a homenagem que presto, de alma aberta, ao meu preclaro paraninfo, de demonstração, a mais cabal, do meu frisante, inexaurível agradecimento aos meus nobres pares desta empolgante Companhia.

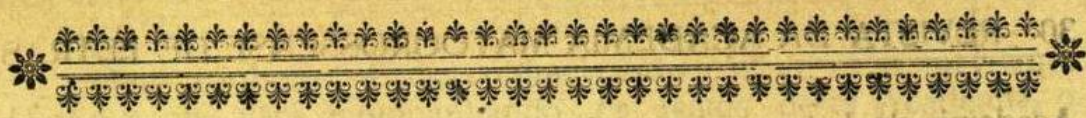


Cadeira n.º 20

**ELOGIO DE CAETANO MANOEL
DE FARIA E ALBUQUERQUE —**

PELO ACADÊMICO SEVERINO DE QUEIROZ

**LIDO EM SESSÃO DE 7 DE SETEMBRO DE 1942
PELO ACADÊMICO ULISSES CUIABANO**



Exmo. Sr. Interventor Federal em Mato Grosso

Exmo. Sr. Secretário Geral do Estado

Exmo. Sr. Presidente da Academia Matogrossense de Letras

Exmas. Senhoras e Senhorinhas

Meus Senhores

Conspícuos e prezados Acadêmicos!



SABIDO é que todo rapaz pensa no futuro, pensa nesse amanhã, que sempre foi e continuará a ser uma incógnita. Por isso é que se diz, e muito acertadamente, que «o futuro a Deus pertence.»

Eu também meditei, quando menino e moço, no meu porvir; e muito fiz por torná-lo dourado. De feito, na época de minha meninice, pensei em possibilidades futuras, pensei em realizações, muitas das quais, felizmente se concretizaram. Lembro-me de outras tantas que, por terem sido muito superiores às minhas posses e fôrças, não passaram do meu querer.

Não me ficou no subconciente a lembrança de haver eu, na minha adolescência paupérrima de filho de honrado vaqueiro paraibano e depois pequeno agricultor em gleba cansada do grande Estado de Pernambuco, — pensado transporia o limiar de uma

Academia de Letras e, em noite como esta, plena de luz, de arte, e de bom gosto, tomaria posse de uma cadeira, que para mim haviam de reservar homens respeitáveis e eruditos. Entretanto, ora tenho a subida honra e o grande prazer de falar perante sábios, que são os senhores acadêmicos deste sodalício e diante de um auditório de eleição.

Sim, meus amigos, meus dignos patrícios, — aqui estou a tomar parte nesta tertúlia, aqui estou a dizer, na fôrma do ritual acadêmico, estas despreziosas palavras, afirm de poder entrar para o quadro de sócios efetivos da Academia Matogrossense de Letras, depois de haver servido como correspondente em Três-Lagoas e Campo-Grande!

Mistério da vida futura do homem, só Deus te conhece os arcanos! Sim. Só o Onipotente pôde traçar-nos o porvir.

Agradeço, penhoradíssimo, aos ilustrados membros desta Academia, que tantos serviços vem prestando às letras e tantos louros vem colhendo, a generosidade sem par de me trazerem para a Casa Barão de Melgaço. Graças a essa nímia e desvanecedora gentileza, agora faço parte, efetivamente, da brilhante família acadêmica de Mato-Grosso, — estado de minha espôsa e de meus filhos, estado de meu coração.

Essa generosidade dos meus amigos que houveram por bem eger-me sócio efetivo da Academia Matogrossense de Letras, se, como é certo, me faz infavel bem ao espírito de estudioso, põe-me aos ombros pesada carga de responsabilidade.

Terei eu força para transportar, pela estrada já acidentada de minha vida, esse fardo que se me afigura de chumbo?

Venho dizer-vos, senhores acadêmicos, que, se me falecer o parco alento, por certo minha boa vontade há-de superar minha fraqueza. E com o poder apreciável do meu querer, secundado eficazmente pelas vossas luzes e indiscutível bondade, tenho certeza de levar a bom termo o peso que me destes para carregar, talvez pelo resto de minha vida, talvez por alguns anos apenas. De qualquer modo, é certo que forcejarei por honrar a ilustre companhia a que pertenço. E não olvidarei que foi a bondade, que foi o estímulo de meus pares e sinceros amigos de vinte e cinco anos, e não o meu valimento, que não o possuo, que ora me faz sentar em cômoda poltrona, aureolada pelo nome respeitado e sempre memorado do general dr. Caetano Manuel de Faria e Albuquerque.

Meus senhores, é do conhecimento e deve estar na mente de todos que vêm acompanhando os fastos desta Academia, o fato de quase todos ou todos os intelectuais que aqui se apresentam, para assentar-se em honrosa poltrona, entrarem a medo, hesitante, a despeito de seus méritos literários e de sua encantadora e invejável cultura.

Se tantos ilustrados acadêmicos, bem servidos de brilhante inteligência, donos de boa dose de saber, maneжadores guapos da boa prosa e do verso lindo e perfeito, — muitos, além disso, autores de apreciável bagagem literária; se tantos beletistas desse quilate têm vindô afirmar, num requinte de elevada modéstia, — que nada haviam feito para merecer a eleição, — que direi eu? Que poderei dizer aos que me dão a honra de ouvir-me e a quantos se interessam pelas nossas letras, a respeito dos meus merecimentos para o ingresso nesta Academia? Posso dizer isto, e só isto: se a vontade de saber é mérito para esta elevada investidura, então de há muito eu deveria estar aqui. Mas não no é. E fora esta minha ânsia incontida de luz, de muita luz, nada mais posso exhibir, nem uma credencial sequer apresento, a não ser apagada atividade na imprensa efêmera, no jornal com que o leitor, após a primeira leitura, faz embrulho; no periódico que se amarfanha e se rasga; e na revista que se guarda por alguns anos, quando muito.

Sem dúvida, quisestes premiar, senhores acadêmicos, este humilde estudioso do vernáculo idioma, este modesto batalhador em prol da boa linguagem, em defesa da majestade e pureza da

«Ultima flor do Lácio, inculta e bela»,

na expressão alma do grande parnasiano e cinzelador excelso Olavo Bilac.

Desejastes estimular o bisonho rabiscador de fracos ENSAIOS FILOLÓGICOS E GRAMATICAI, de LIÇÕES DE PORTUGUÊS e autor apoucado de alguns contos publicados há tempos, mercê do estímulo e bondade do sr. Diretor do velho e acatado semanário A CRUZ, bem como de poucos artigos, de algumas conferências ou discursos que a querida REVISTA DA ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS e outros órgãos da imprensa desta capital, de Corumbá, Três-Lagoas e Campo-Grande têm divulgado.

Verdade é que me venho esforçando no estudo da miionária e formosa língua portuguesa, a língua do celebrado gênio épico de Luiz Vaz de Camões e do portentoso Rui Barbosa; que

venho, não devo negá-lo, instilando na mocidade coestaduana, assim o amor a este nosso idioma como a sempre urgente necessidade de estudá-lo e de conversar, diuturnamente, os seus grandes cultores.

Se assim pensastes, senhores acadêmicos; se minha eleição obedeceu a este critério, podeis ter a certeza de que redobrarei nas lucubrações.

Bem sabeis que a nossa língua é digna de todo o nosso esforço; precisa de muitos, de inúmeros estudiosos; precisa de um exército de argutos defensores, bem apercebidos para o bom combate que vamos travando, não só contra os impenitentes deturpadores do belo e rico idioma que houvemos por herança, não apenas contra os desconchavos dos meio letrados e dos letrados indiferentes ao certo, ao bom e ao belo; contra os plebeísmos, neologismos mal formados ou pretensiosos e peregrinismos desnecessários, — mas, também, contra essa idéia infeliz e injusta, segundo a qual deve chamar-se *brasileira* a língua portuguesa falada no Brasil.

Surgiu tal idéia, vai para alguns anos, em nome de um sentimento de nacionalismo que raia pelo ridículo. Felizmente, os idealistas desse objetivo inglório, que não se compadece com os fatos históricos, constituem minoria na vastidão do Brasil. Mesmo assim, é mistér vigoroso embate, na cátedra e na tribuna como pelas colunas dos bons órgãos de publicidade.

É o que venho fazendo, seguindo, destarte, o bom exemplo dos grandes mestres da língua portuguesa ou luso-brasileira e das opulentas literaturas dos dois povos que dela se servem. Entre esses mestres, há um que é nosso confrade e bondadoso amigo: o professor Cesário Neto, que é dos mais vigorosos e sábios combatentes em favor do nome tradicional do nosso idioma. Ademais, todos os membros desta academia, onde fulgura como estrela de primeira grandeza d. Francisco de Aquino Corrêa, que, no sentir de todos nós e no dizer autorizado de José de Sá Nunes, «escreve magnificamente a sua língua», -- todos os senhores acadêmicos esposam, como é bem de ver, a argumentação compatível com a cultura brasileira, com a história e com a justiça, e é a de que a língua que falamos, sendo a mesma dos portugueses, não pôde ser rebatizada, embora haja entre os dois povos, como é natural, diferenças de prosódia e algumas de semântica.

Senhores e Senhoras :

Meu patrono é o general dr. Caetano Manuel de Faria e Albuquerque.

Fazer o elogio desse grande brasileiro, cuja atuação no cenário político do Estado de Mato-Grosso está na memória de todos, afigura-se-me agradável tarefa.

Por qualquer faceta por que seja estudada a personalidade de escol e complexa do general Caetano, vêm à mente e à pena do analista assuntos em barda. As informações a seu respeito podem ser colhidas, não apenas no livro, no folheto, na revista e no jornal, também entre numerosas pessoas que com êle privaram, ou que o conheceram de perto.

O general dr. Caetano Manuel de Faria e Albuquerque nasceu em Cuiabá, a 11 de janeiro de 1857, e faleceu no Rio a 10 de fevereiro de 1925. Era filho do tenente-coronel Caetano Manuel de Faria e Albuquerque, natural de Pernambuco, e de dona Francelina da Silva Pereira, pertencente à importante família dos Silvas Pereiras, que se ramificara em Mato Grosso, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, e cujo tronco, em nosso país, é representado pelo português Francisco Xavier da Silva Pereira, antigo residente e negociante em Cuiabá.

Depois dos estudos na Escola Militar da Côrte e na Escola Politécnica, voltou, em 1882, ao Estado natal, com o posto de capitão e como ajudante de ordens do Comandante das Armas.

Homem de vasta cultura, de palavra fácil e convincente, manejador exímio da pena, «bem apessoado», segundo José de Mesquita, logo se impôs à admiração dos intelectuais e de quasi toda a sociedade cuiabana.

Apesar de moço, pois tinha 25 anos de idade, bordavam-lhe os punhos os galões de capitão, posto que alcançara em pouco mais de dez anos; e era engenheiro, bacharel em matemáticas e ciências físicas e naturais.

Aos vastos conhecimentos que possuía, à sua invejável cultura, acrescentou depois grande cópia de cabedal adquirido em sua excursão pela Europa, que visitara em missão militar. Foi aos museus, às bibliotecas, esteve em universidades, quartéis, arsenais, conversou com muitos cientistas; estudou muito e muito aprendeu, não só assuntos bélicos e a estratégia de seu tempo, senão também as ciências e as artes.

Abeberou-se mais sprofundamente na liberal Inglaterra, onde aprimorou seus conhecimentos da língua da terra dos mari-

nheiros—«Porque a Inglaterra é um navio que Deus na Mancha ancorou...» na linda figuração do sempre festejado Castro Alves.

As instituições britânicas, que dignificam o homem, e que ainda hoje encantam o mundo, deixaram no espírito de Caetano de Albuquerque funda impressão. Assimilou-as bem, e seus discursos e artigos refletem aqueles altos princípios de liberdade bem compreendida, inerentes à modelar democracia inglesa.

Bom escritor, Caetano de Albuquerque sabia florear os períodos e burilava todos os seus escritos, inclusive os artigos candentes da polêmica política partidária.

Jornalista vigoroso, vibrante orador, a sua palavra era reclamada nos salões, e na sociedade Terpsícore Cuiabana, fizeram época os seus discursos improvisados, que a todos encantavam.

Seus artigos de imprensa, sempre cheios de sabedoria e sempre bem escritos, têm o sabor doutrinário e refletem, mesmo em se tratando dos debates políticos ou de querelas de partidários exaltados, uma diretriz elevada, uma atuação digna da mais adiantada imprensa, daquela a que se poderia chamar — boa imprensa.

Não se lhe deparava na polêmica uma retaliação, um ataque insultuoso, próprio de lutador que vem à arena arremangado e e com os esgares da fera.

Ele mesmo escreveu, na A PROVÍNCIA DE MATO-GROSSO, de 25 de maio de 1884, este tópico de seu artigo de estréia:

«Os adversários sempre me encontrarão tendo na dextra a arma de cavalheiro que *respeita para ser respeitado*, e que, batendo-se a peito descoberto, frente a frente, o faz levado somente pela dedicação às verdades da sua bíblia, pelo amor às idéias do seu credo político.»
(*Apud* José de Mesquita: ELOGIO FUNEBRE, pág. 12).

Escrevendo ou falando, Caetano de Albuquerque dizia o que pensava, sem rodeios ou subterfúgios, sem esse maquiavelismo que a maioria dos políticos de todos os tempos aprenderam e aprendem. Sabia, porém, revestir as irrespondíveis declarações de estilo elevado e tribunício.

Ele era, de fato, tribuno; era o orador, quase apolíneo, que se impunha logo que assomava à tribuna, assim à maneira do grande Joaquim Nabuco. Tinha entusiasmo, calor e veemência e na sua boca os assuntos se tornavam simpáticos a todo o auditório, que ele dominava de começo.

Republicano por princípio ainda em plena monarquia, tornou-se ardoroso propagandista das idéias democráticas, que desde 1888 tomavam vulto na província de Mato-Grosso.

Nas suas famosas conferências, sem a subalterna preocupação de agradar aos poderosos do antigo regime, então arquejante, Caetano de Albuquerque, com o seu verbo fogoso e penetrante, fazia vibrar os ouvintes.

Conta-nos José de Mesquita, informado por Ovídio Correia, que, na festa de gala da comemoração de Sete de Setembro de 1889, no Teatro São João, em Cuiabá, onde presidia o coronel Ernesto Augusto da Cunha Matos, último presidente da então província no antigo regime, o capitão de engenheiros Caetano Manuel de Faria e Albuquerque, orador oficial, fardado à grande gala, num discurso verdadeiramente revolucionário, jóia literária, em que rebrilhavam os tropos, e destacavam-se as enargias, e ferviam as ironias, se bem revestidas da mais fina delicadeza, — teceu um hino à democracia republicana. Refere o autor citado, em seu admirável ELOGIO FÚNEBRE, que «o sublime e o patético davam-se as mãos, para produzir no ânimo da assistência a deslumbradora impressão de uma pirotecnia de palavras, cujo brilho ofuscava as próprias luzes do salão.»

Mal concluía o orador a sua grandiosa oração, deixava o teatro o presidente Cunha Matos, acompanhado de seu estado maior, numa demonstração frisante de seu descontentamento às palavras do fogoso tribuno.

Dessa atitude francamente hostil de Cunha Matos, não era lícito esperar outra providência posterior, senão a prisão do capitão republicano Caetano de Albuquerque. De-fato, no dia seguinte, 8 de setembro, conta-me o mesmo confrade e amigo Ovídio Correia, era Caetano preso e enviado depois para o Rio. Chegando, porem, o prisioneiro a Montevideú, aí encontrou a fagueira notícia da proclamação da república. De sorte que o capitão, longe de ser castigado, recebeu a promoção de major nos primeiros dias do atual regime.

Meu patrono perlustrou todos os postos do exército, inclusive o de general de brigada, no qual se reformou em 1913.

Sua fé de officio é cheia de elogios pelo cabal desempenho que êle dera às várias e importantes comissões em muitos estados. Seus serviços ao exército foram relevantes. O general Caetano serviu ao país por mais de meio século, assim no exército, em cujo seio era acatadíssimo, como no Congresso Nacional, onde pontificou duas vezes: foi constituinte e pertenceu à Câmara

dos Deputados no quadriênio Hermes da Fonseca, seu grande amigo. Fez parte da Comissão de Finanças por amor do talento que revelava também nesse prisma dos conhecimentos humanos e pela sua admirável independência de opinião e de atitude.

Era casado em segundas núpcias com a exma. senhora Ana Josefa da Mota Albuquerque (d. Sinhá), filha do comandante Boaventura da Mota, de Corumbá. Deixou desse enlace os seguintes filhos: Tancredo (já falecido); Godofredo, casado com d. Maria Amália da Gama Albuquerque (d. Dorinha); d. Florinda, casada com o sr. Antenor Cruz de Almeida; Frederico, tesoureiro dos selos na Diretoria Geral dos Correios e Telégrafos; capitão Carlos de Faria Albuquerque, casado com d. Francelina Albuquerque.

Eleito em março de 1915 presidente do Estado de Mato Grosso, foi empossado no cargo a 15 de agosto do mesmo ano.

Pompeando em seu espírito elevado e dignificante amor à justiça, predicado que exorna os homens superiores, os verdadeiros estadistas, não deixou o general Caetano, quando presidente, de resolver, favoravelmente, a adversários seus, muitos casos de esbulho de direito, praticados no aceso das lutas partidárias que lhe haviam antecedido a eleição.

Foi êle, destarte, timbrando no tracejar um programa governamental quase alheio às chamadas injunções políticas, então muito em voga. Segundo essas injunções, o chefe do partido detentor do poder era quem mandava em forma de *pedido* apresentado ao presidente. Mas o general Caetano só atendia esses *peidos* na medida do possível e do justo, na conformidade do seu Manifesto de 10 de fevereiro de 1915, documento de grande importância, em que se continha gigantesco programa de governo, e que não chegou a ser desenvolvido, como de seu desejo.

Essa independência de ação na governança, em momento de exaltação partidária e de ardente exclusivismo, pô-lo no índice do partido que o elegera, com o qual veio a romper. Apoiado, porém, pela agremiação política adversa, o general Caetano continuou a governar, mas teve de sustentar os embates, por vezes cruéis, de organizada e sistemática oposição. As lutas prosseguiram, e da imprensa partidária, passaram à subversão ostensiva da ordem e, depois, à dualidade de poderes. Em tal conjuntura o general abandona o Palácio Alencastro, sendo substituído, em janeiro de 1917, pelo dr. Camilo Soares de Moura, nomeado interventor federal.

Ressentido com as injustiças dos homens, retirou-se o general Caetano, meses depois, para o Rio-de-Janeiro. Eu o vi nesse

transe amaríssimo de sua vida política, mas sempre a demonstrar aquela sua dignidade, aquela serenidade de homem superior, de homem que não baqueia, de homem que não se desanima em face da adversidade, a despeito de todos os perigos.

Em 1921, voltou ao cenário político de seu estado natal, em prol de uma cadeira na Câmara dos Deputados federais. Foi a sua derradeira luta eleitoral, em que, como sempre, trabalhou com dedicação, mas ingloriamente. Deveu esse fracasso, por certo, ao fato de não se haver filiado a um dos partidos; fôra candidato avulso, — o que motivava constantes derrotas eleitorais de pessoas prestigiosas.

Ao golpe crudelíssimo que sofrera com o passamento da segunda consorte, — razão de ser da existência do grande brasileiro, não resistira, por muito tempo, o general Caetano. Com efeito, um ano depois, arrebatou-lhe a vida preciosa rebelde *an-gina pectoris*.

O Brasil perdeu e Mato Grosso um grande, um benemérito filho, um militar de pundonor, um estadista de fibra, um erudito!

Deixou nos o general Caetano de Albuquerque as seguintes obras: — RESUMO COROGRÁFICO DO ESTADO DE MATO-GROSSO (folheto); DICIONÁRIO TÉCNICO MILITAR DE TERRA (1911), obra sem igual no gênero, e que denota a erudição, admirável capacidade de trabalho e a cultura polimorfa do pranteado autor; SE EU RELATASSE TARIFAS (1915); MENSAGEM; RESPOSTA À ASSEMBLÉIA estadual, em defesa à denúncia contra êle oferecida; MANUAL DO EMPREGADO DO COMÉRCIO, publicado no Rio pouco antes do traspasso do autor. Prova essa atividade literária, digna de nota e de imitação, que o general Caetano de Albuquerque não se havia adaptado a uma improdutiva inatividade militar, ainda que bem remunerada.

Em todas as obras citadas, bem como em qualquer escrito seu, Caetano de Albuquerque deixou o traço de sua encantadora e invejável sabedoria, aliada à sinceridade e à lealdade com que soía expor suas idéias, peculiarmente individuais e soberanamente livres das peias com que, de cotio, se acorrentam os apaixonados e os espíritos menos elevados dos que se adaptam às situações, desde que isso consulte os seus próprios interesses.

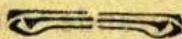
Senhores acadêmicos, são esses os parcos dados, que pude colher, da vida afanosa do grande patriota que foi o general Caetano Manuel de Faria e Albuquerque. É bem de ver que esses informes estão muito aquém do justo, do que a história deve re-

gistar. Mas estou certo de que êles bastarão, e de sobejo, para edificar a geração que passa e as porvindouras, afim de que possamos, com o esforço intelectual e moral, contribuir, mais e mais, para a elevação do Brasil à altura, em tudo e por tudo, das grandes nações, no conceito das quais, vem-se impondo, incontestavelmente, este nosso idolatrado país, muito especialmente no momento crítico por que passa o mundo, subvertido pelas formidáveis fôrças do mal. Sim. Estas vêm ceifando a mocidade radiosa, vêm destruindo a arte de milênios, vêm tentando substituir a civilização cristã, cheia de esplendor e majestade, de grandeza e elevação, por outra, que nos fará recuar à barbaria e à escravidão do paganismo. Por isso é que estão correndo na desgraçada Europa, na Ásia, na África e na Oceania, rios de suor, lágrima e sangue. O Brasil dos nossos maiores, o Brasil de Getúlio Vargas, contando com essa mocidade guapa, inteligente e generosa, com as valorosas fôrças armadas e com todos os bons brasileiros, o Brasil cristão, acha-se formado entre as hostes agueridas do bem, que hão-de, nas Américas libérrimas, barrar o passo ao molosso, cortando-lhe as garras afiadas e reduzindo, afinal, à impotência.

Meus distintos amigos e bondosos confrades, penas mestras, que tantas e tantas há por aí, especialmente na Cidade Verde, teriam feito melhor, muito melhor trabalho do que este que acabo de bosquejar; teriam produzido obra à altura desta Academia de Letras e dos grandes merecimentos do meu patrono. Mas a culpa é vossa, toda vossa, ilustrados acadêmicos. E é vossa, porque me fostes buscar e me confiastes incumbência de tanta magnitude, tarefa para cujo desempenho mister seria inteligência, profundidade de conceitos e preparo amadurecido.

A culpa é vossa. Mas agora não há que chorar, senhores, senão pelas reminiscências, que eu trouxe à baila, da vida e da obra do pranteado brasileiro de Mato-Grosso, general Caetano de Albuquerque.

Não há que chorar, repito, porquanto o mal já está feito: fui eleito pela bondade sem par do vosso coração e, audacioso, subí, subí e estou diante de vós, senhores intelectuais, disposto a ocupar a honrosa poltrona que me destes, a ombrear-me convosco, que sois, sem o mais leve favor, a flor mimosa da intelectualidade matogrossense.



TRÊS POÊMAS DA SAUDADE

por

José de MESQUITA

EXPRIMEM ESTES TRÊS POÊMAS, QUE ORA SE ARQUIVAM NAS PÁGINAS DA **Revista da Academia Matogrossense de Letras**, TRÊS ESTADOS EMOCIONAIS, ORIUNDOS DO SENTIMENTO PATERNO, FILIAL E CONJUGAL, FERIDO POR TRÊS GOLPES DOLOROSOS. REUNI-OS, COMO SI REUNISSE —SI É ISSO POSSIVEL— PEDAÇOS DUMA ALMA LACERADA, RETALHOS, AINDA SANGRANDO, DE UM CORAÇÃO PARTIDO...



Flôres de lágrimas sobre uma flôr...

(Recordação de meu Filho,
Antonio Herculano)

A GORA que já te não vejo é que sinto o quanto me era agradável te ver e lastimo o tempo dispendido, que poderia ter utilizado junto de ti. Quando, porém, pensaria que tão rápida fosse tua passagem pelo mundo? Um mês apenas, trinta dias, dum trinta a outro, durou a tua vida. De 30 de dezembro de 1926 a 30 de janeiro de 1927 — do penúltimo dia de um ano que morria ao começo do outro ano que nascia... Na nossa alma, entretanto, *viveste e vives ainda como si houvesse vivido um século de intensidade.*

NADA aproxima, aúna e funde a gente, pelo espírito, como as duras horas de sofrimento passadas juntos. O' como são efêmeras as ligações que o gôso, a volúpia ou as conveniências estabelecem! E como são duradouras as afeições que têm a cimentá-las a dôr de uma perda irreparável, sentida em comum!

ESTOU a vêr a hora precisa em que deixaste a vida terrêna. Tua pobre Mãe fôra deitar-se um pouco, exausta da luta de várias noites mal dormidas. Após o batismo, que se efetuou às vinte e três horas e quinze, continuaste no colo da tua tia e madrinha, em que desde cêdo te conservavas. Entraste a ofegar ligeiramente, mais curta a respiraçãosinha, a bôca húmida entreaberta, semicerrados os olhos. O resto, já não bolia. Com pouco, tudo se foi serenando, na grande pacificação. O médico, teu tio e padrinho, toma-te o pulso, que já fugia. Busca-te o latejar da carótida, falhando. Ouve o bater do coração, já num lento apagar de motor. A maquinazinha parava. Adormeciam-lhe todas as peças, sem a alma, que se ausentava, rumo ao Céu donde viera. Momentos infinitos, que valem milênios de ansiedade e de dôr! O médico retira a mão de sobre o teu peito, olha-nos e me diz, a mim, inclinado, quasi de joelhos, atrás da rêde:—Morreu! E eu beijo, longamente, aquêlê cadaver, que fôra um lindo sonho, tão depressa acabado...

A PALPO-TE a testa, fria, fria, as mãositas cruzadas, na grande prece derradeira... deito-me ao teu lado, na grande cama de casados, onde te colocaram. O travesseiro em que repousaste a cabeça, e que conservo, como uma relíquia, era também frio, de gêlo. Que sensação impressionante a desse frio da morte, que até hoje, até agora, ainda sinto nas minhas mãos e nos meus lábios!

MORRESTE, Antonio, quasi oito anos depois, à mesma hora que Agenor, cinco minutos para meia noite. Com a diferença que, quando o teu irmão se foi, eu tinha ido repousar um pouco e não vi a sua decolagem para a Eternidade, e sómente o carinho materno o assistiu no transe suprêmo. Contigo, foi justamente o con-

trário, e assim o quis a Providência, sempre certa em suas determinações, pois, si naquela ocasião eu me encontrava doente e nervoso, agora tua Mãe, convalescendo apenas de grave moléstia, não deveria presenciar tão dura cêna. Deus assim faz tudo pela melhor e até ao nos ferir, é ainda com a mão de Pai que castiga e prova.

TENHO a impressão de que sofri mais com a tua do que com a morte do Agenor e da Yvette, tua irmãzinha que ficou no Rio. Será assim mesmo? Talvez não. O padecer é igual, mas eu é que já me encontro mais fraco, mais cansado, menos capaz de reagir contra a dôr...

O quarto onde passaste os últimos quinze dias — metade da tua existência — está cheio, povôado de recordações. Aqui, a rêde onde me deito, é donde te evolaste. Ali, no nosso leito de casal, te revejo a cada instante, como era costume ficares, no meio, cercado de travesseiros, as perninhas cruzadas, dormindo calmamente. No pau-da-cama, pendurada, ainda, a tua chupêta. Por aqui, por ali, peças do teu enxovalzinho, de que bem pouca coisa chegaste a usar... No ar, esse vago aroma, trescalando a alfazema e sabão de cheiro, à hora do teu banho. E sobre o criado-mudo, no armarinho da parêde, pelo escritorio, por toda a parte, remédios, cataplasmas, ampolas vazias, algodão, todo esse arsenal de artigos da luta contra a morte, inutil, perdido, impotente, a atestar a falência dos recursos humanos, quando não os socorre a medicina do alto, a vontade de Deus!

ANTONIO HERCULANO... Nome sonoro, belo, cheio de evocações e esperanças! Quanto fazia antever de glórias, aspirações, anseios de futuro! E tão peque-

nino te foste, mas o teu nome, grande como a nossa Saudade, ficará cantando dentro da nossa alma, para todo o sempre, o ritmo dos sonhos que nos fizeste sonhar!

—“**E**LE volta. Ele vai voltar”... diz todos os dias a Lourdes, a irmãzinha que parece mais perto de ti, pela idade, e que parece mais vivamente lembrar-se do Desaparecido. Ai de nós! porém, êle não voltará. Nós, sim, é que iremos, mais cêdo ou mais tarde, para onde êle foi.

FOSTE o único que não nasceu em nossa casa. Tiveste a vida repartida, por igual, em dois períodos curtos, de uma quinzena cada um: o primeiro, na casa dos teus avós, onde nasceste; o outro, aqui, donde Deus te buscou. Yvette, ao contrário, teve o fadário de, nascendo onde morreste, ir morrer na casa dos que te viram nascer. A vida tem desses caprichos desconcertantes, semelhanças ou antinomias de destinos que se completam...

O nunca me esquecerei a hora em que aqui chegaste. Foi já ao escurecerzinho. Na alegria de que todos te cercamos, qualquer coisa me apertou o coração, mordido de secreto pressentimento. Essa noite já não dormiste. Era o começo do mal. Pobrezinho! Duas semanas justas viveste em nosso lar. Vidinha tão curta, mas tão pontilhada de episódios, como para mais ao vivo se gravar em nossa memória.

LÁ dormes, na plácida mansão da Piedade, na “outra casa” da nossa gente, na casa definitiva, junto dos nossos que lá repousam. São já seis pessoas—a família de lá vai aumentando, quasi já iguala à daqui de fóra. De sete

filhos, três Deus nos levou. Tributo um pouco pesado, mas, ainda assim, abençô-lhe a mão que me magôa; pois outros sofrem mais e quem sabe? eu mereceria sofrer muito mais ainda! Bendito seja o Senhor que, embora para ma tirar, me deu esta alegria de possuir-te por uns dias!

UMA circunstância a notar, no dia em que te foste, foi a extraordinária profusão de flores, principalmente rosas, que deram para cobrir-te todo o caixãozinho, e formar inúmeros ramos, corôas enormes e lindas. A' hora do saímento, cada menina, cada moça levava um ramo de rosas. Dir-se-ia que a Natureza timbrou, em época de chuvas e invernã como é esta, em dar uma enchente floral, uma inundação primaveril de beleza e viço, para o dia em que feneceu a flôr de nossa casa. Por uma flôr que se foi para dentro da terra, quantas desabrocharam, sobre a terra, naquele dia!

(30—1—1927)

II EXUMAÇÃO

(À memória de minha Mãe,
Maria de Cerqueira Mesquita)

EU vi a realidade humana, a triste, pungente, desoladora realidade. Para os que fazem confinar a vida na simples materialidade, que vai do abrir ao fechar os olhos neste mundo, a realidade suprema é aquilo que vi, sob a terra, naquela cêna dolorosa que me foi dado presenciar.

SOL a pino. Dia lindo, vernal, maravilhoso. Nas alturas da Piedade, esplanada magnífica donde, como dum belveder admiravel, os mortos *nos contemplan*. Nós dois — eu e um velho amigo, um amigo querido, dos bons e dos máus dias — e dois coveiros, que trabalhavam na tarefa melancólica de pedir à terra o depósito que lhe fôra confiado. Primeiro a enxada, excavando, cortando fundo o ventre maternal da terra — ventre donde tudo sai e para onde tudo volta. Atingida a profundidade dos sete palmos — limite último de todas as grandezas e aspirações humanas — já era com uma simples colher de pedreiro e, por fim, à mão, que vagorosamente, ia sendo feito o serviço... Garimpagem estranha, macabro lavrar de uma gleba onde se plantara um corpo e donde se vai colher, anos após, um punhado de ossos e de cinzas...

EIS-NOS chegados ao fim da triste e piedosa tarefa. De tudo o que tu fôste, ó minha Mãe, na tua objetividade, na tua materialidade, resta isso que aí está nessa urna, grande demais para acolher-te. (Não fôras tu, como foste, tão dádiosa, liberal e magnânima, que converteste a tua casa em “Casa de S. Francisco”, como costumavas dizer...) Alguns ossos, que mais parecem raizes, que já vão tomando fórmias vegetais, escuros, filamentosos, de aspecto quasi irreconhecível. E o mais, terra, humo, pó, tirante a cinza, uma terra um pouco mais escura que a da terra, uma terra que foi vida, que foi fórmula humana, que foi um rosto, que sorria e chorava, que foi umas mãos que se ergueram para me abençoar e me guiar os passos, que foi um colomacio em que me recostei, que foi uns joelhos a cujo contacto aprendi a rezar, terra que foi a minha nascente, o elo que me liga às gerações que nos precederam e donde bebi o leite que nutre, o amor que dá vida e a fé suprema que conforta... E agora, eis a que se reduz tudo isso — à terra, à poeira, a alguns ossos irreconhecíveis e à uma pouca de cinza... nada mais...

FRANCISCO DE BORJA, ante o cadaver de Izabel, não teria tido maior nem mais funda comoção, posto houvesse decidido aquele momento da sua vida e do seu destino. A minha emoção tem por que sêr muito maior. Ele via a sua imperatriz, eu vejo a minha Mãe. Via ele um corpo inanimado, mas ainda na sua fórmula humana, guardando, na antecâmara da Morte, os restos do esplendor da Beleza, prestes a decompor-se, mas ainda composta. Eu, ao invés, o que vejo não é sombra do que foi, em nada me evoca o que era, conquanto, com clareza espantosa e impressionante, esteja a me dizer o que, em breve, serei. Borja comoveu-se por ver que as magestades e as grandezas da terra se acabam na podridão e no inánime do *cara data vermi-*

bus. A mim me estatela e quasi me sidéra o contemplar estes despojos, este “quasi nada” em que nem aspectos humanos lobrigo e que foi, entretanto, não há muito, uma criatura, bôa, sofredora, terna e desvelada, aquela que me deu o sêr, que me educou na escola incomparavel da fé e do sofrimento, que foi a sua própria vida, a sua dolorosa peregrinação de cincoenta annos por este vale de prantos... Onde Borja via o esplendor da realeza, apagado na opacidade do cadaver, eu — ai de mim! vejo toda beleza espiritual do amor materno, a feição mística de uma doce martir, dos mais dolorosos martírios, convertida em pó escuro, na cinza em que, no rigor da expressão, todos nos converteremos um dia. *Et in pulvis reverteris...*

AQUELE recanto de cemitério, em pleno sol quasi meridiano, foi para mim, no transe augusto daquela hora, como que uma escarpa do Infinito... Aquela chaga enorme aberta na terra-mãe, para dali tirar a minha mãe feita terra, foi uma viva, incuravel, profunda chaga no meu coração, chaga que sinto perene e que não mais se cicatrizará. Aquela exumação, que Deus me permitiu assistisse, quinze annos após haver-te entregue à terra, foi um exumar a mim mesmo, foi um recompôr o meu passado morto e já puros despojos do que fui... Porque nós não sômos jamais o que já fômos. Cada dia não se parece com o dia que foi nem com o que há de vir. Ninguém é hoje o que foi ôntem, nem o que será no dia de amanhã. Mas, um dia, todos serêmos iguais, dessa única igualdade niveladora, dessa fraternidade suprema — superior a todas as doutrinas falaciosas — que é a dos corpos dormindo sob o limo pacífico o grande sono libertador...

QUINZE annos quasi que te foste. Eu tinha, então, trinta annos... A vida vai assim dobrando suas etapas, alongando seus termos, ficando mais longe os seus

marcos. E me recordo quando eu tinha a frescura e a primaveril beleza dos meus primeiros anos e tu, nas tuas vestes de viuva, moça ainda, me apareces, como uma visão « feita só de perdão, só de ternura » ... e, mais tarde, me vejo, quando tinha 15 anos, nas vésperas de deixar-te, adolescente e sonhador, e os conselhos que me davas, ali na "salinha de santo" e aquele último abraço cheio de todo o calor humano do maior dos amores... e mais tarde, ao regressar, já te achando doente, combalida, e o drama daqueles últimos anos de padecimentos, desfechado na tua partida, em noite tenebrosa, evolvendo-se te o espírito, como o de Jesús, no meio do fragor dos raios e do rumor dos trovões...

AI DE NÓS, ai de mim, si tudo fosse o que ali vi, naquelas relíquias do que foste, ó minha pobre Mãe! Ai de mim, ai de nós todos, si, acima da matéria, não sentíssemos fulgir, resplandecente e eterno o espírito, que sobrevive e que, na nossa crença, há de vir, no dia da ressurreição da carne, juntar-se ao que foi o seu corpo natural, para a glória ou para o castigo eterno!

VOLVE para junto dos teus, de que estavas, por circunstâncias do momento, apartada. Durmam, na paz do Senhor, os teus restos perto dos do teu companheiro da mocidade, dos teus netinhos queridos, dois dos quais te precederam na grande viagem e sentindo ao teu lado a presença das tuas amigas, talvez das maiores amigas que tivestes e que ali repousam no mesmo leito. E possa eu volver para o pé de ti ao teu regaço amado donde procêdo, no seio da terra, mãe-comum e amorosa, que tudo nos dá, embora nos tome depois a ilusão das aparências e das fórmulas passageiras. Dorme em paz na *nossa casa* e que ao chegar ali, onde todos nos encontraremos, não me desconheças, não tenhas porquê me repudiar, que eu seja o filho que educaeste na religião

da bondade que cria e do amor que purifica, para que,
juntos aos teus, os meus ossos possam ainda, um dia,
« palpitar de amor dentro da terra... »

(27 — 10 — 1936).

AI DE NOS, ai de mim, ai de mim, ai tudo fosse o que ali vi,
nada das coisas do mundo, do que foste, ó minha pobre Mãe!
Ai de mim, ai de nós todos, ai, alma da matéria, não
sentássemos fugir, respirássemos e eterno o espírito
que sobrevive e que, na nossa crença, há de vir, no
dia da ressurreição da carne, ao que foi o seu
corpo natural, para a glória ou para o castigo eterno!

VOLVE para junto dos teus, de que estavas, por cir-
cunstâncias do momento, apartada. Dormi, na paz
do Senhor, os teus restos perto dos do teu companheiro
da mocidade, dos teus netinhos queridos, dois dos quais
te precederam na grande viagem e sentindo ao teu lado
a presença das tuas amigas, talvez das maiores amigas
que tivesses e que ali repousam no mesmo leito. E posso
eu voltar para o pé de ti ao teu regaço amado, don-
de procedo, no seio da terra, mãe comum e amorosa,
que tudo nos dá, embora nos tome depois a ilusão das
aparências e das formas passageiras. Dormi em paz na
sua casa e que ao chegar ali, onde todos nos encon-
tramos, não me desconhecias, não tentas porque me
reputas, que eu seja o filho que educaste na religião

III

O POÊMA DA AUSENTE

Da tua dôr fazе um poêma (Goethe).

(Na morte de minha Esposa,
Ana Jacinta de Mesquita)

I

E ao cabo de três dias te vimos ausentar-te para sempre de nós... Partiste nessa clara manhã, em que maio alvorecia, como si o céu, mais belo e mais radioso, se abrisse para te receber, corôada pelas palmas da Crença, da Resignação e do Martírio.

TODA a noite fôra de luta e luta brava... Tú, porém, levaste até o fim aquela confiança simples, que foi o mais lindo apanágio da tua alma: confiante na vida que te iludiu, esperavas, já nos últimos momentos, a volta da saúde, fosse por um milagre, com que Deus podia, mas não quis, premiar a tua Fé...

SIMPLES, confiante e bôa—si defeito te pudessem arguir, seria o de seres bôa demais...— te agarravas à vida, *que para ti éramos nós*, e ainda sinto as tuas mãos geladas premindo as minhas, num transporte a que davas outro sentido, mas que—ai de mim!—bem percebia sêr o do extremo vale...

ESSAS mãos, que ao pé do Altar se cruzaram com as minhas, e cruzadas ficaram, no correr de longos vinte e sete anos, pois nem uma só vez, em momentos de alegria ou em dias de angústia, deixaram de se estender, confortadoras, amparando a minha perplexidade, a minha fraqueza, o meu desvario...

II

FOI numa noite suave de abril, tépida e luminosa, que eu te trouxe para esta casa, que ficou sendo tua, e de que agora te afastas, deixando-a imersa nas trevas do luto mais pesado, e desde aquela noite até esta manhã, cada dia e cada hora que corria, eu sentia, na tua presença, a alma viva e jocunda do nosso lar...

OSTENTAVAS, na veste cândida, nas flôres da grinalda, no véu virginal, as primícias do coração reservadas ao teu eleito... e tão confiante e simples, no róseo abrir da tua adolescência, trazias-me, na tua alma e no teu coração, o jardim misterioso de que brotariam as flôres e os frutos, hoje amadurecidos, do nosso amor.

BEM diferente o teu regresso, bem outra te vejo voltar e, no entretanto, a mesma! Em vez das alvas flôres de outróra, são rosas, rosas e mais rosas — o roseiral de sangue, em que se esvaiu a tua vida... a te encobrirem toda, e sobre as vestes escuras, o véu azul, côr dessa saudade, que se conforta com as esperanças do céu...

VAIS para junto dos nossos, que se foram... pais, filhos, queridos *mortos-vivos* e ficamos nós, *vivos-mortos*, privados do teu carinho, da tua assistência e do teu zêlo, que se afadigou em extremos, enquanto te pulsava o coração...

ESSE coração que se esfalfou por nós... que viveu da minha vida, exultou com as minhas vitórias nas liças do Bem e do Direito e que sangrava, por primeiro, de cada vez que contra o meu se desferiam as punhaladas da injustiça e da calúnia... — coração de esposa, mas, acima de tudo, coração de mãe, que me soubeste ser, pois no amor materno está a suprema finalidade e dignificação da mulher.

III

MÃOS piedosas te acabam de levar... E, sozinho, neste mixto de viuvez e de orfandade, penso em ti... Não acreditavas neste desfêcho, esperaste, até o fim, a intervenção do Sobrenatural, que viesse salvar-te, como já uma vez te salvara, mas, na tua conformidade cristã, não recusaste o cálice da amargura e nem uma vez, a tua bôca, que se abria, dia e noite, para a prece, se maculou, de leve sequer, com as palavras da acrimonia e da revolta...

"**NÃO** aguento, filho!" — foi só o que, nos instantes mais atrozes dessa agonia lenta de três dias e noites, que encerrou os teus longos três anos de suplício, disseste, num gemido... mas o Perfeito — Homem que era, sendo Deus — teve também, no seu Horto, palavras semelhantes, confessando a fragilidade da carne, que vestira por nosso amor, bem que, para te servir de exemplo, se curvasse ante a Soberana Vontade...

PARTISTE murmurando o nome de Jesús, entrelaçado ao meu — a jaculatória dos teus Amores celeste e humano — que selou, para todo o sempre, os teus lábios... e ainda sinto a pressão das tuas mãos, de que, há dias, o calor da vida desertara... e ouço a tua voz

que, de tão fôrte, debílissima se fizera, a sussurrar os nomes bem queridos... e vejo e verei, sem dúvida, para sempre, o teu coração a palpitar desordenadamente, com violência estranha, porque era o que tinhas de mais resistente, o *orgão da Bondade e do Amor...*

IV

CONFIASTE na vida e ela te traíu... esperaste na ciência, que tudo fez pelas mãos fraternas, cuja dedicação não teve limites nem reservas... mas a Ciência, com todos os recursos possíveis que se envidaram, também se mostrou ineficiente... Acreditaste que o nosso desvelo te pudesse salvar, mas toda a cadeia de afétos, que te cercava, quebrou-se diante da força superior do Destino ou, melhor, da Suprema Lei.

SOMENTE não te faltou *Aquêle que nunca falta, que nunca nos abandona, mesmo quando nós o abandonamos*, o Único, o Verdadeiro, o Amigo, que quatro dias antes descêra ao teu seio, sublime maná, que te iria fortalecer no rude combate... e que, a esta hora, deve engrinaldar o teu martírio com os louros da imortalidade...

FOI ÊLE, o *Bom Jesús*, quem te levou... à hora mesma em que, no seu altar, a Hóstia Santa se erguia para o Sacrifício, tu consumavas o grande sacrifício da tua vida... porque a verdade é que tu querias ficar conosco, (e com que ânsia se apegavam as tuas mãos às minhas, como si fossem um salvavidas no naufrágio...) mas te fôste, resignada e confiante, para que se cumprisse em ti a palavra eterna «porém não se faça a minha vontade, sinão a Tua.»

E com Êle, o nosso Divino Patrão, veio buscar-te a sua Mãe, e tua, a Virgem do Perpétuo Socorro, a quem exoravas nas tuas mudas angústias, no teu longo e discreto padecer, horas e horas, calada e sozinha, desfiando as contas do teu Rosário, em que havia quasi só mistérios dolorosos, que apenas Deus e eu -- um pouco — logramos conhecer...

E assim te fôste, ó doce Ausente, presente sempre no culto doloroso da nossa Saudade, que vai queimando as fibras dalma, como aquêle incenso que perfumava a tua câmara mortuária, erigida justamente onde fôra outróra o ninho feliz do nosso epitalâmio...

E te fôste, mas ficaste e ficarás sempre, na lembrança de quantos te conheceram e estimaram, simples, confiante, resignada e bôa... e viverás principalmente nesta dulía íntima que te devotamos, e que só morrerá conôsko, porque decorre da tua bondade, reflexo da Bondade Divina, *a única Força que tudo vence, a tua Força*, Força com que se vence a vida e se consegue vencer a própria Morte!

(1 — 5 — 1942).



Madrugada das Guabanas

B. AQUINO CORREA

Poesias

Madrugadas Guiabanas

D. AQUINO CORRÊA

*Que linda a madrugada em minha terra,
Quando, como o retábulo duma ara,
Todo de nacar e ouro, se descerra
O oriente rosicler, que os céus aclara!*

*E desde o vale até a longínqua serra,
A orquestra de mil galos, vasta e clara,
Estronda em ondas, e nos ares erra,
Qual se festivos quíries salmodiara.*

*E eis que, por entre o bimbalar dos sinos
De sete igrejas e os mais belos hinos
Da criação, a esse frêmito profundo,*

*Que faz cantar os pássaros e as fontes,
Desponta o sol, no altar dos horizontes,
Como Hóstia, que se eleva sobre o mundo!*

ATO DE BONDADDE

José de Mesquita

A Wanir Cesar

É preciso ser bom, mesmo que a vida,
árvore má, te negue fruto ou flôres.
Que a ventura ou o infortúnio não decida
teu rumo, sempre bom, seja o que fôres.

Tenhas o Bem por tua mira erguida,
pouco faz que te cerquem goso ou dôres,
pois ser bom é a alta láurea, que atingida,
nos equipara aos Sêres superiores.

Pagar o mal por bem, e do egoismo
freiar a féra, que no seio móra
e arrasta-nos do mal ao tôrvo abismo,

é ter por tua só finalidade
fazer da vida, assim, hora por hora,
um *Ato permanente de Bondade.*

JANUA CÆLI

José de Mesquita

Ao meu amigo e confrade Plácido de Melo

É na precariedade que consiste
o carater das coisas desta vida,
pois, certo, sobre a terra não existe
sinão cinza, ilusão, sombra esvaecida.

Mas a alma dá às coisas a *medida*
do Infinito e, entre a angústia imensa e triste,
projeta a luz de DEUS, do céu descida,
diante da qual a treva não subsiste.

Só o que dá valor ao sêr humano
a esse efêmero sôpro de fumaça,
é ver que a morte, em seu poder arcano,

abre a porta real de outro viver:
— quem crê no Amor, na idéa nem lhe passa
a possibilidade de o perder...

SOLIDARIEDADE

de José de Mesquita

A Jorge Otaviano da Silva Pereira

Faze da dôr extranha a tua. Gosa
da ventura dos outros, irmãmente.
Que a tua alma se incline, piedosa,
sobre todo o que sofre injustamente.

Tua vida far-se-á mais deleitosa,
si souberes fazer dela, sómente,
uma sequencia doce e harmoniosa
de amor constante e de perdão clemente.

Si sofreres, procura o teu conforto
como Jesus que, na agonia do Horto,
recebe a taça de amargura cheia.

E amavel te será a vida dura,
si jamais aspirares à ventura
comprada a custo da desgraça alheia...

Flores da vida,
Flores da morte...

José de Mesquita

Vênho para a visita costumeira,
vê-la, falar-lhe, ouvi-la, como outrora,
tal como o faço cada sexta-feira,
o triste dia em que ela foi se embora.

Venho e é como si a doce companheira,
que, anos e anos, pelo tempo em fóra,
senti velando à minha cabeceira,
visse e escutasse, novamente, agora.

Sobre a terra que os restos seus me vela,
abrem-se lindas, frescas e mimosas,
jacintas a lembrar o nome dela.

E flôres novas sempre me oferece,
como, tem vida, me abria, perfumosas,
flôres de amor, de lágrimas e prece.

A LEI DA VIDA

José de Mesquita

A Domingos Felix de Souza

Aquêlê que não ama, fica na morte.
(S. João, I, 3, 14)

O Amor é a Lei da Vida. Quem não ama
fica imerso na morte e na tristeza.

Sómente o Amor acende em nós a flama
da Espiritualidade e da Beleza.

O nosso coração anseia e clama
pelo Amor, luz do céu na terra acesa,
raio de sol transverberando a lama,
sôpro de Deus, que anima a natureza.

Só quem do Amor pratica o ensinamento,
que se faz do total desprendimento,
pronto sempre a perdoar e a compreender,

póde dizer que vive integralmente,
pois só o Amor sabe ensinar à gente
a dar graça e sentido ao seu viver.

NO PARQUE DA GAVEA

José de Mesquita

A Carlos Xavier

Subimos, lentamente, as avenidas
desvendando entre várzeas, bosques, lagos,
paisagens tão variadas e garridas,
que mais parecem lúcidos afagos.

Mas é lá encima, às últimas subidas,
que se nos abrem, pelos longes vagos,
amplas telas marinhas estendidas,
como lindas visões de sonhos magos...

O imenso mar, por certo, simboliza
a grandeza real, que não precisa,
para ser grande e forte, se altear:

fica no último nível e, entretanto,
é mistér tanto esforço, subir tanto,
alto, bem alto, para vêr o mar!

CÁCERES

Oscarino Ramos

Volto a beijar o pó das tuas ruas
Oh! minha terra abençoada.
Vejo-te, no esplendor dos teus dias de Maio,
Remoçada e feliz.
As tuas ruas, aí, estão, largas e limpas,
Sorrindo,
Com casas novas e jardins floridos.
Vê! Volto tonto de saudades...
Só que, agora, retorno
Com a nevoa da velhice em meus cabelos.
No entanto, o coração é o mesmo,
Máu grado as lutas aspérrimas passadas.
O coração é o mesmo, simples,
Tal como simples foram meus anelos,
Meus sonhos e meus amores.
Cáceres! Alvorça-me o coração
Ao pronunciar teu nome...
Do meu tempo, onde estão as lindas moças?
Meu lar? Meu amigo Nhô?
Ah! o desejo de pisar teus prados
E novamente,
Este teu rio atravessar, a nado.
Minha infancia! Meu lar distante!
A saudade d'Aquela que filtrou
Em meu coração
O desejo de ser bom!

Ela se foi, é certo. A sua sombra, entanto,
Doce, fiel e santa acolhe-me, inconsútil,
No infinito desejo de ver-me feliz...

Vejo-te ó! minha terra

No tropel dos teus dias passados...

Terras arroteadas...

De gado manso, os campos cheios.

E os senhores, de então, velhos patriarcas,

Entre eles, meus antepassados,

Gozando a doce paz rural.

Ah! quem me dera volver

Aos meus dias idos...

Ver das bandas do rio a chuva uivante...

E, além, atrás do morro do Quilombo,

O trovão, surdo, ribombando...

Foge a vida e a morte chega.

Bendita esta hora em que te revejo

Oh! minha terra,

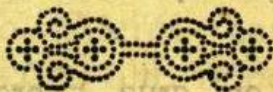
Tonto de Saudade,

Com a nevoa da velhice em meus cabelos

E este coração simples, como outrora,

Máu grado as lutas aspérrimas passadas.

Junho de 42.



CHRISTO, AINDA

Allyrio de Figueiredo

Ao Frei Quirino Franz

Por seis julgamentos passou Christo,
tres ás mãos dos judeus, tres ás
dos romanos, e em nenhum teve um
juiz. Nenhum ousou estender-lhe a
proteção da toga. *Rui Barbosa.*

Christo sofre a prisão; vem Annás e o interroga
Como entende e bem quer, para mal inquirir.
E o silencio do Deus fere a astucia da toga;
E adjura-o Caiphás, para os labios lhe abrir.

Fala a verdade o Deus. "É blasfemia" — lhe joga
A face o julgador, para melhor ferir.
E Christo nada diz; e, divino, não roga,
E, sem tergiversar, olha os ceus, a sorrir.

Condenam-n'o, afinal, as turbas e o pretorio
Num simulacro vil de ato judicatorio,
Sem as formas legaes para bem sentenciar.

E abre os braços, em cruz, sobre o madeiro, e expira;
Mas, Senhor do Universo, os céus clamam, em ira,
E sopra o vento, e treme a terra, e rugo o mar.

Rosário, Agosto de 1942.



DOIS SUAVES MISTÉRIOS

SERMÃO DE ENCERRAMENTO DO
I CONGRESSO EUCARÍSTICO DIO-
CESANO DE NITERÓI
PELO ARCEBISPO D. FRANCISCO
DE AQUINO CORRÊA,

A 30 DE AGOSTO DE 1942

Ave, verum corpus natum de Maria Virgine!

Salve, ó verdadeiro Corpo nascido de Maria Virgem!

Exmo. e Revmo. Sr. Núncio Apostólico;
Exmo. Sr. Interventor Federal;
Exmos. e Revmos. Srs. Bispos;
Eminentes Autoridades;
Revmo. Clero;
Povo Católico!

Quando, pela primeira vez, vai já por sete lustros,
contemplei de perto Niterói, cantavam-me na alma os
conhecidos versos, com que o poeta épico lhe celebrara
a formosura, nestes acentos do mais efusivo entusiasmo:

• Niterói! Niterói! como és formoso!

Eú me glório de dever-te o berço!...

Léguas e léguas de prodígios tantos,

Num todo tão harmónico e sublime

Onde olhos o verão, longe deste eden?

E apostrofando, em seguida, o

« cerúleo golfo,
onde a linda Partênope se espelha »,

compara-lhe as belezas com as de Niterói, para concluir neste surto poético de patriotismo:

« Meu pátrio Niterói te excede em galas,
Na grandeza sem par, muito te excede! »

Tudo isto, Senhores, encontrava éco o mais sonoro em meu coração, sob a fantasia ardente dos vinte e cinco anos: mas eis que hoje, entretanto, não menor, senão maior e mais verdadeira é a comoção, que me impele a exclamar: Niterói! Niterói! como és formosa! Não mais os teus morros verdes e floridos! Não mais o remanso azul das tuas enseadas! Não mais a curva graciosa das tuas praias! Não mais os mimos da tua natureza, mas sim, a beleza espiritual dos ideais, que hoje irradiam da tua terra e do teu povo!

Niterói! Niterói! como és formosa, aos esplendores do teu primeiro Congresso Eucarístico! como és formosa, com a presença do eminente embaixador do Santo Padre Pio XII, heroicamente reinante, o nosso amavel Nuncio Apostólico, que é, ao mesmo tempo, um diplomata, que nos honra, e um amigo, que nos quer e nos preza! Como és formosa por entre as bençãos de tão dignos representantes do Episcopado Nacional! Como és formosa, a este consórcio edificante dos dois poderes, o eclesiástico e o civil, graças à compreensão nítida e superior do jovem estadista, que ora preside aos teus gloriosos destinos! Como és formosa, embalada assim nas ondas luminosas de tão vasta vibração popular de religião e civismo! Como és formosa, mais do que tudo, sob a irradiação sobrenatural dos mistérios, que nestes dias triunfam nos teus templos e nos teus lares, nos teus salões de honra e nas tuas praças, nas consciências e nos corações dos teus filhos, os dois mais suaves mistérios da nossa fé, o Corpo Eucarístico da

Jesus e a Maternidade Divina de Maria, mistérios tão lindamente entrelaçados pela Igreja, nas estrofes cantantes do seu hino litúrgico: «Salve, ó verdadeiro Corpo nascido de Maria Virgem»! *Ave, verum Corpus natum de Maria Virgine!*

A síntese dum Episcopado

Senhores! Eu vejo neste Congresso Eucarístico, a síntese radiosa dum episcopado. Reparai nas armas episcopais do ilustre antistite desta diocese: aí se vê, encimado por uma estrela, o ostensório de ouro, símbolo da Eucaristia.

E quem não reconhecerá nessa estrela, a Estrela do mar, a Estrela da manhã, a Estrela das noites de nossas almas, a Virgem Imaculada? Sim, é Ela, iluminando, do alto, os caminhos da Eucaristia!

Tanto assim que, logo, em aqui chegando o novo Bispo, um dos seus primeiros cuidados, foi justamente fazer brilhar a sua Estrela. E com que imensa consolação, não verificou ele que a Virgem Santa reinava já na terra feliz, que Deus destinara ao seu grande apóstolado! No tope em flor dum outeiro, protegida pelo anfiteatro majestoso dos montes de Niterói, altaneira e visível, não só daqui, senão também do outro lado da Guanabara, dominando, lado a lado, a cidade, erguia-se no seu branco monumento nacional, a dourada imagem de Maria Auxiliadora, a Virgem de São João Bosco. Que fez ele então? Confirmou esse culto, expandiu essa devoção, acrisolou esse amor, e proclamou Nossa Senhora Auxiliadora em padroeira da sua querida diocese de Niterói. Era a Estrela heráldica, que descia do seu escudo d'armas, para preparar a avançada triunfal da Eucaristia!

Tal é o triunfo, a que estamos assistindo neste Congresso Eucarístico, que iniciado exatamente com o

“dia de Nossa Senhora Auxiliadora”, encerra-se hoje, com a glorificação magnífica da Eucaristia.

Bem haja, pois, o apóstolo, que assim tão brilhante e eficientemente interpretou a economia providencial desses dois mistérios, Jesus Eucarístico e a Virgem-Mãe, que entre si se fundem e completam para a salvação do mundo: «Salve, ó verdadeiro Corpo nascido de Maria Virgem!» *Ave, verum Corpus natum de Maria Virgine!*

Ad Jesum per Mariam

Senhores! Jesus Cristo não veio a mundo, senão por intermédio de Maria, e o mundo não irá a Jesus Cristo, senão pela intercessão de Maria: *ad Jesum per Mariam.*

Cristo é, por certo, o único Mediador entre o Eterno Pai e a humanidade: mas entre o Cristo e os homens, a Medianeira é a sua Divina Mãe. Abri comigo o evangelho de S. João, o Redentor vai operar o seu primeiro milagre, convertendo a água em vinho nas bodas de Caná; antes que o faça, porem, aguarda a intercessão de Maria.

Mas é, sobretudo, em se tratando de levar as almas ao Cristo, que esta mediação se torna tão necessária quão fecunda. Porquanto, Senhores, não basta ir, de qualquer forma ao Cristo. Não basta esflorar os seus evangelhos. Não basta aspirar a poesia das suas parábolas. Não basta admirar a sublimidade dos seus ensinamentos. Não basta estudar as suas doutrinas e as suas leis, para, em seguida, num sacrílego ecletismo, aceitar umas e repudiar outras.

Mas com toda a alma, como já dizia Platão a respeito da verdade, com toda a alma é que se há de ir ao Cristo. E' preciso abraçá-lo em toda a universalidade da sua vida e dos seus mandamentos. E' preciso abraçá-lo com a sua cruz, que será sempre um escândalo

para judeus e uma estultícia para gentios. E' preciso abraçá-lo com todos os seus mistérios, que são sempre uma palavra dura, *durus sermo*, para a vaidade intelectual do século. E' preciso, particularmente, abraçá-lo no seu mistério eucarístico, verdadeira pedra de toque da fé católica.

E aqui, precisamente, é que se faz mister a intercessão de Maria: ninguém vai a Jesus, como se deve, ninguém vai a Jesus Sacramentado, senão por meio dela, em cujo seio puríssimo se formou esse Corpo Divino, ao qual está Ela misteriosa e indissolúvelmente vinculada. «Salve, ó verdadeiro Corpo nascido de Maria Virgem!» *Ave, verum Corpus natum de Maria Virgine!*

O Mistério Eucarístico

Senhores! A Igreja não inventa mistérios: não tem nisso interesse algum. Ao contrário; muito mais cômodo lhe fora adaptar os dogmas, como fazem as heresias, à capacidade da inteligência humana. Isto, porem, nada menos seria que trair a sua divina missão.

Por isso é que, se dum lado, não forja mistérios, de outro, guarda intactos e invioláveis, os que lhe confiou o Divino Mestre.

Jesus disse: «Isto é meu Corpo». A Igreja recebeu estas palavras no seu sentido natural e claro: o que parece ainda pão, não é mais pão, mas sim, o Corpo de Cristo, *Corpus Christi*.

Há vinte séculos, que assim crê e ensina. Podem apostatar, como em Cafarnaum, os falsos discípulos. Pode zombetear a incredulidade. Pode argumentar, quanto quiser, com a sua química e as suas análises, a meiaciência, igualmente pretenciosa que tola. Não importa! nem por isso, deixa a Igreja de pregar a Eucaristia. Nem por isso, esvasia com metáforas, a verdade do

mistério. Nem por isso, retira um ápice sequer, à sua teologia eucarística.

É o mistério eucarístico perdura, triunfa, resplandece: *fulget mysterium!* Bastaria lembrar os Congressos Eucarísticos, maximé os internacionais: são eles hoje dos maiores e mais esplêndidos argumentos a favor da Eucaristia.

Provam eles, Senhores, que a Eucaristia não vive embalsamada no esoterismo de doutrinas ocultas. Não vive mumificada na superstição de tribus incultas e brutas. Não vive camuflada em hieroglifos, nem trancada em muralhas chinesas. Muito pelo contrário: aclama-se publicamente nas maiores metrópoles da civilização, discute-se nas cátedras das universidades, adora-se nos centros de maior cultura do globo.

Ora, se a Eucaristia não fosse o que dela crê e ensina a Igreja, isto é, a presença real da divindade, o culto eucarístico não passaria dum fetichismo bárbaro e grosseiro. Como então explicar essa loucura coletiva e quase universal, da parte de tantos sábios e santos de todas as raças? Fora preciso negar a Providência Divina, ou admitir um mistério maior que o próprio mistério eucarístico.

Ah! Senhores! Estejamos certos de que, se a Hóstia consagrada não fosse o que é, não fosse o Deus Sacramentado, teria já, de há muito, desaparecido nas voragens do tempo, que não respeita coisas muito mais sérias, do que seria a idolatria bronca dum pedaço de pão!

Deixou escrito o célebre Padre Ventura de Ráulica, que nunca sentira tanto a origem divina do Sacramento da Penitência, como ao ver ajoelhado a seus pés, confessando humildemente os próprios pecados, o Santo Padre Pio IX. Quem se preza de falar-vos nesta hora, pode atestar algo de semelhante: nunca sentiu tanto a divindade da Eucaristia, como em certo momento solene e inolvidável da sua vida.

Foi na basílica mór da cristandade, à sombra da maravilhosa cúpola de S. Pedro. Achava-se o imenso templo literalmente apinhado duma multidão cosmopolita, quando nele deu entrada, em toda a pompa dos cerimoniaes pontifícios, o grande Papa Pio XI. Anunciado pelas notas argentinas das trompas de prata, precedido pela guarda suissa, pela guarda palatina, pela guarda nobre, pela imponente procissão do clero secular e regular, dos Monsenhores, dos Bispos, dos Arcebispos, dos Patriarcas, dos Cardiais, assomou, afinal, num halo de glória, a figura hierática do Soberano Pontífice. A majestade da Igreja universal enchia os ambientes de ouro daquela estupenda catedral do mundo!

Mas eis que daí a pouco, todos aqueles joelhos se dobraram e todas aquelas frentes se prostraram: só se conservou em pé, dando a Benção do Santíssimo, o arcebispo dos sertões brasileiros, que tendo nas mãos a Hóstia Santa, viu genuflexa e como que aniquilada diante dela, toda a soberania incomparavel da Igreja e do Papa!

Com que emoção e com que fé, repetia-me o coração naquele instante: «Salve, ó verdadeiro Corpo nascido de Maria Virgem!» *Ave, verum Corpus natum de Maria Virgine!*

Mistérios de união e concórdia

Senhores! A mesma boca divina, que disse sobre o pão branco de trigo: «isto é meu Corpo», *hoc est Corpus meum*, disse também sobre o coração virginal de Maria: «eis aqui vossa Mãe», *ecce Mater tua*. E assim como, em virtude daquelas palavras, o trigo cândido se converteu no Corpo de Jesus, assim também, ao influxo destoutas, o coração da Virgem se transfigurou, aos frêmitos arcanos do amor maternal para com todas as almas.

Mistério do pão e do vinho eucarístico! Mistério da maternidade universal de Maria! Mistérios de união, concórdia e fraternidade!

Já em relação à Eucaristia, faziam notar os Santos Padres o mavioso simbolismo do pão e do vinho, que a Igreja recolheu na sua liturgia sacra. O pão, observam eles, plasma-se de muitos grãos de frumento, e espreme-se o vinho de muitas bagas de uva: assim também, o fruto próprio da Eucaristia é a união e a fusão das almas, no mesmo espirito de caridade e no mesmo Corpo místico de Cristo.

Daquí a profunda e bellissima palavra do Apóstolo: «Somos muitos, diz ele, mas formamos um corpo só, porque comungamos um só e mesmo pão, uma só e mesma hóstia». *Unum corpus multi sumus, qui de uno pane participamus.*

Não menos expressiva é a maternidade universal de Maria, que reunindo-nos todos no mesmo grêmio materno, lembra-nos instintivamente a unidade de família e o amor fraternal, que nos deve unir e fortalecer.

Concluamos, pois, Senhores, que nada mais oportuno do que estas solenidades do Congresso Eucarístico, na hora sombria e angustiosa, que hoje vive a Nação Brasileira, na grave iminência de empunhar armas, em defesa do seu pundonor e da sua dignidade. Dever é nosso aproveitarmos o ensejo, que Deus assim nos depara tão solenemente, para levantarmos aquí, em união de espírito com todos os nossos irmãos brasileiros, diante dos sacrários da Eucaristia e dos altares de Maria Santíssima, a prece da nossa fé, da nossa esperança e do nosso amor. Digamos, pois:

O "V" da Vitória

O' Virgem Auxiliadora, Padroeira de Niterói! O' Virgem Aparecida, Padroeira do Brasil! Vós sois a mesma Virgem, a mesma onipotente e misericordiosa Mãe

de Jesus Cristo, o Deus feito homem, Aquele que é «de ontem, de hoje e de todos os séculos»: *Jesus Christus heri et hodie, Ipse et in sæcula!*

Vós amais o Brasil. Vós que abençoastes as bandeiras da nossa liberdade política; Vós que protegesdes visível e miraculosamente os nossos exércitos; Vós que apparestes à flôr das águas do Paraíba, para fazerdes duma das suas colinas, o trono das vossas graças e das vossas misericórdias!

Hoje, mais do que nunca, o Brasil também confia em Vós; hoje que um regime novo e glorioso revive, sempre mais as tradições cristãs da nacionalidade; hoje que um Ministro de Estado, em plena praça pública, proclama as glórias do vosso patrocínio a prol da Pátria Brasileira; hoje que as altas autoridades da República fazem irradiar por todos os recantos do País, a oração da confiança nacional no vosso poder e na vossa bondade!

O' Senhora! bem sabeis que o Brasil não quis a guerra, mas foi a ela arrastado, porque sentiu, conforme ensinam os livros santos, pela boca dos fortes Macabeus, que «é melhor morrer na guerra, do que ver a deshonra e a desgraça da Pátria»: *melius est nos mori in bello, quam videre mala gentis nostræ!*

Eis porque o Brasil conta certo com a vossa proteção, de modo que, realizando o ideal deste Congresso, que é a consolidação da unidade nacional, torneis os brasileiros sempre mais irmãos entre si, sempre mais solidários com os seus chefes, e assim unidos e coesos, os leveis todos a Jesus, único que tem o segredo divino do verdadeiro "V" da vitória, porque só Ele é a Vereda, só Ele é a Verdade, só Ele é a Vida, *Via, Veritas et Vita*, os três vês eternos, sem os quais não se escreve a lídima vitória: a Vereda, sem a qual a vitória é um erro, a Verdade, sem a qual a vitória é falsa, a Vida, sem a qual a vitória é nula!

Levai-nos, porem, ao Cristo, onde Ele se encontra em toda a integridade do seu ser divino e humano, onde está, assim em espírito, como em seu Corpo sacramentado, que é também vosso corpo, ó Maria, afim de que, salvos pela vossa intercessão junto ao vosso Divino Filho, possamos um dia, no êxtase da fé e da gratidão, festejar a vitória, entoando o mesmo cântico de louvor ao Corpo Eucarístico de Jesus e à vossa infavel Maternidade: « Salve, ó verdadeiro Corpo nascido de Maria Virgem! » *Ave, verum Corpus natum de Maria Virgine!*



GENERO FEMININO

FORNHECIDA POR GOVERNADOR DE
DO RIO DE JANEIRO

Por Guilherme de Vasconcelos

Páginas femininas

Nas páginas femininas da revista "Luz" que costuma no decorrer de cada número trazer sempre alguns artigos que trata de assuntos interessantes que deparar de vez em quando com M. Pires de Almeida, no capítulo de "Revista de Arte e Literatura", que neste número é dedicado ao tema "A mulher e a revolução", se não há um profundo conhecimento de arte e de literatura, não se pode compreender a revolução artística e literária.

Essas páginas femininas - surtidas de artigos e colunas - são como um reflexo do que se passa em nossa sociedade, e a finalidade principal de cada uma delas é trazer para a atenção do leitor um assunto que merece ser conhecido e discutido. É assim que se vê a importância da mulher na revolução artística e literária.

É assim que se vê a importância da mulher na revolução artística e literária.

ORAÇÃO PARANINFAL

NA FORMATURA DOS QUARTANISTAS DO COLÉGIO CUIABANO

Prof.^a Guilhermina de Figueiredo

Nas leituras espirituais e amenas, com que costume deliciar o meu espírito e soerguer minha alma dessa aridez que mata e desse mundanismo que deprime, deparou-se-me em M. Reynès Monlaur, no capítulo admirável "A travers les ombres", uma frase cantante e expressiva, que, tão logo a encontrei, se me ligou profundamente à alma e ao espírito, extasiados ante aquela revelação magnífica e significativa.

Essas palavras belas e sublimes aí ficaram caladas como num relicário, até hoje em que vós, queridos afilhados, numa elevação de almas e afetos, quisestes trazer-me a paraninfar o ato soleníssimo da vossa vida; ides receber o pergaminho de ouro que vos é conferido e que vos será qual tocha acesa e sagrada com que levareis avante essa marcha triunfal, assinalada de lutas, esforços e vitórias.

E nesta oração paraninfal, lembrei-me de dedicar-vos aquelas palavras que tanto me enlevaram; e foram

elas mesmas que me inspiraram e fizeram sentir convosco a beleza e a impressão poderosa desta hora solene, onde nos entrelaçamos e nos unimos numa harmonia doce e encantadora.

Disse M. Monlaur, referindo-se ao dia da Páscoa entre os Judeus, num estilo colorido de um francês clássico e esmerado, que êsse dia se devia acolher por entre cantos como a um rei, por entre ornamentos como a uma noiva.

«Ce jour, que l'on devait accueillir avec des chants comme un roi, avec des ornements comme une fiancée!»

E nesta hora de suavidade e de encantos, posso dizer-vos que também vos devemos acolher por entre cantos vibrantes como a um rei, por entre ornamentos delicados como a uma noiva.

Do rei, trazeis a púrpura do triunfo e a coroa de louros a circundar a fronte pura e radiosa; da noiva, a graça e o frescor nos sorrisos purpurinos e nas vozes chilreantes.

Do rei, tendes a magnificência e o esplendor de quem, após lutas e conquistas, consegue o trono e o cetro da realeza para dominar os povos; da noiva, a felicidade e o devaneio de quem, num dia como bem disse M. Monlaur «sans pair entre les jours», mais belo e mais ardente que os outros, pisa feliz e deslumbrada o primeiro passo no paraíso dos seus sonhos, por entre as alvoradas de amor e de doçuras.

Tendes o trono do saber, aliado ao cetro da cultura; e como reis, no poder e no fulgor ofuscante dessa coroa diáfana, a tudo podeis vencer, a tudo transpor, a tudo dominar.

E ainda na magia e ternura de um noivado etéreo e inefável, alcançastes agora o ideal dos vossos sonhos juvenis e ardentes, o ápice das vossas aspirações elevadas, numa aliança espiritual e mística.

Hoje iniciou-se a nossa festa por entre o bimbalar ruidoso e álaçre dos sinos da nossa terra, por entre os cânticos sagrados e maviosos, por entre a profusão e o conjunto mágico de luzes, flores e incensos.

Iniciou-se esta solenidade com Aquele que é o nosso Princípio e que deverá ser o nosso Fim; e pelas horas primeiras do dia, hora em que tudo nos fala de espiritualidade e fervores, em que tudo é paz e solidão, sentiu-se como um perpassar suave de anjo misterioso que, sacudindo as azas de brancura opalina, deixasse cair as plumas mais tênues e delicadas, ou as pétalas mais olorosas e sutis.

Nesse momento de esplendores, nós nos unimos Naquele que é a Fonte da Graça e da Ciência; que é a Vida das vidas, que é a Beleza e a Fôrça, a Perfeição e o Amor.

Omnium: Communio — União máxima, capaz de confraternizar os povos, capaz por Si Só de fazer vibrar em uníssono o coração de toda a humanidade, libertando-a dêsse egoismo vão e dêsse orgulho aviltante que os afastam horrendamente; única força capaz de aproximar os espíritos, irmanando-os num mesmo ideal de misticismo e de bondade.

Unidos pela Doçura Divina, ficamos hoje, por êsses Laços que são de ferro por serem iudestrutíveis, que são de seda por serem delicados e suaves; Fortes pela Fôrça Divina que os ligou, Fracos pela ternura do Amor que os inspira.

E ali todos sentimos o quanto é sublime o ideal, o quanto é doce o sofrer, o quanto é belo e perfeito o amor.

Então, bem junto ao Sacrário que se enricou com a Presença Real do Deus Vivo, nós nos confundimos espiritualmente, e naquele instante de transformações maravilhosas, operou-se o ressurgir glorioso das nossas almas, o despertar vivificante dos nossos corações.

Queridos afilhados, viestes comigo e eu caminhei convosco há quasi um lustro de convívio doce e feliz; e nesses 4 anos de vida terna e amável que vivemos, pude sentir a elevação e a sublimidade de um magistério, todo êle dedicado e entregue àqueles que, na ânsia incontida do saber, querem descortinar horizontes mais amplos e mais azuis, nessa abóbada deslumbrante e infinita da cultura e da ciência.

Desde as perguntas mais rudimentares e simples do vosso programa incipiente na gramática normativa, até às consultas mais profundas e sutis no histórico vivo da nossa língua materna, juntos estivemos e juntos penetramos essa arcada luminosa de labirintos insondáveis, descobrindo gemas preciosas de brilho penetrante e de beleza inconfundível, como bem disse o poeta:

«ouro nativo que na ganga impura
a bruta mina entre os cascalhos vela.»

Idioma miraculoso, que inspirou Camões e Rui, Vieira e Machado, Bernardes e ainda Castilho, dando a êste a luz divina que, se lhe falhava nos olhos para sempre apagados, reluzia em todo o fulgor naquele espírito alado e intelécto dotado de aspirações a que não chamaremos terrenas, tais eram os surtos poderosos a que ascendia, num estilo de primores e de encantos.

Língua, que desde o terno e ciciante balbucio da criança, até as brilhantes e majestosas epopéas de Homero; desde o silabado descuidoso do estudante, até o falar terso e preciso dos clássicos; desde as frases resplendentes ao amor, ao belo e ao lirismo, até o imperioso e turbulento brado de guerra e de domínio, contido num epinício; desde os versos inspirados de meiguice com que a voz materna embala ao berço a glória do seu ser, até os hinos mais vibrantes e magistras com que a Pátria inspira e chama seus filhos; desde enfim a oração fêrvida de um crente verdadeiro, até as expressões mais pálidas e fenecidas de um cético;

— é ela, sempre ela, meiga da Ternura de um Beijo Divino, cintilante da irradiação fulgórea de um astro, pura do misticismo de um serafim nas regiões paradisíacas.

Ela, sempre a mesma, a imperar dominadora, qual pirâmide gigantesca que não desaparece, resistindo à avalanche destruidora do tempo, que quasi tudo desfaz e consome

Caros afilhados, continuai a amar e cultivar a vossa língua, elevando-a aos píncaros de uma imortalidade gloriosa; ela que é vossa como é vosso o céu recamado de estrêlas, como são vossas as matas de verdura e poesia, como é vosso ainda o mar, onde as ondas se esbatem embravecidas ou se aconchegam medrosas, num tumultuar agitado de incertezas e de dúvidas, ou numa calma plácida de sonhos e delícias.

Amai a ciência e não considereis findos os vossos conhecimentos e os vossos estudos; ao envés, seja esse pergaminho que recebeis hoje a chave áurea com que penetrareis um novo recinto, requintado artisticamente como um jardim fechado, onde a luz seja o saber, as flores sempre abertas os vossos puristas e clássicos, e o perfume a virtude que deve pairar bem alto, acima de tudo, espalhando fragrâncias e irradiando lampejos.

Não afasteis nunca a ciência da crença; fazei sempre dêsses dois elos possantes uma só força para vossa vida, em qualquer campo de trabalho e de lutas; não penseis que a verdadeira ciência exige a exclusão de Deus e tudo que é Divino; não julgueis que a crença possa impedir a cultura de se elevar e de brilhar riosamente.

É conhecida e profunda a verdade contida naquela frase de José Carlos do Patrocínio, nome ligado à grande vitória da extinção do cativo em nosso Brasil, país de crenças e de tradições: «Quando o ateísmo disser que Jesus impede o progresso, respondamos sem

receio, mostrando-lhe Colombo multiplicando a terra, e Pasteur multiplicando a vida.»

Colombo, tendo sempre ao lado do seu breviário de orações, o mapa imenso, de onde queria arrancar, para nos legar, uma terra nova, terra abençoada e bela; Pasteur, em êxtases divinais, conseguindo perpetuar a vida, numa multiplicidade infinita.

Afilhados meus, de nada vale um espírito culto numa alma emurchecida pelo ceticismo; de nada vale o clacissismo das formas em frases cheias de materialidade e mundanismo; para nada vale o colorido e a tonalidade do estilo em palavras áridas, que revelem um coração fraco e embrutecido.

Deus acima de tudo, seja o vosso braço; deixai cair um olhar retrospectivo e vereis Pascal, Turenne, Foch e tantos outros cérebros luminosos e espíritos elevados, acrisolados em almas crentes, que faziam da Religião Divina a sua única felicidade, a sua mais alta glória.

Em tempos passados, quando as escolas eram agitadas fortemente pelo vendaval funesto do materialismo de Spencer e pelo positivismo de Comte, vemos qual eglantina, que surge em tempo de inverno nas montanhas brancas e glaciais, quando tudo é neve, tudo é algidez, tudo é abandono; vemos aparecer luminosamente, por entre a fé e a bravura de um moço altivo e crente, aquele maravilhoso soneto alexandrino de Lauro Müller, que nada mais é senão a profissão solene da sua fé vigorosa, contra os ataques que sofria a Religião Suave e Terna, que êle não podia e não queria ver abalada e sacudida pela tempestade ameaçadora e horrenda.

São êstes os dois versos, em que a sua alma canta naquela inspiração poética, que nunca jamais ficará esquecida:

«A ciência não pode, além do conhecido,
Deter a crença humana e derrocar a fé!»

Imitai esta cintilação belíssima de mocidade, ó jovens de minha terra; levai êste exemplo vivo em vossos corações ainda em flor, e bem frágeis ainda para resistir aos ventos fortes e cortantes que vos possam colher assustadoramente.

Não aceiteis a ciência, cujo brilho seja empanado pelo paganismo; cuja elevação seja aviltada pelo mundanismo torpe e grosseiro.

Agora, caros afilhados, ide: partí em revoada, como de um columbário, «ruflando as asas, sacudindo as penas»; ide, e ao se bifurcarem as estradas, ao se vos deparar a hora nostálgica da despedida, cada um de vós colha nessa mesma álea florida e luxuosa, uma flor de pétalas suaves, de haste delicada e de perfume penetrante.

Seja essa flor aquela de que falam os Santos Evangelhos, aquela que nos faz felizes e que nos eleva, afastando tudo que é máu e degradante.

É a flor da bondade, essa que fará de cada um de vós outros tantos apóstolos do bem e da ternura, a qualquer destino onde vos leve a Providência.

Bondade, flor de singeleza, que faz de cada coração um altar de amor, carinhos e afeições. Bondade, alma cândida do homem, a quem os salmistas entoam louvores, em quem os justos realizam maravilhas, de quem os criminosos esperam o perdão, na plenitude da beleza moral que espalha dulçores infinitos.

Num contraste frisante e acentuado àquela passagem tétrica e horrenda da Divina Comédia de Dante, o poeta florentino, em que às portas faiscantes do inferno se lia o epitáfio tremendo, ordenando deixassem fugir todas as esperanças:

«Lasciate ogni speranza, voi che entrate»,

eu, no entanto, em um palpitante de fervores e de promessas, vos direi: levai todas as esperanças ó vós que

saís, ó vós que deixais esta casa de ensino, e que ides penetrar agora um mundo novo, onde se sentem numa cadência ora tumultuosa, ora acariciante, as belezas e as fealdades, os encantos e as angústias, os prazeres e as máguas.

Ide e levai, ao contrário daquele dístico ameaçador, num madrigal de anseios novos e ardentes, capazes de vencer um reino: «as promessas divinas da esperança».

E ao encerrar esta oração, assim como a madrinha na pia batismal, tendo às mãos a vela branca, símbolo da fé luminosa e viva, repete com os neófitos aquelas belas palavras de renúncia ao mundo e às suas estultas vaidades, assim agora, tendo as luzes espirituais que vos conduzirão aos destinos mais variados e remotos, sentindo por égide o Cruzeiro do Sul, nosso signo bemdito e a bandeira tremulante que aqui se ostenta, espero que levareis as promessas bemditas e sagradas, e que deveis fazer espiritualmente, com a alma em flores, o espírito em delícias, o coração em festas.

Sejam elas um como lema duradouro e sempre vivo: a fé profunda, o patriotismo fervente, e o acendrado amor à cultura e ao saber.

Deus vos abençoe, afilhados para sempre queridos, e espalhe rosas de paz e de amor pelos vossos caminhos.

Disse.





UMA SÁBIA

AIDA BASTOS DE SIQUEIRA

Dentre as mais empolgantes figuras da nobreza intelectual feminina que contribuíram eficazmente para o progresso das ciências físico-matemáticas, avulta **SOFIA KOVALEWSKY**, cuja vida e obras vou dar a conhecer nestas linhas, poucas e páldas.

SOFIA KOVALEWSKY, célebre sábia russa, nasceu em Moscou em 1850. Ávida de saber, da terra natalícia transferiu-se para a pátria de Leibnitz e Kant, país de mais cultura, a-fim-de continuar os estudos científicos.

Esteve primeiramente em Edelberga, ao depois em Berlim, onde, pelo vigor da inteligência, pelo procedor irreprochávei e finas maneiras, soube grangear a admiração, a estima e a amizade de Weierstrass, geômetra dos mais profundos e acatados de toda a Europa.

Sob a profícua direção dêste eminente professor, estudou Kovalewsky quatro anos a fio, até doutorar-se pela famosa Universidade de Gotinga, em 1874.

No dizer dos competentes, a tese "Sur la Théorie des équations aux différences partielles", apresentada por Sofia, para seu doutoramento, era de tão subido valor, que a dispensou de submeter-se a exame oral.

Em 1884, por empenho do notável matemático sueco Mittag-Leffler, outro brilhante e medrado discípulo de Weierstrass, foi Sofia convidada para professar a ciência de sua predileção, na Escola Superior de Estocolmo. Aqui, durante o tempo que exerceu o ensino, Sofia confirmou, ampliando, a fama das suas raras faculdades, tão merecida e largamente apregoada pelo seu grande Mestre.

Em 1888, vemos Sofia chegar ao ápice de sua carreira, vemos-la atingir o apogeu da glória. Nesse ano foi-lhe conferido, pela Academia de Ciências de Paris, o prêmio Bordin, distinção científica esta das maiores a que um sábio pode aspirar. Este grande e sempre cobiçado prêmio a nossa biografada o recebeu numa sessão solene daquela douta Corporação, em presença dos mais venerandos sábios do seu tempo.

O notabilíssimo trabalho com que a nunca assaz louvada cientista concorreu ao prêmio Bordin, versou sobre o seguinte tema de Física matemática: «Perfectionner en un point important la théorie du mouvement d'un corps solide.»

A sua benemérita e luminosa existência, Sofia Kovalewsky consagrou-a, quasi inteira, à ciência dos números, sublime ciência onde há belezas que maravilham, que encantam, que elevam o espírito; para penetrar, porém, os segredos das matemáticas, para sentir-lhes a beleza é mister aprofundá-las. E a diletta aluna do egrégio analista germânico o fez admiravelmente.

A história das matemáticas, algures escreveu Kronecker, referindo-se a Sofia, falará dela como das mais raras investigadoras.

A genial geômetra moscovita, fúlgido ornamento da ciência contemporânea, faleceu em Fevereiro de 1891 e não em 1890, como, por descuido, afirma Boyer, na sua interessante HISTÓRIA DAS MATEMÁTICAS.

«Raramente,—escreve Madama A. CH. Leffler,— uma morte despertou tanta simpatia. Recebia a Universidade telegramas de condolências de todas as partes do mundo civilizado, desde a Academia ultra-conservadora de Petersburgo, que acabava de a nomear membro correspondente, até as escolas dominicais de Tiflis e as escolas primárias de Carcóvia.»



Ama as estrêlas

Benilde Moura

Especial para o álbum de Lourdes Gattass

Quando as estrêlas surgem pelo céu,
em noites de luar ebúrneo, transparente,
a espalhar sôbre nós o luminoso véu,
vêm distilar no coração da gente,
gôtas milagrosas de terno sentimento
escondendo em cada alma, o segrêdo inquietador
dos sônhos que nos levam, lento, muito lento,
aos páramos sutís das regiões do Amor.

Contempla-as. Verás que elas, te sorrindo,
tremem palpitantes, ouro gotejando,
e prêsas no veludo azul macio e brando,
sonham contigo o mesmo sônho lindo.

Ama as estrêlas. Elas te guiarão
na vida, em rumo certo, pelos alcandores,
iluminando-te o puro coração
pleno de alegrias, cheio de esplendores.

Ama as estrêlas! Imerge teu olhar
no seio do Infinito azul, que não encerra
as torpezas do mundo, as durezas da terra...
Verás, por entre os pontos de ouro a cintilar
a beleza sutil, maravilhosa e calma,
a beleza emocional, silenciosa e pura,
que enche de esperanças e ornamenta a alma
elevando-a nas asas do Amor à Excelsa Altura.

SONHO

Benilde Moura

Naqueles meus saudosos tempos de menina,
à beira de um caminho um dia deparei
com uma velha encarquilhada e bem franzina,
a olhar para o Infinito, a vêr, o que... não sei.

Tinha um lenço na mão, de sêda muito fina,
amarelo, esgarçado... — O' velha — perguntei,
— que faz olhando o céu? — Cumprindo minha sina...
Há trinta anos aguardo a volta do meu Rei.

Depois, falou-me assim: — Em moça, fui amada.
Um dia, Ele partiu. Espero sua vinda.
É por ali que vem... E aponta o fim da estrada...

Minha Alma é essa velhinha à espera de seu Bem.
Cansada de esperar, vive esperando ainda,
nos caminhos do Sonho, Aquêle que não vem!

Materialização

Benilde Moura

**Você foi a vibração única e positiva
de meu divino sonho de poeta.
Aquele que me fez sentir bem viva
a razão potente da existência.**

**Foi você a força poderosa que venceu
os limites de minha intransigência,
consubstanciando com a luz de seu olhar ansioso
a imaterialidade do Amor silencioso.**

MEU VESTIDINHO XADREZ

Maria Santos Costa

A João Figueiredo

Vestido xadrez barato, dos tempos da meninice,
vestido pobre e sem laços, por onde, hoje, andarás?
Ao te lembrar, me recordo dos dias lindos de outróra...
Como êsse tempo feliz, vestido, não voltarás...

E aquela saínha curta me levava, vida afóra,
por tudo rindo e cantando, por tudo sempre vibrando.

Aos campos ia descalça, despreocupada e contente,
perseguinto borboletas, sonhando roubar estrêlas...
por bonecas de sabugo, trocando ricas bonecas.

Onde estás meu vestidinho de colher mangas, cajús,
de correr beira de rio ao pôr do sól rubescente,
de comer, pelas manhãs, na fazenda, os bons cuscús..

Felizes evocações, em cadeia luminosa,
nas tuas dobras, vestido, me trazes, hoje, à lembrança.
E me vejo inda menina e me sinto tão ditosa,
revivendo comovida o meu tempo de criança!...

CONTRADIÇÃO

Maria Santos Costa

Chego às vezes a odiar-te,
tão grande é o meu amor por ti.
Chego a querer que te desprezem,
que a calunia recaia sôbre ti
e os amigos te fujam...
só eu fique ao teu lado.
E tu saibas, então, quanto és amado!

Chego a querer que fiques doente,
muito doente,
e só eu possa te cuidar
com meu carinho e meu amor...
Desejos loucos passam-me na mente,
vontade de maguar-te,
de te fazer sofrer,
por muito te querer!

Mas, de repente,
remorso atroz, infinda mágua
meu peito invade.
Tenho vontade de chorar...
pedir a Deus que me perdoe,
e não me ouça nêste momento de rancor.

Mentira! Não te desejo nenhum mal.
E aos céus suplico,
embora tenha que sofrer,
que a mim reserve todo o mal
que por destino te couber!...



"A VERDADEIRA DOUTRINA DE CRISTO"

Cesário Prado

Lembro-me que foi sem emoção de pesar que parti da minha terra natal pela primeira vez. Era natural porque, partindo na companhia de todos da minha família, com exclusão de uma irmã já religiosa, e apenas adolescente de quatorze anos, sentia certo alvoroço pelo mundo de coisas novas e estranhas que se me abria em risonha perspectiva ao começar a longa e demorada viagem. Entretanto, quando a pequena lancha que nos levaria ao "vapor" parado nos baixios de Itapeva, começou a fazer a curva do rio na qual se perderia de vista o casario de Cuiabá, o mercado do porto, a velha e copada figueira da rampa de embarque, o cais da marinha, a alta amendoeira da padaria do D. Angelo e as últimas pedras das lavadeiras que batiam roupas à sombra dos sarás debruçados n'água, deveria ter-me apertado o coração alguma inegável angústia, alguma tristeza muda mas bem visível, porque senti que alguém me tocava num ombro e perguntava-me com carinho apiedado: — *Por que el niño miran triste?* Voltei-me e dei com um padre desconhecido que decerto não era nenhum daqueles do meu colégio salesiano, aos

quais nem pôra dizer adeus para poupar-me às emoções da despedida.

Era um padre mais velho que moço, os cabelos já grisalhos à margem da ampla testa encimada por um tufo à *brosse-carrée*, de mediana altura, um rosto bondoso e sorridente, com a nota gaiata de um olho sempre fechado, não sei si por algum tique ou algum defeito ou molestia... Trajava velha batina um tanto desbotada e poida nos punhos e no pescoço fechado por um amarelado colarinho de volta. Sua figura de manifesta pobreza e que transpirava uma santa humildade, estava fadada na viagem a alvo de pilhérias dos espíritos grosseiros que enfrentaria com exemplar paciência e inalterável doçura... Começa que foi mal acomodado numa das duas chatas comboiadas aos lados da lancha que nos levaria até ao Itapeva onde nos aguardava o *vapor* da carreira, retido à espera de um repiquete. Fazia-se muita algazarra numa delas em que seguia para Corumbá um contingente militar e era cómico ver-se a todo momento um soldado ajoelhando-se diante do padre e pedindo lhe a benção, mas com ar mais de troça do que de devoção. Era porém comovente ver-se a candura com que o padre lançava a sua benção paternal, num largo e hierático gesto do sinal da cruz sobre a cabeça que se abaixava fazendo careta de troça para os demais companheiros... Revejo o sempre nessa cena ou passando da chata para a lancha, todo encolhido e vacilante no estreito bordo da embarcação, mal equilibrado e segurando-se nos varões de ferro, atrapalhado com a cortina de lona que lhe batia no rosto mal escanhoado e cansado.

Cada um tem o direito de receber a luz como lhe apraz, e era confortador de ver-se que, si entre alguns passageiros ditos de primeira classe, o padre encontrava o mesmo ambiente irreverente da bronca soldadesca, porque se esquece o mundo que deve ao homem abnegado que lhe acompanha os passos todos na vida, desde o berço até ao túmulo, tomando o nos braços na pia lustral, levando o ao altar para o voto de nupcias e seguindo o até o derradeiro sono no seio da terra com suas orações, — o escol da pequena sociedade de bordo acolhia-o com móstras de respeito e carinho pelo seu ministério sagrado. Viemos a saber, no curso da viagem, que era espanhol e por longos anos vivêra no Paraguai em diversas paróquias dos vilarejos do interior. Suspenso das ordens procurára a diocese de Cuiabá, mas o seu venerando e inflexível bispo, o saudoso D. Carlos, mantivera a pena eclesiástica, e êle agora descia pelos mesmos rios de regresso a Assunção, num destino de ave tan-

gida sem pouso certo para ignorados e diversos rumos. E o motivo daquela penalidade? Fôra, contou-nos, a publicação sem o "Imprimatur" e o "Nihil obstat" dos superiores eclesiásticos, de um opúsculo de sua autoria, com o título — "A verdadeira doutrina de Cristo".

Ó! a admirável disciplina da Igreja Católica, a força da sua organização e da sua perpetuidade pelos séculos afóra! Aquele pobre e velho padre abstinha-se de comentários sobre a justiça ou injustiça da pena que lhe fôra cominada. Levava consigo um exemplar da sua publicação, porque o fôra submeter ao juízo de D. Carlos, mas si este a condenára, como o bispo de Assunção, então é que de feito ela continha erros de religião, e desse modo êle próprio, o autor, interdizia a sua leitura aos companheiros de viagem, tendo-o mostrado apenas para não formarem um juízo deshonroso sobre sua conduta de sacerdote, à vista daquela penalidade, a que se submetia com docilidade e arrependimento que iria tornar público em Assunção.

A mim, todavia, até hoje planta-se-me no espírito, com a lembrança saudosa daquele bondoso padre, uma dúvida sobre os erros da sua pena. Pois não possuía êle a caridade, a santa humildade, a cordura, não era o exemplar vivo da pobreza evangélica? Como poderia, pois, com todos esses dons, estar tão distanciado da verdadeira doutrina de Cristo?



PARÁBOLA DA FRATERNIDADE

Cesário Prado

Era bem atraente a pequenina igreja que se avistava na outra margem do rio que banhava a povoação da serra, destacando-se num quê pitoresco pela sua construção nesse belo estilo francês, inpropriamente chamado gótico, e que tanto apreciamos pela sua raridade no nosso país, elevando no azul do nosso céu a flecha do seu campanário e fulgindo na intensa luz do nosso sol suas altas paredes caiadas de branco e os vitrais coloridos das suas janelas de arcos ogivos.

Tomando pela ponte metálica que defrontava o seu adro, penetramos o recinto da nave repleta de fiéis numa manhã de domingo, chegando porém já no meio da prédica, num trecho de que nos lembramos até hoje e que transmitiremos mais ou menos como o ouvimos dos lábios do pregador:

— Além do acaso de que nos fala a bela parábola do Evangelho do dia, com o qual o Divino Mestre nos dá a lição da verdadeira caridade pairando sempre acima das divergências humanas de raças, crenças e profissões, e derramando-se em bálsamos de generosidade como o que fluiu do coração do bom samaritano, vou contar-vos, meus fiéis, o caso de outro viajante, que não deixa de ser de proveitoso ensino espiritual.

Seguia uma vez, por aspérrimos caminhos de uma região montanhosa e fria, um viajante a pé, calcando trechos cobertos de neve endurecida ou atravancados de galhos de arvoredo partidos e de pedras roladas de altos cumes, com a força das enxurradas e das ventanias dos dias de tempestade... Seguia rumo a uma povoação do outro lado da montanha, já pertencente a outro país e assentada à margem de um plácido lago e que entretinha comércio com os habitantes da orla marítima. Mal se distinguiam na grossa cerração da madrugada as massas escuras de pinheiros e aceres, bem como os esparsos grupos de penedos abruptos que formavam como que marcos conhecidos dos viajantes. Depois, veio raiando um sol que se diria morno e baço, tanto a minutos se encobria com panos de denso nevoeiro que às vezes se esgarçava nas cristas das penedias e outras vezes corria como espessa cortina no fundo dos vales, ocultando tudo, fraguados e árvores, em escura confusão de formas. Uma ou outra vez abria-se ou afastava-se o véu de nevoas e uma réstia de luz coava-se e brilhava no espelho da neve, dando porém uma aparência estranha e fantástica à raquítica vegetação que emergia comprimida nas anfratuosidades das rochas. Então aumentava-se o tamanho das sombras e criava-se um jogo de claro e escuro que destacava umas linhas ou falseava uma perspectiva, iludindo a vista com desconcertantes surpresas...

Com os olhos levados para tão raros e diferentes aspectos o viajante de repente parou os passos, pondo-se a observar uma forma estranha e negra que se postava num penedo, ao alto de uma vereda por que teria de passar.

Parecia-lhe, à primeira vista, um desses monstros antediluvianos, de membros disformes que se distendiam em lentos espreguiçamentos, sem se arredar do logar em que se achava.

Tomou-se o caminhante de algum pavor, mas como lhe era forçoso prosseguir a jornada, não arrepiou caminho, decidido a enfrentar fosse o que fosse que tão horridamente se lhe apresentava aos olhos.

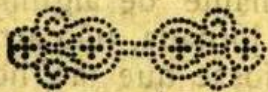
Continuou pois sua marcha penosa e acidentada e já à menor distancia formou diferente juízo daquilo que já passava a ver a um dos seus lados. Agora lhe parecia um animal comum na sua terra, mas que não podia ainda dizer qual fosse, si um urso, algum lobo selvagem ou alguma rena desgarrada do bando do seu bosque nativo...

Foi se aproximando o viajante e ponde certificar-se que não se tratava de nenhuma féra. Via bem à sua frente um homem agasalhado numa ampla capa de peregrino e de capuz... Talvez

fosse um salteador, mas como essa espécie de gente era rara no seu país, o mais provável é que aquele homem fosse um outro viajante como êle e que o antecederá na partida e ali aguardava o clarear da manhã ou tomava descanso da longa e áspera caminhada.

Aproximou-se ainda mais o nosso viajante e, com estupefação e alegria, reconheceu que aquele homem era seu irmão!

— Todos nós, filhos meus, concluiu o pregador, somos também irmãos, por mais enganadoras que sejam as aparências, em que nos movemos e agitamos nesta vida. Acontece que também às vezes o nosso próximo se nos afigura um monstro, mas diluindo-se as névoas da nossa imaginação, desfazendo-se os erros do nosso espírito, encurtando-se as distâncias com que dele nos separamos, teremos que reconhecê-lo um homem tal qual nós mesmos, com diversos mas não menores defeitos que os nossos, idênticas falhas, as mesmas lamentáveis desproporções... E si somos irmãos pela nossa comum origem e nos é forçoso reconhecê-lo pela nossa semelhança, façamos com êle a jornada da terra, tão breve, tão áspera e difícil, unidos na mesma estima fraterna, de companhia confiante e segura, em folgazão convívio de um dia, até que alcancemos, como os nossos viajantes naquela mesma manhã, a risonha povoação à beira do lago, já no outro país...





por amizade crescente que nem a morte arrefeceu
muito menos a separação com o Atlântico de perigo
na década deitadas, alcançada de desenganos e perdas.
Revelaram ambos a mesma eficiente influência pa-
terna, tão bem accentuada na formosa conferência em
que Wanderley Pinho, por acertada designação do Pre-
sidente do Instituto Histórico, Embaixador J. C. de Ma-
cedo Soares evocou a figura apolínea do autor da Re-
trada da Laguna e de Inocência.

Quanto ao professor, que arrefeceu a cadeira de
sua predição, em concurso memorável na Escola Cen-
tral, em 1870, e em concurso de Engenharia Civil, menor não
seia a veneração deitadas a quem o início do culto
das letras e da arte social, em 1870, em 1870, em 1870.
Dados de análoga formação moral e pendores ar-
tísticos semelhantes, não admira que se aprazassem de
entusiasmo quando a assistência carrega tanta conec-

TAUNAY E REBOUÇAS

V. Corrêa Filho

Já se achava André Rebouças diplomado em En-
genharia Civil, e comissionado para projetar obras por-
tuárias ao Norte, depois de cuidar de fortificações lito-
râneas ao Sul, quando Taunay deixou inacabado o cur-
so em que se ia distinguindo-se entre os colegas, e a-
listou-se na primeira unidade expedicionária, incumbida
de expulsar os invasores de Mato Grosso.

Não seriam, pois, contemporâneos na Escola Cen-
tral, onde o apolíneo descendente de fidalgos franceses
notaria, entretanto, a fama da inteligência e vivacidade
deixada pelo filho do rábula insigne, cujo tino jurídico
e probidade intelectual singular decreto legislativo pre-
miou, ao permitir-lhe atuar em qualquer fôro brasileiro,
como se fôra bacharel em direito por alguma das es-
colas existentes.

A identidade de sentimentos, reforçada por análogas
tendências artísticas e idéias reformadoras, iria, porem,
na primeira oportunidade aproximá-los um do outro,

por amizade crescente, que nem a morte arrefeceu, e muito menos a separação, com o Atlântico de permeio, na década derradeira, alanceada de desengano e pezares.

Revelaram ambos a mesma eficiente influência paterna, tão bem acentuada na formosa conferência em que Wanderley Pinho, por acertada designação do Presidente do Instituto Histórico, Embaixador J. C. de Macedo Soares, evocou a figura apolínea do autor da Retirada da Laguna e de Inocência.

Quanto ao professor, que arrebatou a cadeira de sua predileção, em concurso memorável na Escola Politécnica, precedido por exames vagos nas matérias fundamentais do Curso de Engenharia Civil, menor não seria a veneração dedicada a quem o iniciou no culto das letras e da justiça social.

Dotados de análoga formação moral e pendores artísticos semelhantes, não admira que se abrasassem de entusiasmo quando a assistência carioca teria conhecimento da famosa opera.

Decorrido um quarto de século, em meio de angústias que já anunciavam o próximo crepúsculo, lembra Rebouças ao amigo distinto:

«Agora estou a recordar-me de nosso juvenil entusiasmo em Dezembro de 1870, aplaudindo no Teatro Lyrico as primeiras representações do Guarany.

De 1870 para cá quanto se tem passado!

Foi-se o Brasil de Pedro II; desmoronou-se o mais belo império que havia no mundo... Foi-se tudo; mas ficou a nossa Amizade; ficou a simpatia, que desde a primeira audição do Guarany nos ligou a Carlos Gomes.»

A recordação de Taunay afinará pelo mesmo tom — «Foi em 1870 que se estreitaram, e muito, as nossas relações, concorrendo para tão poderosa causa o entusiasmo por Carlos Gomes.

«Que noite cheia, inesquecível, a de 2 de Dezembro, daquele ano, por ocasião da primeira representação,

no Pedro II, do Guarani; eu ao lado dele a aplaudirmos como loucos!

Um inglês, pelos menos tal nos pareceu, junto a nós, observou-nos, um tanto alterado: «Com esse barulho todo, não ficarei sabendo se a ópera presta ou não». Tivemos ímpetos de esganá-lo, achando-lhe contudo razão. Rimo-nos, sinpatizamos, e, por fim, o nosso vizinho batia palmas ainda mais ruidosas que as nossas».

Desde esse dia, cada vez mais se intensificou a mútua estima entre os dois admiradores do insigne maestro brasileiro, que neles sempre encontraria apoio e estímulo para perseverar em sua trajetória luminosa, a despeito dos obstáculos encontrados a cada passo. Embora cada qual continuasse a carreira, que abraçara, enveredando um pelos domínios da política, ao passo que o outro prosseguia em seus empreendimentos de engenharia, encontrar-se-iam facilmente, ora nos salões, que ambos frequentavam, ora nos teatros, ou em visitas de um ao outro.

Mas em 1883 aproximam-se pela defesa das mesmas causas, que os levariam a organizar a “Sociedade Central de Imigração”, cujas iniciativas se evidenciam a breve pezo pelo protesto contra a introdução de chins no Brasil e escravização de ingênuos.

Encontram-se quasi diariamente, abrasados nos mesmos ideais que se vão progressivamente ampliando para outros problemas sociais, examinados em palestras amistosas, inspiradas pelos mesmos anseios de liberalismo.

Mais ousado, acaso pela influência do espírito revolucionário francês em sua formação, além do instinto ancestral de revolta, Rebouças estadeava o seu individualismo liberal em todas as manifestações de sua inteligência peregrina, que ralando às vezes pelo gênio, lembrava a de Diderot, «le plus magnifique eveilleur d'idées qui ait existé», pelo conceito de J. Reinach.

Paladino da liberdade, o publicista, que se alojara em famosa esquina, à rua de Turenne, quinto andar, onde ao visitante se deparava singular “bazar de idéias” planeou, para defendê-la, a campanha inegualavel da “Enciclopédia”, de que foi o animador, e obreiro mais assíduo e dedicado.

Embebido de ensinamentos enciclopedistas, antes da marcha à ré, causada pelos sucessos de Quinze de Novembro, Rebouças applicava-a à realidade brasileira, ainda sustentada pelo trabalho servil.

Nada mais revoltante para as suas convicções humanitárias, de igualdade e harmonia entre os povos, quaisquer que lhes fossem as raças e crenças.

Por isso, alistou-se entre os primeiros abolicionistas, com o fervor de apóstolo incançavel, disposto a levar de roldão os redutos escravocratas.

Pleiteou a abolição imediata e incondicional, contra, neste particular, o voto do amigo, que, mais equilibrado, conhecedor, por aliança pessoal, dos abalos resultantes da extinção imprevidente do esteio da economia nacional, apontava medidas acauteladoras, que evitassem maiores danos.

Ainda na esteira dos seus mestres, idearia a “Enciclopédia Socionômica”, de que apenas teria publicado alguns capítulos, embora continuasse a redigir os demais, que permanecem inéditos, ou talvez extraviados.

Em todos, propugnava a mesma libertação individual, contra o Estado, se necessário, ou pelo menos, contra os preconceitos e desigualdades existentes.

O livrecambismo, ensinado pelos sucruhestirianos, a liberdade religiosa, de pensamento, de todas as manifestações da atividade humana, dinamitavam-lhe o entusiasmo de propagandista, que sabia opinar doutamente, como insigne professor. Menos audaz em suas concepções, que se enquadravam às maravilhas em limites das possibilidades de execução, era Taunay, o parceiro in-

comparavel, que bem compreendia os estos arrebatadores do reformador social, embora apenas lhe aceitasse a parte exequível, endossada pela sua pregação política.

A colaboração prolongada, em torno de assuntos, que lhes iuspiravam iguais soluções, irmana-los-ia no crepúsculo da monarquia, e mais afetuosamente depois, não obstante a ausência.

Forcejaram por engrandecer o Império mediante a adoção de reformas avançadas.

O casamento civil, cuja omissão em recente "Fala do Trono" Taunay lamentou, inconsolavel, a secularização dos cemitérios, apontada pelo jornal "Novidades", de 5 de Maio de 89, como uma das condições que exigiu para aceitar a pasta oferecida pelo organizador de novo ministério, juntamente com a grande naturalização, a liberdade de cultos, imposto territorial, parcelamento de terras, a pequena propriedade, constituíam o assunto predileto de suas palestras, nos escritórios da "Sociedade Central" ou nas avenidas de Petrópolis, onde buscavam recuperar as energias indispensaveis à tamanha propaganda, quando estourou a notícia do que se passara na alvorada de Quinze de Novembro.

Rabouças, que descera pelo trem de 7 e meia, notava em seu "diário":

«11 horas — Na Cidade do Rio, ao desfilar da artilharia pela rua do Ouvidor com Deodoro à frente; 12 horas — Com Taunay no Senado lembrando organizar a Contra-Revolução».

Nesse dia, começou-lhes o período final da existência, em que se revelaram politicamente transviados pela incoerência, embora a dignidade lhes sublimasse o proceder.

Adstrito ao trono da Redentora, por gratidão ao seu gesto principesco de 13 de Maio, em que se mostrou disposta a perdê-lo, para alforriar a raça escravizada, emparelhava-se ainda uma vez, o engenheiro com

o senador, cuja dedicação ao Imperador, de que o velho Taunay fôra professor e amigo, cresceria com o seu destronamento.

Já não quiseram saber dos projectos e reformas, que a República se apressaria em realizar, como se neste particular lhes obedecesse à orientação.

Nenhum dispositivo, que antes solicitaram, para remediar os males sociais, deixou de ser incluído na legislação republicana.

Entretanto, perturbados pela gratidão, fecharam olhos à realidade para alimentarem penosamente vago sebastianismo inoperante e anacrônico.

Todavia, no ostracismo, avantajou-se-lhes o perfil, de cruzados que souberam sacrificar a sua carreira por uma causa perdida. E o fizeram com a galhardia de batalhadores, que iriam aplicar a sua energia em outros campos de atividade.

Taunay refugiou-se na história, em que lhe abundavam motivos para se distinguir, como lhe ocorrera ao narrar a famosa "Retirada da Laguna".

Rebouças expatria-se, para melhor servir à família imperial, de que se torna o mais abnegado defensor, para lhe suavizar as agruras do exílio.

Colabora em jornais e revistas, contra a República e, por fim, desiludido da inexequível restauração, viaja pela África, onde lhe acatam o saber de professor, de cujas lições se valem alunos até por meio de correspondência.

Não larga jamais a pena, como igualmente o seu amigo, com quem encontrava as idéias e sentimentos através do Atlântico.

Altivos, não obstante a precariedade da sua situação pessoal, recusaram todas as ofertas de melhoria que antigos amigos lhes proporcionavam.

Nada aceitariam que importasse, ainda que de lon-

ge, alguma tolerância com o regimen que lhes atalhara o amistoso convívio em Petrópolis.

Olhos voltados para o passado, viviam de reminiscências, a escrever abundantemente sobre os tempos idos, com a mesma uniformidade de opinião, apesar da distância interjacente.


E por isso, quando a Congregação da Escola Politécnica, movida pela amizade de seus antigos alunos e colegas, pretendeu reintegrar o famoso professor, Taunay previu que não seria aceita a proposta, sem tardança respondida pela negativa.

Eram duas individualidades diferentes por muitos aspectos, mas que se irmanavam no fastígio, como igualmente quando lhes sobreveiu a derrota política, de cujas dolorosas consequências não quiseram afastar-se mediante concessões da dignidade.

Ao revés, sustentavam-na heroicamente altivos e maiores no desvalimento do que, outr'ora, quando mimados pela fortuna política ou pela fama.

E por isso a Posteridade os venera como varões nobilitantes da espécie humana.





ÁGUA BRANCA FERIDA

**DISCURSO NA FESTA EM BENEFÍCIO
DA CRUZ VERMELHA POLONESA**

Olegário de Barros

Foi com grande, mesmo alvoroçado prazer, que aceitamos o compromisso de vos falar nesta solenidade promovida pelo coração, exmas. senhoras e meus senhores.

Se não fossem suficientes outras e evidentes razões, capazes, por si sós, de tocar-nos a alma e impôr-nos este honroso dever, ocorreria, demais, a seguinte circunstância, que não podemos deixar sem referencia, ao subirmos para esta tribuna: Viera também o apelo, que sumamente nos desvanece e, comovido, agradecemos, viera de um polonês duplamente torturado.

Não lhe bastara, com efeito, ao digno emissário que nos procurou, o brutal esmagamento da pátria estremecida, mas, unindo-se a essa imensa dor, ainda lhe estala o coração de filho e de irmão quando, na aflição, procurando em vão obter noticias dos talvez sepultados nos escombros de Varsovia:

Não nos era licito, Srs., por mais esse motivo, negar-lhe a modesta cooperação destas palavras.

A legitimidade do belo e generoso movimento que presenciamos provém, nesta capital, da solicitação dirigida ao abnegado sacerdote polonês, padre Antonio Wasik, pelo ilustre brasileiro Dr. Fernando de Mello Viana, presidente do Comité de Socorro às vítimas da guerra na Polonia, e constante da presente carta, cujos tópicos principais tomo a liberdade de vos ler:

«Durante a ocupação da parte oriental da Polonia pela Russia e até o conflicto russo-alemão, cerca de um milhão e duzentos mil poloneses foram deportados para o interior da U.R.S.S. e principalmente para a Siberia, conhecida pela rudesza de seu clima e difíceis condições de vida. Os deportados foram transportados sem agasalhos nem roupas, como estavam no momento da deportação, forçados a abandonar todos os parentes, muitas vezes separavos marido e mulher, e pais dos filhos.

Estes infelizes passaram dois anos de agonia lenta. Agora, finalmente, graças aos esforços do Governo Polonês, os deportados poderiam ser evacuados da U. R. S. S., si não fosse a falta de roupas e agasalhos.

A Cruz Vermelha Polonesa não está em condições de fazer frente sosinha a tão grande miséria. Falta lá tudo: agasalhos, medicamentos, gêneros alimentícios.

Dirige-se pois a todos a quem não falta coração, com apêlo caloroso, para socorrer o próximo e pede donativos de tudo que puder ajudá-la nesta difícil tarefa.»

Aí está o quadro sombrio bosquejado a largas pinceladas pelo comité. E foi para obviar situações angustiosas como essa, a que alude o eminente patricio, que surgiu a Cruz Vermelha, com o seu carater de instituição internacional. Se, outróra, não fôra possível contemplar-se, impassível, o espetáculo monstruoso, quando as batalhas se feriam em campo aberto, a indiferença en-

tão seria criminosa diante dos tremendos conflitos modernos.

Nasceu a Cruz Vermelha ao sopro ardente das labaredas da guerra. Chocára, com efeito, o escritor suíço Jean Henry Dunant, a horrorosa carnificina de Solferino. Deante desse quadro dantesco tomou, para si, a incumbência de procurar uma solução que pudesse atenuá-lo.

Filantropo sincero, homem de fé e homem de letras, mal envergara a tarefa, repontou-lhe o coração o versículo bíblico que, imperativo, preceitua o sentimento da caridade como condição basilar da vida cristã. Embebeu-se, sôfrego, dessa radiosa verdade — verdade fundamental dos mandamentos — e, à luz altíssima de sua inspiração, abriram-se, cheios de amôr e bondade, os braços amigos da Cruz Vermelha num campo branco, côr simbólica da paz. Jean Henry Dunant resolveu, para tocar às almas sensíveis, descrever, em toda a sua pungente dramaticidade, o episódio bárbaro, na obra intitulada "A Batalha de Solferino", grito agudo, lancinante de um coração marcando o impulso inicial do empreendimento. Não ficou, porém, na simples descrição das crueldades que tanto o abalaram, ao dar-se o recontro histórico das forças de Napoleão com as alas ousadas do exército austríaco na provincia de Mantua. Não.

E prosseguiu, sem hesitar, sem esmorecer, um instante siquer. Viu, claro, que era insuficiente o anseio vago, a aspiração remota, em páginas de arte, pois, bem sabia, as invocações exigem sacrifícios, muita vez extremos, para que possam florescer e frutificar. E era-lhe, porem, afortunado, o momento. Dunant, passando a concretisar o seu propósito, delineia um verdadeiro monumento iluminado de amôr e de altruismo na "Lembrança de Solferino" propugnando a adoção de um principio internacional que servisse de base às sociedades de socorro aos feridos na guerra. Ganhára, Dunant, essa batalha do coração. A repercussão do seu trabalho de

humanitarismo foi decisiva nas consciências bem formadas, e tão fecunda, tão pronta fôra em seus resultados, que, em 1869, ao cabo de cuidadoso exame, os representantes de 16 nações européas, reunidos em Gênova, aprovaram a sua proposição e recomendaram a criação dos Conselhos Nacionais, hoje Cruz Vermelha, que se desdobra, sob todos os climas, e por todos os recantos da Terra.

Visava, é verdade, apenas os feridos nos campos de batalha. E porque vários outros aspectos do tema sem solução continuassem, tantas são as faces com que o furor da deshumanidade se nos pode apresentar, a sua alta finalidade foi-se, cada vez mais, alargando, até abranger outros problemas ligados à perturbação da calamidade. Prende-se o preceito que a consagrou à essa abençoada filosofia que é a fonte da bondade, do amor e da paz. Sim, bem aprofundada, no seu sentido luminoso, constitue a Cruz Vermelha, a certo modo, um golpe de ironia admirável contra a alimária sanguissedente. É ela a força serena, força de piedade, força baixada do céu que, a cada investida do dragão sinistro, destruindo tudo o que crê, o que ama e que constrói, parece e desfaz o que lhe é possível desfazer, em parte retificando, dentro de fórmulas santas, o que a maldade dos homens ideou na embriaguês satânica das ambições insensatas. Á sua sombra amiga, como à sombra suavíssima do Senhor, se refugia, não sómente, como outróra, o ferido, mas, também o orfão, o faminto, o extraviado, o prisioneiro, enfim toda a família triste dos desafortunados. Se os canhões, as bombas e as metralhadoras espalham o terror e a morte, a Cruz Vermelha, como um sól de primavera, irradia a vida, num pensamento elevado e espiritual. Ela dignifica a mansuetude dos refúgios e dos hospitais, onde mãos carinhosas pensam ferimentos e a estrela da esperança torna, de novo, a luzir, sorrindo nas pupilas exaustas.

A Cruz Vermelha quer e ama a vida. Sim, a vida, dentro de modelos elevados, essa vida que a agressão nega; que a guerra de conquista desmente nos seus pretextos, ainda que tomem o nome de espaço vital; que a guerra de confisco apostrófa sob o disfarce de expressões que o engenho sofisticado eleva à categoria de princípios políticos; que a guerra, afinal, expressão de violência, pretende, porém, não poderá, jamais, matar, porque ela, a guerra assim considerada, é que morrerá logo que prevaleça, decisivamente, o primado da moral e do direito entre os homens.

Corre, meus Srs., à Cruz Vermelha, neste momento de angústias supremas, para tomar, em seus braços amorosos, a nação polonesa, quasi agonisante sob os golpes do invasor.

Como fúrias descabeladas passam as legiões.

Prendem, fusilam, desterram e arrazam. Pelas largas planícies nevadas, ondula a horda sinistra, na cintilante floresta das baionetas e, à sua passagem, reben-tam caudais de sangue, e cobre-se de luto a civilização. Ruem tradições, as mais respeitáveis e puras; abatem-se direitos, os mais firmes e inconcussos; dá-se caça à cultura, como se ela fosse uma entidade nosológica repugnante, e cai, sob a consternação geral, afinal, a Águia Branca, vencida e espoliada, essa Águia que fez e tudo faz «pela sua e pela alheia liberdade.»

O poema que a Polónia eterna tem escrito com o sangue de seus filhos, no decurso de sua existência romântica e atormentada, não está só no seu pasmoso espírito de obstinação, de defesa do direito de ser livre, que exercita com as armas em punho. Subjugada a potência militar, atropelado o Estado em sua soberania, derrotada no ar, no chão e no mar, por exércitos mais fortes; exilados os seus soldados; fuzilados os seus valores intelectuais, dos seus pagos tranquilos banidos os seus camponeses, outrora alegres na sua faina e nos seus baila-

dos interessantes; barbaramente surrados os seus patriotas; famintos e rotos os seus velhos, as suas mulheres e as suas crianças, e, ainda, tangidos, em fieira, pela estrada dolorosa de países estranhos; quando, afinal, tudo, tudo parece estar irremissivelmente perdido, ainda o coração se lhe ilumina gloriosamente da chama da fé e da esperança. Não está morta a Polónia heroica!... Onde quer que estejam, meus Srs., esses peregrinos do infortúnio, ilotas dos mais desventurados; filhos separados dos pais; as mães, das filhas; a família esfacelada; em ruínas, a casa; desfeito, em pó, o templo de suas crenças; pois bem, em cada peito de polono canta ainda, canta sempre, eternamente cantará o hino da liberdade apetecida, o hino da pátria indestrutível.

Lê-se, com claresa, a sua historia épica nos numerosos monumentos de arte, que lhe adornaram, num toque de remarcada cultura, as cidades, e que a mão rude do conquistador pulverizou para lhe exponenciar a agonia, se não suprimir-lhe a unidade do espírito nacional. Foram-se as suas lindas estátuas, as belíssimas estátuas dos seus heróis, dos seus sábios e dos seus poetas. As telas do mais subido valor, por outro lado, quasi todas desapareceram. Das suas bibliotecas, coleções valiosas sumiram.

Até a imagem de Cristo já foi, pela de Hitler, substituída. Não é só. Nem eu vos poderia, por falta de tempo, dizer-vos o ról de sofrimentos inflingidos à grande martir do Báltico. O proprio mês de Maria, por imposição dos opressores, outrora decorrido entre sinos e salvas, hoje transcorre, murcho e frio, sem os cânticos e sem as cerimônias que tanto o enfeitam, e que tanto elevam, tornando-a mais feliz e confiante, a alma religiosa dos poloneses. Ainda não basta, Srs.! Vai mais alto o gemido na craveira da dôr. O regime alimentar, tão deficiente, de início, por efeito de um racionamento extremamente rigoroso, golpe premeditado contra a hi-

gidez orgânica do povo dominado, caíu, ultimamente, de padrão, e de tal maneira desceu, que, na cidade de Czestochown, — custa acreditar-se! — desapareceu a carne de vaca, substituída pela carne de cachorro...

Não é possível infortúnio maior, Srs.! Mais de um milhão de poloneses, vindos da Sibéria frígida, estendem os seus braços súplices para as Américas. Estão livres já, mas necessitam, urgentemente, de pão, de roupa e de medicamento. Querem um pouco mais do que têm no corpo cambaleante — farrapos que o frio terrível atravessa e lhes morde a carne machucada, — e um pouco mais de alimento além da sôpa magra, para que não fiquem no gelo russo, de uma vez para todo o sempre.

Eles se voltam para nós, suplicam, entrecortada a voz na garganta pelas lágrimas, à Cruz Vermelha.

Ouçamos, ouçamos com prestesa e com carinho, o seu clamor, dos aflitos e dos desesperados. Que nos guie, a nós, americanos, o belo, o admirável exemplo de Florence Nightingale, de Clara Barton e de nossa insigne patrícia Ana Nery, nas célebres campanhas da Criméa, da sucessão e do Paraguai, nomes que brilham intensamente na consciência universal, como pioneiras da bondade no incêndio infernal das guerras.

A guerra de conquista!... Não é porem este o momento do seu estudo, escassa é a hora destas palavras, mas é sempre asado o momento para profligá-la com todas as veemências de nossa alma. Entidade teratológica que o gênio do mal configurou para o desespero do mundo pacífico e construtor, viva ela, ou não, como os monstros antidiluvianos das espécies extintas viveram, sob o rigor das leis biológicas, adivinhamos, entre tanto, a sua morte próxima, últimos, talvez, são os seus paroxismos, os que estão vendo os nossos olhos e sentindo os nossos corações.

Dessa amarga, dessa terrível experiência, a maior de

quantas têm, até hoje, assaltado os homens, hão de assomar, mercê de Deus, piedosos sentimentos que, amanhã, se integrarão no patrimônio de bondade e de amor do coração humano.

Ergamos para o alto os nossos olhos, encaremos de fito a Moral e o Direito, e tenhamos fé nas únicas forças capazes de evitar a calamidade das guerras. Códigos da perfeição, neles haveremos de encontrar a terapêutica adequada para impedir a evolução do processo delirante que compromete profundamente o organismo universal.

Sim, Srs., somente nas leis morais e jurídicas, poderíamos encontrar, para empregarmos a linguagem vigente da moderna fisiologia, as vitaminas da ordem, sementeira da paz, estimulante dos órgãos da vida coletiva, dentro de novas molduras, mais perfeitas e elevadas.

Sonhamos? Talvez não... Vivendo sob estes céus que fascinam pela beleza do sol; movendo-nos dentro de um painel formosíssimo, onde riquezas incalculáveis já vão sendo largamente aproveitadas pelo tino esclarecido dos que nos governam, não é, logicamente admissível nos ensombre a alma o ceticismo dos vencidos e, muito menos o derrotismo, filho malsinado da traição e da deshonra.

Creemos firmemente na era próxima, no advento dos novos tempos em que a paz, fundada na moral e no direito, estruturada pois, nos princípios de justiça e liberdade da Carta do Atlântico, reinará por todos os quadrantes da terra.

Eis porque te acompanhamos, com lágrimas nos olhos, Polónia heroica, na ascensão do angustioso calvário que vences, em que te lanhas a carne, como ímpia crucificada, tu que brilhaste sempre no cavalherismo, na lealdade, no amor à justiça, dos teus filhos, dos teus sábios e dos teus generais.

Nós te exaltamos no martírio do teu destino — via dolorosa que palmilhas neste instante — dentro e fóra das tuas fronteiras, Polonia gloriosa! Aqui estamos, nós, matogrossenses, com o mesmo entusiasmo, a mesma vibração intensa que sacode toda a alma americana, para te dar o afago sincero da nossa maior simpatia e tudo, tudo fazer, Aguia Branca ferida, para que distendas de novo e quanto antes as tuas azas possantes, no vôo altaneiro que vinhas desferindo atravez dos aplausos calorosos da civilização.





O nome JOÃO em Mato-Grosso

PHÍLOGONIO CORRÊA

A influência das pessoas portadoras do nome — João, — tem sido notavel no desenrolar dos fenómenos políticos e sociais da história matogrossense. Bôa e iná, os narradores dos nossos acontecimentos têm joeirado essa influência, desde os primórdios dos nossos tempos coloniais, na éra das entradas bandeirantes, até os dias que vão correndo. É abundante a colectânea.

Juan de Ayolas foi um dos mais intrépidos devassadores do território sul-americano, desde o Paraguai até o Perú, passando por Mato-Grosso.

João Leme devia passar à história tristemente celebrizado na faina da nossa mineração, como «aventureiro coberto de crimes», na frase de Paulo Setúbal.

Na monção de 1730, em que viajava o Dr. Lanhas Peixoto, João Lopes, «moço pobre e europeu», regressava de Cuiabá. Adoecendo em caminho e esfomeado, «fica impossibilitado de ajudar a varação», sendo lançado em terra como trambolho. Atacado por um tamanduá, próstra o bicho a porretadas, matando a fome com a carne da féra, carne essa que demoveu, no dia seguinte, o patrão de uma nova monção que subia à mingua de mantimentos, a receber o abandonado, que foi salvo, enquanto os que o despresaram morriam de fome ou febres.

João de Carvalho Silva, «homem riquíssimo» mas querendo ainda mais, abalou-se para Cuiabá. Perdeu tudo voltando «roto como um mendigo». Tudo isso no reinado de D. João V.

Em 1746 o sargento-mór João de Souza Azevedo, desde o rio Jaurú, realiza «uma travessia arrojada com destino ao Pará». Regressou «pela via do Madeiro, após 3 anos de ausência».

Em Novembro de 1749 chegou a Cuiabá o Dr. João Antonio Vaz Morilhas, nomeado ouvidor da Comarca. Foi suspenso a 20 de Dezembro de 1755 por não ser «muito limpo de mãos» sendo, entretanto, «incansavel no seu ódio e vingança».

João de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres que, em 1789, substituiu a seu irmão Luiz de Albuquerque no governo da Capitania de Mato-Grosso, sucumbia de febres em 1796, depois de ter, em 1791, recebido a submissão do chefe índio João Queima de Albuquerque, chefe guaicurú. João de Albuquerque era cavalheiro da ordem de S. João da Malta.

João Carlos Augusto d'Oeynhausen de Grovenberg, chegado a Cuiabá em 1807, feito governador da Capitania de Mato-Grosso, «ao deixar o governo tinha grangeado a simpatia popular», tendo sido «fecunda a sua administração», assignalada principalmente com as fundações dos hospitais de S. João dos Lázaros e de N.^a. S.^a. da Conceição.

Os acontecimentos da «Rusga» celebrizaram o nome do Cel. João Poupino Caldas. No governo da Provincia de Mato-Grosso desde 26 de Maio até 22 de Setembro de 1834, foi durante o seu governo «que se desdobraram os tristes acontecimentos».

João Augusto Caldas, filho de Poupino, preferiu a vida calma do gabinete e do estudo das nossas cousas à vida agitada de seu pai, deixando inéditos vários trabalhos sobre história e geografia de Mato-Grosso.

O Major João Carlos Pereira Leite, senhor do sítio da Jacobina, em S. Luiz de Cáceres, e fundador da fazenda Descalvados, era filho do Cel. de milicias João Pereira Leite, de grandes serviços à zona fronteira do ceste matogrossense. O Major João Carlos tem, na sua vida, prós e contras reveladores da sua indomavel força de vontade.

João Baptista de Oliveira, Barão de Aguapeí, chefiou por longo tempo, o Partido Liberal, foi vice presidente da Provincia, por vezes em exercício, comandante superior da Guarda Nacional e diretor dos índios. Seu sobrinho, de igual nome, foi negociante abastado, vereador e deputado à nossa primeira Constitu-

inte; e o filho d'este último, ainda do mesmo nome, vive ainda entre nós, pai de numerosa família, representante da poderosa Companhia "Mate Larangeira", à qual vem emprestando especial e merecida dedicação.

O Dr. João José Pedrosa, nomeado a 17 de Abril de 1878, Presidente da Província de Mato-Grosso, tornou notado o seu tempo de administração como «um periodo de trabalho e de moralidade».

O Coronel João Nepomuceno da Silva Portella, falecido em S. Luiz de Cáceres no ano de 1864 deixou, de sua pessoa, «as mais gratas recordações».

Do mesmo conceito gozou o Cap. João da Silva Porto, falecido em Cáceres em 1889, como estimado «médico da pobreza».

João Severiano da Fonseca é bastante conhecido com a sua "Viagem ao redor do Brasil".

Em 1849 o Cel. João José da Costa Pimentel «assume a Presidência e o Comando das Armas de Mato-Grosso», onde «apenas colheu mágoas e dissabores».

O Comendador João José de Siqueira, proprietário do sitio do Buriti, foi político destacado na zona da Chapada, onde deixou numerosa descendência.

N'essa mesma zona da chapada com 116 anos de idade, faleceu «o antigo pedestre João Martins Baunilha, em 1874.

Em 1847 assume a Presidencia de Mato Grosso o Dr. João Chrispiniano Soares, tendo permanecido no cargo apenas um ano, «tempo que lhe bastou para mostrar-se inhabil e politiqueiro».

O General João de Oliveira Mello foi o herói da resistência em Coimbra e da retirada de Corumbá, durante a invasão paraguaia.

O Cel. João de Souza Ozorio, destacado por sua austeridade e amor ao trabalho, celebrizou-se com o assassinato do Dr. Pereira e consequente evasão da prisão para o sitio do "Mutum".

Em 1887 falece em Cuiabá o cirurgião reformado do exército João Adolpho Josetti, pai de numerosa família, inclusive do médico de igual nome. Pai e filho foram habéis e ilustres operadores.

João Guarim de Almeida foi funcionário exemplar e deputado à Assembléa Provincial.

O Tte. Cel. João de Souza Neves era considerado o imediato do Barão de Diamantino na chefia do Partido Conservador. Foi vereador e deputado à Assembléa Provincial. Nessa Assem

bléia teve como companheiro o Cap. João da Costa Teixeira, morador no sítio de Sucuri.

O advogado João Maria de Souza desempenhou vários cargos administrativos e foi deputado à nossa Assembléia Provincial e à nossa primeira Constituinte. Teve, ainda, ativa colaboração na imprensa indígena.

Os coroneis João Antonio Nunes da Cunha, filho do Barão de Poconé, e João Epifânio da Costa Marques, tiveram destacada atuação na política de Poconé, onde morreram abastados como comerciantes e criadores.

O mesmo aconteceu, na cidade de S. Luiz de Cáceres, ao Cel. João Ferreira Mendes.

O Marechal João Nepomuceno de Medeiros Mallét, governador de Mato-Grosso em 1891, na época do Governo Provisório, foi o creador das coletorias dos rios Madeira e S. Manoel. Durante o seu governo foi promulgada a nossa primeira Constituição Republicana. Como Ministro da Guerra do Presidente Campos Salles, cometeu, ao então major Candido Mariano da Silva Rondon, a incumbência da construção de linhas telegráficas para Corumbá, Coxim, Aquidauana, Miranda e Nioaque, determinando ainda a abertura de uma estrada de rodagem ligando os Estados de Mato Grosso e Paraná, incumbindo da chefia d'essa construção o Tte. Cel. de engenheiros Caetano Manoel de Faria e Albuquerque.

João de Deus Leite e João da Silva Pereira, foram operários competentes, honestos e dedicados, modelos da classe proletária, representada pelo último, como vereador, na Câmara Municipal de Cuiabá.

O Cel. João Lima, foi companheiro do Comendador Thomaz Larangeira na iniciativa da indústria do mate, e um dos pioneiros da fundação de Ponta-Porã, em cujo município fundou próspera fazenda de criar.

O Cel. João de Almeida Castro, a figura central na fundação de Aquidauana, a cujo desenvolvimento dedicou o máximo carinho, ocupou, nesse município, os mais destacados cargos eletivos e de nomeação. Foi, igualmente, deputado à Assembléia Estadual e vice-presidente do Estado.

O Desembargador João Martins França, era natural do Rio Grande do Sul, onde faleceu aos 86 anos. Exerceu ali vários cargos de magistratura, passando-se depois para Mato-Grosso onde foi desembargador, sempre reconduzido para a Presidência do nosso Tribunal da Relação.

O Coronel João Ferreira Mascarenhas, caudilho ousado e destemeroso, dirigiu, no sul de Mato-Grosso, vários movimentos armados, nos quais ganhou fama de valente e sanguinário. O de 1896 determinou o éxodo de vários elementos de valor no município de Nioaque, destacando-se, entre os retirantes, o Capitão João Caetano Teixeira Muzzi, que abandonou as suas propriedades em Mato-Grosso, passando a viver em Conceição do Paraguai. O Cel. Mascarenhas foi morto no combate de Taquarussú pelas forças comandadas pelos Coroneis José Alves Ribeiro, Felipe de Brum e Zózimo Francisco Gonçalves. Mascarenhas foi deputado, vice-presidente da Assembléia Estadual e vice-presidente do Estado.

O Cel. João Pais de Barros, um dos muitos filhos do Comendador Joaquim José Pais de Barros e sucessor de seu pai na propriedade da usina da Conceição, por motivos políticos-partidários desligou-se do Partido Constitucional, chefiado por seu irmão Cel. Antonio Pais de Barros, proprietário da usina do Itaici. Esse desligamento e a sua condição de vice-presidente, substituto do Presidente do Estado, foram habilmente aproveitados pelo Cel. Generoso Ponce, chefe do Partido Republicano, em oposição à situação dominante em Mato Grosso. A aproximação entre o Cel. João Pais e o Cel. Generoso Ponce determinou o movimento armado de 1901 e os deshumanos massacres da Baía do Garcez.

Ainda consequência da agitação produzida pelo movimento de 1901, forças fiéis ao governo do Estado atacaram a fazenda de propriedade do cidadão João Antonio Pimenta, no S. Manoel, onde se achavam homisiados o Cel. Antonio Cesário de Figueiredo, o Tte. Cel. João Lourenço de Figueiredo, o dono da propriedade, um seu filho de igual nome e o jovem Nuno Anastácio Monteiro de Mendonça. O proprietário, um filho e Nuno de Mendonça, foram mortos, sem que resistência alguma tivessem oposto. Os Coroneis Cesário de Figueiredo e João Lourenço, com muita dificuldade conseguiram fugir a igual destino.

O período de domínio do Cel. Antonio Pais de Barros, atraíu para Mato-Grosso grande leva de aventureiros políticos, destacando-se na turma o Dr. João Francisco de Novais Pais Barreto, ponderado e culto, nomeado Secretário do Governo e d'aqui despachado como deputado federal, o Dr. João Rodrigues do Lago, que teve significativo bóta-fóra a traques e assovios e o Dr. João de Aquino Ribeiro, tornado genro do Cel. Pais de Barros, deputado à Câmara Federal e apontado como um dos maiores responsáveis pelo massacre da Baía do Garcez.

Essas levadas aventureiras, inspiraram a poesia de Frederico

de Oliveira o — Zé Capilé, creador da denominação de — Páus rodados, para o filho de fóra desocupado, vindo para aqui explorar a politicagem sem escrúpulos. É de Zé Capilé a seguinte quadra caipira :

*« E depois a canaia de fóra
Páu rodado que aqui encaiô
Priquitada em redô do governo
A chupá todo o nosso suô ».*

Em época de tanta agitação, foi digna a atitude do Dr. João de Moraes e Matos, Juiz Federal, sempre no propósito de amenizar os ânimos. Filho do Desembargador Firmo José de Matos, chefe do Partido Liberal e negociante abastado, o Dr. Moraes e Matos, ainda muito jovem, foi eleito deputado geral, não vingando essa eleição por ter sido a República proclamada quando o eleito viajava para a Côrte. Substituindo, posteriormente, o Dr. José Maria Metelo, no cargo de Juiz Federal em Mato-Grosso, ficou destacado principalmente como Juiz executor do Acordão do Supremo Tribunal Federal resolvendo a questão de limites entre Mato-Grosso e Amazonas. O Dr. Moraes e Matos faleceu, há pouco, no Rio, tendo sido um dos maiores estudiosos das nossas cousas.

O engenheiro militar João Baptista de Oliveira Brandão Junior veio a Cuiabá na agitada época de dominio do Cel. Antonio Pais de Barros. Inteligente e habil exerceu notavel influencia no ânimo d'aquêle político, tendo assistido, na usina da Conceição, à separação dos políticos que se destinavam à Baía do Garcez. Em 1906 já adversário do Cel. Pais de Barros, foi o organizador da Divisão do Norte das forças que operaram contra aquêlê coronel no movimento armado chefiado pelo Partido da Coligação Matogrossense. Deputado celetinista por ocasião da memoravel — Questão do Mate —, abandonou a questão na Assembléia Estadual, para aceitar uma comissão que lhe foi oferecida pelo Presidente Costa Marques, nos trabalhos de demarcação de limites entre Mato-Grosso e Amazonas. Deixou bom nome como trabalhador e culto, na sua passagem pela Intendência Municipal de Corumbá.

João Pedro Dias, de uma tenacidade invejavel e de robusta fé no éxito dos seus empreendimentos, não descansou enquanto não viu as primeiras iniciativas para o aproveitamento da energia hidráulica do rio da Casca Á sua coragem e à sua perseverança devemos, ainda, a instalação da Empresa Telefônica de Cuiabá.

Amortecedora de choques foi a atuação do Gal. João Pedro Xavier da Câmara, comandante do 7º distrito militar, com Quartel General em Cuiabá, por ocasião da vitória do Partido Constitucional a 10 de Abril de 1899. Por ordem superior e em virtude de acefalia do governo do Estado, empossou, como Presidente do Estado, ao vereador Cel. Antonio Leite de Figueiredo.

O movimento armado de 1899 foi feito para impedir o reconhecimento, pela Assembléia do Estado, do Dr. João Felix Peixoto de Azevedo, engenheiro distinto, de excelentes qualidades pessoais, mas inteiramente alheio da vida política no seu Estado natal.

Logo depois dos lamentáveis acontecimentos de 1901 exerceram destacada influência junto à colônia rio-grandense radicada no sul de Mato-Grosso, os Drs. João de Barros Casal e João Abott, ilustres políticos gaúchos.

O Desembargador João Beltrão de Andrade Lima praticou à vontade o principio do juiz político, defendido pelo Desembargador Armando de Souza. Juiz e Chefe de Polícia, desembargador e advogado, conforme estivesse em exercício ou não do seu mandato julgador, afirmou-se sempre uma bela inteligência, delicado *causeur* e de esmerada educação.

João Bento Rodrigues de Lima, agitador e agitado, acreditava-se, na sua profissão de barbeiro, um egresso das posições de mando, defensor natural dos, sempre violados, direitos dos humildes. Assim sendo, promoveu contra o Intendente Avelino de Siqueira, em quem via o mandante de um principio de incêndio havido na sede da Câmara Municipal, uma feroz campanha demolidora. O mesmo fez contra o Major Manoel Francisco Lopes, comandante da Força Pública do Estado, acusado por João Bento de ter mandado assassinar o Cabo Romeu de Tal. Romeu apareceu depois, vivo e são, tendo essa campanha valido ao agitador uma agressão, em sua própria barbearia, levada a efeito por praças de policia a paisana. Revidando o atentado, agrediu, no Campo de Ourique, onde se realizavam animadas touradas, o Comandante da Polícia, provavel mandante da agressão. Sob o fundamento de protestar contra a exagerada alta dos gêneros de primeira necessidade, promoveu, contra o Intendente Cel. Antonio Manoel Moreira, concorrido *meeting*, habilmente envenenado por politiquieiros, que já falavam em liquidar os açambarcadores, distribuir, pelo povo, os gêneros guardados e libertar os escravizados nas usinas. João Bento faleceu em consequência de ferimentos recebidos em luta com um popular.

O Cel. João Pedro de Arruda, desde bem moço, teve posição de destaque em Mato-Grosso. Proprietário da uzina das "Flexas" e genro do Cel. Generoso Ponce, bem cedo foi deputado e comandante superior da Guarda Nacional, em diversas renovações. Mesmo com tais ligações pessoais, nunca pôde ser, por temperamento e orientação, um político passivamente disciplinado, sobrepondo sempre o seu critério às tão apregoadas conveniências políticas. Fez parte, com Serra Pulchério, Christião Carstens, João Cunha e Vieira de Almeida de uma das turmas mais brilhantes do Liceu Cuiabano.

O desembargador João Carlos Pereira Leite, de ilustre e tradicional estirpe cacerense, fez muito, tudo deu e também muito sofreu, pelas lutas políticas no Estado. Genro do Barão de Diamantino, sofreu as consequências dos desmandos partidários desde o dia das suas nupcias, quando foi preso. Solidário com a atitude do Cel. Generoso Ponce, depois dos acontecimentos de 1901, transferiu-se, com a família, para Santa Catharina, onde foi logo convidado para Secretário Geral do Governador Lauro Müller. De regresso ao Estado natal foi desembargador e representante de Mato-Grosso na Câmara Federal. Tendo sido rico morreu quasi pobre por não saber negar. As modestas recomendações por ele feitas para o seu enterramento, são as de um crente sincero e sem vaidades. Como Caxias, quis ser carregado por praças de pré de bom comportamento.

O almirante João Baptista das Neves immortalizou-se com o seu martírio em cumprimento do dever a bordo do "Minas Gerais".

João Pécora e João Baptista de Figueiredo, foram espertos auxiliares da Casa Orlando e da Casa Alemã, na compra de borracha e poaia.

A permanência do Gál. João Cezar de Sampaio em Corumbá, em 1903, produziu «os melhores e mais salutareos efeitos, quer no tocante à soberania nacional, que foi respeitada em toda a sua plenitude, quer quanto à ordem local, profundamente modificada pela sua ação enérgica e inteligente.»

O Pe. João Xavier da Silva, pároco do Rozario-Oeste e depois de Santo Antonio, rendeu mais culto a Dionisio do que ao verdadeiro Deus. Expoente da licença entre o clero secular de Mato-Grosso, era mais assíduo e popular nos folguedos públicos do que nas cerimônias religiosas.

O Pe. João Balzola, filho dedicado de S. João Bosco, foi grande apóstolo do selvagem matogrossense, digno continuador

de João de Aspilcueta Navarro. Até o seu tom de voz era já o de um perfeito boróro.

Monsenhores João Baptista Couturon e João Baptista Dureneuf honram às ordens religiosas a que pertencem, pela dedicação ao apostolado que lhes coube no Araguaia e em Diamantino.

O Cel. João Baptista de Almeida Filho foi capitalista abastado e um dos mais arrojados desbravadores da nossa zona Norte, na exploração da borracha. Vice-presidente do Estado no quadriênio do Coronel Antonio Pais de Barros e no advento da Coligação Matogrossense, decaiu, na velhice, em consequência da depreciação do valor do ouro negro, do seu antigo esplendor econômico. A maledicência popular atribuiu essa decadência a azar consequente da adjudicação, por 50:000\$000, da usina do Itaiçi, no inventário do espólio do coronel Antonio Pais de Barros, financiado pelo coronel Almeida Filho, para a compra das máquinas da referida usina.

João Christião Carstens e João Antonio Rodrigues, foram políticos ardorosos e advogados de nota no fóro de Corumbá. O primeiro foi ainda eloquente deputado estadual em diversas legislaturas, dinâmico Intendente da Cidade Branca e Chefe de Policia do Presidente Anibal de Toledo.

João Vieira de Azevedo, proprietário da chácara "S. João", ao lado do porto da Barca Pêndulo, à margem direita do rio Cuiabá, foi político e chefe do partido obediente ao Cel. Generoso Ponce, no distrito de Varzea Grande. Parte de sua propriedade foi vendida ao Estado para séde do Campo de Demonstração.

João Luiz Pereira, pai de numerosa próle, foi exemplar chefe de família e herói do Combate do Alegre, onde foi ferido. Pela sua bravura foi feito Cavaleiro da Ordem da Rosa e condecorado com as medalhas de "Constancia e Valor" e geral da campanha, com passador de prata. Era ainda Capitão honorário do exército.

João Sardi foi construtor da firma Sardi & Irmão, a cuja competência e operosidade Cuiabá muito deve.

João Dias de Melo foi um tipo vadio, de firmeza partidária. De linguagem incontida e diariamente alcoolizado, berrava pelas ruas a sua dedicação à agremiação partidária do Cel. Generoso Ponce. Preso inúmeras vezes e muitas vezes espancado, gritava sempre: — «Poncista até morrer».

Outro tipo popular, inteligente, espirituoso e inofensivo, foi o do alienado João Osorio, barbaramente enforcado em Barra

dos Bugres pelas forças de Siqueira Campos, vanguarda vandálica da coluna Prestes, só porque, preso e perguntado como queria morrer, respondeu na sua inconsciência: — «Quero morrer como Tiradentes».

O Dr. João da Costa Marques foi o Secretário da Agricultura na administração do seu primo o austero e calmo Dr. Joaquim Augusto da Costa Marques. Contra esse Secretário foram desferidas as maiores diatribes dos órgãos da imprensa oposicionista e também do periódico católico "A Cruz", que o acusavam de deslises nos negócios públicos. Alguns partidários e amigos pessoais do Dr. João da Costa Marques planejaram, em sua desafronta, o empastelamento da "A Cruz" e a agressão ao seu diretor. A atitude decidida de Frei Ambrosio Daydée, então na direção do órgão católico, e a de seus amigos, e ainda a veemente reprovação do premeditado atentado, em telegrama urgente do Presidente Costa Marques, na ocasião ausente de Cuiabá, fizeram abortar a intentona.

O Cel. João Celestino Corrêa Cardozo, atual proprietário da usina da Conceição, foi o logar-tenente do Coronel Pedro Celestino Corrêa da Costa na direção do partido Republicano Matogrossense, Partido Perrengue. Anteriormente coletor no extremo norte do Estado foi acerbamente criticado no caso da encampação, pelo Presidente Generoso Ponce, da concessão Machado-Jamari, na zona seringueira banhada pelos rios que deram nome à concessão. Posteriormente, em consequência do acordo político celebrado pelos partidos chefiados pelo Senador Azeredo e pelo Cel. Pedro Celestino, representou Mato-Grosso na Câmara Federal, tendo sido o seu mandato renovado. Como vereador presidiu a Câmara Municipal de Cuiabá.

O Dr. João Frederico Wasington de Aguiar, casado, em S. Paulo, com uma filha do ex-senador por Mato-Grosso Dr. Aquilino do Amaral, desquitou-se, aqui ligando-se à gorda Lucia Alcorta, matreira e voluntariosa, de preferência procurada pelos candidatos a negociatas na Repartição de Obras Públicas, onde Wasington era diretor.

O Dr. João Villasbôas tem sido um advogado inteligente, um político de prestígio, de rara têmpera de lutador, parlamentar e jornalista combatente, fortemente agressivo e fluente. Oposicionista de vérvé e veneno e situacionista de liderança, tem amigos dedicados e ferozes inimigos. Representante de Mato-Grosso na segunda Constituinte Brasileira e Senador da República, d'este último cargo foi apeiado pelo golpe d'Estado de 10

de Novembro; sendo entretanto aproveitado, logo depois, no Conselho Federal do Trabalho. Depois que móra no Rio e antes de 10 de Novembro, as suas repetidas viagens a Mato-Grosso foram, quasi sempre, prenunciadoras de tempestades. Entrou na vida política com posto de destaque, liderando a sua bancada na Assembléa Estadual. Para êle póde ser adotado o autoepitáfio de Sila: «Ninguem fês mais bem aos amigos nem mais mal aos inimigos».

João Febrônio de Cerqueira Caldas e João Batista da Silva foram curandeiros muito procurados pelos pobres. O primeiro, mais estudioso, apenas applicava homeopatia à sua vasta clientela. O segundo, bem mais charlatão e mais atrevido, receitava garrafadas de raizes em infusão no alcool. A alguém, que lhe queixava de cocceiras com erupções, diagnosticou imediatamente: — «Isso é morfêia braba, de facil cura. Vou-lhe preparar um litro de pinga com caiapiá».

João Augusto de Oliveira foi official honorário do exército e, num largo período de tempo, esforçado inspetor de linhas telegráficas. Dos seus dous consórcios, deixou numerosa prole.

João Nunes da Cunha foi poeta e colaborava na imprensa com o pseudônimo de *Senun*.

João Francisco de Arruda foi industrial, proprietário de engenho de transformação dos produtos da cana de açúcar e João Bem Dias de Moura, que ainda vive, foi criador na fazenda "Baía dos Pássaros", que vendeu para melhor atender à educação de grande número de filhos, frutos de dois consórcios.

João Evaristo Curvo foi deputado à Assembléa do Estado e ainda é comerciante e prefeito na cidade de S. Luiz de Cáceres, onde reside.

João Balduino Curvo, sócio da firma Curvo & Irmãos, tinha frequentes dúvidas com os vendedores de gado. Discutia, de uma feita, com um d'esses, quando vem uma pretinha trazendo uma bandeja com duas chécaras de café, que apresenta ao dono da casa.—Rapariguinha, diz este; quantas vezes tenho dito que as visitas por peor que sejam, devem ser servidas em primeiro lugar? Sirva aqui a siô Sinjão.

O tabelião João Pereira Leite é notário inteligente e grande entendedor da arte tipográfica, em cujo trato começou a vida, no estabelecimento "Avelino de Siqueira". Amigo dos prazeres da mês, percorre diariamente armazens e casas de frutas em cata de gulodices, colhendo nessas perambulações, e ainda entre os frequentadores do cartório e das audiências, farta mêsse de infor-

mações diárias, enriquecedoras do seu vasto anedotário sobre a vida da cidade. Quem o vê gordo, pacato e despreocupado na indumentária, não sabe que esse d'satavio esconde nêle uma organização leal, franca e de muita cultura. Quando ouve parvoíce de pedante improvisado, resmungá com má cara. O comentário vem depois, muito pacatamente.

João Cunha, ainda cedo roubado ao carinho da família e ao convívio dos amigos, deixou aos filhos a mais bela herança: um nome honrado de trabalhador leal e de honestidade sem jaça. Fazendo com brilho, numa turma de escól, o currículo do Liceu Cuiabano, seguiu para o Rio no intuito de cursar uma academia de ensino superior. O pai, a esse tempo abastado e gastador e por isso alcunhado — João Califórnia —, para lembrar as ricas minas da Califórnia que estavam sendo exploradas nos Estados Unidos, desejava que êle fosse militar. Por temperamento ou dificuldades na matrícula, João Cunha não entregou a farda, abraçando a profissão de guarda-livros numa das principais casás cariócas. D'ali foi convidado para igual cargo no estabelecimento de Cuiabá, do Cel. Generoso Ponce. Conseguindo alguma economia estabeleceu-se com casa própria, no segundo distrito, posteriormente associado a Matheus Viegas. Não lhes correndo bem os negócios, dissolveram a sociedade entregando-se João Cunha à política e ao jornalismo. Na imprensa foi um dos fundadores do "O Pharol" e depois da "A Reação", órgão da "Liga Matogrossense de Livre Pensadores", da qual foi presidente. Como redator principal do "O Mato Grosso" e da "A Colligação", foi o forte esteio d'esses periódicos em jornadas memoráveis. De estilo leve e apurado, de espírito delicado e fino, firme na polêmica, nunca, entretanto, chafurdou a sua pena no charco das retaliações pessoais. O mesmo fês na Assembléia Estadual, onde teve assento em diversas legislaturas e onde secretariou e presidiu. Era o deputado dos bons pareceres: criteriosos, ponderados, eruditos e completos. Nada, entretanto, de eloquência tribunícia. Era incapaz de um discurso e mesmo de um aparte.

— Se atacarem um parecer de sua autoria você não o defende? perguntei eu certa vês.

— Quem quiser que responda; eu fico quieto.

O seu maior tormento literário foi a obrigação de elogiar o seu patrôno na Academia Matogrossense de Letras. Nessa sociedade e no Instituto Histórico de Mato Grosso, João Cunha era sócio fundador. Chefe de muitas repartições da administração pública e Secretário de Estado nas administrações Caetano de

Albuquerque, Mário Corrêa e Anibal de Toledo, foi sempre de exemplar escrúpulo na sua atuação.

— Hontem fui convidado para uma velhacaria rendosa, contou êle; mas se eu, até hoje, não tratei d'isso, não será na velhice que hei de principiar.

E sorria com simplicidade.

O Dr. Mário Corrêa, à mingua de um João de intimidade quando foi eleito Presidente pela primeira vez, trouxe um, João ou Jerci. Como professor do Liceu Cuiabano, briga sempre com o diretor que lhe encerra o ponto e remete as faltas para o Tesouro; mas foi um vitorioso na "A Voz do Oêste", eloquente atestado de inteligência e esforço. Faz lembrar o Manoel Bodstein: tabelião claudicante mas exímio armador de presépios.

João Barbosa de Faria, recentemente falecido no Rio de Janeiro, foi um devotado etnólogo da Comissão Rondon, sócio fundador do Instituto Histórico de Mato-Grosso e da Academia Matogrossense de Letras, da qual era representante junto à Federação das Academias. Pesquisou e escreveu muito sobre a nossa história, deixando inédito um valioso trabalho. Era de uma modéstia, às vezes reprovavel.

O Dr. João Ponce de Arruda, ex-Diretor da Repartição de Terras, ex-Prefeito de Cuiabá e Secretário d'Estado nas administrações Ary Pires e Julio Müller, ainda está no palco. No fim da cêna a platéia há de ter o seu definitivo pronunciamento.





NOIVA DAS ARÁBIAS

(Conto)

Lobivar Matos

« Meu caro Macedo :

Recebi seu bilhete em resposta à minha carta e por ele vejo que v. nada sabe a meu respeito, a não ser de ouvir dizer. E isso é um milagre nesta terra onde a gente não pode soltar um . . . na esquina sem que o povo não saiba.

Pergunta-me v. o que há comigo, por que ando preocupado e macambúzio. Antes de lhe contar o que se passa, quero agradecer ao prezado amigo imensamente sensibilizado, a amabilidade de suas expressões e a certeza de, sua confiança em minha amizade e honestidade.

Grato.

V. deve recordar-se, v. que não saía de nossa casa naqueles bons tempos, como eu era um sujeito próspero na vida, feliz, como vivia alegre com o mundo, com a terra e com as criaturas.

Mas você também não ignora que o vida tem altos e baixos e que a gente sobe e desce sem sentir . . . Subi. Agora estou descendo. Aliás, comecei a descer desde quando desceram Aurora à sepultura . . .

Pobre Aurora! V. a conheceu em seus belos dias... Apesar do seu fígado não funcionar a contento, era uma criatura excelente, uma excelente e exemplar esposa. Uma tarde apareceu com dores de cabeça, mal estar, pálida, trêmula. Chamei o Dr. Trancoso nosso médico, e o Dr. Trancoso ao ver-me preocupado garantiu que tudo não passava de uma tempestade em copo de água : uma simples gripe, coisa passageira e comum, de dias. Mas qual, meu amigo ! o exame falhara irremediavelmente. Aurora peorou. O Dr. Trancoso voltou e, pela segunda vez, — ó homem teimoso aquele ! — não acertou com

a doença. Receitou drogas para gripe, para gripe, meu amigo! No terceiro dia o corpo de Aurora, os olhos de Aurora, Aurora inteira amareleceu. Era o fgado, bancando vulcão, atirando tudo para fóra. Desesperado, não esperei mais pelo Dr. Trancoso. Chamei outros médicos e após cinco dias de ansiedade e de agonia, de esperanças e de lágrimas, a junta médica se retirou, sentindo-se, naturalmente, ínfima, miserável, ante os mistérios da natureza humana ou simplesmente pressurosa pelos cobres... Não sei. O que sei é que Aurora fechou os olhos, aqueles olhos verdes, grandes, bonitos. Morreu como um passarinho, abraçada a meu pescoço, pedindo-me encarecidamente que cuidasse dos nossos frutos. E foi descansar para sempre...

Com a doença de Aurora, meu caro, e as tentativas fracassadas para salvá-la, gastei quasi todas as minhas economias. Gastaria tudo, no entanto, para vê-la em pé, ralhando comigo, batucando comigo, lutando com a vida e suas minúcias. Mas, acho que a morte é a única coisa que ainda não se deixou impressionar pelo ouro...

Não é preciso repetir aqui quanto sofri com a falta daquela adorável criatura. Mas, acredito que as crianças sofressem o dobro, pois ficaram entregues a uma série de empregadas de todas as cores, uma peor que a outra. O tempo, porém, é uma coisa cruel: apaga tudo, assim no mole...

Foi o que aconteceu. Terrível!

As crianças cresceram, Cacilda já está casada e o Luiz termina este ano o curso de medicina, contrariando meu gosto. E eu? V. deve saber, embora seja esta a primeira vez que abro o livro de minha vida e assim mesmo o faço para salvaguardar a minha honra de homem de palavra. Continuei a trabalhar, a lutar contra a urucubaca que me perseguia, sempre naquele emprego medíocre. Quinze anos após o desaparecimento de Aurora comecei a pensar seriamente no meu futuro, na minha velhice, no meu reumatismo crônico sem remédio, única herança que herdei de meu pai... Olhava, então, as mulheres com os olhos da carne e nunca pensei em contrair, nem de leve, segundas núpcias, pois em nossos dias, meu caro, quando as mulheres não nos traem pelas costas, fazem-no pela frente, o que, convenhamos, é peor, mil vezes peor.

Mas, deixa estar que o destino tramava contra o seu amigo e a urucubaca agia como agem os "quintacolonistas". Fui perdendo o medo da saia e o receio de encarar a realidade. Também pudera! Não podia supor, nem por sombra, que ela...

Voltemos atrás. Ela sorriu. Um sorriso diferente, meio triste, um sorriso que me agradou imenso. (Engraçado, foi assim que comecei a gostar da Aurora!) E levei um mês ou mais pensando naquela criatura, observando-a como menino de escola, assim como "frango" atrás de "franga", eu, eu, meu caro, que já passei a casa dos cinquenta...

Morava no Meier. Todos os dias viajávamos no mesmo trem e algumas vezes no mesmo banco. (Não é preciso dizer que eu procurava esses encontros fortuitos...) Numa dessas viagens, lembro-me bem, a pretexto não sei de quê, falamos. Era arisca, a princípio, desconfiada, muito desconfiada. Mas que voz! que palestra agradável! que espírito! meu amigo. Fiquei logo impressionado e de uma hora para outra me transformei de água para vinho. Sei lá o que houve dentro de mim, que feitiço me prendeu a essa mulher (v. me perdoe, mas prometi a mim mesmo nunca mais pronunciar o seu nome!) O que sei é que os meninos observaram em mim uma mudança radical em tudo por tudo e adivinharam logo o meu estado e a minha cegueira.

— Isso é paixão, papai? Quem é ela? É daqui da nossa zona? Conte-nos isso... — pediu Cacilda, naturalmente, arranjando jeito para que eu amolecêsse e consentísse, afinal, em seu casamento.

— Tome juízo, papai. Quer se enforçar outra vez? Agora, depois dos cinquenta? — Observou Luiz, aliás, com muito bom senso e lucidez.

Fiquei sério, vermelho, fingindo-me contrariado. No fundo porém achei até engraçada a história dos pequenos adivinharem o que se passava no meu interior. Procurei disfarçar a coisa e menti-lhes que não, que era questão de saúde, de estado de espírito. E nem por isso tomei os devidos cuidados. Todas as noites saía de casa, (o que não fazia há dez anos mais ou menos), pegava o trem e saltava no Meier. Lá no jardim, naquele banco ao lado do corêto, ela já estava à minha espera. Conversávamos um pouco sobre assuntos vários e depois levantávamos e saíamos pelas ruas escuras a sonhar tolices. Uma noite — como fiquei encabulado! — íamos entrando no cinema. O Luiz, parado à porta, nos pegou em flagrante. Sorriu, malicioso e franziu a sobrancelha. Em casa me falou, sério:

— Cuidado, papai, é assim que começa...

Desaforo! um pirralho daquele se meter na minha vida, na minha experiência das coisas e do mundo. Levantei a voz, gritei mesmo:

— Cuide de si, menino, e deixe-me que eu sei onde tenho o nariz...

— É o que o senhor pensa... — retrucou, ironicamente, o rapaz.

Cacilda se meteu na conversa. A meu favor, é claro.

— Papai tem razão, Luiz. Afinal de contas é homem e não está muito velho... além disso mais cedo ou mais tarde nós levantaremos vôo e o que será dele, então? Coitado do papai!

E virando-se para mim, cuidadosa e meiga;

Se for moça boa, case papai, case. Não se incomode com a língua dos outros e com a gente...

Pobre Cacilda! Jamais passara pela sua cabeça que as suas palavras de incentivo me jogariam na mais cruel decepção e amargura de vida!

Desde então, o panorama pintado por minha filha não me abandonava. Era uma casinha miserável, no fundo de um quintal, rodeada de mato e de silêncio. Um velho barbado, só, atirado numa cadeira, às voltas com a solidão e com o reumatismo. O velho era eu.

Era para desesperar semelhante quadro, meu amigo! Desesperou-me.

No dia seguinte minha conversa com... era mais íntima, mais romântica, mais lírica. E uma noite de luar sugeri a minha felicidade:

— Quer casar comigo, bem?

Olhou-me bem nos olhos, apertando-me as mãos, aceitando sem dizer uma palavra sequer. Forcei seus lábios a me responderem.

— Sim! — disse-me, entregando-me a boca.

Não era tão jovem. Contava vinte e oito anos e estava madura, madura de verdade, meu amigo!

Mas, como fui estúpido, cego, cego!

Tem paciência, meu caro Macedo. Esta carta está se tornando qualquer coisa que se não parece carta. Mas, estou me desabafando, contando tudo para que v. me compreenda e perdoe a minha falta.

Vamos adiante.

« Ante a expectativa de um futuro melhor e o consentimento de minha noiva, remoei vinte anos e parecia um rapaz, praticando todos os atos de um jovem cheio de vida, de calor e de paixão. Em casa, então, era outro. Fechei os olhos à pobreza do namorado de Cacilda e consenti que ficassem noivos. Depois preparei a minha filha, arranjei um emprego mais decente para Venâncio e os casei. Dia feliz em minha vida! Lembrei-me muito de Aurora, da pobre Aurora. Foi uma cerimônia alegre e farta aquela. Recordo-me, agora, que v. esteve lá, que me abraçou e aos noivos, que me desejou

felicidades e naturalmente teve a oportunidade de conhecer a minha noiva. Lembro-me, também, que foi nessa noite que lhe dei o primeiro toque sobre o empréstimo que me concedeu.

Mulher é bicho danado. Animada com a felicidade radiante de Cacilda, ela, aquele nariz pontagudo, depois que a festa terminou e de um beijo dado em surdina, levou-me desgraçadamente à parede e à humilhação.

Quando será o nosso, hein, filho? Já estou ansioso por isso... Respondi-lhe que tão logo pudesse, dentro de um ou dois meses... Concordou? Não, meu amigo. Achou muito tempo e como eu lhe ponderasse umas tantas coisas aparentemente justas e justas de verdade, não trocou uma palavra comigo no caminho de sua casa. Ficou muda. Quis saber o motivo. Respondeu-me? Não. Só soube dizer um "nada" seco, injusto, cruel.

No dia seguinte — que noite horrível! — eram oito horas da manhã, ela me toca o telefone. Estava aflita e pediu-me que fosse ao Meier numa carreira.

Fui. Mas, como estava cego, meu Deus!

— Querido: não imagina o que houve! Uma vergonha sem igual... a gente não sabia de nada... papai não nos contou... agora o proprietário veio aqui... conversou com a mamãe e pediu-lhe a casa. (começou a chorar)... não podia esperar mais... três meses em atraso...

Chorava, sentida ou fingidamente, não sei. O que sei é que chorava, chorava muito. Tirei meu lenço do bolso, enxuguei-lhe as lágrimas, comovido e amoroso; fiz-lhe carinhos, pedi-lhe que se acalmasse pois que tudo seria resolvido a contento.

— Mas, como?...

— De qualquer maneira — respondi-lhe, enquanto procurava em vão compreender aquilo. Então aquela grandeza, aquele luxo, aquele ar de grandefinos... Nem passou pela minha idéia que espécie de gente era aquela onde me metera. Julguei-os honestos, bons, criaturas normais e, sobretudo, remediadas na vida. E quis ajudá-las. É certo que havia interesse de minha parte, que eu visava a minha felicidade! Depois — pensei enquanto ela chorava — precisamos montar casa... (a minha, dei-a de presente a Cacilda, com o consentimento do Luiz).

Após pequeno silêncio, sequei as suas lágrimas anunciando:

— Não chore, filha... Arranjaremos tudo isso... Hoje mesmo vamos sair para procurar casa. Nosso casamento, ao contrário do que lhe disse ontem, será no fim deste...

Ela parou de chorar, limpou os olhos no meu lenço, beijou-me, fez-me mil carinhos. A mãe, quando soube da nova, trouxe-me café, biscoitos, o diabo. E enquanto saboreava o cafézinho, repeti para todos ouvirem o meu pensamento. Alugaria uma casa para a família inteira. Ficaríamos com a sala de frente e as demais pessoas ocupariam os outros cômodos.

— Mas, assim não fica bem, seu Nicola! protestou a mãe dela...

— Fica, mamãe, fica...

Concordaram, a custo. Também insisti, afirmei que me daria bem com todos e que meu gesto era desinteressado. Quando estivessem em melhores condições financeiras, se quisessem mudar, que mudassem... Afinal, cederam. Chamaram o pai, ele ficou superficialmente arrependido da patifaria que praticara, alegou transtornos, falta de sorte no jogo e uma infinidade de outras desculpas esfareladas. E não me deixaram sair. Tinha que almoçar. Almocei. Depois do almoço a minha noiva foi se aprontar. Levou quasi uma hora diante do espelho fronteiro à porta aberta para a sala. Enquanto isso, e entre olhadelas para o espelho, lembrei-me que eu possuía pouco dinheiro em casa.

Uma surpresa dolorosa me aguardava, meu caro! Ao aproximar-me da casa reparei que as luzes estavam fechadas. Julguei coisa sem importância, um curto-circuito, por exemplo. Apressei os passos. (Não pense você que fui encontrá-la morta! Antes fosse isso...) Cheguei, afinal. As janelas estavam fechadas, tudo fechado. Batí. Ninguém atendeu. Batí com mais força e o vizinho saiu à janela.

— O pessoal saiu? — perguntei-lhe.

— Uê, o senhor não sabia, não? Os vizinhos mudaram hoje cedo... eram onze horas...

O resto, meu amigo, o que sentí, a revolta que me dominou, v. bem pode calcular nas minhas condições! Não me queixei à Polícia, e o podia fazer, pois até as minhas cuecas eles levaram, para evitar que a imprensa escandalosa explorasse a minha tragédia e me apresentasse ao público como um bobo. Fiquei quieto. Assim permanecerei durante os poucos dias que me restam.

Foi por isso, meu caro, que não lhe paguei a primeira prestação devida e não tive ânimo para, pessoalmente, explicar-lhe a minha grande, a minha primeira e última estupidez.

Do seu infeliz amigo

Nicola».



O ENSINO PRIMÁRIO EM MATO-GROSSO

SUBSÍDIOS PARA O OITAVO CONGRES-
SO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO A REA-
LIZAR-SE NA CIDADE DE GOIÂNIA

Francisco A. Ferreira Mendes

Diretor Geral da Instrução Pública

A EDUCAÇÃO PRIMÁRIA FUNDAMENTAL

OBJETIVOS E ORGANIZAÇÃO

- 1—nas pequenas cidades e vilas do interior;
- 2—na zona rural comum;
- 3—nas zonas rurais de imigração;
- 4—nas zonas do alto sertão.

PROLEGOMENOS

Ao findar, em 1918, a grande guerra, que por espaço de quase um lustro ensanguentou o velho mundo, uma tendência única de renovação social se manifestou em todos os continentes.

A dura realidade da lição a que assistiu a humanidade civilizada, foi um toque de sentido desferido no caos que se estabelecera com o confusionismo de idéias que se alastravam por todos os quadrantes da velha Europa. A renovação é fenômeno essencial da vida. O movimento renovador, enraizando-se no campo da pedagogia, de onde necessariamente deveria iniciar, começou por modificar os princípios educacionais, surgindo, então, novos processos e novas diretrizes, baseados nas numerosas teorias de mestres e sociólogos, sinceramente empenhados na solução do problema vital, que o é, sem

contestação, para os povos modernos, a instrução primária, compreendida em todos os seus aspectos econômicos e sociais.

O problema, encarado em sua dupla finalidade—alfabetizar e educar—passou a constituir objeto primordial dos Governos bem intencionados e cômicos da necessidade da adaptabilidade e integração do indivíduo ao meio social. De simples alfabetização, como era há pouco, evoluiu o ensino primário no país, alcançando feição verdadeiramente social, sob orientação mais concreta e eficiente.

Entregue à diretriz dos Governos Estaduais, independente por completo, do Governo Central, com o advento renovador do movimento de 1930, passou desde logo o ensino primário a constituir matéria precípua da administração nacional, e os assuntos da ESCOLA NOVA, de meras cogitações de esparsos espíritos patriotas, se concretizaram, passando para o campo da verdadeira realidade.

As tendências do espírito brasileiro, foram sempre urbanistas, e a confirmação desta verdade, encontrámo-la em todos os trabalhos educacionais dos mais eminentes educadores e educacionistas patricios. dentre os quais, para só citar dois nomes, M. A. Teixeira de Freitas e Lourenço Filho, baluartes da renovação educacional, unidos de fé na grandeza da Pátria.

Mas, o fim que nos é proposto e que deve ser tratado com franqueza nestas linhas, é o do problema da educação primária fundamental: *objetivos e organização*, encarado de um modo especial em nosso meio e vamos fazê-lo, historiando com toda a sinceridade, sem nenhum espírito de crítica diminutiva, mas com a mente inteiramente voltada para os superiores destinos da terra grandiosa que Deus nos outorgou por berço.

A configuração geográfica de Mato-Grosso é bem o retrato do Brasil. Estado com área de 1.477.041 quilô-

metros quadrados e uma população de pouco mais de 400 mil almas, servido por magníficos rios, possuindo uma riqueza invejável do solo e sub solo, a própria natureza dadivosa, com os seus acenos maravilhosos, constitue uma barreira aos estorços e empreendimentos humanos. Mas, a perseverança, essa virtude dos espíritos de bôa vontade, não tem faltado ao brasileiro, e na medida das possibilidades, vão sendo removidos com inteligência os obstáculos.

Os problemas educacionais matogrossenses, se apresentam pois, sob aspectos especialíssimos.

ASPECTO EDUCACIONAL MATOGROSSENSE

O ensino primário matogrossense, é ministrado nos Grupos Escolares, Escolas Reunidas, e Escolas Isoladas Urbanas, Rurais e Noturnas. Com referência aos Grupos Escolares, em número de treze, funcionam todos nos centros urbanos. Cumpre aqui um esclarecimento. Em Mato-Grosso, se denominam cidades, também alguns centros populosos, sentinelas avançadas uns, no imenso *hinterland* matogrossense, como Rosário Oeste Diamantino, Guajará Mirim, Alto Araguaia, Araguaiana; outros, bem afastados da Capital, de cuja influência entretanto vivem e da qual recebem todos os benefícios de que carecem para a sua vida social e administrativa. S. Antonio, Livramento, Poconé, etc são entretanto, sédes de municípios ou termos, cuja vida se caracteriza pela lavoura ou criação de gado, em escala mais ou menos elevada. A população, porém, é pobre. O ensino primário ministrado nos Grupos Escolares e Escolas Reunidas sediados em tais localidades, com o curso de quatro anos, obedece em tudo aos métodos e programas adotados nos estabelecimentos urbanos.

De conformidade com o regulamento da Instrução Pública do Estado, denominam-se Escolas Urbanas, quando localizadas num raio de até três quilômetros da sé-

de do município, tendo o seu curso a duração de três anos. São dezoito as Escolas Isoladas Urbanas de Mato-Grosso, e excetuando seis existentes na Capital e três em Campo-Grande, os centros mais importantes do Estado, nove outras estão localizadas em Diamantino, Alto Araguaia, Mato-Grosso, Araguaiana e Alto Madeira, no extremo norte e leste do Estado. E o processo do ensino é o mesmo adotado nas Escolas da Capital.

As Escolas Isoladas Rurais, são as que estão localizadas a mais de três quilômetros da sede dos municípios, tendo o seu curso a duração de dois anos.

Os Cursos Noturnos, em tudo semelhantes às Escolas Urbanas, destinam-se aos meninos de mais de 12 anos, impossibilitados de frequentarem as aulas diurnas.

Há no Estado 243 Escolas Isoladas Rurais funcionando e criadas, por instalar, 54.

I— O ENSINO PRIMÁRIO NAS PEQUENAS CIDADES E VILAS DO INTERIOR

O problema do ensino primário em Mato-Grosso, nas pequenas cidades e vilas do interior, a pesar do empenho da administração estadual, não está ainda de acordo com os processos da ESCOLA NOVA, e isto em nada nos constrange, por isso que é o que se observa geralmente no Brasil.

A causa? A falta da formação profissional dos membros do magistério e a falta de um intercâmbio de idéias entre os professores dos diversos Estados brasileiros.

E para agravar a situação do ensino primário mato-grossense, há a falta do livro didático apropriado ao meio. Adotam-se nas escolas de todos os tipos, livros didáticos exclusivamente de autores paulistas, pois não temos autores didáticos no Estado.

Não obstante reconhecermos a excelência e o valor moral dos livros didáticos dos ilustrados autores paulistas, precisamos convir que, apenas em algumas zonas

sulinas de Mato-Grosso, limitrofes com o Estado de S. Paulo, há pequenas semelhanças de hábitos e costumes e onde, por isso, tais obras produzem influência no espírito da criança. No mais, os livros didáticos a que nos referimos, cuidam dos assuntos e problemas locais e algumas vezes dos gerais da economia e riquezas brasileiras, que muito influem na alma infantil das crianças das cidades. Para confirmarmos êste acerto, vale narrado o seguinte fato: — Perguntou me certa vês, um jovem coletor de uma cidade longínqua do Estado, por que o café paulista ia à Europa, para ser beneficiado e depois ser vendido novamente no Brasil?! — Foi necessária uma explicação completa para fazer o meu interlocutor compreender e convencer! Os livros didáticos pois, precisam obedecer de um modo especial aos meios de vida locais para que, influenciando no espírito da criança, atuem decisivamente na sua formação, atendendo à sua curiosidade natural.

II—NA ZONA RURAL COMUM

Na zona rural comum, salvo pequenas exceções, a escola rural não corresponde às suas finalidades, e o motivo principal dêste atraso, está na falta do preparo profissional dos professores rurais.

Já observamos várias vezes e as medidas tomadas pelo Govêno Interventorial no Estado, de ordem moral, para salvaguardar o ensino rural em Mato-Grosso, veem em apoio do que vamos expôr com brevidade.

Criam-se escolas rurais nos lugares « onde houver os seguintes elementos, mediante informação dos inspetores gerais do ensino: a) prédio facilmente adaptavel às necessidades escolares; b) trinta crianças em idade escolar, num raio de três quilômetros do prédio indicado. (Artº 7º, Secção I, do Regulamento da Instrução Pública).

Assim, solicitada a criação de uma escola rural, pelos moradores de um determinado lugar, feito em extenso abaixo-assinado endereçado ao Govêno do Estado,

é pelo órgão controlador da administração do ensino, determinada a inspeção *in loco*, por um dos inspetores gerais; (em Mato-Grosso há dois inspetores gerais do ensino, um para a zona norte e outro para a zona sul). Verificada a existência das condições prescritas é criada a escola e logo a seguir instalada.

A professora nomeada para a regência da escola não conhece o lugar e o meio em que vai servir, mas precisa ganhar a vida e manter a subsistência e a da família. A escola instala-se muitas vezes, em um rancho diferente do que foi apresentado à inspeção, sem mobiliário apropriado, e a professora fica na completa dependência do murubixaba do lugar. Desambientada, sujeita aos caprichos do dono da casa, falha de todos os recursos de alimentação e de remédios, segregada, julga-se infeliz, e, quando tem forças reage e consegue mudar-se para outro meio onde, muitas vezes, vai encontrar os mesmos ou novos embaraços. Com isso, leva a professora o tempo a pensar no período das férias para regressar ao lar, de onde, com muito custo, constrangida, no início do novo ano escolar volta a retomar a atividade, sem nenhum estímulo e sempre contrafeita.

De tal sorte, os resultados do ensino se tornam completamente nulos.

Se acontece à professora, como já nos foi dado observar, com diplomacia adaptar-se ao meio, nem sempre lhe é possível orientar o ensino de acôrdo com o meio e as condições locais, em vista do programa a lecionar, quando não, pela oposição dos pais, em cuja compreensão a escola é pura e simplesmente alfabetizante. A criança rural, em determinadas épocas, precisa ajudar os pais nos serviços de vigilância do arrozal, na colheita ou no ato de "bater feijão", prejudicando a frequência e o ensino!...

Como se verifica, é urgente solucionar-se o processo da instrução primária rural em Mato-Grosso.

III — NAS ZONAS RURAIS DE IMIGRAÇÃO

Nas zonas rurais de imigração, o problema merece estudos especiais, que o limite estabelecido pelo Regulamento Geral do Oitavo Congresso Brasileiro de Educação, a que se destina o presente trabalho não comporta.

Como já dissemos anteriormente, Mato-Grosso conta uma área extensa de território, mal povoada, e limita-se com as Repúblicas do Paraguai e Bolívia. Na zona fronteira com o Paraguai, as cidades matogrossenses de Ponta-Porã, Béla-Vista e Porto Murtinho, apresentam aspectos interessantes, formando um «Brasil à parte», na expressão do arguto autor de "FRONTEIRAS GUARANIS". Tudo lá é diferente; costumes, língua. As fronteiras Brasil-Paraguaias, como se poderá verificar no esboço cartográfico anexo são abertas sempre e de acesso franco. O meio de vida da região, é um convite eterno à atividade do paraguaio — a indústria herveira e a pecuária — e o número deste elemento imigrado é muito grande. «Embora nascidos no Brasil — acentua o autor de "FRONTEIRAS GUARANIS" — os filhos dos guaranis não se adaptam facilmente à nossa educação, salvo se a mãe é brasileira, porque em tal caso predomina os costumes desta. Não aprendem a língua portuguesa nem para isso fazem qualquer esforço. Da mistura do castelhano com o guarani e o português, resulta um quasi dialeto que falado na Avenida Rio Branco ninguém entenderia».

BÉLA-VISTA conta uma área de 10.000 quilômetros quadrados e uma população de 17.000 habitantes, estrangeiros e nacionais e está situada à margem do rio APA, divisa internacional entre as duas nações. É sede das Escolas Reunidas "Generoso Ponce" e de um Colégio dos missionários redentoristas.

PORTO-MURTINHO, à margem do rio PARAGUAI, com ótimo porto, está quase isolado do Brasil,

porque a sua principal via de comunicação é o rio PARAGUAI, e o serviço de navegação deficiente; o seu terreno é alagadiço e muito dificilmente se pode comunicar por terra com o centro brasileiro (1). As indústrias hervateira, a do quebracho e a saladeiril, constituem a principal fonte de trabalho da região, e assim, em quase idênticas afinidades com o município de BÉLA-VISTA, PORTO MURTINHO oferece todas as vantagens ao paraguaio, cujo elemento é ali grande parte formadora da população. Há em PORTO-MURTINHO várias escolas municipais e é séde das Escolas Reunidas "Claudio de Oliveira" e de uma escola regimental.

PONTA-PORÃ, com área de 27.812 quilômetros quadrados e população de 30 mil almas, está separada da República do Paraguai, pela AVENIDA INTERNACIONAL. É centro próspero e com indústrias pastoril e hervateira bastante desenvolvidas. Há em PONTA-PORÃ o Grupo Escolar "Mendes Gonçalves" e várias escolas rurais de instrução primária, mantidas pelos Governos municipal e Estadual, e um Colégio também de instrução primária, mantido pela Congregação Salesiana.

Traçado assim, em rápido bosquejo a história dos municípios lindeiros com sua vida social e econômica, é de se considerar o aspecto especial dessas regiões no campo educacional, tendo principalmente em mira o fim nacionalista, que mais de perto interessa o assunto, porque, o ensino ministrado nas escolas existentes naqueles municípios, obedecendo em tudo os programas oficiais, não produzem presentemente os frutos almejados, isto porque, são escolas simplesmente de alfabetização, o que não basta, por isso que é necessário nacionalizar e educar. Em tais zonas, torna-se necessário pois, um tipo

(1) Quando redigimos o presente trabalho, recebemos do Exmo. Snt. Interventor Federal no Estado a grata notícia da inauguração da estrada de rodagem que partindo da Fazenda Jardim, no município de Aquidauana, vai ter a Porto-Murtinho.

de escola nacionalista, onde o ensino cívico complete a ação educadora, integrando na comunhão nacional, centenas de brasileiros segregados da Pátria.

IV — NAS ZONAS DO ALTO SERTÃO

Nas zonas do alto sertão, o problema da educação rural matogrossense é ainda questão a ser resolvida. Não existem em tais zonas do Estado, escolas públicas propriamente, com exceção da zona léste e parte da zona sul.

Há algumas missões religiosas, compostas de missionários estrangeiros, que sob protêto de catequese religiosa dos selvagens, penetram pelos sertões matogrossenses, instalam-se e vão prosseguindo na luta a que visam. Não podemos fazer referências precisas sôbre a realidade do que existe no assunto que descrevemos. A liberalidade das Leis brasileiras não impede a propaganda religiosa e, com isso, os evangelistas norte-americanos, e quiçá mesmo de outras nacionalidades, encontram facil acêso aos sertões do Estado, cujos lindes extensos e ermos, estão desguarnecidos de quaisquer vigilâncias.

O MINISTÉRIO DO TRABALHO, INDÚSTRIA e COMÉRCIO do BRASIL comete à Inspetoria Regional do Trabalho no Estado, com séde na Capital, a incumbência de prestar assistência, aos aborígenes do Brasil, com o Serviço de Proteção aos Índios. Este serviço mantém em cada POSTO de localização indígena, uma escola de assistência, educação e nacionalização, escolas mixtas, de um só tipo, em que se ministram também trabalhos manuais e noções de agricultara.

São 14 as escolas desta natureza, localizadas nos seguintes POSTOS: "Fraternidade Indígena", índios Barbados, no alto Paraguai; "Simões Lopes", índios Bacairis, no alto Teles Pires; "S. Lourenço", "Corrego Gran-

de” e “Couto Magalhães”, índios Borôros, no vale do rio S. Lourenço; “Bananal”, Cachoeirinha”, e “Salinas”, ao longo da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, zona habitada pelos remancentes das antigas e tradicionais tribus “Guaicurús” e “Terenos”, completamente catequisados; “Buriti”, na divisa dos municípios de Aquidauana e Campo-Grande, com índios Terenos; “Capitão Victorino”, no município de Nioaque; “Alves de Barros”, na região da Serra da Bodoquena, índios Cadiués; “Francisco Horta”, “José Bonifacio” e “União”, índios Caiuás, no extremo sul do Estado.

As informações que nos foram prestadas pela Delegacia Regional do Trabalho, sobre o aproveitamento real e os resultados alcançados nas escolas dos POSTOS citados, são pouco lisongeiras, a maioria deixando muito a desejar, dada a dificuldade de se encontrar professores diplomados que abnegadamente se dispõem a exercer o magistério no alto sertão.

Como se vê, a extensa zona norte do Estado, chamada à civilização pelo empreendimento maior do século, que imortalizou o genial Rondon, Parecis, Juruena, etc. povoada por numerosas tribus, dentre as quais a dos temíveis NAMBIQUARAS, está ainda na dependência de uma solução civilizadora, que venha definitivamente completar o grande feito do arrojado sertanista patricio de que com razão se ufana a nacionalidade pátria.

A Missão Salesiana dos filhos de S. João Bosco, mantém na zona leste as Colonias Indígenas do “Sagrado Coração” e “Sangradouro”. Nesta zona, entregou o Estado algumas escolas de instrução primária à regência de sacerdotes e irmãs de caridade pertencentes à Congregação citada. Com o amparo que recebe a missão salesiana dos Governos da União e do Estado o serviço de catequese religiosa levado a efeito pelo devotamento e abnegação dos missionários, vem propiciando algum fruto.

CONCLUSÃO

Pelo que acabamos de expôr, o problema do ensino primário matogrossense, para alcançar os objetivos mais sadios do nacionalismo pátrio, dentro da verdadeira realidade brasileira, está na dependência, primeiramente da formação profissional do professorado. Sem êste elemento, educado e bem formado, tendo o espírito preparado para a compreensão do grande e nobre dever de preceptor e formador do futuro da terra comum, toda a organização que se der ao ensino primário, por mais completa que seja, não logrará nunca, atingir com eficiência os fins da educação da infância.

Em segundo lugar, a revisão dos programas do ensino. É medida que se impõe, desde que a educação visa principalmente a adaptar o homem ao meio. Precisa ser feita com meticulosidade, procurando focalizar os assuntos que despertem na alma infantil, o amor ao lugar em que nasceu, como um trecho integrante da Pátria comum. Com este objetivo, devemos resolver o problema do livro didático. Uma comissão composta de Professores dos diversos Estados, encarregada de selecionar os livros didáticos a serem adotados, ou incumbida de elaborar outros adequados às diversas modalidades da vida brasileira, parece-nos, será caminho acertado e seguro para se concretizar a obra do ensino quanto a êste importante assunto. Com isto, entendemos mais lembrar que, o ensino ministrado nas escolas, encarando os problêmas sociais e econômicos do meio em que vive, não pode se circunscrever sómente à zona de ação do escolar. A educação, devem acompanhar os ensinamentos de tudo o que se relaciona com a vida brasileira, de um modo geral, enraizando no espírito da criança, com conhecimentos das riquezas da terra do berço e das riquezas e esperanças do grande todo, que é a nação, o amor à Pátria.

Em terceiro lugar, para que o ensino possa alcançar finalidades tão elevadas, torna-se necessário estabelecer a igualdade quanto à duração dos cursos nos centros rurais.

Como vimos, a duração dos cursos rurais de Mato-Grosso é de 2 anos, e destinados à alfabetização de crianças de 7 a 12 anos de idade. Com isso, é comum encontrar-se crianças inteligentes, com nove anos de idade, já com o curso completo da escola rural, entregues à ociosidade, por não terem mais "*o que estudar na escola*".

Ora, no Brasil há diferenças de cursos rurais com duração de 2, 4 e até 5 anos, como se notam em alguns Estados.

Nas zonas lindeiras, terá o professor o máximo cuidado de zelar pela cultura do idioma nacional, porque, é a cultura da língua o principal caminho para a nacionalização do ensino.

Em todas as escolas primárias, deve-se administrar os ensinamentos dos trabalhos manuais, para completar a educação escolar, feitos, porém de forma a despertar a curiosidade do aluno, auscultando suas tendências vocacionais, modo fácil de se conseguir execução do plano de ensino das artes nas escolas.

Em quarto lugar, estabelecer com a obrigatoriedade do ensino a todas as crianças em idade escolar dos 7 aos 14 anos, a fundação dos Clubes Agrícolas junto aos Grupos Escolares e Escolas Reunidas, de um modo geral, e de modo especial, junto aos que estão sediados nas zonas agrícolas objetivo que, a nosso ver será de grande alcance para se resolver o problema capital do ensino primário no país — a integração do indivíduo ao meio, com capacidade suficiente para promover a prosperidade própria e a da terra — uma das maiores realidades brasileiras.

Um ponto que, a nosso ver, merece também toda a atenção, é o da educação moral. Torna-se imprescindível cometer ao educador, ao professor, sobretudo primário, a tarefa de ministrar preceitos e noções com que se logre inculcar no espírito infantil a consciência dos deveres, o amor às cousas nobres, orientando-o sobre o modo de encarar a existência e de proceder para com os seus semelhantes.

É contristador o observar-se que hoje se formam gerações e gerações de crianças completamente ignorantes de cousas tão relevantes para o individuo e para a sociedade, preocupadas exclusivamente com o lado material da vida, ou, quando muito, trazendo como alimento espiritual, nada mais que algumas noções erradas e deformadas sobre ética, e, sobretudo nos meios rurais, — alguns restos de superstições e de barbárie, incapazes mesmo de tomar consciência de si ou de compreenderem as altas e superiores finalidades da vida.

Tal é a verdade, applicavel não somente a Mato-Grosso, mas, crêmo-lo, a todo o Brasil, senão ao mundo todo, tanto mais grave e séria, quanto mais trágicos se tornam os destinos da humanidade, em grande parte consequência desse descaso para com o lado apreciativo da educação, para com os valores necessários a uma vida humana nobre e feliz.

Finalmente, centralizar os serviços educacionais em todo o país, orientados pelo MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, dando-se ao professor do magistério primário uma remuneração condigna, que o coloque em posição honrada, capaz de corresponder a todas às necessidades da vida, sem estar na dependência de vexames, como acontece muitas vezes.

Assim, terão os abnegados servidores da Pátria, na humildade e nobreza do seu mistér, o estímulo necessário para o desempenho da missão, a mais elevada e

patriótica, de cujo desempenho dependem a segurança e a prosperidade da Pátria.

Escrito às pressas, o presente trabalho, sem nenhuma preocupação de forma literária, visa apenas servir como elemento subsidiário ao Oitavo Congresso Brasileiro de Educação a realizar-se na cidade de Goiânia, correspondendo também à honrosa distinção que nos foi conferida com a solicitação do ilustre Presidente daquele certame, para nêle tomarmos parte.

Com a fé que depositamos no futuro da Pátria querida, alimenta-nos a esperança de que, a sinceridade com que focalizamos o aspecto educacional de Mato-Grosso, encontrará no espírito da douda Comissão Julgadora, a benevolência necessária do seu *veridictum*.

Cuiabá, 25 de Abril de 1942.





VOLUNTARIO DA PATRIA

Por Generoso Ponce Filho

«Si todos los brasileños son como este, nuestra venida al Brasil, no será um paseo, como nos ha dicho el gobierno!» Falava Urbietta aos comandados, diante do corpo de Antonio João. No acampamento pobre, que a metralha destruíra, jazia o cadaver do herói. Dourados inscrevera-se, rutilante, na história. Filho daquela gleba, que lhe bebia o sangue, a jorrar ainda quente, preferira a morte à rendição. Fôra um púgilo, menos de vinte homens, contra um exército. Rabiscára toscamente estas palavras para a imortalidade: «Sei que morro, mas o meu sangue e o de meus companheiros servirá de protesto solemne contra a invasão de minha Patria.» E abrira fogo. Os paraguaios destacaram duzentos e cinquenta homens para tomar de assalto a colonia militar brasileira. Desproporção espantosa. Mas a pequena força resiste e a peleja finda com o sacrificio heróico dos nossos. Tudo terminára, afinal. Agora, diante do corpo do herói, ao arriarem a bandeira imperial, que descia murcha, tristemente, os paraguaios tocados pela emoção que o heroismo inspira mesmo aos guerreiros inimigos, prestavam-lhe homenagem.

Início épico, o da arremetida sobre o sul de Mato-Grosso. Ao insulto da prisão de Carneiro de Campos, seu presidente, que em trânsito a tomar posse do cargo, fôra retido em Assunção, a bordo do “Marquês de Olinda”, seguira-se a invasão do Brasil.

A província, cecionada a artéria do rio, que a ligava à Metrópole, era como órgão do corpo nacional violentamente separado. Viva, porém, continua. Mais do que isto, age e reage briosamente. «*Por ali*, disse a autoridade de Rocha Pombo, (1) *a reacção das próprias populações, não só impedirá que os invasores avancem, como até tornará difícil e perigosa a conservação do que haviam conquistado.*»

Bolívar viria da Europa, em princípios do século passado, imbuído das mais altas idéias de liberdade e democracia. A Francisco Solano Lopes, em meados do mesmo século, impressionaria, no continente europeu, o poderio de Napoleão III; volveria ao pequenino Paraguai, transbordante das idéias expansionistas dos ditadores de então. Organiza-se para a agressão e os embates, que provoca. O Brasil vivia despreocupado, desprevenido. As fronteiras imensas, desprotegidas. As províncias lindeiras, «indefesas, desarmadas». Eram estas expressões do presidente de uma delas, a de Mato-Grosso. Escrevera-as o Brigadeiro Alexandre Manuel Albino de Carvalho, no relatório apresentado ao vice-presidente, chefe de Esquadra, Augusto Leverger, a quem passára o governo, justamente maguado com reprimenda imerecida, que lhe passára o Visconde de Camamú, ministro do Imperio. Albino de Carvalho exonerara-se, com insistência, mais de uma vez, desde 64, antes da guerra, devido ao estado de saúde. Sómente em 65, mandam-lhe substituto. Aprisionado este, na capital paraguaia, quiz o governo imperial que Albino continuasse governando. Com sacrifício pessoal imenso, mantém-se no poder; apesar da situação precária do Tesouro, «nos cofres da Thezouraria», dizia ele, «apenas ha sete contos de réis sujeitos a dividas, que montam a muito mais», desdobra-se-lhe a ação, na conjuntura crítica. Chama às armas os cidadãos, organiza resistência. O Visconde de Camamú, sem notícias de Mato-Grosso, recrimina-o precipitadamente por isso. Dias depois, recebe o “proprio”, que Albino mandára (2). Saíra há meses de Cuiabá! Mas a viagem fôra-lhe odisséa, através sertões e pantanais. Alquebrado, desconsiderado, Albino, a quem não se fez ainda justiça, pelo muito que lhe deve a preparação matogrossense, cujo mérito é sempre dado exclusivamente a Leverger e Couto de Magalhães, passa afinal a presidência provincial interinamente àquele, enquanto aguarda a chegada do segundo. Continúa a ação do antecessor, Leverger, grande brasileiro pela vida, pela obra e pelo coração, estrangeiro de nas-

(1) — “História do Brasil”, tomo — pág.

(2) — Manuel Leite do Amaral Coutinho.

cimento, como Barrozo. Nascera, na França, em Saint Malô, pátria, por igual, de Surcouf e outros marujos e do orgulhoso Chateaubriand que ali, nas escarpas abrutadas da Bretanha, manda erguer o próprio túmulo, açoitado sempre pelos ventos procélosos que vem do mar.

Arraigado há muito em Cuiabá, cientista, administrador e militar, Leverger, assumindo o governo, convoca "Voluntários da Pátria". A capital matogrossense espera o ataque inimigo. O forte de Coimbra, apesar do heroísmo de Porto Carrero, não pudera obstar a passagem do invasor. Corumbá, à montante do Forte, porta para a capital, rio Paraguai acima, caíra em mãos paraguaias. Retira-se, sem combater, a guarnição brasileira, sob o comando de Carlos Augusto de Oliveira. Cuiabá ardia de patriotismo e indignação. Marco de brasilidade, fincado, então, há 144 anos, naquelas extremas ocidentais da pátria, a capital matogrossense, é braseiro crepitante. Homens válidos alistam-se expon-taneamente. Ali não se faz mistér a compulsão.

No centro da centenária cidade, ao alto do morro do Bom Despacho, erguia-se, como hoje, ao lado da igreja, o casarão do Seminário. Até o recanto tranquilo sobe a maré montante do entusiasmo patriótico. Pela madiugada, às escondidas, dali se escapa, sem a ninguém pedir licença, que lhe seria negada, pela pouca idade, adolescente de 13 anos. Era magrinho, mas alto, desenvolvido. Desce a encosta antes do sol nascer. Atravessa, sonhador, a Prainha, o córrego rumorejante, outrora caudaloso, centro de onde se espraiara a cidade no ciclo da mineração. A cabeça, de testa larga e alta, em que a brisa da ante-manhã fustiga para trás os cabelos negros, finos e longos, povoa-se de batalhas e de sonhos de glória. Temperamento enérgico, altivez inata. Quer combater pela pátria ultrajada. Passara a infância numa praça de guerra, o Forte do Príncipe da Beira. O pai, agora reformado, era oficial do exército. Nada podia, porem, revelar ao Velho, do seu desígnio. Manda-lo-ia ele de volta à sotaína; não tinha idade. Era preciso, pois, ocultar a filiação, quando se apresentasse ao posto de recrutamento. Assim fez ao alistar-se.

— Seu nome? — indagou o oficial.

— Generoso Paes Leme de Souza Ponce.

Enverga, orgulhoso a farda; põe o quépi baixo, de pala comprida e chata, lembrando os do exército do terceiro Bonaparte; a baioneta triangular, longa, pesada, verga-o para o lado. Crescido, passaria por 15 anos, talvez. Corre, pressuroso à casa. Radiante, conta à mãe. D. Corsina Romana, senhora enérgica, patriota e esposa de militar, compreendia os arroubos do filho,

Abraça-o, comovida, evitando lágrimas, para não lhe diminuir o deslumbramento. À noite, José Ponce Martins sabe por ela, que o filho trocára o estudo pelo serviço da Pátria, em perigo. Alegra-se. O menino prometia. Generoso não havia dado a filiação, quando se alistára, e a omissão deliberada se nota nos seus assentamentos militares. Ao pai deve ter cabido completar-lhe as declarações depois. Por ser filho de militar reformado, teve então, o posto de cadete. O de 1º sargento, reza-lhe a fé de officio, ganha-o logo pelo exame prestado.

Com o 1º batalhão segue para o Melgaço e Aricá. Augusto Leverger, mas tarde Barão de Melgaço, organiza, nesses pontos, resistência contra possível ataque à séde do governo. Os paraguaios já haviam tomado Corumbá, notícia com grande atrazo chegada à capital matogrossense.

A vestuta Cuiabá, ligadá à irmã mais moça pela via fluvial, tinha comunicação cortada com o incipiente povoado; entre ambas, de permeio, infiltravam-se — o pantanal e o inimigo.

Nomeado para dirigir a provincia, em lugar do presidente aprisionado dois anos antes, só a 2 de Fevereiro de 1867, fôra possível a José Vieira Couto de Magalhães, assumir o posto.

Dificuldade homérica, a que o heroísmo brasileiro teve de domar na guerra lopesguaia. Não lutava só com inimigo valeroso e fanatizado. Aqui, o sertão, ali o pantanal, por toda parte a distância infindavel! Cada soldado, naquelas paragens, devia ser desbravador e titan!

A substituição de Carneiro de Campos revestira-se de circunstâncias sombrias e preságas.

«Tres figuras notaveis da nobreza e das armas do Império haviam sido designadas para o altíssimo posto: o Visconde de Camamú, o cel. Drago e o gal. Galvão. Faieceram o primeiro e o último antes de chegar ao termo da viagem; o segundo, só atingiu o triangulo mineiro», contára o Conde de Afonso Celso

Só então fôra escolhido Couto de Magalhães.

Parecia inexplicavel. Em momento tão grave, porque mandavam aquele jovem, envez de homem experimentado, ou militar de alta patente? Tinha sorte, diziam invejosos. Grande valor, retorquiavam amigos. O certo é que já governara Goiaz e o Pará. Chamavam-no "presidente-menino", tinha, agora, 30 anos. Um predestinado! Ligaria o nome a grandes tentamens. Força de vontade, pertinácia, inteligência agil, atividade dinâmica, suprir-lhe-iam, vantajosamente, experiência maior que pudessem ter os velhos a quem ia substituir.

E a Couto de Magalhães cabe, transformar a defensiva, or-

ganizada por Albino e Leverger, em proveitosa ofensiva, que encheria de glória imortal nossos patrícios. De Cuiabá parte, a 15 de Maio, a vanguarda do 2º corpo de operações na Província.

Em Melgaço e Aricá, juntam-se as tropas, que ali se acham. Seguem, rio abaixo, nossas forças, sob o comando imediato do capitão Antonio Maria Coelho, comissionado no posto de major e, por essa ocasião, elevado pelo presidente da Província ao imediato de Tte. Cel. Descem os rios Cuiabá, S. Lourenço e o Paraguai. A 13 de Junho de 1867, retomam Corumbá das mãos inimigas! Comandam as 6 companhias que compõe a expedição: a 1ª o Cap. de Infantaria Joaquim Craveiro de Sá; a 2ª o Cap. de Voluntários Manuel Peixoto de Azevedo; a 3ª o Cap. de Infantaria Luiz da Cunha e Cruz; a 4ª o Tte. de Voluntários Antonio Rodrigues Sampaio; a 5ª o Cap. João de Oliveira Melo, e a 6ª o Cap. de Voluntários Augusto Corrêa da Costa.

Na madrugada memorável, Antonio Maria Coelho, com 1.000 homens, desembarca, a uma légua da vila brasileira assenhoreada. Pelo sudoeste arremete contra a praça, sob o comando do Tte. Cel. Hermogenes Cabral, que espera o ataque pelo Norte. Trava-se sangrento combate. A esse tempo João de Oliveira Melo, com cerca de 200 homens, consegue penetrar na vila. Dirige-se ao porto. Com rara felicidade, investe contra dois vapores paraguaios, o Apa e Amanbahy. Incessante fogo põe em fuga os barcos inimigos. Numa das ladeiras, a que vai do porto, em baixo, à parte alta quasi em frente à Matriz, Cunha e Cruz, valente fulminense, arraigado a Mato-Grosso, morre com heroísmo. Em menos de uma hora, o grosso das forças do comandante Antonio Maria Coelho, atacando com vigor as trincheiras adversas, por varios pontos, apodera-se da praça. Morre no posto o comandante paraguaio.

* * *

Corajoso soldado, de 15 anos, Generoso Ponce lá está entre os combatentes do feito imortal. Atesta-o a medalha "Constancia e Valor", que lhe foi conferida, como a todos os heróis da inolvidável façanha das armas brasileiras (1).

(1) — O decreto nº 3926 de 7 de Agosto de 1867 concedeu o uso dessa medalha às forças expedicionárias em operações no Sul de Mato-Grosso, mas o decreto 4201 de 6 de Junho de 1868, fez extensivo «às forças que marcharam da capital da Província de Mato-Grosso, afim de operar contra Corumbá», o uso da gloriosa medalha. E Generoso Ponce orgulhosamente ostentava a no peito, com 3 outras — do Brasil, da Argentina e do Uruguai, ganhas na mesma guerra, quando, a 15 de agosto de 1907, envergando a farda de coronel honorario do exército, assumia, pela 2ª vez, o governo de seu Estado natal.

Quem imaginaria, então, que duas décadas depois, o intrépido soldado, seria figura de primeiro plano no cenário político e social da Província, e lhe tocaria, em 1889, como presidente da Assembléa, proclamar o chefe da retomada de Corumbá — primeiro Presidente de Mato Grosso na República? Quem sonharia, igualmente, lhe coubesse, em 1892, em campo oposto ao mesmo Antonio Maria Coelho, comandar 3.000 homens tendo sob sua chefia, outro herói do feito imortal — Oliveira Meio, então general reformado do nosso glorioso exército?

(Do livro em preparação
 “Generoso Ponce—Um Condutor de Homens”)





XAVIER MARQUES

HOMENAGEM DA ACADEMIA AO SEU CORRESPONDENTE NA BAÍA

Discurso proferido pelo acadêmico
Raimundo Maranhão Ayres

Senhor Presidente da Academia Matogrossense
Caríssimos confrades
Meus senhores
Distintas Senhoras e senhorinhas

É esta a segunda oportunidade que se me oferece, para, ocupando esta tribuna, prender a vossa atenção por alguns minutos.

Convidado pelos meus confrades e especialmente convocado pelo nosso mui ilustre e brilhante Presidente Des. José de Mesquita, aqui me tendes, a compartilhar convosco, desta Hora Literária -- que é um dos motivos primordiais do largo programa de difusão da cultura, por este acatado e magestoso sodalício matogrossense.

Apesar do meu esforço, para ficar à margem deste programa matinal, nada consegui. Quizeram a minha frágil colaboração. Insistiram na presença do meu nome, no programa. E, como soldado cumpridor dos seus deveres, não me foi possível recuar. Vim para desobrigar-me da tarefa a mim destinada. O tema escolhido para ser abordado, é magnífico! O assunto, palpitante! Curioso! Excepcional! Mas, a pressa com que foram escritas estas linhas breves, estas páginas ligeiras, como também o tempo limitado para vos falar, concorreram ainda mais para que o

trabalho seja fraco e simples. Bem estudado e analisado, maior será a sua valia e mais exaltada a sua significação.

Faz parte do programa deste silogeu, evocar sempre que possível, o valor mental das grandes florações da cultura nacional, numa demonstração sincera e meritória, prestar-lhes homenagens póstumas!

Rememorar aspectos luminosos e palpitantes de sua vida. Realçar as suas vitórias! Mostrar o valor e a beleza intelectual e artística! Dedicar por fim à memória dos mortos, toda a admiração e simpatia, num estudo metuculoso da vida e obra que os elevaram e immortalizaram!...

Diante disto, meus senhores, aproveitando esta oportunidade, falarei ligeiramente sobre XAVIER MARQUES, o grande escritor nacional, recém falecido, que deixou um nome inapagavel e uma obra imperecível!

Discorrerei em palavras simples e sem rebuscos, sobre uma das mais destacadas personalidades da literatura brasileira, um dos mais lúcidos espíritos immortalizados pela Academia Brasileira, que na faina literária tudo fôra com habilidade e excelso valor!

Membro também da Academia Baiana, poeta, prosador, jornalista e ensaista, historiador e polígrafo, Xavier Marques, desapparecendo aos 81 anos de idade, deixa as letras nacionais, com um vácuo extraordinário!...

Longa e fecunda foi a atividade que exerceu em nossa literatura! Mais de sessenta anos consecutivos dedicados exclusivamente ao cultivo das belas letras e em busca contínua da perfeição!...

Nascido em 3 de dezembro de 1861, começou pela poesia, publicando versos no *Jornal de Notícias*, do Salvador. Entregou-se também ao jornalismo divulgando trabalhos de fôlego, que logo lhe deram conceito e nome de relevo! Essa vida na imprensa, prolongou-se até 1920, quando foi eleito deputado federal. Porém do jornalismo, apenas fez o trampolim, para subir e galgar posições firmes e destacadas nas letras, como um excelente e primoroso escritor, um esmerado na forma, um ático e formoso criador de imagens e narrador de paisagens admiráveis! Na sua vida de jornalismo, trabalhou também para outros jornais como o *Diario da Baía*, a folha *Baía* e por fim no *Diario de Notícias*, novamente.

Destacou-se depois como político de grande projeção ao lado de Moniz Sodré e J. J. Seabra. Foi deputado estadual e federal.

No romance estreiou com *BOTO & COMPANIA* — depois publicado com o título "O FEITICEIRO". A seguir nos deu JA-

NA E JOEL, belo e encantador idílio praieiro, depois MARIA ROSA, O ARPOADOR, A NOIVA DO GOLFINHO, MARIQUITA, SARGENTO PEDRO e outros notáveis e substanciosos livros!

Já com outras influências em direções variadas vieram o HOLOCAUSTO, A BOA MADRASTA, PINDORAMA, AS VOLTAS DA ESTRADA, A CIDADE ENCANTADA, TERRAS MORTAS. Sempre obras esculpidas numa linguagem amena e num estilo fluido e elegante!

O seu ensaio e crítica sobre o poeta dos "Escravos", é considerado o melhor e mais claro, dos estudos sobre Castro Alves, sobrelevando-se sobre quantos outros lançados, no mesmo ritmo. Outras produções finas e magistrais, ricas de ensinamentos, belas pela forma e pelo conjunto harmonioso, ele publicou. "A ARTE DE ESCREVER"—compêndio de preceitos e conceitos sobre estilo e composição literária, é uma obra altamente valiosa e interessante!

Xavier Marques, foi um dos maiores retratistas das paisagens de sua terra! Um dos mais fiéis pintores! Um dos mais perfeitos fotógrafos, da natureza e dos costumes, da vida e dos panoramas típicos da sua encantadora Baía!...

Com as suas obras marcantes, notáveis, luminosas, alcançou triunfos, conquistou leitores, recebeu louvores e conquistou laureis inestimáveis!...

PINDORAMA, por exemplo, em 1900 obteve o prêmio do governo baiano, como um dos grandes livros publicados. SARGENTO PEDRO, em 1910 foi premiado pela Academia Brasileira de Letras.

Firme na arena literária, autor de vários livros consagrados e aplaudidos, possuidor de um nome glorioso por tantas vitórias obtidas, em 1919 recebe a maior prova do seu talento e da sua cultura polimorfa, sendo eleito para a Academia Brasileira, na vaga de Ingles de Souza, passando a ocupar na Casa de Machado de Assis, a cadeira patrocinada por Manoel Antonio de Almeida. Recebeu-o Goulart de Andrade, que proferiu um belíssimo discurso de saudação, que afirmou a cultura e o talento do erudito escritor baiano.

Entre outras exaltações, na peça oratória proferida por Goulart de Andrade destacam-se trechos, como estes, belos e claros: «Sr. Xavier Marques: — é possível que de vossos livros ninguém saia a pensar... Mas o que asseguro é que deles ninguém deixará de sair comovido». Adiante ainda ele frisa: — «A idéia primacial da obra distinta poderia até se conter num só conceito de poeta: — Toutes les vraies et grandes amours conduisent à Dieu.»

No discurso de Xavier Marques, quando tomou posse, há muita beleza e muita modéstia. Dizia ele, referindo-se ainda à sua candidatura: — «Assim é que fui candidato, sem ilusões, quando razão não tinha sinão para esperar sinão um justo revez: — candidato por um desses motivos irracionados do sentimento, que às vezes nos levam a arcar com aparências audazes que emprestam colorido extravagante, pretencioso, no caso às ações mais inocentes.»

Para Anibal Amorim, com a morte de Machado de Assis e Aluizio Azevedo, Xavier Marques, apresentava-se como «o único grande batalhador que ainda vejo, na arena do romance brasileiro, apesar da ausência de estímulo, do descaso de um público que ainda não está preparado para as coisas do espírito, e que prefere uma caricatura do "Malho" a uma página de bom romance.»

Xavier Marques foi um criador de tipos, dentro das nossas paisagens, com os nossos próprios costumes. Precisávamos de uma literatura nacionalista, nossa, exclusivamente feita dentro dos nossos panoramas, com tudo nosso. E Xavier Marques foi um dos maiores romancistas no gênero.

Jackson de Figueiredo afirma, que «dez escritores como Xavier Marques, com o seu amor profundo pelas coisas da sua terra, que ele embeleza tanto, fariam uma brecha enorme no nosso indiferentismo patriótico.»

Filho daquela Ilha de Itaparica, ali criou-se, ali viveu, produziu e morreu, amando-a cada vez mais, sonhando com tudo que por ali se engalanava; e deslumbrado com a própria natureza, da sua terra, tão decantada nas suas páginas e tão bem retratada nas suas obras vivas e espontâneas...

Livros como o SARGENTO PEDRO, deveriam estar nas mãos das crianças, deveriam ser lidos e estudados pela mocidade, como obras magistrais da nossa literatura. Escreveu não para um pequeno círculo de leitores ou exclusivamente para a elite. Produziu para todos, para os que admiram a perfeição da Arte e se encantam com a primorosidade de linguagem dos áti-cos... Fez uma obra imperecível, passando à imortalidade, porque realizou um sonho, uma atividade fecunda e excelsa. Ele própria dizia: — «Seja pelo raciocínio, seja pela intuição, disse Spinoza, a alma humana deve conhecer as coisas eternas para também ser eterna».

Falecido em 31 de Outubro findo, viveu muito e produziu com intensidade. Deixou impresso em suas obras, especialmente as de ficção, o vínculo seguro da influência e domínio dos te-

mas regionais. Fez romances de costumes, à forma e ao sabor daqueles especializados e tão apreciados.

Todas as suas produções alcançaram ruidoso êxito. Todas vasadas em forma a mais agradável e dignas de pairar em qualquer mão. Alberto de Oliveira, louvando-as disse certa vez, que «tudo nelas é casto, embora a quasi nudez primitiva de algumas figuras». E essas passagens, esses aspectos místicos, que nos deixam sempre a meditar na forma original, são encontradas nos seus outros livros, como VOLTAS DA ESTRADA, JANA E JOEL, e outros.

TERRAS MORTAS, por exemplo, um livro interessante, que apreciado pela pena de Mucio Leão, apresenta-se desta maneira:— «*Terras Mortas* é, em suma, a narração de um drama de família, desses dramas que, ao que vemos nos romancistas e vemos nas histórias folclóricas, são tão frequentes em certas regiões do Brasil. É a história de um rapaz e uma menina, filhos de famílias inimigas, que vêm a apaixonar-se um pelo outro. Não obstante a férrea oposição do pai da menina, os dois corações se aproximam. O rapaz rapta a moça e casa com ela. O velho, então prepara e executa uma vingança tremenda contra o genro: aproveitando-se da miséria política, que domina os ambientes brasileiros mata a localidade em que o rapaz mora — a localidade que ele, com o seu trabalho e a sua coragem, tem feito prosperar tanto. É melancólica e eloquente a última página dessa novela». — Um grande livro, cheio de beleza e magia!

Autor dos mais festejados, Xavier Marques faleceu aos 81 anos, mas ainda em pleno estado de produtividade fecunda! Foi um encantado pelos costumes praieiros, pelos aspectos regionais, hoje tão do agrado de escritores como Graciliano Ramos, Jorge Amado, Lins do Rego e outros que professam com maestria o gênero nacionalista...

Foi um esmerado da linguagem. Nunca amou os malabarismos do vernáculo. Escreveu sempre com o máximo apuro e encanto clássico.

Aliás André Maurois, falando sobre Goethe, diz que só é clássico, aquilo que é são e ainda diz — «o clássico se esforça por impor medida e forma a seu pensamento». Afirma ainda o escritor francês, que o estilo clássico é sóbrio porque é objetivo.

Clássico na forma, lúcido de espírito e inteligência, grandioso na fertilidade excelsa de páginas que o imortalizaram, Xavier Marques, esse baiano ilustre, passará à posteridade, como um exemplo edificante de talento e cultura aprimorada e apolínea!

Seus contos e novelas traziam sempre os traços predominantes do que o nosso povo tinha de mais característico!

Foi um prosador interessante e também um poeta admirável! Na poesia mostrou-se também um lírico, um grande artista!

“INSULARES” — maravilhosa coletânea de versos magistrais, reflete com segurança a habilidade, o conhecimento, a técnica, o artístico de sua inteligência e a formosura de sua Arte!

Páginas de grande realce, acham-se enfeixadas nesse livro cheio de magia. Sonetos perfeitos. Versos líricos e lão notáveis, que, não fosse a escassez do tempo mereceriam ser lidos neste momento.

“Luz e Sombra”, como “A luta pela morte”, “Amor e Esperança”, “Se eu fôra Deus”, “Falando ao coração” e muitos outros são produções que merecem figurar em antologias.

Nas homenagens póstumas, muitas foram as páginas lapidares, exaltando o saudoso escritor baiano.

Escreveu sobre filologia, fez ensaio, lançou novelas, foi romancista no alto termo da palavra, foi político, poeta, recebendo as maiores homenagens e consagrações...

Quando foi das comemorações do seu 80º aniversário natalício, extraordinária foi a homenagem que lhe prestaram os homens de letras nacionais. Foi uma coroação à sua obra grandiosa e ao seu valor portentoso!

Outras similares recebera, como aquela do Liceu de Artes e Ofícios da Baía; outra pela época do lançamento do “Sargento Pedro”, com a dádiva que lhe fizeram de uma formidável coroa de louros.

Xavier Marques que pertencia às Academias Brasileira, Baiana e Matogrossense, como seu membro correspondente, foi um dos maiores escritores que tivemos. Foi um herói. Um mago do verso. Um encantado da paisagem e da natureza. Um temperamento cheio de erudição e de valor!

Com a sua morte, chora a Baía a sua ausencia eterna e lamentam profundamente as letras nacionais, a sua perda.

Com estas minhas singelas palavras escritas quasi “currente calamo”, concorre o nosso sodalício, às homenagens póstumas que as classes literárias e jornalísticas lhe estão prestando, em honra ao seu mérito e à sua indelevel personalidade cultural, uma das mais imponentes, mais complexas, mais fortes, e legítimas da nossa literatura.

Desapareceu para sempre desta vida, mas, para sempre viverá a sua obra que é a sua alma, a sua inteligência, a sua grandeza mental!...

Cântico da Páscoa

de João Cabral de Melo Neto

Páginas dos Mestres

Das páginas dos mestres, o poeta João Cabral de Melo Neto, em sua obra "Cântico da Páscoa", apresenta uma reflexão profunda sobre a condição humana e a busca por sentido.

Em um mundo onde a rotina e a burocracia dominam, o poeta questiona a existência e a liberdade individual. A linguagem é clara e direta, refletindo a simplicidade e a força de sua poesia.

João Cabral de Melo Neto, um dos grandes nomes da poesia brasileira, aborda temas universais que ressoam em qualquer época e lugar.

A obra "Cântico da Páscoa" é um testemunho de uma consciência aguçada e de um profundo compromisso com a arte e a verdade.

Em meio a um mundo em constante transformação, o poeta mantém-se firme em seus princípios, explorando a beleza do cotidiano e a complexidade da alma humana. Sua poesia é um convite à reflexão e à busca por um significado mais profundo da existência.

Assim, "Cântico da Páscoa" não é apenas um livro de poemas, mas uma obra-prima que permanece relevante e inspiradora para as gerações futuras.

Cântico da Páscoa

ALUIZIO DE CASTRO

Tudo se acabara. Chegada a hora nona, muros, torres, pirâmides, montes, vales e plainos, tudo espantosamente retremeu com o fragor das tempestades, e as sombras anoiteceram a terra.

Já das sete palavras da agonia soara a derradeira, e morto o Senhor, cravejado na cruz, o torvo silêncio baixou sobre o arredor.

Mas a piedade de um homem fê-lo subir os degraus do pretorio para obter que se enterrasse o morto.

O poltrão Pilatos deliciava-se, as mãos lavadas, entre púrpuras de Sidon e mármorees suntuosos. Anuiu.

Desceram do afrontoso madeiro o Salvador, e untado de aromatas e bálamos, enxuta a face rorante de sangue, levaram-no, entre as vozes dos psalmos, ligado nas dobras de um lençol, para o túmulo entalhado na rocha. Ali mesmo no horto, batendo nos peitos, no pino da dôr, abafadas no luto, choravam duas mulheres, as duas Marias.

Mas os guardas vieram com as lanças, e vigiam com os fachos acesos.

Eis-nos em fim livres do homem, lá pensavam de si consigo, ralados de rancor, tetrarcas, fariseus, senadores, mandões e figurachos.

Pois que! Quem havia tolerar que afrontando a ira dos máus e a soberba dos magnates, alguém pregasse à escancara a perfeição e o bem, com o exemplo mais sublime, e fulminasse os réprobos, numa terra onde lavravam como peste incurável a iniquidade, a licença, a corrupção e a luxúria?

As mansas palavras de Jesus, os milagres que operava impondo as mãos nos sofredores, e as bênçãos que se lhe desatavam da boca para os justos, irritavam o coração daquela orgulhosa Jerusalém, desapiedada, infiel e ingrata. Que se morresse trespassado de dôres e de espinhos!

Lacerado Jesus e cravado no lenho, suando nos minutos extremos, só lhe não quebraram as pernas, como aos dois ladrões, crucificados, porque ao chegar o centurião já havia pendido sobre o peito a fronte descorada.

Ainda assim não se aplacou a insolita crueza dos perseguidores, e por oprobrio final, o duro soldado com a lança bigúmea vara o corpo da Vítima.

Mas perpetrado o deicídio ainda os assassinos se temiam do morto.

Ele disséra aos judeus quando com o açoite verberou os cambistas e vendilhões, que usuravam no templo: « Desmorone este Templo, dentro em 3 dias o levantarei! » Que quizera ter dito assim dizendo?

Logo se viu. O templo era ele mesmo, na carne do seu corpo e na flama do seu espírito.

E eis que transcorrido o sábado, logo ao primeiro abrir da manhã, Maria Madalena, ela, errada pecadora que se compungiu e se fez santa, também a outra Maria, mãe de Tiago, e ainda Salomé, todas vieram com perfumes e resinas embalsamar no jazigo o corpo iná-nime do Cristo.

Mas uma campa sigilava o bocal do túmulo. Como seria para abrí-lo?

Foi quando radioso surgiu, a súbitas, o Anjo do Senhor, « o rosto como relâmpago, as vestes brancas como a neve ».

Tranzidos de surpresas, estatelados, caíram por mortos os soldados da guarda. Já havia rolado a pedra do sepulcro... Olhando o recôncavo do tumba, as santas mulheres pasmaram de assombro: o sudário e nada mais.

Ouviu-se então a voz do Anjo: « Por que buscais o vivo dentre os mortos? Aqui não está Jesus de Nazaré: ressurgiu, como Ele próprio um dia lá na Galiléa, o preanunciou. »

Correu a nova de boca em boca e de canto em canto.

Ouvindo a narração das mulheres, os mesmos discípulos do Senhor desconcertados pareciam duvidar.

Acaso visão de quem sonha? Pedro e João presto acorreram ao horto e ali, olhando ao perto, viram com os olhos o vasio recesso do túmulo.

Dos mortos exsurgira, Aquele que exclamara: «Sou a Ressureição e a Vida, o que em mim souber crer, embora morto, viverá!»

Onde o Cristo? Vivo entre os vivos. Tal apareceu à Madalena, aos discípulos, no caminho de Emaús, em Jerusalém, nas aguas dormentes da Galiléa.

Todos o viram, bem visto, de verdade, todos o sentiram humanado, encorporado, presente e redivivo, tal como a sua misericórdia prometera, até que depois ascendeu aos céus, onde troneia e de onde só retornará para as últimas contas, consumados os tempos.

Inhumado, foi para que o dia de luto preparasse o dia festo, como a noite que em nevoas se afoga no horizonte se dissipa no claror do dia que amanhece. Como homem, baixou à cova, como Deus, quebrando o sono da morte, rompe no terceiro dia os cancelos do sepul-

cro, e levantando de onde jazera, invizíveis azas já o subiram glorioso, das trevas infinitas à luz imortal.

Assim, com o acordar da Ressureição, é o Pai magnânimo quem nos libera da morte e nos muda em dias eternos o destino passageiro.

Quando, no terror de acabar, se nos esmorecem as esperanças, do fundo da nossa confusão alguma coisa nos reergue, solidados para a vida. E o homem, nascido dos limos da terra, se sobreleva e se transmuda ao seio do infinito, soerguido do seu montão de cinzas. No apagado vulcão, não se sabe quando, ao remugir da cratera, ressurde a labareda.

Das tenebras fechadas se acende o clarão dos astros e o luzir dos arrebóis, como das escuridades da alma, pela fé que abraza, o lume interior e o resplendor da graça.

Si tudo nasce para perecer, tudo perece para renascer.

Não passa o que veio do sopro de Deus, não se extingue o que se transforma no eterno ciclo das cousas. Brota o grão, vem a plântula, cresce o talo rebentando em vergontes, já arbusto, se balança e árvore se enrama e adombra o chão e abotôa e se desata em flôres e debruça o pomo, de onde cai a semente, para, ao sol das novas primaveras, eternar a pompa das florescências. Tudo se reviventa e perpetúa.

Mas ao homem, edificado à sua imagem, o Senhor, dando-lhe o dom de multiplicar-se, prometeu, como fôr tempo e chegue o dia da citação em que se abrirá a porta à mansão dos júbilos, revocá-lo e reintegrá-lo, depois de dormido na morte e anihilado no pó.

O' Senhor ressurrecto, suba ao teu regaço o cântico desta Páscoa! Nós te declaramos, pondo em ti a aspiração imanente e os votos supremos de nossa alma. A certeza das tuas promessas é descanso, recompensa e alegria incomutavel. Porque contigo tudo poderá sêr.

E só tú restauras as nossas esperanças, que são como espuma na crista das ondas.

Nem mais a dôr nos sofreia o respiro e rouba o fôlego e os latidos do pulso. Nem mais a descrença nos conturba. Nem a aflição nos consome. Nem o temor nos jarreta.

Tu disseste: «Eu vim para dar a vida e a abundancia». Todos te encontram, quantos te procuram, e a todos abençôas com os imperios do teu verbo: «O Reino de Deus, eil-o, está dentro em vós».

Bem assim te sentimos, curando-nos, consolando-nos, perdoando-nos.

Aqui, ali, além, descaminhos, fragas, alcantis horri-
veis dos precipícios, boqueirões abertos, torrentes que
irresistíveis arrastam.

Mas tú estás e contigo a salvação. No que te se-
guir, guardando-te a palavra e amando-te deveras, um
paraizo se abrirá, e em vez do calix travoso o nectar de
todas as doçuras, enlevo, paz, amor supremo, e alegria
perfeita e felicidade inexprimível.

O' Deus revivo, eterno e indubitado, vibrem hoje
e sempre pelo mundo os hinos e as aleluias do teu triun-
fo, no troar das tubas, no canto das avenas, na voz das
harpas e das liras.

Hosana, hosana! E para te adorarmos em espírito
e verdade, na glória da tua Páscoa, alumiem-se os al-
tares de todos corações, curvem-se todas as frentes,
dobrem-se todos os joelhos, e trêmulas as mãos todas
se ergam para os Céus!



A máscara humana é uma lâmpada — brilha segundo a luz
que vem de dentro.



MÁSCARAS

Tristão da Cunha

Goethe, que fora muito feio na mocidade e acabara um formoso velho, explicava a mudança com o ter sempre pensado em cousas justas. Cousas justas são cousas harmoniosas.

Eu tive na infancia uma velha parenta cuja cabeça era o retrato de Renan. E nem só no físico lembrava o mestre, senão na sabedoria paciente e doce com que falava dos acidentes da vida. Nunca se casara, o que me enchia de confusão, pois naquelas eras primitivas não podia conceber que morassem juntas na mesma pessoa a virgindade e a velhice. Era feia, mas de expressão angélica. Tinha olhos azuis cheios de frescura, e muita vez nos contou como em sua longinqua adolescência fôra gentil e requestada, e soubera exilar o homem amado que se mostrara indigno dela. Dizia-nos tambem sucessos belicosos, revoluções e viagens forçadas, nos dias difíceis do primeiro imperio. Um dia, a uma peça que lhe fizemos, com meus primos e irmãos, repreendeu-nos, mas com tanta moderação e justeza, que tenho grande pena de haver esquecido o seu discurso, digno do modelo que ela não conhecia. Caminhava leve e discreta como uma sombra, e como uma sombra passou da vida, e tinha já passado da minha memória, quando agora, tornando à velha casa solarenga, de enormes salas vazias, vi outra vez o seu vulto amigo, e meditei no seu exemplo, que foi de graça íntima e transparente.

A máscara humana é uma lâmpada, — brilha segundo a luz que vem de dentro.

Páginas dos Novos

Céu de Estrelas

Versos que escreveu

Guy de Mesquita

Cançado das misérias deste mundo,
desviei os olhos para o céu profundo.
E aquela noite esplendida de estrelas
trouxe-me à idéia uma lembrança rara:
Disseram-me uma vez
que cada mãe que morre
se transforma mais tarde em uma linda estrela.
E, assim, meus olhos constrangidos
procuram inutilmente pelo espaço
entre os milhões e milhões
de mães que já morreram
Aquela que será a minha estrela...

Rio, 1942.



ILUSÃO

Ao Dr. José de Mesquita

«Uni en la estrella á tu mirar de fuego
Mi amorosa mirada...»


(*Compoamor, "Doloras"*)

Ao partir lhe dissera: «Ao fim do dia,
Da estrela Vesper ao primeiro brilho,
Nela verás os olhos de teu filho».
E foi-se, à luz da tarde que morria.

E ela agoniza. Pelo etéreo trilho,
Á meiga luz da tarde fugidia,
A estrela vespertina se entrevia
A divagar em luminoso exílio.

E a mãe agonizante, num espasmo,
Julga na estrela ver do filho os olhos,
E morre, nela tendo os seus olhares.

O filho entanto, no febril marasmo
De mil pecados — entre os vís escolhos
Dos vícios... rola pelos lupanares...

(*Goiânia*) 

Domingos Felix de Souza.

“Uma Flor do Clero Cuiabano”

Risonho, tão alegre quão modesto

Vivia aquele santo de batina.

O seu ardor na vocação divina

Era firme, patente, manifesto.

Passou a sua vida celestina

Entre fadigas, preces, e de resto

Amava as belas letras num protesto

De santo amôr a tudo que ilumina.

No seu rude burel de salesiano

Ensinava a Doutrina verdadeira,

Que nos conduz a Cristo Soberano.

Esta jóia da Igreja Brasileira,

Era “Uma Flôr do Clero Cuiabano”:

Padre Armindo Maria de Oliveira.

Cuiabá, 6 de Setembro de 1941.

Jorge Otaviano da Silva Pereira.

LUMINOSÆ STELLÆ

Às minhas queridas sobrinhas

Três ninfas cada qual mais perfumosa,
Guardam a plenitude da beleza,
Rende-lhes culto até a Natureza
Perfuma-lhes a trança a linda rosa.

E à noite, quando a lua súz formosa,
No lânguido Painei da realeza
Saúda antes de tudo essa grandeza
Daquela virgindade radiosa.


E tudo em sua presença gosa a calma,
Confundido na grã resplandecência
Que amortece os clarões dos outros sóis.

Dulcinéa — é o Lotus de minh'alma,
Sidérea — é a Musa da Ciência
E Walkíria — é a deusa dos Heróis!

17 / 10 / 42.

Rabindranath Tagore Pires

(De Grémio L. de D. A. Corrêa)



Tristão de Ataíde, Mestre e Apóstolo

Luiz-Philippe Pereira Leite

Tristão de Ataíde é um homem que vence todas as barreiras e incompreensões, todos os preconceitos, que se levantam, a cada passo, contra sua vida e sua obra. E, aqueles que ao menos vislumbraram o Mestre, sabem que êle não é o homem desfigurado como seus desafetos nô-lo apresentam. Esse vulto eminente da inteligência brasileira, traz, marcados na face, sináis impressivos de uma extrema simplicidade, aquela que é privilégio sómente dos eleitos. Antes e acima de tudo, o que mais interessa ao Mestre é a Verdade, à qual fez dádiva de sua própria vida. «Optando pela Verdade — dizia êle, em carta dirigida a um amigo, carta que êle mesmo denominou *Tentativa de itinerário* — eu bem sei que arranco de mim mesmo as últimas veleidades de influir sôbre «a nossa geração e o nosso momento», que só amam a ilusão. Sei que me coloco, ao menos na estrutura fundamental de minhas convicções, em opposição ao espírito do tempo, à inclinação invencível do momento e mesmo a tudo aquilo que, no fundo de nossas almas, se inclina a aceitar tudo isso, com o carinho e a saudade dos estados de espírito longamente cultivados».

Extremamente simples e afavel, êsse homem discutido e incompreendido por indivíduos destituídos de liberdade para julgar e compreender homens e fátos, êsse homem não tem outros compromissos senão os oriundos da Verdade, que êle abraçou

com a sinceridade de um espírito que fôra sacudido, como toda a sua geração, até as raízes mais fundas, pela guerra e pela Revolução.

Tenho ainda bem vivas as impressões que me deixaram suas lições magníficas no Instituto Católico de Estudos Superiores, que frequentei por algum tempo; suas conferências no Centro D. Vital, que reúne a flôr da nossa intelectualidade católica; suas formosas orações em Congressos e reuniões; suas preleções aos universitários católicos, de quem foi sempre guia inconfundível e amigo. Lembro-me, ainda, e com que emoção, de suas palavras quando nos despedimos à porta mesmo da Capela da Juventude Universitária Católica, a nossa J. U. C., após à missa de ação de graças pela formatura dos jucistas, em 1940. Ao lado de D. Martinho Mitchler, O. S. B., professor de Doutrina Católica do Instituto, onde exerce decisiva influência sôbre o movimento universitário católico, discorreu o Mestre sôbre a missão do jucista e do católico no mundo moderno, relembrando palavras suas de que não é do entusiasmo gesticulador que precisamos e sim do entusiasmo interior, dessa força de convicção que se traduz em atos e cujo esplendor é a perseverança.

Não é raro erguer-se uma onda de revolta contra o som cristalino e puro da palavra de Tristão de Ataíde, tentando abafá-la. Dir-se-ia mesmo que os homens pretendem tapar obstinadamente os próprios ouvidos, para se desculparem das suas ações. Foi o que aconteceu em 1937, escreve Jorge de Lima, no mais aceso da campanha política. É então que êle recebe as mais consagradas homenagens de toda a sua vida. Em setembro daquele ano, especialmente convidado, foi visitar alguns países sul-americanos, em missão do mais verdadeiro conagraçamento americano, que é aquêle que assenta na universalidade da Igreja de Cristo. Nêsses países, diz mais além o mesmo Jorge de Lima, o Brasil nunca se viu tão bem representado, pois a mais alta e sã cultura cristã foi naquele apóstolo dizer entre povos irmãos a fala mais autorizada, mais pura e mais digna do apostolado leigo do país (*in* VIDA, n° 37, de setembro de 1937, pág. 5). E, em se referindo aos injustos ataques sofridos pelo grande líder católico, acrescentava, textualmente, aquêle consagrado escritor: «A diferença, ou melhor, uma das inúmeras diferenças que existem entre êle e os que o atacam, é que os atacantes agem com as armas mais temerosas e infernais do mundo. Podem lançar mão quando lhes apraz da mentira, da simulação, do crime e da revolução. E o apóstolo há de recorrer, diante da tremenda crise de caráter, da estupidez e do obumbramento do mundo pelas forças do mal, da arma cristã da Caridade.»

Ao testemunho daqueles que, ao lado do Mestre, lutavam e sofriam, veio juntar-se o do grande Purpurado brasileiro, o saudoso Cardial Leme, assim expresso :

«Rio, 27 de agosto de 1937

Meu caro Mons. L. Franca,

Como a sessão de hoje é a última do Centro D. Vital, antes da viagem do Dr. Alceu, pensava dar-lhes a surpresa de meu comparecimento. Já agora percebo que não me será possível.

Assim, far-me á V. o favor de dizer aos amigos do C. D. V. que afetuosamente me associo a todas as homenagens ao grande líder do laicato católico nacional. Por maiores que sejam, não chegarão a exprimir bastante o reconhecimento e a quase veneração da alma católica brasileira, por tudo que ao Dr. Alceu devemos pela doação irrestrita que á nossa causa fez do seu talento, da sua cultura, de seu coração, de suas atividades, de sua vida, enfim.

É um apóstolo incomparavel. Na dedicação, no espírito de disciplina e renúncia, na união de vistas com as autoridades eclesiásticas, no «sentire cum Ecclesia», posso dar o testemunho solene de que ninguem o excede.

Dr. Alceu, como dirigente-chefe da A. C., merece, pois, toda a confiança e todas as bênçãos da Igreja.

Seb., Cardial Arcebispo.»

Ninguém de tão alto, nem com maior autoridade, poderia falar assim tão claro e de maneira mais justa que o Cardial Leme, que mais tarde, em uma das reuniões da A. C., no Círculo Católico, valendo-se da ausência do Dr. Alceu, então em viagem a Minas, teve oportunidade de tecer os maiores encômios à atividade desenvolvida pelo eminente líder, que mereceu sempre toda a confiança do grande Cardial brasileiro, confiança que por si só basta para esmagar quaisquer juízos apaixonados em tôrno do ardoroso defensor da causa católica.

Uma prova de como Tristão é discutido e incompreendido, se infere do simples relance de vista às duas opiniões, que a seguir transcrevemos, a propósito dessa grande figura do pensamento brasileiro, as quais fornecem-nos o testemunho cabal do quanto são capazes o ódio e o *parti-pris* :

«Se o leitor deseja saber por que Tristão defende tão apaixonadamente a democracia liberal, por que êle se coloca ao lado dos países onde a Igreja Católica foi sempre desprestigiada, por que advoga a causa de governos que dão mão forte aos encarniçados inimigos de Cristo, não é difícil informar-lhe. A razão.

é muito simples. É que Maritain é um intelectual que serve a causa do liberalismo ateu e anti-cristão, do liberalismo que arruinou moralmente a França e que afogou em sangue os mosteiros da Espanha.

Mas Tristão de Ataíde não foi feliz na escolha do seu novo mentor» (Pedro Lafayette, em OITO DIAS, revista carioca de informações, Rio, 25 10-1941 — Ano III, nº 119 — Direção de H. Lima e Silva).

« Até a Ação Católica dirigida pelo fascista Tristão de Ataíde, ultramontano herdeiro das piores idéias do Sr. Jackson de Figueiredo definiu a sua atitude. É verdade que o Sr. Tristão de Ataíde não consegue esconder uma delicada máguia íntima em se vêr obrigado a estar com as detestáveis democracias contra o "heroísmo" das juventudes fascistas que ele tanto exaltava nas páginas da "A Ordem" (Rubem Braga, Copyright da Inter-Americana, in "O Estado de Mato-Grosso", de Cuiabá, em 18-10-1942, nº 850, Ano IV).

Aí estão, para folgança nossa, duas opiniões sobre Tristão de Ataíde, escritas com a diferença de um ano apenas. Cada qual, a seu modo, julga o líder católico pelo prisma estreito de seus particularismos mesquinhos e ficamos sem saber com qual dos dois está a razão, ou melhor se está com algum deles. Entretanto, separadamente, cada opinião dessas vai adquirindo prosélitos apaixonados, que tanto mais facilmente aceitam uma ou outra, quanto menos conhecimento têm da obra e da vida de Tristão de Ataíde. Um paralelo, porém, como esse que aí vai alinhado, basta para desvendar quaisquer dúvidas, e desfazer quaisquer insinuações. Nada mais claro — o ódio e a paixão dividem os homens e quem se vê presa seja de um, seja de outra, não pôde nunca dizer a verdade. É, assim, que se explica a divergência entre Pedro Lafayette e Rubem Braga, em torno da figura sobranceira de Tristão de Ataíde, tão serena e altiva, que se coloca muito acima do sectarismo sem nome dos seus demolidores gratuitos. Por falar sempre de modo firme, resoluto, mas sem paixão, sua palavra é sempre mal interpretada por aqueles que têm compromissos com o mundo e não podem, conseqüentemente, ouvir a voz límpida e clara da Verdade. Aliás, o que se dá com Tristão de Ataíde, passa-se com Maritain. Fenômeno idêntico, lembra o autor de "Mitos de nossos tempos", se observa com todos os grandes espíritos do pensamento universal, mórmente com aqueles que sabem, melhor que outros, associar o pensamento e a vida, o espírito e o mundo, a idéia e a realidade, a contemplação e a ação. São sempre o alvo dos ataques

hostis, principalmente quando passam do campo das idéias puras para o dos acontecimentos e portanto dos temperamentos, dos personalismos e das paixões.

Bem se aplicam, ao caso, aquelas palavras, cheias de sabedoria, de Herculano, em certa passagem de *Opúsculos*, quando escreve: «Deixai passar essas paixões pequenas e más que combatem na arena política, deixai flutuar à luz do sol na superfície da sociedade esses corações cancerosos que aí vêdes; deixai erguerem-se, tombar, despedaçarem-se essas vagas encontradas e confusas das opiniões! Tudo isso acontece quando se agita o oceano; e o mar do povo agita se debaixo da sua superfície. O sargaço imundo, a espuma fétida e turva hão de desaparecer. Um dia o oceano popular será grandioso, puro e sereno como saíu das mãos de Deus. A tempestade é a precursora da bonança. O lago Asphaltite, o Mar Morto, êsse é que não tem procelas».

Alheio e indiferente a essa onda que se levanta contra sua pessoa e sua obra, vai Tristão de Ataíde cumprindo sua missão de Mestre e de Apóstolo. Sua atitude pura, serena e imperturbavel, lembra-nos, pela sua beleza e pela grande lição que encerra, aquela página admiravel de Ernesto Hello, ao prefaciar sua obra *Fisionomias de Santos*: Um dos caractéres da Igreja Católica, diz o célebre autor, é a sua invencível calma. Esta calma não é frieza. Ela ama os homens, mas não se deixa seduzir pelas suas fraquezas. No meio dos trovões e dos canhões, celebra a invencível glória dos Pacíficos, e celebra-a cantando. Podem as montanhas do mundo ruir umas sôbre as outras. Se é nêsse dia a festa duma pastorinha, de Santa Germana, por exemplo, ela celebrará a pastorinha com a calma imutavel que lhe vem da eternidade. Por mais barulho que lhe façam em tórno os povos e os reis, ela não esquecerá um só dos seus mendigos, um só dos seus mártires. Os séculos nada influem, como tão pouco influem os trovões. Enquanto os trovões roncam, ela remontará o curso dos séculos para celebrar a glória imortal de alguma donzela desconhecida durante a vida e morta há mais de mil anos.

É em vão que o mundo desaba. A Igreja conta os seus dias pelas suas festas. Ela não esquecerá um só dos seus velhos, um só dos seus meninos, uma só das suas virgens, um só dos seus solitários. Vós a maldizeis. Ela canta. Nada lhe adormecerá e nada lhe assombrará a invencível memória.

Não vejo palavras que melhor caracterizem a atitude de Tristão, em face dos seus detratores, do que essas que Hello aplica à Igreja. Não desce nunca à arena para o torneio inútil de palavras; prefere servir-se de outra arma de efeito mais pode-

roso e eficaz talvez, qual seja a caridade cristã pelo silêncio. Nada o demove do seu silêncio, para terçar armas com os depreciadores de sua vida e de sua obra, legando-nos, destarte, o «sentido pacífico da verdadeira vida que está na caridade», como no-la ensina Mario Calazans, em o seu inspirado trabalho, com respeito à *presença* de Santa Tereza.


Por isso, sem dúvida, é que a palavra do grande líder católico, Mestre incomparável e Apóstolo inexcedível, é sempre acatada com respeito e admiração por aquêles que, no estertor em se debate a humanidade, ainda conservam bem viva a consciência da verdadeira vida, iluminados pela luz da Verdade integral. E, por «essas consciências vivas dêste mundo morto», a palavra de Tristão é ouvida com acatamento sempre maior, não como a vóz infalível de um oráculo, para empregar palavras suas em se referindo a Maritain, mas como a de um espírito sujeito ao êrro, como todos, mas iluminado, como raros, pelo dom da Sabedoria.

Cuiabá, XXV—IV—MCMXLIII.



É em vão que o mundo desda. A Igreja conta os seus dias pelas suas festas. Ela não esquecerá um só dos seus filhos, um só dos seus meninos, uma só das suas virgens, um só dos seus solitários. Vós a maldizeis. Ela canta. Nada lhe adormecerá e nada lhe assombrará a invencível memória.

Não vejo palavras que melhor caracterizem a atitude de Tristão, em face dos seus detractores, do que essas que applica à Igreja. Não desce nunca a arena para o torneio inútil de palavras, porque sempre se de outa arma de estio mais pode-



Uma Estrela do nosso Romantismo

BREVE ESTUDO SÔBRE JOSÉ DELFINO DA SILVA

(Patrono da Cadeira nº 23 da Academia Matogrossense de Letras)

por *Wanir Delfino Cesar*

Filho de Pedro Delfino da Silva e de Petronilha Teodósia da Silva, ao declinar do ano de 1860, aos 20 de novembro, nas pinturescas e aprasiveis paragens livramentenses, vira sorrir-lhe o primeiro albor da existência. E tudo alí, dês a campina esmeralda até a brisa mansa e enamorada, parece que sorriu, contemplando e recebendo os primeiros soluços daquele que, aureolado com o estema do filho da Musa, haveria de, ao depois, cantando em a lira doce e amena, immortalizar o seu berço, primeiro que fôra, dentre os filhos de sua terra, predestinado para assentar-se no concílio dos vates.

Em contraste flagrante com tudo isto poetava depois o illustre bardo, sempre envolto na modéstia e nostalgia que lhe caracterizavam as inspirações:

Do dia em que nasci não sei dizer,
Mas, suponho que, triste, a natureza,
De luto fez cobrir sua beleza,
Nêsse dia em que tive de nascer!

Contava ainda poucos anos de idade, quando José Delfino vê morrer-lhe o pai. Era como a primeira estação na Via-Crucis que lhe estava preparada.

E ele já provava, mal se lhe desabrochava a existência, a sua dura realidade. A vida, esta vida cuja exagerada compreensão fôra mais tarde o ecúleo que lhe martirizava o peito, era, por então, para o seu espírito novo e fragil a madrasta inclemente.

Os tempos foram passando. Impelida pelas circunstâncias, sua mãe houve mister de transferir-se, com os filhos, para esta Capital. Em aqui chegando, entrava ele de aluno em uma das pequenas Escolas que eram, nêsse tempo, os silogeus desta Cidade.

Após de frequentar várias Escolas, lutando sempre com as adversidades da sorte que, as mais das vezes, eram superadas pelo grande desejo de saber, um dos mestres foi avisar sua mãe de que já se lhe haviam esgotados os conhecimentos, dando, pelo conseguinte, como concluído o curso daquele dedicado aluno. Começou para ele uma fase nova de vida. Estudava em casa. O francês foi a primeira língua que lhe cativara o gosto. E presou tanto o idioma de Chateaubriand que chegou a conhecê-lo profundamente.

A sua vida era o estudo, e no trato contínuo dos modelos da vernaculidade ia formando essa reserva de conhecimentos e delicadeza de estilo com que viria esmaltar a fantasia admirável de sua inspiração. Às pessoas íntimas dizia querer morrer estudando; talvez tivesse lido e invejado a morte de Petrarca.

Entretanto, necessitava de ganhar a vida. A realidade de certas necessidades aparece, muitas vezes, como para impedir os passos dos que vão trilhando o caminho áspero do estudo. E aqueles a quem a sorte galardoou com grandes riquezas, porem atrofiou a inteligência, êstes, longe de ajudarem, vão aumentar os obstáculos que retardam o garboso progredir dos desprotegidos da fortuna. Ele também não pôde escapar-se desta provação. Emprêgo na Capital não lhe foi possível; resolveu, então, retirar-se para os arredores, onde foi lecionando. Esteve em vários dos florescentes sítios da época, chegando até Poconé, onde estabeleceu uma Escola. Durante êsse tempo, entretanto, ao passo que procurava o pão que alimenta o corpo, no trabalho e no sacrifício, não deixava os livros e, à semelhança de Cesar sôbre o qual poetara o épico lusitano:

Vai Cesar conquistando toda a Franca
E as armas não lhe impedem a ciência
Mas numa mão a pena e noutra a lança,
Igualava de Cícero a eloquência

também ele, na árdua peleja pela conquista da vida, peleja contínua, que a vida é toda ela «combate que os fracos abate» ia manuseando os livros queridos.

Era a sêde bendita de saber que lhe ia lavrando assim na alma de artista e de cantor.

Mais tarde regressa ele para junto dos seus. Ocupou aqui vários cargos, inclusive o de Promotor da Justiça. Finalmente foi nomeado professor no Seminário Episcopal.

Ministrava a educação naquele vetusto Estabelecimento, quando o terrível mal que havia de conduzi-lo ao túmulo começou de manifestar os primeiros sintomas. Agravou-se-lhe mais e mais a nostalgia que fôra sempre o seu rude cilício.

Passaram-se alguns anos nêsse estado. Era o calvário, que todos têm o seu, que se lhe deparava. Força era galgá-lo.

«A triste dor quebranta o vivo lume.
No esmorecido olhar.»

E ele vai, na plástica admirável do verso, formando a imagem melancólica de seu coração aflito. As suas poesias todas são o reflexo dessa tristeza, pois que a poesia é a expansão da alma em todas as sensibilidades que a caracterizam. E ele exclama

Da flor da minha vida as tenras pétalas
Mirradas já estão;
Que o fogo da desdita deflagrando
Está, meu coração.

O seu estro se filiava à estirpe imortal do Romantismo que, naquele tempo, havia trazido às nossas letras a mesma vida e graça que imprimira na literatura de outras partes.

Gostemos, agora, a seguinte estrofe de seu hino à noite:

Gosto da noite, acho no seu repouso
Certa cousa propícia à minha dor,
Quando absorto num extranho gozo
A minha alma se eleva ao Creador.

Era, não há duvidar, essa “nostalgia do infinito” que lhe queimava o coração. E tudo se lhe afigurava triste e efêmero a ele que era

... a triste flor de um dia
Que, apenas desabrocha, vai morrendo!

E entre os tormentos que lhe crestavam, por me assim exprimir, todas as esperanças, ele sente a falsidade que envolve o mundo e as suas cousas e, coração de supra sensibilidade, coração de poeta, como já dissera Cleômenes Campos, «sensível cristal», não poderia menos de refletir no verso o que se lhe deparava

Agora descrente de tudo que vejo,
Num mundo de alta e cruel falsidade
Em que, de contínuo, se vende num beijo,
A casta e mais pura, sincera amizade...

Nem o canto que as aves modulam,
 Nem a brisa que passa a gemer
 Nem as flores que expandem perfumes
 À minha alma dariam prazer!

Em tratando da vida, já poetara alguém «sempre é melhor amá-la que entendê-la». Quem quer que haja compreendido as misérias e a falsidade dos homens é semelhante ao Israelita asentado à margem do rio de Babilônia, com a imaginação voltada para Sião. E o mundo, quantas vezes, zombando cruelmente do coração sensível do poeta, não vem, tal os opressores dos filhos de Jeová, pedir-lhe que cantel... Mas o seu canto há-de sempre ser a saudade imensa dessa Pátria distante, que nem todos compreendem, porem que cada qual tem dentro em si a inculcar-lhe essa característica de nostalgia.

A vida humana é tal como elevado monte, força nos é transpô-lo. E todos nós dia por dia vamos, nessa arrancada titânica, vencendo os obstáculos que se nos deparam «lutar é vencer». À medida que subimos já se nos afigura mais suave, que todo Calvário é triste e doloroso, porem, bem se poderia dizer, abriga em seu cume o Tabor resplandecente do galardão.

Figura desse monte de que falo, encontramos, aliás, entre a imortal inspiração do eterno filho de Florença, que, na magia estupenda de seu estro, vai ideando aquele monte íngreme e singular

«Che sempre al cominciar di sotto é grave,
 E quanto uom piú va sù e men fa male.»

E os homens vamos, até que um dia, ao rosicler sorrir das luzes da vitória, com os olhos fitos no além, as dores vão transformar-se em meles suavíssimos; e, como exclama Dante:

«Allor sarai al fin d'esto sentiero»

Será, então, o fim de todos os combates, e nos laurea a fronte o estema da vitória.

Tudo isto porque fomos criados para mais elevadas coisas que não para as míticas e passageiras ilusões da terra.

«O' gente umana, per volar su nata.»

O coração do poeta bem se poderia chamar um “para-raios” das manifestações patéticas da natureza. Ai veem concentrar-se todas as dores do coração humano, bem como ele folga e se alegra quando a satisfação empolga o espírito dos homens. E como já manifestou, admiravelmente, o ínclito escritor Tristão de Athayde «a poesia é a síntese das vozes contraditórias do Universo, transfiguradas pelo banho lustral do silêncio e da solidão». Porque à semelhança daqueles santos varões que povoaram os primeiros séculos da Igreja e que iam às florestas longínquas

e desertas para falar com Deus e compreender-lhe a Beleza e Onipotência, também o poeta, «creatura que mais se aproxima dos anjos», busca o silêncio para que nele possa expandir-se nos vãos sublimes de sua inspiração.

Bendito aquele que, imitando a Jó, não sente desfalecer-lhe a fé mesmo quando tudo parece matar-lhe a esperança e, ainda sentindo que, humanamente falando, tudo conspira para o seu tormento, pode, elevando o coração e a alma às alturas imarcescíveis da imortalidade, ver que por sobre todas as misérias da vida rutila a Glória de uma Pátria imortal que lhe acena, como a beleza multicolor do arco-iris que vai esmaltando o céu mal se desfazem as borrascas das horas tempestuosas.

Padecia o nosso poeta e muito; o mal que tão cedo o acometera vai cada vez mais avançando. Os recursos médicos falham e não lhe resta outro meio senão deixar a sua terra em busca de melhoras. Vida toda de sofrimentos exclama ele:

Eu padeco, eu soffro tanto!
Esta vida é sopro, é nada...
Foi a minha harpa vibrada
Só pra soltar um gemido!...

Porem, mesmo entre toda essa conspiração de dores que lhe torturava o espírito, ele cria porque esperava:

Ver a vida nas asas da crença
Ir voando até o seio de Deus!

Preso aos ideais republicanos que dominavam já os espíritos brasileiros, José Delfino compõe um inspirado soneto em louvor da proclamação da República e que não posso furtar-me ao desejo de transcrever:

Só tem vida, esta vida, ó Liberdade,
Quando à sombra se alenta dos teus louros;
Não há gozos sem ti, não há tesouros
Não há prazeres nem felicidades.

Luz propícia nas trevas da orfandade,
Que receia terríveis sorvedouros,
Tu desfazes suspeitas e os agouros
Que soem contristar a humanidade.

Rico sonho de um povo que se agita,
Sacudiudo o atroz jugo da opressão,
Sentimento que tanto o nobilita!

És, enfim, Liberdade, essa oblação
Que no Altar do dever só deposita
Quem nutre valoroso coração.

15/11/890

Com grande tristeza se dispõe a partir; já então o mal havia progredido sobremaneira. Ainda às vésperas de sua partida,

como a expansão dolorosa de seu coração aflito. José Delfino compõe o soneto "Despedida", que tem como fecho o terceto em que se lhe vai toda a alma cheia de dor e de apreensões:

Por uma senda assás desconhecida,
Onde podem o próspero e o adverso,
Não sei se busco a morte ou busco a vida!

Era a dúvida que o assaltava. Ia empós da saúde, mas o coração não lhe acalentava a esperança. Jamais voltaria ao seu amado lar, nem mesmo para repetir com Junqueira «trago d'amargura o coração desfeito»; nem lhe fôra dado ter o túmulo no berço, «para depôr a fronte que abatida foi por mágua em que teve o peito imerso». O seu coração ia acabar-se bem longe de sua terra natal, mas os seus ossos haveriam de vir aqui esperar aquele formidável instante em que as trombetas angélicas hão-de despertar da morte a humanidade inteira.

Após de uma viagem longa chega, alfin, ao Rio-Grande-do-Sul, que para lá se dirigia. Em alí chegando, por motivo da epidemia que então grassava, bem como os companheiros de viagem, teve de fazer quarentena em a ilha das Flores. Cumprida a quarentena, foi recolhido num hospital, onde, depois de tantos sofrimentos, finalmente:

«longe da Pátria achou maneira
Para subir à Pátria verdadeira».

Bem poderia, ao chegar àquela terra, repetir as palavras que Virgílio põe na boca de Enéas:

«longarum hæc meta viarum»

Eis o fim de minhas longas peregrinações. Eis aqui o cimo de meu Calvário.

Era aos vinte e nove de março do ano de 1900. Com o século 19 extinguiu-se também uma das estrelas do Romantismo em terras matogrossenses.

As suas produções literárias levou-as todas consigo, com o fim de fazê-las públicas, mas a sorte lhe foi adversa e, com a sua morte, a-pesar de todos os esforços feitos pelos seus, não foi possível rehavê-las. Só nos restam algumas de suas poesias que já foram publicadas na revista "O Mato-Grosso" e uma inédita, oferecida em um banquete, sobre a qual o professor Ulisses Cuiabano fez uma apreciável crônica.

Mais tarde, os seus ossos foram transportados para o cemitério desta Capital.

Desta maneira, entrego aos estudiosos das nossas cousas e das nossas gentes mais uma figura do século 19, que ficara apagada pela incompreensão dos seus contemporâneos.

Joaquim Ribeiro e a "Folklore of Americas"

Corsíndio Monteiro

Ralph Steele Boggs, folclorista norte-americano, acaba de indicar o nome do professor Joaquim Ribeiro para a associação internacional de folklore nos Estados Unidos, denominada "Folklore of Americas".

Nada mais justo. Com prazer seus amigos e admiradores registramos este acontecimento. A obra do filho do ilustre gramático João Ribeiro, é digna dos maiores encômios: obra de estudioso, de pesquisador, de exegeta e de mestre.

Joaquim Ribeiro, atualmente técnico de Educação do Instituto de Psicologia, é autor de vários trabalhos valiosos, uns publicados, outros ainda em manuscrito aguardando oportunidade para publicação. Não só trabalhos sobre folklore, mas sobre linguística, peças teatrais, poesias, ensaios, "Páginas inéditas da História do Brasil", "Reflexões Provincianas de Quincas Borba" (livro que será um desafio aos críticos literários) —, enfim uma miscelânea de assuntos que ele trata com sua técnica bem característica.

Não lhe fosse a negligência ou comodismo, seria o nome de Joaquim Ribeiro muito mais conhecido. Aquela "oportunidade" que aguarda para publicação de seus trabalhos reside num indiferentismo às cousas que se referem a si próprio. Seu livro "Introdução ao Estudo do Folklore Brasileiro" já envelhecia nos

prelos, quando seus amigos o obrigaram a publicar: Estava este livro — diz ele — envelhecendo nos prelos, quando, amigos, dele se lembraram e exigiram de mim o castigo da publicação. Obedeci e não quiz tirar-lhe o ar primitivo, por vezes, entusiástico e arrogante».

*

Joaquim Ribeiro reparte ensinamentos em sua conversação. Um pouco apaixonado às vezes. Idéias ardorosas, ciência de sua cultura, embora modesto, dono de incrível bom-senso e serenidade, palavra fácil, imaginoso, comunicativo e sincero, máo grado nosso às suas próprias produções dá menos destino que às de seus amigos. Suas críticas de erudição ao que se publica, mesmo parecendo demonstração de inesgotável cultura, é nada menos que prova de atenciosa boa-vontade em esclarecer aos que lhe pedem sua atraente apreciação.

*

Há poucos dias foi a S. Paulo com uma pilha de cadernos manuscritos sobre folklóre, assunto de sua predileção. Falamos-lhe então da temperatura da paulicéia. Daí a dois dias estava de volta: não tratou de procurar o editor — não resistira o frio por não ter levado agasalho suficiente. E voltou com a dezena de cadernos manuscritos debaixo do braço.

Existe outro livro seu em prova de imprensa, em cima de sua mesa de estudos, aguardando que ele tenha um tempo para fazer a correção. Debalde os editores insistem, seus amigos disso o convençam, e Joaquim reconheça que todos eles têm razão.

Sua preocupação maior é que nós, seus amigos, produzamos. Cada mês, ou semana, sai um artigo seu, em jornal ou revista, aplaudindo o livro de um companheiro, anunciando outro, ou apresentando um jovem estreante. E sua sinceridade, e seu estímulo, fazem o indivíduo crer em suas possibilidades.

*

Joaquim Ribeiro disse-nos certa vez que se julgava presumido e não modesto como supunhamos.

Oxalá todas as presunções fossem como a do filho de João Ribeiro. Sua aparente arrogância é certeza em seus julgamentos, fé em sua capacidade de apreensão e em seu coeficiente intelectual.

Rematando uma conversação entre nós, a propósito das melhores obras de seu genitor, o notável historiador e linguista João Ribeiro, disse: «De certa maneira a melhor obra do velho sou eu!» Nenhum de seus trabalhos poderia falar melhor de si

do que um exemplo vivo, um homem, um estudioso de suas obras, um defensor, uma «sentinela do tesouro paterno» e um continuador.

Continuador, dizemos, porque a obra daquele distinto filólogo não morreu, nem passou; antes, pelo contrário, ainda vive, bafejada pelo carinho de seu filho, como os trabalhos do Visconde de Taunay que, de dia a dia, são trazidos a público por Afonso Taunay, seu ilustre filho, estudiosos ambos e cultores dignos do legado paterno.

Por que Joaquim Ribeiro se torne merecedor do título de homem culto: basta *olhar e ver* as suas obras.

“Estética da Língua Portuguesa” obteve o 1º prêmio da Academia Brasileira de Letras. A sua tese apresentada ao concurso de “História do Brasil” da Escola Normal (em 1929), intitulada: “Carta de Pero Vaz de Caminha”, assegurou-lhe menção honrosa da Academia Brasileira. No mesmo ano, ao lançar “A Tradição e as Lendas” foi portador ainda da menção honrosa da mesma Academia. Em colaboração com seu amigo, o snr. José Honório Rodrigues, publica “Civilização Holandesa no Brasil”, obtendo o 1º prêmio de erudição da Academia Brasileira.

Publica ainda um ensaio interessante: “Introdução ao Estudo do Folk-lore Brasileiro”, um estudo sobre a “Origem da Língua Portuguesa” e outro trabalho que, infelizmente, não alcançou entre os críticos o objetivo do autor: “9 mil dias com João Ribeiro”. Como contribuição aos Centenários de Portugal (1941) faz imprimir pela Imprensa Nacional, “O Folklore da Restauração” e, já em 1939, publicara “Itinerário Lírico de Tasso da Silveira” trabalho *sui-generis* de interpretação psicológica, inédito ainda entre nossos críticos literários.

*

Embora o autor de “Estética da Língua Portuguesa” não tenha pretensões a crítico, suas apreciações são justas e novas. A crítica de Joaquim Ribeiro é serena, conscienciosa. Critica a obra do autor e não a sua personalidade. Daí querer que lhe façam o mesmo. Ao filho do Mestre João Ribeiro não julguem agradá-lo dizendo-lhe continuador do valor de seu pai e outras que tais. Acha isto muito para sí, posto que ele coloca o erudito historiador e beletrista incomparavelmente acima de qualquer confronto com a sua “obscura” pessoa.

O papel seu — ele bem o julga — o seu dever, é «defender o patrimônio intelectual do saudoso professor e a sua situação em face das gerações vindouras».

São poucos, todavia, os que lhe retribuem na mesma moeda as apreciações cheias de sinceridade e independência. Quasi sempre perdem as estribeiras e desancam sobre ele chalaças e adjetivos retumbantes com réplicas «atrevidas e intratáveis» — para os quais tem sempre uma palavra de atenção e justificativa, com rebates à luva de pelica, sem contudo mal indispor com a possível amizade que exista entre eles.

Muita expressão há naquelas suas palavras quando defendia o papel de seu pai como precursor dos estudos afro-negros no Brasil: «Sentinela do tesouro paterno, posso dizer de mim mesmo que possuo capacidade para lutar, mas não a tenho para odiar...»

Por essa e inúmeras outras razões os admiradores e amigos de Joaquim Ribeiro rejubilamos com a notícia auspiciosa de seu ingresso à mais ilustre associação internacional de estudiosos, a "Folklore of Americas".

O autor de "A Tradição e as Lendas" irá ombrear com nomes honrosos, como o professor Stith Thompson, da "American Folklore Society", Vicente Mendoza, presidente da "Sociedade de Folklore do México", Santo Farí, presidente da "Associação Argentina de Folklore", prof. Archer Taylor, da "California Folklore Society", e muitos outros — com igual merecimento e com ótimas credenciais.

Neste momento de incompreensão mundial, de desespero, dor, apreensões, de angústia, em que sobreeleva o gesto fraterno da união das Américas, tem grande significação a atitude do Snr. Ralph Steele Boggs, indicando o nome de Joaquim Ribeiro para aquela associação de cultura, demonstrando mais uma vez saberem os homens do Novo Mundo reconhecer os seus valores, procurando-os nos recantos mais recônditos, apesar de todo o negativismo que emprestam gratuitamente à nossa civilização.

RIO, 13 Setº 1942.

O papel seu — ele bem o julga — o seu dever, é defender o patrimônio intelectual do saudoso professor e a sua simpatia em face das gerações vindouras.



Quanta personalidade tens tu, oh! minha cidade verde! Como a sinto dentro de mim e quando estou bem longe é que sei quanto gosto de ti.

Oh! cidade em que vi a luz e escuto-me dizer, balbuciante, a primeira palavra que me viu aprender a primeira letra e o primeiro passo da minha infância cheia de brinquedos, minha juventude de imperseverança e induções e oxais da minha velhice descarnada e feliz.

EXALTAÇÃO À CIDADE

Jorcy Dreux

Oh! minha cidade, como me alegro em vê-te e como te quero bem! A ti, que me orgulhas, me enobre-
ce, me faz viver, me faz crescer, me faz amar. De novo volto a vê-te oh! minha cidade berço. Mais uma vez aqui estou para visitar-te, a ti, a quem estou ligado por tantos laços de amizade e gratidão.

E com que emoção volto a sentir-te no palpitar de tua vida laboriosa, na tua hospitalidade sem par, no vibrar de tua mocidade sadia e esperançosa, na simpatia alegre de tuas ruas, no relicário sagrado de tuas igrejas, na tranquilidade santa da casa paterna.

Venho a vê-te pelas festas do Natal e do Ano Bom, ao celebrar das bodas de prata daqueles a quem mais quero e devo, quando a alegria anda em todos os lares e a esperança em todos os corações. E tudo isso, para mim, é motivo para prender-me mais a ti, pelo coração e pela lembrança.

Vejo-te sempre e cada vez mais moça, mais alegre, mais feiticeira. Sinto-te orgulhosa na solidez dos teus modernos edificios; sinto-te bela no cuidado dos teus jardins e no arrumado de tuas ruas; sinto-te minha no

azul do teu céu, no verde dos teus morros, no cantar melancólico dos teus sinos.

Quanta personalidade tens tu, oh! minha cidade verde! Como a sinto dentro de mim e quando estou bem longe é que sei quanto gosto de ti.

Oh! cidade em que vi a luz e escutou-me dizer, balbuciante, a primeira palavra, que me viu aprender a primeira letra e o primeiro passo, da minha infancia cheia de brincedos, minha juventude de imperseveranças e inquietações e oxalá da minha velhice descansada e feliz.

Como te levo sempre em pensamento nas minhas peregrinações e como a tenho sempre junto de mim, no coração e nas saudades.

Oh! minha cidade, como me alegro em vê-te e como te quero bem! A ti, que me orgulha, me enobrece, me faz viver! A ti, Cuiabá, ontem, das touradas pitorescas, das noites sem luz, das lutas políticas, ingratas e mesquinhas; hoje, das realizações fecundas, de um governo operoso que a tem feito moderna, higiênica, conhecida. Sempre do Senhor Bom Jesus!

Como, por ti, no dever de irmão por nascimento, agradeço a esses teus filhos que te querem tanto e por ti trabalham, engrandecendo-te.

Oh! minha cidade natal! Que sejas sempre como até agora fostes, a animadora amiga e incansável de todas as horas, acalentadora fiel dos meus sonhos e esperanças, a confidente leal das minhas tristezas e ilusões.

Que cada vez que volte a vê-te, leve de ti, mais saúde no corpo, mais vigor no espírito e mais saudades no coração!...

(Natal de 1942)

INDICE GERAL

DA

REVISTA DO CENTRO MATOGROSSENSE DE LETRAS
(1922 - 1932)

ÍNDICE POR AUTORES

Afonso Arinos—Buriti Perdido—período VII, ano 1928, tomo XIV, pags. 106-108.

Alberto Rangel—A Almanjarra de Brás Cubas—período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 110-117.

Albuquerque (Celso Oliveira) — Ver Celso Oliveira Albuquerque.

Albuquerque (José Bonifacio)—Ver José Bonifacio de Albuquerque.

Alcindo de Camargo—Elogio do Cônego Silva Guimarães—período III, ano 1924, tomo V, pags. 15-27.

Poesias de José de Mesquita — período III, ano 1924, tomo VI, pags. 57-62.

Cenas de Campo -- período IV, ano 1925, tomo VII, pags. 70-72.

Discurso com que recebeu o sócio António Cesário de Figueiredo Neto em sessão de 6-6-925—período IV, ano 1925, tomo VIII, pags. 65-68.

Sinfonia da Alma (Franklin Cassiano)—período V, ano 1926, tomo IX, pags. 73-79.

Fantasia—período V, ano 1926, tomo X, pags. 67-68.

Bibliografia: "A Cavahada" de José de Mesquita — período VIII, ano 1929, tomo XVI, pags. 87-89.

Bibliografia: "No país das Carnaúbas", de D. Martins de Oliveira — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 148-154.

Alirio de Figueiredo — Gloria! — período IV, ano 1925, tomo VII, pag. 63.

O Destino das pedras, Vitor Hugo, Camões—período IV, ano 1925, tomo VIII, pags. 50-52.

Camilo, Machado de Assis, Olavo Bilac—período V, ano 1926, tomo X, pags. 56-58.

No pórtico de um livro -- período V, ano 1926, tomo X, pags. 70-78.

Brasil, O Jardim de Platão, Troféos—período VI, ano 1927, tomo XI, pags. 39-40-41.

IV — Índice geral da Revista do Centro Matogrossense de Letras

- Augusto Cavalcanti** (continuação) — O galgo e o mastim, Tântalo — período III, ano 1924, tomo VI, pags. 16-17.
- As Erinias — período IV, ano 1925, tomo VII, pags. 5-25.
- As Erinias (2ª parte) — período IV, ano 1925, tomo VIII, pags. 5-27.
- Na Academia, O Amor assassinado — período V, ano 1926, tomo IX, pags. 21 e 22.
- A marmita, de Plauto — período V, ano 1926, tomo X, pags. 7-38.
- A marmita, de Plauto (tradução) — período VI, ano 1927, tomo XI, pags. 5-31.
- Drama floral, A visão de Caim — período VI, ano 1927, tomo XII, pags. 45 e 46.
- Como é preciso pedir o socorro de Deus (da Imitação de Cristo) — período VII, ano 1928, tomo XIII, pag. 30.
- Homenagem póstuma — período VII, ano 1928, tomo XIII, pag. 61.
- O Assalto do castelo e o Barão Normando -- período VII, ano 1928, tomo XIV, pags. 26-31.
- A morte de Gilliatt — período VIII, ano 1929, tomo XVI, pags. 29-30.
- O Impostor — período IX, ano 1930, tomo XVII, pags. 21-39.
- De que o homem per si nada tem de bom e de nada se pode gloriar (da Imitação de Cristo) — período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 11-15.
- Azambuja** (Tarcisio) — Ver Tarcisio de Azambuja.
- Barbosa** (Rui) — Ver Rui Barbosa.
- Barreto** (João Marciano) — Ver João Marciano Barreto.
- Barros** (Olegario) -- Ver Olegario de Barros.
- Barros** (Vandoni) — Ver Vandoni de Barros.
- Bastos** (Clodomiro) — Ver Clodomiro Bastos.
- Benjamin Duarte Monteiro** — Ver Duarte Monteiro (B).
- Bilac** (Olavo) — Ver Olavo Bilac.
- Bonifacio de Albuquerque** (José) — Ver José Bonifacio de Albuquerque.

- Brasil* (Castro) — Ver Castro Brasil.
- C. P.* — Ver Cesario Prado.
- Camargo* (Alcindo) — Ver Alcindo de Camargo.
- Campos* (Alves) — Ver Alves Campos.
- Campos* (Carmino) — Ver Carmino de Campos.
- Campos Vidal*—A Rosa e seus atributos—período VII, ano 1928, tomo XIV, pag. 105.
Peso da sorte—período IX, ano 1930, tomo XVII, pags. 95-101.
- Carlos de Laet* — Com a Academia — período VII, ano 1928, tomo XIII, pags. 91-96.
- Carvalho* (Antonio Gonçalves) — Ver Antonio Gonçalves de Carvalho.
- Cassiano* (Franklin) — Ver Franklin Cassiano.
- Castro Brasil*—Corumbá—período V, ano 1926, tomo IX, pag. 52.
A sombra, Fatal dilema — período VI, ano 1927, tomo XI, pags. 57 e 58.
Guanabara — período VII, ano 1928, tomo XIII, pag. 64.
Carta, Velhas cartas, Tropical, Ansia eterna — período VII, ano 1928, tomo XIV, pag. 64-67.
Profissão de fé—período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pag. 41.
- Carmino de Campos* — Mato-Grosso, a antiga capital —período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 158-160.
- Cavalcanti* (Augusto) — Ver Augusto Cavalcanti.
- Cavalcanti Proença* (M.)—Xaraés -- período VI, ano 1927, tomo XI, pags. 73-74.
Poesia Matogrossense—período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 80-85.
- Coelho Neto*—A morte do Neiva—período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 140-147.
- Celestino Correia Pina*—Meditação—período VI, ano 1927, tomo XI, pags. 75-77.
- Celso de Oliveira Albuquerque* — O passado — período VI, ano 1927, tomo XII, pag. 88.

- Cesário Neto*—Anatole France—período IV, ano 1925, tomo VII, pags. 82-84.
- Elogio de José Tomaz — período IV, ano 1925, tomo VIII, pags. 57-62.
- Bibliografia: "O elogio da Mediocridade" de Amadeu Amaral — período IV, ano 1925, tomo VIII, pags. 83-85.
- Ensaio sobre Camões — período V, ano 1926, tomo IX, pags. 59-72.
- De literis — período VI, ano 1927, tomo XI, pags. 65-67.
- D. Aquino na Academia de Letras — período VI, ano 1927, tomo XII, pags. 5-7.
- Discurso na recepção de Alírio de Figueiredo—período VII, ano 1928, tomo XIII, pags. 42-54.
- Na pista de Rocinante — período VII, ano 1928, tomo XIV, pags. 71-102.
- Barro de Adão — período VIII, ano 1929, tomo XV, pags. 40-48.
- Cesário Prado* — (Ver J. Terra e C. P.) — A Revista—período I, ano 1922, tomo I, pag. 5.
- Bibliografia: "A Sabedoria dos Instintos" de Pontes de Miranda—período I, ano 1922, tomo I, pag. 83.
- A Independencia — período I, ano 1922, tomo II, pag. 3.
- Vãos e Quedas — período I, ano 1922, tomo II, pag. 89.
- Antonio Vieira de Almeida (conferência proferida a 2 de Maio de 1922)—período II, ano 1923, tomo III, pags. 1-15.
- Um pouco de Machado de Assis (conferência proferida a 29-9-1924) — período III, ano 1924, tomo VI, pags. 41-55.
- Caminhos da vida — período IV, ano 1925, tomo VII, pags. 65-69.
- O México — período IV, ano 1925, tomo VII, pags. 74-77.
- Bibliografia: Alvaro Moreira—O outro lado da vida, A cidade mulher, Cocaina—período IV, ano 1925, tomo VII, pags. 116-118.
- A estátua — período V, ano 1926, tomo IX, pags. 23-24.
- Pássaros soltos—período VI, ano 1927, tomo XI, pags. 45-50.
- O símbolo de Assis — período VI, ano 1927, tomo XI, pags. 68-70.
- A vaga da Academia e a candidatura de D. Aquino Corrêa — período VI, ano 1927, tomo XII, pags. 31-32.

- Cesário Prado* (continuação) — Cromo de vila — período VII, ano 1928, tomo XIII, pags. 57-60.
- Tio Leandro—período VII, ano 1928, tomo XIV, pags. 57-61
- Ontem — Hoje — Amanhã — período VII, ano 1928, tomo XIV, pags. 109-110-111.
- Bibliografia: "Discursos" de D. Aquino Corrêa— período VII, ano 1928, tomo XIV, pag. 120.
- Nisus excelsior — período VIII, ano 1929, tomo XV, pags. 49-53.
- Bibliografia; "A Cavalhada" de José de Mesquita —período VIII, ano 1929, tomo XV, pags. 98-99.
- Luz sôbre cinzas — período VIII, ano 1929, tomo XVI, pags. 22-26.
- A lembrança do Paraíso—período IX, ano 1930, tomo XVII, pags. 56-60.
- Soror Marta—período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 16-19.
- De longe—período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 151-154.
- Clodomiro Bastos*—Caminho das Bandeiras, rumo à minha Terra — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 125-126.
- Congro* (Rosario) — Ver Rosario Congro e Cruz do Vale.
- Corrêa* (D. Aquino) — Ver D. Aquino Corrêa.
- Corrêa* (Filogonio) — Ver Filogonio Corrêa.
- Corrêa* (Joaquim Gaudie de Aquino) — Ver Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa.
- Correa* (José Estevão) — Ver José Estevão Corrêa.
- Corrêa* (Ovidio) — Ver Ovidio Corrêa.
- Corrêa do Couto* (Antonio) -- Ver Antonio Corrêa do Couto.
- Corrêa Filho* (Virgílio) — Ver Virgílio Corrêa Filho.
- Corrêa Pina* (Celestino) — Ver Celestino Corrêa Pina.
- Costa Ribeiro* (Luiz) — Ver Luiz da Costa Ribeiro.
- Couto* (Antonio Corrêa) — Ver Antonio Corrêa do Couto.
- Cruz do Vale* (pseudônimo de Rosario Congro) — A Imprensa —período I, ano 1922, tomo II, pag. 90.

- Cruz do Vale* (continuação) — Subindo o Cuiabá — período III, ano 1924, tomo V, pags. 45-50.
- A tragédia do sol — período VI, ano 1927, tomo XI, pags. 55-56.
- As garças — período VI, ano 1927, tomo XII, pags. 69-70.
- Cuiabano* (Ulisses) — Ver Ulisses Cuiabano.
- Cunha* (Ernani Lins) — Ver Ernani Lins da Cunha.
- Cunha* (Euclides) — Ver Euclides da Cunha.
- Cunha* (João) — Ver João Cunha.
- Cunha* (João Nunes) — Ver João Nunes da Cunha.
- Cunha* (Otavio) — Ver Otavio Cunha.
- Delfino da Silva* (José) — Ver José Delfino da Silva.
- Dinarte* (Aluizio) — Ver Aluizio Dinarte.
- D. Aquino Corrêa* — O Centro Matogrossense de Letras — período I, ano 1922, tomo I, pags. 10-25.
- A flôr do aguapé — período I, ano 1922, tomo II, pag. 85.
- Bandeirantes, A monção — período II, ano 1923, tomo III, pags. 16 e 17.
- A lufada, A casa de Inocência—período II, ano 1923, tomo IV, pags. 53 e 54.
- A caçada de perdizes—período III, ano 1924, tomo V, pag. 33.
- Mez de Maria — período III, ano 1924, tomo VI, pag. 13.
- Casa de telha — período IV, ano 1925, tomo VII, pag. 59.
- A laranjeira cuiabana—período IV, ano 1925, tomo VIII, p. 47.
- Elogio do Padre José Manuel de Siqueira—período V, ano 1926, tomo IX, pags. 27-50.
- Herva de Tapera—período V, ano 1926, tomo IX, pag. 53.
- Carme Secular—período VI, ano 1927, tomo XI, pags. 33-34.
- Resposta à saudação (discurso) — período VI, ano 1927, tomo XII, pags. 15-24.
- Discurso de recepção na Academia Brasileira de Letras — período VII, ano 1928, tomo XIII, pags. 5-29.
- Madalena, Ruth — período VII, ano 1928, tomo XIV, pags. 32 e 33.

- D. Aquino Corrêa** (continuação) — A Santa das Rosas — período VIII, ano 1929, tomo XV, pags. 35-36.
- Ao largo! — período VIII, ano 1929, tomo XVI, pags. 3-4.
- D. Bosco e a Democracia — período IX, ano 1930, tomo XVII, pags. 3-20.
- Flores da Pátria—período IX, ano 1930, tomo XVIII, pag. 3.
- As Noelistas—período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 4-5.
- Canção da noviça — período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 6-7.
- As costureiras de Jesus, A Santa Cecília, A Maria—período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 8-9-10.
- D. Bosco e a Juventude—período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 5-19.
- Bibliografia: "Da Epopéa Matogrossense" de José de Mesquita—período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 180-183.
- Ruth, Flôr estranha, Leopoldina, A Cruz queimada, O guaraná, Vitória Régia — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 17-22.
- Duarte Monteiro** (B.) — Arrependimento tórdio—período VI, ano 1927, tomo XII, pags. 89-91.
- Ernani Lins da Cunha** — Olinda — período IX, ano 1930, tomo XVII, pags. 112-113.
- Estevão Corrêa** (José) — Ver José Estevão Corrêa.
- Estevão de Mendonça** — Postais (a eleição de D. Aquino Corrêa) — período VI, ano 1927, tomo XII, pags. 35-36.
- Francisco Marianni Wanderley — período VII, ano 1928, tomo XIII, pag. 76.
- Numa noite de Natal — período IX, ano 1930, tomo XVII, pags. 63-64.
- Euclides da Cunha** — O estouro da boiada — período IX, ano 1930, tomo XVII, pags. 102-104.
- Fernandes de Souza** (Antonio)—Ver Antonio Fernandes de Souza.
- Figueiredo** (Alirio de) — Ver Alirio de Figueiredo.
- Filogônio Corrêa**—A federação brasileira — período I, ano 1922, tomo II, pags. 91-102.

- Filogônio Corrêa* (continuação) — José Estevão Corrêa — período II, ano 1923, tomo III, pag. 18-29.
- Espírito Cuiabano — período IX, ano 1930, tomo XVII, pags. 68-74.
- Discurso na recepção de D^a. Maria de Arruda Müller — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 98-103.
- Flávio C. de Matos*—Tiradentes — período VII, ano 1928, tomo XIII, pags. 100-101.
- Floreal* (Silvio) — Ver Silvio Floreal.
- Francisco Marianni Wanderley* — Um aniversário — período IV, ano 1925, tomo VIII, pags. 76-78.
- Francisco Mendes*—No pouso — período III, ano 1924, tomo V, pags. 53-56.
- Raimundinho — período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 66-69
- Discurso de posse em sessão de 13-12-30 — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 59-72.
- Discurso na posse de Leonidas de Matos, em sessão de 20-2-32 — período XI, ano 1932, XXI-XXII, pags. 9-16.
- Franklin Cassiano da Silva* (ver também Aluizio Dinarte) — Noite — período I, ano 1922, tomo I, pag. 33.
- A Nuvem — período I, ano 1922, tomo II, pag. 87.
- Dominó negro—período II, ano 1923, tomo IV, pags. 56-57.
- Estado d'alma — período IV, ano 1925, tomo VIII, pag. 48.
- Elogio de Ramiro de Carvalho—período V, ano 1926, tomo IX, pags. 5-15.
- Renascimento — período V, ano 1926, tomo IX, pag. 18.
- Si soubessem, Feliz — período V, ano 1926, tomo X, pags. 54 e 55.
- Miosotis — período VI, ano 1927, tomo XII, pag. 61.
- A marcha das horas — período VII, ano 1928, tomo XIII, pag. 56.
- O corvo — período VII, ano 1928, tomo XIV, pag. 62.
- Noite de insônia, Sonhos, Sugestão do luar (ritmos novos) — período VIII, ano 1929, tomo XV, pags. 37-38-39.
- Velho Tamarindeiro, A Cachoeira—período VIII, ano 1929, tomo XVI, pags. 35 e 36.

- Bibliografia: "Poemas e Poeira" de Alirio de Figueiredo — período VIII, ano 1929, tomo XVI, pags. 85-87.
- A Bandeira—período IX, ano 1930, tomo XVII, pags. 61-62.
- Vícios de Linguagem — período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 32-38.
- Discurso na posse de Nilo Póvoas, em sessão de 30-4-1931 — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 132-139.
- A lua, Ritmos novos — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 62 e 63.
- Generoso de Siqueira* — O "Centro" e a Cultura Matogrossense — período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 73-76.
- Gonçalves de Carvalho* (Antonio) — Ver Antonio Gonçalves de Carvalho.
- Henrique Soido*—A guerra mundial—período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 55-57.
- Lágrima — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pag. 48.
- Isac Póvoas* — Elogio de Francisco Catarino — período IV, ano 1925, tomo VIII, pags. 31-38.
- Coronel José Magno da Silva Pereira — período VI, ano 1927, tomo XII, pags. 66-68.
- Nuno de Andrade — período VII, ano 1928, tomo XIII, pags. 81-90.
- Os tropeiros do Sertão—período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 43-50.
- Januário Miraglia*—Ilusão—período V, ano 1926, tomo X, pag. 95.
- J. Mario* — Através da vida — período V, ano 1926, tomo IX, pags. 82-83.
- J. Terra* (pseudônimo de Cesário Prado)—Estelionato—período I, ano 1922, tomo I, pags. 43-46.
- Bibliografia: "Graves e futeis" de Medeiros de Albuquerque — período II, ano 1923, tomo III, pags. 67-70.
- Do meu recanto—período III, ano 1924, tomo V, pags. 39-42.
- Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa*—Joaquim Murtinho—período I, ano 1922, tomo II, pags. 5-32.
- Pela confraternização continental — período VIII, ano 1929, tomo XVI, pags. 77-80.

- Joaquim Nabuco* — Massangana — período VIII, ano 1929, tomo XVI, pag. 64.
- João Cunha* — Elogio de Frederico Prado — período IV, ano 1925, tomo VII, pags. 31-43.
Viuva — período V, ano 1926, tomo X, pag. 69.
- João Marciano Barreto* — Elegia — período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 77-79.
- João Nunes da Cunha* — Elegia — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 123-124.
- João Ponce de Arruda* — Trechos de um discurso — período VIII, ano 1929, tomo XV, pags. 77-79.
- José Bonifácio de Albuquerque* — A um pintasilgo, Bons anos — período VI, ano 1927, tomo XII, pags. 62 e 63.
A Selva do "Betyone", Ao vate Julio Maciel, Quando a ví, Desilusão — período IX, ano 1930, tomo XVII, pags. 80-84.
O Cururú — período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 58-65.
Meu canto, Às minhas filhas, Á minha estimada Irmã "Nenê" — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 81-85.
Manhã de Maio, O passarinho, Arrulho em prantos, A solidão — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 105-109.
- José Delfino da Silva* — A noite — período III, ano 1924, tomo VI, pag. 63.
- José Estevão Corrêa* — Isabel — Adeus! — período VI, ano 1927, tomo XI, pags. 71 e 72.
- José Magno da Silva Pereira* — Discurso no Liceu Cuiabano a 3-2-1881 — período VI, ano 1927, tomo XII, pags. 83-87.
- José de Mesquita* — O Pêndulo e o Coração — período I, ano 1922, tomo I, pag. 26.
Bibliografia: "A Onda Verde", de Monteiro Lobato — período I, ano 1922, tomo I, pag. 80.
O Angelus do Sertão — período I, ano 1922, tomo II, pag. 87.
Culto da perfeição — período II, ano 1923, tomo III, pags. 35-38.
Bibliografia: "Vida Roceira" de Leoncio de Oliveira — período II, ano 1923, tomo III, pag. 66.
Diamantino — período II, ano 1923, tomo IV, pag. 55.

- José de Mesquita* (continuação) — A garça — período III, ano 1924, tomo V, pag. 34.
- Segunda Despedida — período III, ano 1924, tomo VI, pags. 35-38.
- O mal de escrever — período IV, ano 1925, tomo VII, pags. 47-56.
- Trinta e tres anos — período IV, ano 1925, tomo VIII, pag. 69.
- Bibliografia: "Os companheiros de rancho" de A. Gonçalves de Carvalho — período IV, ano 1925, tomo VIII, pags. 81-83.
- Renuncia — período V, ano 1926, tomo IX, pags. 39-52.
- Sinhá Violante: A requesta, O psaltério, No engenho, A cadeirinha, Noite de luminárias, As nupcias de Violante — período V, ano 1926, tomo IX, pags. 53-58.
- A uma árvore antiga — período V, ano 1926, tomo X, pags. 79-81.
- Dourados — período VI, ano 1927, tomo XI, pags. 59-62.
- Discurso oficial de saudação a D. Aquino Corrêa, em sessão de 21-5-1927 — período VI, ano 1927, tomo XII, pags. 10-14.
- Domingueiras (A Candidatura de D. Aquino Corrêa) — período VI, ano 1927, tomo XII, pags. 33-34.
- A magia do luar — período VI, ano 1927, tomo XII, pags. 47-56.
- Tres Parafrases: O abeto e a palmeira, No adro, Toada — período VI, ano 1927, tomo XII, pags. 64-65.
- Lolóta — período VII, ano 1928, tomo XIII, pags. 67-75.
- Evangelho do artista, Símbolos, Sevilha, Jardim de Armida, Isto memor, Minas, Depois de lêr "Regret" de Maupassant, A "minha festa de S. Luiz", Introspecção — período VII, ano 1928, tomo XIV, pags. 34-40.
- "Serras e Pantanaís", de Lamartine Mendes — período VII, ano 1928, tomo XIV, pag. 123.
- Um paladino do nacionalismo (elogio do Dr. José Vieira Couto de Magalhães) — período VIII, ano 1929, tomo XV, pags. 5-34.
- Do "Outono": Beleza espiritual, Alem-mundo, Bondade, Flos Tristitiæ, O meu "Primeiro livre", Sugestões de Maio, Simbolismo da Cruz — período VIII, ano 1929, tomo XVI, pags. 5-11.

- José de Mesquita* (cont.) — O milagre da Custódia, Bom Jesus, A heroína do Carandá, As mulheres de Coimbra, Os paragnostas — período VIII, ano 1929, tomo XV, pags. 54-59.
- Bibliografia: "O estranho caso de Pelino Mendes", "O enigma mulher" de Cristovão de Camargo — período VIII, ano 1929, tomo XV, pags. 97-98.
- Aquele homem estranho — período VIII, ano 1929, tomo XVI, pags. 37-47.
- Semeadoras do Futuro—período IX, ano 1930, tomo XVII, pags. 43-55.
- Sansão e Dalila (burleta em 1 ato)—período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 24-31.
- Do "Jardim Místico": Fé, Esperança, Caridade, Theos, Jesus, A morte do Cristo, Mater dolorosa, S. Francisco de Assis — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 49-56.
- Um rapaz alegre — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 109-111.
- Bibliografia: "Almas penadas", de Arnaldo Serra — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 183-186.
- Beneditino, Flôr de Paixão, Barra, Quebramar, Betania, Apaziguamento — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 23-28.
- A última luminaria—período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 95-100.
- Discurso—período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, ps. 120-122.
- Relatório do Presidente do Centro Matogrossense de Letras correspondente ao período 1922-1923 — período III, ano 1924, tomo V, pags. 57-64.
- Relatório correspondente ao período 1923-1924 — período IV, ano 1925, tomo VII, pags. 85-97.
- Relatório do Presidente do C. M. L. correspondente ao período 1924-1925 — período V, ano 1926, tomo IX, pags. 87-94.
- Relatório do Presidente do C. M. L. correspondente ao período 1925-1926 — período VI, ano 1927, tomo XI, pags. 99-102.
- Relatório do Presidente do C. M. L. correspondente ao ano social 1926-1927 — período VII, ano 1928, tomo XIII, pags. 123-132.

José de Mesquita (continuação) -- Relatório do Presidente do C. M. L. correspondente ao ano social 1927-1928 -- período VIII, ano 1929, tomo XV, pags. 83-88.

Relatório do Presidente do C. M. L. correspondente ao ano social 1928-1929 -- período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 89-93.

Relatório do Presidente do C. M. L. relativo ao ano 1929-1930 -- período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 164-173.

Relatório do Presidente do C. M. L. correspondente ao ano 1930-1931 -- período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 129-136.

José Raul Vilá -- Bilac -- período I, ano 1922, tomo II, pags. 65-84.

Sonetos -- período II, ano 1923, tomo III, pags. 49-51.

Discurso de saudação a Oscarino Ramos e Alcindo de Camargo -- período III, ano 1924, tomo V, pags. 31-32.

Ao corvo -- período IV, ano 1925, tomo VIII, pag. 49.

Bibliografia: Conferências de Amadeu Amaral -- período IV, ano 1925, tomo VIII, pags. 85-86.

Lapidador de lágrimas -- período V, ano 1926, tomo IX, pag. 19.

Os navios de Pireu -- período V, ano 1926, tomo IX, pag. 20.

Na morte de Olavo Bilac, Fidiás, Destino das quatro paredes, Saudade -- período VI, ano 1927, tomo XI, pags. 51-54.

Deante do túmulo -- período IX, ano 1930, tomo XVII, pag. 89.

José Tomaz de Almeida Serra -- Que importa? -- período II, ano 1923, tomo III, pag. 52.

Ausência -- período V, ano 1926, tomo IX, pags. 80-81.

Laet (Carlos) -- Ver Carlos de Laet.

Lamartine Mendes -- A Tapera -- período I, ano 1922, tomo I, pags. 27-30.

Hino à Floresta -- período I, ano 1922, tomo II, pags. 33-36.

A volta das canôas -- período III, ano 1924, tomo V, pag. 35.

De pouso -- período III, ano 1924, tomo VI, pag. 14.

A tropa -- período III, ano 1924, tomo VI, pag. 14.

O Seringueiro -- período IV, ano 1925, tomo VII, pag. 61.

Cuiabá -- período VI, ano 1927, tomo XII, pag. 41.

- Lamartine Mendes* (continuação) — O boi, A lagoa, Os canham-
boras — período VI, ano 1927, tomo XII, pags. 42-43-44.
A chimbuveira, Passeio matinal, A queimada, Outono —
período VII, ano 1928, tomo XIV, pags. 41-44.
No Calvário—período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pag. 80.
Solidão — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pag. 64.
- Leonidas de Matos* — Discurso de posse em sessão de 20-2-1932
—período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 3-6.
- Lobato* (Monteiro) — Ver Monteiro Lobato.
- Lins da Cunha* (Ernani) — Ver Ernani Lins da Cunha.
- Luiz da Costa Ribeiro* — Nossos dias — período II, ano 1923,
tomo IV, pag. 60.
- Magno da Silva Pereira* (José)—Ver José Magno da Silva Pereira.
- Marciano Barreto* (João) — Ver João Marciano Barreto.
- Maria de Arruda Müller* — Discurso de posse em sessão de
26-1-1931 —período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 89-95.
Um quadro — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII,
pags. 55-56.
Sonata ao luar, Restauração —período XI, ano 1932, tomo
XXI-XXII, pags. 57 e 58.
- Maria do Carmo Melo Rego* — Curupira — período VIII, ano
1929, tomo XV, pags. 73-76.
- Mariani Wanderley* (Francisco)—Ver Francisco Mariani Wanderley.
- Manuel Xavier*—Dante—período I, ano 1922, tomo I, pags. 47-51.
- Matos* (Flávio) — Ver Flávio C. de Matos.
- Melo Rego* (Maria do Carmo)—Ver Maria do Carmo Melo Rego.
- Mendes* (Francisco) — Ver Francisco Mendes.
- Machado de Assis* — Visita ao marechal — período V, ano 1926,
tomo X, pags. 82-83.
- Matos* (Leonidas) — Ver Leonidas de Matos.
- Martins Oliveira*—Palmeiras—período III, ano 1924, tomo VI, p. 64
Veneza ideal—período V, ano 1926, tomo IX, pag. 84.

- Manuel Paes de Oliveira*—Nossa Senhora do Rosário—período I, ano 1922, tomo II, pags. 103-105.
- Mendes* (Lamartine) — Ver Lamartine Mendes.
- Mendonça* (Estevão) — Ver Estevão de Mendonça.
- Mesquita* (José) — Ver José de Mesquita.
- Miraglia* (Januário) — Ver Januário Miraglia.
- Miraglia* (Orestes) — Ver Orestes Miraglia.
- Miranda* (Veiga) — Ver Veiga Miranda.
- Monteiro Lobato* — A questão do estilo—período VI, ano 1927, tomo XI, pags. 63-64.
- Müller* (Maria de Arruda) — Ver Maria de Arruda Müller.
- Nabuco* (Joaquim) — Ver Joaquim Nabuco.
- Neto* (Cesário) — Ver Cesário Neto.
- Neto* (Coelho) — Ver Coelho Neto.
- Nilo Póvoas* — Discurso de posse em sessão de 30-4-1931 — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 114-130.
Discurso proferido na instalação do Instituto Filológico Matogrossense — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 31-42.
- Nunes da Cunha* (João) — Ver João Nunes da Cunha.
- Olavo Bilac*—Oração à Bandeira — período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 70-72.
- Olegário de Barros*—Discurso de posse no C. M. L. a 30-8-930 — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 23-31.
Nossos poetas à luz da psicanálise—período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 43-54.
- Oliveira Albuquerque* (Celso)—Ver Celso de Oliveira Albuquerque.
- Oliveira* (Manuel Pais) — Ver Manuel Paes de Oliveira.
- Oliveira* (Martins) — Ver Martins de Oliveira.
- Orestes Miraglia* — Amor perdido, A estrela dos meus amores — período IV, ano 1925, tomo VIII, pags. 79 e 80.
A um pombo solitário—período VI, ano 1927, tomo XI, pag. 78.

- Orestes Miraglia* (continuação)—A Moacir de Almeida — período VII, ano 1928, tomo XIII, pags. 102-105.
- Oscarino Ramos* — A cruz de Urbietá — período II, ano 1923, tomo IV, pags. 58-59.
- Discurso de posse (7 de Setembro de 1923) — período III, ano 1924, tomo V, pags. 5-11.
- Angelus—período IV, ano 1925, tomo VII, pag. 60.
- Enquanto escurece—período IV, ano 1925, tomo VIII, pag. 53.
- Vida obscura — período V, ano 1926, tomo IX, pag. 17.
- Diálogo das sombras — período V, ano 1926, tomo X, pags. 60-64.
- Maio, Tarde de chuva — período VI, ano 1927, tomo XI, pags. 42 e 43.
- Tarde de inverno—período VII, ano 1928, tomo XIII, pag. 55.
- Reflorir — período VIII, ano 1929, tomo XV, pags. 60-62.
- Carta a José de Mesquita — período VIII, ano 1929, tomo XV, pags. 70-71.
- Minha Terra, Saudade — período VIII, ano 1929, tomo XVI, pags. 27 e 28.
- Um amavel aedo de minha Terra—período VIII, ano 1929, tomo XVI, pags. 55-58.
- Pobre Amor—período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 51-55.
- Discurso na recepção de Francisco Mendes em 13-12-930 — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 75-78.
- Octavio Cunha* — Livro de minha vida, Mãe, A Esperança — período I, ano 1922, tomo I, pags. 31-32.
- Sonetos — período II, ano 1923, tomo III, pags. 46-48.
- Elogio de Manoel Esperidião—período III, ano 1924, tomo VI, pags. 5-9.
- Mentira, Túmulo esquecido — período VII, ano 1928, tomo XIII, pags. 62 e 63.
- Asas no céu cuiabano — período VIII, ano 1929, tomo XVI, pags. 73-76.
- Terras do deslumbramento (Impressões dos garimpos) — período IX, ano 1930, tomo XVII, pags. 90-94.
- Fruto perdido—período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 39-42.

- Octavio Cunha* (cont.) — Imagem branca, Anima viva, Solitude — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 42-43 44.
Minha Mãe, Bem secreto, Maldição — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 59-60-61.
- Ovidio Corrêa* — Leovigildo de Melo — período II, ano 1923, tomo III, pags. 33-34.
Discurso proferido por ocasião de sua posse — período II, ano 1923, tomo IV, pags. 35-44.
Discurso com que recebeu o sócio Isac Póvoas em 21-3-1925 — período IV, ano 1925, tomo VIII, pags. 41-45.
(Ver Rodérico Voia).
- Paes de Oliveira* (Manuel) — Ver Manuel Paes de Oliveira.
- Paiva* (Ataulfo) — Ver Ataulfo de Paiva.
- Palmiro Pimenta* — Discurso na recepção de Ovidio Corrêa — período II, ano 1923, tomo IV, pags. 45-52.
Elogio de Veiga Cabral — período III, ano 1924, tomo VI, pags. 21-32.
A trova brasileira — período V, ano 1926, tomo X, pags. 65-66.
Oásis do amor — período VI, ano 1927, tomo XI, pag. 44.
Discurso na posse de Olegario de Barros a 30-8-930 — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 35-40.
Discurso de saudação a José de Mesquita — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 118-120.
- Pedro Trouy* — Canção — período II, ano 1923, tomo IV, pags. 61-62,
No Campo, Vesperal, Outrôra, Aquarela — período VII, ano 1928, tomo XIV, pags. 112-115.
- Pimenta* (Palmiro) — Ver Palmiro Pimenta.
- Pina* (Celestino Corrêa) — Ver Celestino Corrêa Pina.
- Ponce de Arruda* (João) — Ver João Ponce de Arruda.
- Póvoas* (Isac) — Ver Isac Póvoas.
- Póvoas* (Nilo) — Ver Nilo Póvoas.
- Prado* (Cesário) — Ver Cesário Prado e J. Terra.
- Proença* (Cavalcanti) — Ver Cavalcanti Proença.

- Virgílio Corrêa Filho* — História literária e científica de Mato Grosso — período I, ano 1922, tomo I, pags. 34-42.
Bibliografia: "O Mestre de Campo" de Afonso Arinos — período I, ano 1922, tomo I, pag. 81.
- Antonio Corrêa da Costa — período I, ano 1922, tomo II, pags. 37-53.
Bibliografia: Vicente L. Cardoso — "Vultos e Ideias" — período IV, ano 1925, tomo VII, pags. 115-116.
- No Alto do Ypiranga — período V, ano 1926, tomo X, pags. 84-86.
- Centenário do Bispado de Cuiabá — período VI, ano 1927, tomo XI, pags. 35-38.
- Mogí e Cuiabá — período VI, ano 1927, tomo XII, pag. 77.
- A posse de D. Aquino — período VII, ano 1928, tomo XIII, pags. 97-99.
- Um discípulo de D. Aquino — período VII, ano 1928, tomo XIV, pags. 47-56.
- Céu e Terra — período VIII, ano 1929, tomo XVI, pags. 12-17.
- Heroe Carlyleano — período IX, ano 1930, tomo XVII, pags. 105-110.
- Sôbre as nuvens — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 148-150.
- D. Malan — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 65-69.
- Wanderley* (Francisco Mariani) — Ver Francisco Mariani Wanderley.
- Xavier* (Manuel) — Ver Manuel Xavier.

Corrigenda

Alcindo de Camargo — Bibliografia: Onde se lê: "No país das Carnaúbas" de D. Martins de Oliveira, — leia-se: "Meu Brasil" de Melesio de Paula (Rítmos de fé e amor) — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 151-154.

E acrescente-se a

José de Mesquita — Bibliografia: "No país das Carnaúbas", de D. Martins de Oliveira — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 148-151.

ÍNDICE POR ASSUNTOS

Biobibliografia Matogrossense (Dados para a)

	Período	Ano	Tomo	Pág.
Agostinho José de Sousa Lima	VI	1927	XI	80
Alcindo de Camargo	»	»	»	80
Alexandre Rodrigues Ferreira	»	»	»	81
Alfredo d'Escragnolle Taunay	»	»	»	81
Alyrio Huguenev de Matos	»	»	»	82
Amancio Pulcherio de França	»	»	»	82
Ana Luiza da Silva Prado	»	»	»	83
Antonio Augusto Ferrari	»	»	»	83
Antonio Cesário de Figueiredo Neto	»	»	»	85
Antonio Colbacchini (Pe.)	»	»	»	85
Antonio Corrêa da Costa	»	»	»	85
Antonio Corrêa do Couto	»	»	»	85
Antonio Fernandes de Sousa	»	»	»	86
Antonio Gonçalves de Carvalho	»	»	»	88
Antonio Maria Malan (Pe.)	»	»	»	88
Antonio Tolentino de Almeida	»	»	»	88
Antonio Vieira de Almeida	»	»	»	89
Aquilino Leite do Amaral Coutinho	»	»	»	89
Augusto Cavalcanti de Melo	»	»	»	90
Augusto Leverger	»	»	»	90
Bento Severiano da Luz (Padre)	»	»	»	91
Caetano Manuel de F. Albuquerque	»	»	»	92
Candido Mariano da Silva Rondon	»	»	»	92
Carlos Gomes Borralho	»	»	»	93
Carlos Luiz d'Amour (Dom)	»	»	»	93
Cesário Corrêa da Silva Prado	»	»	»	94
Clovis Corrêa da Costa	»	»	»	94
Conde Castelnau	»	»	»	95
Emigdio Dantas Barreto	»	»	»	95
Ernesto Camilo Barreto (Padre)	»	»	»	95

	Periodo	Ano	Tomo	Pág.
Estevão de Mendonça	VI	1927	XII	92
Ezequiel Fraga (Padre)	>	>	>	93
Feliciano Galdino	>	>	>	93
Filipe José Nogueira Coelho	>	>	>	94
Filogonio, (ver Philogonio)				
Flavio Crescencio de Matos	>	>	>	94
Francisco Agostinho Ribeiro	>	>	>	95
Francisco Antonio Pimenta Bueno	>	>	>	96
Francisco de Aquino Corrêa (Dom)	>	>	>	97
Franklin Cassiano da Silva	>	>	>	98
Frederico Augusto Prado de Oliveira	>	>	>	99
Hercules Florence	>	>	>	99
H. Ferreira Cunha	>	>	>	99
Isac Póvoas	>	>	>	100
João Augusto Caldas	>	>	>	100
João Barbosa de Faria	>	>	>	100
João Cunha	>	>	>	101
João Nunes	>	>	>	102
João Severiano da Fonseca	>	>	>	102
Joaquim da Costa Siqueira	>	>	>	102
Joaquim Duarte Murtinho	>	>	>	103
Joaquim Ferreira Moutinho	>	>	>	104
Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa	>	>	>	104
Joaquim José Rodrigues Calhau	>	>	>	104
Joaquim Ribeiro Marques	>	>	>	105
José Barbosa de Sá	>	>	>	105
José Barnabé de Mesquita (Filho)	>	>	>	105
José Barnabé de Mesquita (Pai)	>	>	>	107
José da Silva Guimarães (Cônego)	>	>	>	107
José Delfino da Silva	>	>	>	108
José Miranda da Silva Reis	>	>	>	108
José Estevão Corrêa	>	>	>	109
José Magno da Silva Pereira	>	>	>	109

	Período	Ano	Tomo	Pág.
José Manuel de Siqueira	VI	1927	XII	110
José Raul Vilá	»	»	»	110
José Tomaz de Almeida Serra	»	»	»	111
José Vieira Couto de Magalhães	»	»	»	111
Lamartine Ferreira Mendes	VII	1928	XIII	106
Leovigildo Martins de Melo	»	»	»	106
Luiz Adolfo Corrêa da Costa	»	»	»	107
Luiz da Costa Ribeiro	»	»	»	108
Luiz d'Alincourt	»	»	»	108
Manuel Esperidião da Costa Marques	»	»	»	109
Manuel Paes de Oliveira	»	»	»	110
Manuel Xavier Paes Barreto	»	»	»	110
Maria do Carmo Melo Rego	»	»	»	111
Miguel Carmo de Oliveira Melo	»	»	»	111
Nilo Póvoas	»	»	»	112
Otávio da Cunha Cavalcanti	»	»	»	112
Oscarino Ramos	»	»	»	113
Ovidio de Paula Corrêa	»	»	»	113
Palmiro Pimenta	»	»	»	114
Philogonio de Paula Corrêa	»	»	»	115
Prudencio Giraldes Tavares da Veiga Cabral	»	»	»	115
Ricardo Franco de Almeida Serra	»	»	»	116
Soter Caio de Araujo	»	»	»	117
Ulisses Cuiabano	»	»	»	117
Vital Batista de Araujo	»	»	»	118
Virgílio Alves Corrêa Filho	»	»	»	118

Bibliografia

"Cavallhada" (A) de José de Mesquita por Alcindo de Camargo — período VIII, ano 1929, tomo XVI, págs. 87-89.

"Meu Brasil" de Melesio de Paula, (Rítmos de fé e amor) por Alcindo de Camargo -- período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, págs. 151-154.

- "Terra do Berço" (A) de José de Mesquita — Aluizio Dinarte — período VII, ano 1928, tomo XIV, págs. 121-123.
- "O elogio da Mediocridade" de Amadeu Amaral — Cesário Neto — período IV, ano 1925, tomo VIII, págs. 83-85.
- "Sabedoria dos Instintos" (A) de Pontes de Miranda — Cesário Prado — período I, ano 1922, tomo I, pág. 83.
- "Cidade mulher" (A) "Cocaina" "O outro lado da vida" de Alvaro Moreira — Cesário Prado — período IV, ano 1925, tomo VII, págs. 116-118.
- "Discursos" de D. Aquino Corrêa — Cesário Prado — período VII, ano 1928, tomo XIV, pág. 120.
- "A Cavahada" de José de Mesquita — Cesário Prado — período VIII, ano 1929, tomo XV, págs. 98-99.
- "Da Epopéa Matogrossense" de José de Mesquita — D. Aquino Corrêa — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, págs. 180-183.
- "Poemas e Poeira" de Alirio Figueiredo — Franklin Cassiano — período VIII, ano 1929, tomo XVI, págs. 85-87.
- "A Onda Verde" de Monteiro Lobato — J. de M. — período I, ano 1922, tomo I, pág. 80.
- "Vida roceira" de Leôncio de Oliveira — J. de M. — período II, ano 1923, tomo III, pág. 66.
- "Os companheiros de rancho" de A. Gonçalves de Carvalho — J. de M. — período IV, ano 1925, tomo VIII, págs. 81-83.
- "Serras e Pantanaís" de Lamartine Mendes — J. de M. — período VII, ano 1928, tomo XIV, pág. 123.
- "O extranho caso de Pelino Mendes", "O enigma mulher" de Cristovão de Camargo — José de Mesquita — período VIII, ano 1929, tomo XV, págs. 97-98.
- "Almas Penadas" de Arnaldo Serra — José de Mesquita — período X, ano 1931, tomo XIX-XX págs. 183-186.
- "No país das Carnaúbas" de D. Martins de Oliveira — José de Mesquita — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, págs. 148-151.
- "Graves e Futeis" de Medeiros de Albuquerque — J. Terra — período II, ano 1923, tomo III, págs. 67-70.
- "Conferências" de Amadeu Amaral — J. R. Vilá — período IV, ano 1925, tomo VIII, págs. 85-86.

"Deus e Patria" de D. Aquino Corrêa — Veiga Miranda — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, págs. 144-148.

"O Mestre de Campo" de Afonso Arinos — V. C. F. — período I, ano 1922, tomo I, pág. 81.

"Pensamentos brasileiros — Vultos e ideias" de Vicente L. Cardoso — V. C. F. — período IV, ano 1925, tomo VII, págs. 115-116.

Biografias

D. Malan — (V. Corrêa Filho) — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, págs. 65-69.

Francisco Marianni Wanderley — (Estevão de Mendonça) — período VII, ano 1928, tomo XIII, pág. 76

Francisco Catarino Teixeira de Brito — (artigo do jornal "A Província de Mato Grosso" — período V, ano 1926, tomo X, págs. 88-94.

(Ver *Elogios acadêmicos*)

Centro Matogrossense de Letras

Ver :

Atas

Estatutos

Inauguração

Regimento Interno

Relação dos Patronos

Relatório da Presidência

Revista (A)

Saráu lítero-musical

Atas	Período	Ano	Tomo	Pág.
1ª Sessão preparatória (a 22 de maio de 1921)	I	1922	I	55-56
2ª Sessão preparatória	I	1922	I	57-58
3ª Sessão preparatória	I	1922	I	59-61
4ª Sessão preparatória	I	1922	I	62-64
5ª Sessão preparatória	I	1922	I	65-66
6ª Sessão preparatória	I	1922	I	67-68

XXVIII—Índice geral da Revista do Centro Matogrossense de Letras

Atas (cont.)	Período	Ano	Tomo	Pág.
1ª Sessão ordinária, a 18 de setembro de 1921	II	1923	III	54-58
2ª Sessão ordinária a 21 de outubro de 1921	II	1923	III	58-61
3ª Sessão ordinária a 13 de novembro de 1921	II	1923	III	61-62
4ª Sessão ordinária a 18 de dezembro de 1921	II	1923	III	62
5ª Sessão ordinária a 15 de janeiro de 1922	II	1923	III	64
6ª Sessão ordinária (19 de fevereiro de 1922) à 14ª (15 de abril de 1923)	II	1923	IV	63-73
15ª Sessão (23 de setembro de 1923) à 19ª Sessão (14 de julho de 1924)	III	1924	VI	70-72
20ª Sessão (15 de agosto de 1924) à 26ª Sessão (5 de abril de 1925)	IV	1928	VIII	87-95
27ª Sessão (11 de junho de 1925) à 31ª Sessão (8 de abril de 1926)				98-108
32ª Sessão à 37ª Sessão	VIII	1929	XV	89-96
38ª, 39ª e 40ª Sessões	VIII	1929	XVI	82-83
41ª Sessão à 46ª Sessão	IX	1930	XVIII	94-99
47ª Sessão à 51ª Sessão	X	1931	XIX-XX	174-179
52ª e 53ª Sessões	XI	1932	XXI-XXII	137-138
1ª Sessão extraordinária a 28 de dezembro de 1921	II	1923	III	63
2ª Sessão extraordinária a 29 de janeiro de 1922	II	1923	III	64-68
Sessões extraordinárias:				
15 de agosto de 1922	II	1923	IV	65
7 de setembro de 1922	»	»	»	68
1 de dezembro de 1922	»	»	»	70
20 de junho de 1923	III	1924	VI	67
15 de agosto de 1923	»	»	»	68

Atas (cont.)	Periodo	Ano	Tomo	Pág.
7 de setembro de 1923	III	1924	VI	69
7 de setembro de 1924	IV	1925	VIII	88
7 de setembro de 1925	V	1926	X	101
26 de março de 1928 (Inauguração do retrato do Pe. Ernesto Camilo Barreto)	VIII	1929	XVI	84
15 de agosto de 1929 e 7 de setembro de 1929	IX	1930	XVIII	97-98
25 de junho de 1930 e 15 de agosto de 1930	X	1931	XIX-XX	176-177
24 de junho de 1931 (Inauguração da sede do Centro Matogrossense de Letras na "Casa Barão de Melgaço")	XI	1932	XXI-XXII	139
15 de agosto de 1931 (Eleição da Diretoria)	XI	1932	XXI-XXII	140-142
7 de setembro de 1931 (Posse da Diretoria)	XI	1932	XXI-XXII	142-143
Estatutos	I	1922	I	73-79
Inauguração				
Discurso proferido no sessão inaugural do Centro pelo seu Presidente de honra D. Aquino Corrêa	i	1922	I	10-25
Regimento Interno				
Aprovado em sessão de 8 de fevereiro de 1925	IV	1925	VII	101-112
Relação dos Patronos e Sócios	I	1922	I	85
Relatórios do Presidente				
José de Mesquita relativo ao período social 1922-1923	III	1924	V	57-64
Período 1923-1924	IV	1925	VII	85-97
» 1924-1925	V	1926	IX	87-94
» 1925-1926	VI	1927	XI	99-107
» 1926-1927	VII	1928	XIII	123-132

Relatórios (cont.)	Período	Ano	Tomo	Pag.
Período 1927-1928	VIII	1929	XV	83-88
» 1928-1929 (referente ao 8º ano social em sessão extraordinária de posse a 7/9/1929)	IX	1930	XVIII	89-93
Período 1929-1930	X	1931	XIX-XX	164-173
» 1930-1931	XI	1932	XXI-XXII	129-136
Saráu litero-musical dedicado a D. Aquino Corrêa a 21 de maio de 1927 (Programa do)	VI	1927	XII	8-9

Contos e crônicas

- A Revista—Cesário Prado—período I, ano 1922, tomo I, pag. 5.
- Cenas de Campo—Alcindo de Camargo — período IV, ano 1925, tomo VII, pags. 70-72.
- Fantasia — Alcindo de Camargo — período V, ano 1926, tomo X, pags. 67-68.
- Azulejos—Alves Campos — período V, ano 1926, tomo X, pags. 96-97.
- Festas Populares (São João)—Antonio Fernandes de Souza — período IX, ano 1930, tomo XVII, pags. 75-79.
- Cenas esquecidas—Arnaldo Serra — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 101-103.
- Arrependimento tardio -- B. Duarte Monteiro — período VI, ano 1927, tomo XII, pags. 89-91.
- A Rosa e seus atributos — Campos Vidal — período VII, ano 1928, tomo XIV, pag. 105.
- Peso da sorte — Campos Vidal — período IX, ano 1930, tomo XVII, pags. 95-101.
- Barro de Adão — Cesário Neto — período VIII, ano 1929, tomo XV, pags. 40-48.
- A Independência—C. P.—período I, ano 1922, tomo II, pag. 3.
- Caminhos da vida—Cesário Prado — período IV, ano 1925 tomo VII, pags. 65-69.

Contos e crônicas — (cont.)

A estátua — Cesário Prado — período V, ano 1926, tomo IX, pags. 23-24.

Pássaros soltos — Cesário Prado — período VI, ano 1927, tomo XI, pags. 45-50.

Cromo de Vila — Cesário Prado — período VII, ano 1928, tomo XIII, pags. 57-60.

Tio Leandro — Cesário Prado — período VII, ano 1928, tomo XIV, pags. 57-61.

Ontem — Hoje — Amanhã — Cesário Prado — período VII, ano 1928, tomo XIV, pags. 109-111.

Luz sobre cinzas — Cesário Prado — período VIII, ano 1929, tomo XVI, pags. 22-26.

A lembrança do Paraíso — Cesário Prado — período IX, ano 1930, tomo XVII, pags. 56-60.

Soror Marta — Cesário Prado — período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 16-19.

As garças — Cruz do Vale — período VI, ano 1927, tomo XII, pags. 67-70.

Olinda — Ernani Lins da Cunha — período IX, ano 1930, tomo XVII, pags. 112-113.

Numa noite de Natal — Estevão de Mendonça — período IX, ano 1930, tomo XVII, pags. 63-64.

Espirito cuiabano — Filogonio Corrêa — período IX, ano 1930, tomo XVII, pags. 68-74.

Um aniversário — Francisco Marianni Wanderley — período IV, ano 1925, tomo VIII, pags. 76-78.

No pouso — Francisco Mendes — período III, ano 1924, tomo V, pags. 53-56.

Raimundinho — Francisco Mendes — período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 66-69.

Dominó Negro — Franklin Cassiano — período II, ano 1923, tomo IV, pags. 56-57.

Contos e crônicas — (cont.)

- Através da vida — J. Mario — período V, ano 1926, tomo IX, pags. 82-83.
- Estelionato—J. Terra—período I, ano 1922, tomo I, pags. 43-46.
- Do meu recanto — J. Terra — período III, ano 1924, tomo V, pags. 39-42.
- Viuva—João Cunha—período V, ano 1926, tomo X, pag. 69.
- Reminiscências—José Bonifacio de Albuquerque — período VIII, ano 1929, tomo XVI, pags. 59-63.
- Renúncia—José de Mesquita — período V, ano 1926, tomo X, pags. 39-52.
- A Magia do Luar — José de Mesquita — período VI, ano 1927, tomo XII, pags. 47-56.
- Lolóta — José de Mesquita — período VII, ano 1928, tomo XIII, pags. 67-75.
- Aquele homem estranho—José de Mesquita — período VIII, ano 1929, tomo XVI, pags. 37-47.
- Um rapaz alegre — José de Mesquita — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 109-111.
- A última luminária — José de Mesquita — período IX, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 95-100.
- Nossa Senhora do Rosário — Manoel Paes de Oliveira — período I, ano 1922, tomo II, pags. 103-105.
- Curupira — Maria do Carmo Melo Rego — período VIII, ano 1929, tomo XV, pags. 73-76.
- A cruz de Urbieta — Oscarino Ramos — período II, ano 1923, tomo IV, pags. 58-59.
- Diálogo das sombras — Oscarino Ramos — período V, ano 1926, tomo X, pags. 60-64.
- Reflorir — Oscarino Ramos — período VIII, ano 1929, tomo XV, pags. 60-62.
- Carta a José de Mesquita—Oscarino Ramos—período VIII, ano 1929, tomo XV, pags. 70-71.

Contos e crônicas — (cont.)

Pobre Amor — Oscarino Ramos — período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 51-54.

Terras do deslumbramento (Impressões dos garimpos) — Otavio Cunha—período IX, ano 1930, tomo XVII, ps. 90-94.

O berimbáu do Veterano — Roderico Voia — período III, ano 1924, tomo V, pags. 43-46.

Extranha coincidência — Soter de Araujo — período II, ano 1923, tomo III, pags. 40-45.

Ídolo partido — Tarcisio P. de Azambuja — período VII, ano 1928, tomo XIV, pags. 116-119.

Ana Mamuda—Vandoni de Barros — período V, ano 1926, tomo IX, pags. 85-86.

História do Sertão — Vieira de Almeida — período IV, ano 1925, tomo VII, pags. 78-81.

No alto do Ypiranga — V. Corrêa Filho — período V, ano 1926, tomo X, pags. 84-86.

Mogí e Cuiabá — V. Corrêa Filho — período VI, ano 1927, tomo XII, pags. 77-79.

A posse de D. Aquino — V. Corrêa Filho — período VII, ano 1928, tomo XIII, pags. 97-99.

Sobre as nuvens — V. Corrêa Filho—período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 148-150.

Crítica literária

José de Mesquita (Poesias de) — Alcindo de Camargo — período III, ano 1924, tomo VI, pags. 57-62.

Sinfonia da alma (Franklin Cassiano)—Alcindo de Camargo — período V, ano 1926, tomo IX, pags. 73-79.

Poesia Matogrossense: (D. Aquino Corrêa—J. de Mesquita — Lamartine Mendes — C. Brasil) — Cavalcanti Proença — período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 80-85.

Anatole France — Cesário Neto — período IV, ano 1925, tomo VII, pags. 82-84.

Crítica literária — (cont.)

- Camões — Cesário Neto — período V, ano 1926, tomo IX, pags. 59-72.
- D. Aquino na Academia de Letras — Cesário Neto — período VI, ano 1927, tomo XII, pags. 5-7.
- Na pista de Rocinante — Cesário Neto — período VII, ano 1928, tomo XIV, pags. 71-102.
- Machado de Assis (Um pouco de) — Cesário Prado — período III, ano 1924, tomo VI, pags. 41-55.
- Um amavel aedo de minha Terra (José de Mesquita) — Oscarino Ramos — período VIII, ano 1929, tomo XVI, pags. 55-58.
- Pedro Trouy e a sua obra poética — Ulisses Cuiabano — período VIII, ano 1929, tomo XVI, pags. 48-54.
- No fundo de um "Baú Velho" — Vandoni de Barros — período IX, ano 1930, tomo XVII, pags. 85-88.
- Um discípulo de D. Aquino — V. Corrêa Filho — período VII, ano 1928, tomo XIV, pags. 47-56.
- D. Aquino Corrêa na Academia Brasileira de Letras Saudação por José de Mesquita — Resposta de D. Aquino Corrêa — período VI, ano 1927, tomo XII, pags. 6-24.
- Impressões dos acadêmicos Alfredo Pujol, Rodrigo Otavio, Laudelino Freire, Clovis Bevilaqua e Afonso Celso — período VI, ano 1927, tomo XII, pags. 25-40.
- Discurso de posse — período VII, ano 1928, tomo XIII, ps. 5-29.
- Discurso de saudação do acadêmico Ataulfo de Paiva — período VII, ano 1928, tomo XIV, pags. 5-25.

Discursos e conferências

- À Santa das Rosas — D. Aquino Corrêa — período VIII, ano 1929, tomo XV, pags. 35-36.
- D. Bosco e a Democracia — D. Aquino Corrêa — período IX, ano 1930, tomo XVII, pags. 3-20.
- D. Bosco e a Juventude — D. Aquino Corrêa — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 5-19.

Discursos e conferências — (cont.)

- "Centro" e a Cultura Matogrossense (O) — Generoso de Siqueira — período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 73-76.
- Semeadoras do Futuro — José de Mesquita — período IX, ano 1930, tomo XVII, pags. 43-55.
- Discurso de agradecimento — José de Mesquita — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 120-122.
- Discurso no Liceu Cuiabano a 3-2-1881 — José Magno da Silva Pereira — período VI, ano 1927, tomo XII, pags. 83-87.
- Nuno de Andrade — Isac Póvoas — período VII, ano 1928, tomo XIII, pags. 81-90.
- Trechos de um discurso — João Ponce de Arruda — período VIII, ano 1929, tomo XV, pags. 77-79.
- Pela confraternização continental — Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa — período VIII, ano 1929, tomo XVI, pags. 77-80.
- Instituto Filológico Matogrossense (Discurso proferido por ocasião da inauguração do) — Nilo Póvoas — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 31-42.
- Discurso de saudação a José de Mesquita — Palmiro Pimenta — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 118-120.
- Bilac — José Raul Vilá — período I, ano 1922, tomo II, ps. 65-84.
- Dante — Manuel Xavier — período I, ano 1922, t. I, ps. 47-51.
- Asas no céu cuiabano — Otavio Cunha — período VIII, ano 1929, tomo XVI, pags. 73-76.

Elogios acadêmicos

- Alirio de Figueiredo (Elogio de) — por Cesário Neto — período VII, ano 1928, tomo XIII, pags. 47-54.
- Alcindo de Camargo — José Raul Vilá — período III, ano 1924, tomo V, pags. 31-32.
- Antonio Cesário de Figueiredo Neto — Alcindo de Camargo — período IV, ano 1925, tomo VIII, pags. 65-68.
- Antonio Corrêa da Costa — Virgílio Corrêa Filho — período I, ano 1922, tomo II, pags. 37-53.

Elogios acadêmicos — (cont.)

- Antonio Vieira de Almeida — Cesário Prado — período II, ano 1923, tomo III, pags. 1-15.
- Ernesto C. Barreto (Pe.) — Ovidio Corrêa — período II, ano 1923, tomo IV, pags. 35-44.
- Ernesto Camilo Barreto (Pe.), Leovigildo de Melo e Ovidio Corrêa — Nilo Póvoas — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 114-130.
- Francisco Antonio Pimenta Bueno — Alirio de Figueiredo — período VII, ano 1928, tomo XIII, pags. 39-44.
- Francisco Catarino (Elogio de) — Isac Póvoas — período IV, ano 1925, tomo VIII, pags. 31-38.
- Francisco Mendes — Oscarino Ramos — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 75-78.
- Frederico Prado — João Cunha — período IV, ano 1925, tomo VII, pags. 31-43.
- Isac Póvoas — Ovidio de Paula Corrêa — período IV, ano 1925, tomo VIII, pags. 41-45.
- Joaquim Mendes Malheiros — Francisco Mendes — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 59-72.
- Joaquim Murtinho, por Joaquim Gaudie de Aquino Corrêa — período I, ano 1922, tomo II, pags. 5-32.
- Joaquim Murtinho e Joaquim Gaudie (sessão em 7 de setembro de 1923) — Oscarino Ramos — período III, ano 1924, tomo V, pags. 5-11.
- José Barbosa de Sá — Leonidas de Matos — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 3-6.
- José Barbosa de Sá e Leonidas de Matos — Francisco Mendes — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 9-16.
- José da Silva Guimarães (Cônego) — Alcindo de Camargo — período III, ano 1924, tomo V, pag. 15-27.
- José da Silva Guimarães (Cônego) e Alcindo de Camargo — Maria de Arruda Müller — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 89-95.

Elogios acadêmicos — (cont.)

José Estevão Corrêa — Filogonio Corrêa — período II, ano 1923, tomo III, pags. 18-29.

José Magno da Silva Pereira — Isac Póvoas — período VI, ano 1927, tomo XII, pags. 66-68.

José Manuel de Siqueira (Elogio do Padre) — D. Aquino Corrêa — período V, ano 1926, tomo IX, pags. 27-50.

José Tomaz (Elogio de) — Antonio Cesário de Figueiredo Neto — período IV, ano 1925, tomo VIII, pags. 57-62.

José Tomaz de Almeida Serra — Olegário de Barros — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 23-31.

José Vieira Couto de Magalhães (Um paladino do nacionalismo) — José de Mesquita — período VIII, ano 1929, tomo XV, pags. 5-34.

Leovigiido de Melo — Ovidio Corrêa — período II, ano 1923, tomo III, pags. 33-34.

Luiz d'Alincourt (Conferência proferida a 17-2-1923) por Antonio Fernandes de Souza — período II, ano 1923, tomo IV, pags. 1-19.

Manoel Esperidião — Otavio Cunha — período III, ano 1924, tomo VI, pags. 5-9.

Maria de Arruda Müller — Filogonio Corrêa — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 98-103.

Nilo Póvoas — Franklin Cassiano da Silva — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 132-139.

Olegario de Barros — Palmiro Pimenta — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 35-40.

Ovidio Corrêa — Palmiro Pimenta — período II, ano 1923, tomo IV, pags. 45-52.

Ramiro de Carvalho (Elogio de) — Franklin Cassiano — período V, ano 1926, tomo IX, pags. 5-15.

Veiga Cabral — Palmiro Pimenta — período III, ano 1924, tomo VI, pags. 21-32.

Ensaaios

- No pórtico de um livro — Alirio de Figueiredo—período V, ano 1926, tomo X, pags. 70-78.
- A República — Antonio Fernandes de Souza — período IV, ano 1925, tomo VIII, pags. 73-75.
- Mato-Grosso, a antiga Capital — Carmindo de Campos — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 158-160.
- De literis — Cesário Neto — período VI, ano 1927, tomo XI, pags. 65-67.
- O México — Cesário Prado — período IV, ano 1925, tomo VII, pags. 74-77.
- O símbolo de Assis — Cesário Prado — período VI, ano 1927, tomo XI, pags. 68-70.
- Nisus excelsior — Cesário Prado — período VIII, ano 1929, tomo XV, pags. 49-53.
- De longe — Cesário Prado — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 151-154.
- Ao largo! — D. Aquino Corrêa — período VIII, ano 1929, tomo XVI, pags. 3-4.
- Vícios de linguagem — Franklin C. da Silva — período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 32-38.
- O mal de escrever — José de Mesquita — período IV, ano 1925, tomo VII, pags. 47-56.
- Os tropeiros do sertão — Icac Póvoas — período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 43-50.
- Nossos poetas à luz da Psicanálise — Olegário de Barros — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 43-54.
- A trova brasileira—Palmiro Pimenta—período V, ano 1926, tomo X, pags. 65-66.
- Mistura inconveniente—Severino de Queiroz — período VII, ano 1928, tomo XIV, pags. 103-104.
- Necessidade de análise lógica — Severino de Queiroz — período VIII, ano 1929, tomo XVI, pags. 31-34.
- A ortografia da Academia B. de Letras—Severino de Queiroz—período IX, ano 1930, tomo XVII, pags. 65-67.

Ensaaios — (cont.)

XI Unificação ortográfica — Severino de Queiroz — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 104-108.

Considerações sobre o estudo da língua — Severino de Queiroz — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, ps. 71-82.

Motivos de poesia da natureza de Mato-Grosso — Silvio Floreal — período VI, ano 1927, tomo XII, pags. 80-82.

História literária e científica de Mato-Grosso — V. Corrêa Filho — período I, ano 1922, tomo I, pags. 34-42.

Centenário do Bispado de Cuiabá — V. Corrêa Filho — período VI, ano 1927, tomo XI, pags. 35-38.

Céu e Terra — V. Corrêa Filho — período VIII, ano 1929, tomo XVI, pags. 12-17.

Heroe Carlyleano — V. Corrêa Filho — período IX, ano 1930, tomo XVII, pags. 105-110.

José de Mesquita (Homenagem a)

Uma festa da inteligência e da amizade: Discurso de saudação (Palmiro Pimenta) — A resposta do homenageado (José de Mesquita) — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 118-122.

Páginas dos Mestres

Buriti perdido — Afonso Arinos — período VII, ano 1928, tomo XIV, pags. 106-108.

A almanjarra de Braz Cubas — Alberto Rangel — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 110-117.

Sua eminência o estrangeiro — Amadeu Amaral — período VI, ano 1927, tomo XII, pags. 71-76.

Carta a Cesário Neto — Antonio Sales — período VIII, ano 1929, tomo XV, pag. 72.

Com a Academia — Carlos de Laet — período VII, ano 1928, tomo XIII, pags. 91-96.

A morte do Neiva — Coelho Neto — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 140-147.

Páginas dos Mestres — (cont.)

O estouro da boiada — Euclides da Cunha — período IX, ano 1930, tomo XVII, pags. 102-104.

Massangana — Joaquim Nabuco — período VIII, ano 1929, tomo XVI, pag. 64.

Visita ao marechal — Machado de Assis — período V, ano 1926, tomo X, pags. 82-83.

A questão do estilo — Monteiro Lobato — período VI, ano 1927, tomo XI, pags. 63-64.

Oração à Bandeira — Olavo Bilac — período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 70-72.

A rebenqueida — Rui Barbosa — período VIII, ano 1929, tomo XV, pags. 63-69.

Poesias

Glória! — Alirio de Figueiredo — período IV, ano 1925, tomo VII, pag. 63.

O destino das pedras, Vitor Hugo, Camões — Alirio de Figueiredo — período IV, ano 1925, tomo VIII, ps. 50-51-52.

Camilo, Machado de Assis, Olavo Bilac — Alirio de Figueiredo — período V, ano 1926, tomo X, pags. 56-57-58.

Brasil, O Jardim de Platão, Troféos — Alirio de Figueiredo — período VI, ano 1927, tomo XI, pags. 39-40-41.

Musa, Inaccessível, Tarde, Noite — Alirio de Figueiredo — período VI, ano 1927, tomo XII, pags. 57-60.

Homem, Horas — Alirio de Figueiredo — período VII, ano 1928, tomo XIV, pags. 45 e 46.

Versos à noite, Evocação ao luar — Alirio de Figueiredo — período VIII, ano 1929, tomo XVI, pags. 18-21.

Saudade! — Amancio Pulcherio de França — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 155-157.

Antonio Navarro de Abreu (Ode a) — Antonio Corrêa do Couto — período III, ano 1924, tomo V, pags. 51-52.

Poesias — (cont.)

A Flôr de Neve—Antonio Gonçalves de Carvalho — período IX, ano 1930, tomo XVII, pag. 3.

Trinta de Maio — Antonio Tolentino de Almeida — período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 22-23.

O Combate do Alegre — Antonio Tolentino de Almeida — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 45-47.

A Retirada da Laguna — Antonio Tolentino de Almeida — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 83-94.

A Serra do Taquaral — Aquilino do Amaral — período I, ano 1922, tomo II, pags. 106-109.

A Queimada — Arnaldo Serra — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pag. 79.

O leão cativo — Augusto Cavalcanti—período I, ano 1922, tomo I, pag. 31.

Hieronymus — Augusto Cavalcanti — período I, ano 1922, tomo II, pags. 54-63.

O Palanquim, O Veterano — Augusto Cavalcanti—período II, ano 1923, tomo III, pags. 30 e 32.

Çunacepa — Augusto Cavalcanti — período II, ano 1923, tomo IV, pags. 21-32.

O Oriente, Miguel Angelo, A morte da aguia — Augusto Cavalcanti—período III, ano 1924, tomo V, pags. 36-37-38.

O galgo e o mastim, Tântalo — Augusto Cavalcanti — período III, ano 1924, tomo VI, pags. 16 e 17.

Na Academia, O amor assassinado — Augusto Cavalcanti — período V, ano 1926, tomo IX, pags. 21 e 22.

Drama floral, A visão de Caim — Augusto Cavalcanti — período VI, ano 1927, tomo XII, pags. 45 e 46.

Como é preciso pedir o Socorro de Deus—Augusto Cavalcanti — período VII, ano 1928, tomo XIII, pag. 30.

Homenagem póstuma — Augusto Cavalcanti — período VII, ano 1928, tomo XIII, pag. 61.

Poesias — (cont.)

O assalto do castelo e o Barão Normando—Augusto Cavalcanti — período VII, ano 1928, tomo XIV, pags. 26-31.

A morte de Gilliatt — Augusto Cavalcanti — período VIII, ano 1929, tomo XVI, pags. 29-30.

De que o homem por si nada tem de bom e de nada se pode gloriar (da "Imitação de Cristo")— Augusto Cavalcanti — período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 11-15.

Corumbá — Castro Brasil — período V, ano 1926, tomo IX, pag. 52.

A sombra, Fatal dilema — Castro Brasil — período VI, ano 1927, tomo XI, pags. 57 e 58.

Guanabara — Castro Brasil — período VII, ano 1928, tomo XIII, pag. 64.

Carta, Velhas cartas, Tropical, Ansia eterna -- Castro Brasil — período VII, ano 1928, tomo XIV, pags. 64-67.

Profissão de Fé — Castro Brasil — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pag. 41.

Xaraés — Cavalcanti Proença (M.) — período VI, ano 1927, tomo XI, pags. 73-74.

Meditação—Celestino Correia Pina — período VI, ano 1927, tomo XI, pags. 75-77.

O passado — Celso de Oliveira Albuquerque—período VI, ano 1927, tomo XII, pag. 88.

Vãos e Quedas — Cesário Prado — período I, ano 1922, tomo II, pag. 89.

Caminho das Bandeiras, rumo à minha Terra — Clodomiro Bastos—período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, ps. 125-126.

A Imprensa — Cruz do Vale — período I, ano 1922, tomo II, pag. 90.

Subindo o Cuiabá—Cruz do Vale — período III, ano 1924, tomo V, pags. 47-50.

A tragédia do sol—Cruz do Vale — período VI, ano 1927, tomo XI, pags. 55-56.

Poesias — (cont.)

- A flôr do aguapé — D. Aquino Corrêa — período I, ano 1922, tomo II, pag. 85.
- Bandeirantes, A monção — D. Aquino Corrêa — período II, ano 1923, tomo III, pags. 16 e 17.
- A lufada, A casa de Inocencia — D. Aquino Corrêa — período II, ano 1923, tomo IV, pags. 53 e 54.
- A caçada de perdizes — D. Aquino Corrêa — período III, ano 1924, tomo V, pag. 33.
- Mês de Maria — D. Aquino Corrêa — período III, ano 1924, tomo VI, pag. 13.
- Casa de telha — D. Aquino Corrêa — período IV, ano 1925, tomo VII, pag. 59.
- A laranjeira cuiabana — D. Aquino Corrêa — período IV, ano 1925, tomo VIII, pag. 47.
- Herva de tapera — D. Aquino Corrêa — período V, ano 1926, tomo IX, pag. 53.
- Carme secular — D. Aquino Corrêa — período VI, ano 1927, tomo XI, pags. 33-34.
- Madalena, Ruth — D. Aquino Corrêa — período VII, ano 1928, tomo XIV, pags. 32 e 33.
- Flores da Pátria, As Noelistas, Canção da noviça, As costureiras de Jesus, A Santa Cecilia, A Maria — D. Aquino Corrêa — período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 3-10.
- Ruth, Flôr extranha, Leopoldina, A Cruz queimada, O guaraná, Vitória Régia — D. Aquino Corrêa — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 17-22.
- Tiradentes — Flávio C. de Matos — período VII, ano 1928, tomo XIII, pags. 100-101.
- Noite — Franklin Cassiano — período I, ano 1922, tomo I, pag. 33.
- A nuvem — Franklin Cassiano — período I, ano 1922, tomo II, pag. 87.
- Estado d'alma — Franklin Cassiano — período IV, ano 1925, tomo VIII, pag. 48.

Poesias — (cont.)

Renascimento — Franklin Cassiano — período V, ano 1926, tomo IX, pag. 18.

Si soubessem, Feliz — Franklin Cassiano — período V, ano 1926, tomo X, pags. 54 e 55.

Miosotis — Franklin Cassiano — período VI, ano 1927, tomo XII, pag. 61.

A marcha das horas — Franklin Cassiano — período VII, ano 1928, tomo XIII, pag. 56.

O corvo — Franklin Cassiano — período VII, ano 1928, tomo XIV, pag. 62.

Ritmos novos: Noite de insônia, Sonhos, Sugestão do luar — Franklin Cassiano — período VIII, ano 1929, tomo XV, pags. 37-39.

Velho Tamarindeiro, A Cachoeira — Franklin Cassiano — período VIII, ano 1929, tomo XVI, pags. 35 e 36.

A Bandeira — Franklin Cassiano — período IX, ano 1930, tomo XVII, pags. 61-62.

A lua, Ritmos novos — Franklin Cassiano — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 62 e 63.

A guerra mundial — Henrique Soido — período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 55-57.

Lágrima — Henrique Soido — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pag. 48.

Ilusão — Januário Miraglia — período V, ano 1926, tomo X, pag. 95.

Elegia — João Marciano Barreto — período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 77-79.

Elegia — João Nunes da Cunha — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 123-124.

A um pintasilgo, Bons anos — José Bonifácio de Albuquerque — período VI, ano 1927, tomo XII, pags. 62 e 63.

A Selva do "Betyone", Ao vate Julio Maciel, Quando a vi, Desilusão — José Bonifácio de Albuquerque — período IX, ano 1930, tomo XVII, pags. 80-84.

Poesias — (cont.)

- O Cururú — José Bonifácio de Albuquerque — período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 58-65.
- Meu canto, Às minhas filhas, A minha estimada Irmã "Nenê" — José Bonifácio de Albuquerque — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 81-85.
- Manhã de Maio, O passarinho, Arrulho em prantos, A solidão — José Bonifácio de Albuquerque — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 105-109.
- A noite — José Delfino da Silva — período III, ano 1924, tomo VI, pag. 63.
- Isabel, Adeus! — José Estevão Corrêa — período VI, ano 1927, tomo XI, pags. 71-72.
- O Pêndulo e o Coração — José de Mesquita — período I, ano 1922, tomo I, pag. 26.
- O ângelus do sertão — José de Mesquita — período I, ano 1922, tomo II, pag. 87.
- Culto da perfeição — José de Mesquita — período II, ano 1923, tomo III, pags. 35-38.
- Diamantino — José de Mesquita — período II, ano 1923, tomo IV, pag. 55.
- A garça — José de Mesquita — período III, ano 1924, tomo V, pag. 34.
- Segunda despedida — José de Mesquita — período III, ano 1924, tomo VI, pags. 35-38.
- Trinta e tres anos — José de Mesquita — período IV, ano 1925, tomo VIII, pag. 69.
- Sinhá Violante: A requesta, O Psaltério, No engenho, A cadeirinha, Noite de luminarias, As nupcias de Violante — José de Mesquita — período V, ano 1926, tomo IX, pags. 53-58.
- A uma árvore antiga — José de Mesquita — período V, ano 1926, tomo X, pags. 79-81.
- Dourados — José de Mesquita — período VI, ano 1927, tomo XI, pags. 59-62.

Poesias -- (cont.)

- Tres paráfrases: O abeto e a palmeira, No adro, Toada — José de Mesquita — período VI, ano 1927, tomo XII, pags. 64-65.
- Evangelho do artista, Símbolos, Sevilha, Jardim de Armida, Esto memor, Minas, Depois de ler "Regret" de Maupassant, A minha festa de S. Luiz, Introspecção — José de Mesquita — período VII, ano 1928, tomo XIV, pags. 34-40.
- O milagre da custódia, Bom Jesus, A heroína do Carandá, As mulheres de Coimbra, Os paranistas — José de Mesquita — período VIII, ano 1929, tomo XV, pags. 54-59.
- Do "Outono": Beleza espiritual, Alem-mundo, Bondade, Flos Tristitiæ, O meu "Primeiro Livro", Sugestões de Maio, Simbolismo da Cruz — José de Mesquita — período VIII, ano 1929, tomo XVI, pags. 5-11.
- Do "Jardim místico": Fé, Esperança, Caridade, Theos, Jesus, A morte do Cristo, Mater Dolorosa, S. Francisco de Assis — José de Mesquita — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 49-56.
- Beneditino, Flôr de Paixão, Barra, Quebramar, Betania, Apaziguamento — José de Mesquita — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 23-28.
- Sonetos — José Raul Vilá — período II, ano 1923, tomo III, pags. 49-51.
- Ao corvo — José Raul Vilá — período IV, ano 1925, tomo VIII, pag. 49.
- Lapidador de lágrimas, Os navios de Pireu — José Raul Vilá — período V, ano 1926, tomo IX, pags. 19 e 20.
- Na morte de Olavo Bilac, Fídias, Destino das quatro paredes, Saudade — José Raul Vilá — período VI, ano 1927, tomo XI, pags. 51-54.
- Deante do túmulo — José Raul Vilá — período IX, ano 1930, tomo XVII, pag. 89.
- Que importa? — José Tomaz de Almeida Serra — período II, ano 1923, tomo III, pag. 52.

Poesias — (cont.)

- Ausência — José Tomaz de Almeida Serra — período V, ano 1926, tomo IX, pags. 80-81.
- A Tapera — Lamartine Mendes— período I, ano 1922, tomo I, pags. 27-30.
- Hino à Floresta — Lamartine Mendes—período I, ano 1922, tomo II, pags. 33-36.
- A volta das canoas—Lamartine Mendes — período III, ano 1924, tomo V, pag. 35.
- A tropa — Lamartine Mendes — período III, ano 1924, tomo VI, pag. 14.
- De pouso — Lamartine Mendes — período III, ano 1924, tomo VI, pag. 14,
- O Seringueiro — Lamartine Mendes — período IV, ano 1925, tomo VII, pag. 61.
- Cuiabá — Lamartine Mendes — período VI, ano 1927, tomo XII, pag. 41.
- O boi, A lagoa, Os canhamboras — Lamartine Mendes — período VI, ano 1927, tomo XII, pags. 42-44.
- A chimbuveira, Passeio matinal, A queimada, Outono — Lamartine Mendes — período VII, ano 1928, tomo XIV, pags. 41-44.
- No Calvário — Lamartine Mendes — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pag. 80.
- Solidão — Lamartine Mendes — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pag. 64.
- Nossos dias—Luiz da Costa Ribeiro—período II, ano 1923, tomo IV, pag. 60.
- Um quadro, Sonata ao luar, Restauração—Maria de Arruda Müller—período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, ps. 55-58.
- Palmeiras — Martins de Oliveira — período III, ano 1924, tomo VI, pag. 64.
- Veneza ideal—Martins de Oliveira — período V, ano 1926, tomo IX, pag. 84.

Poesias — (cont.)

- Livro de minha vida, Mãe, A Esperança — Otavio Cunha — período I, ano 1922, tomo I, pags. 31-32-33.
- Sonetos — Otavio Cunha — período II, ano 1923, tomo III, pags. 46-48.
- Mentira, Túmulo esquecido — Otavio Cunha — período VII, ano 1928, tomo XIII, pags. 62 e 63.
- Fruto perdido — Otavio Cunha — período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 39-42.
- Imagem branca, Anima viva, Solitudo — Otavio Cunha — período X, ano 1931, tomo XIX-XX, pags. 42-44.
- Minha Mãe, Bem Secreto, Maldição — Otavio Cunha — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pags. 59-61.
- Amor perdido — Orestes Miraglia — período IV, ano 1925, tomo VIII, pag. 79.
- A estrela dos meus amores — Orestes Miraglia — período IV, ano 1925, tomo VIII, pag. 80.
- A um pombo solitário — Orestes Miraglia — período VI, ano 1927, tomo XI, pag. 78.
- A Moacir de Almeida — Orestes Miraglia — período VII, ano 1928, tomo XIII, pags. 102-105.
- Angelus — Oscarino Ramos — período IV, ano 1925, tomo VII, pag. 60.
- Enquanto escurece — Oscarino Ramos — período IV, ano 1925, tomo VIII, pag. 53.
- Vida obscura — Oscarino Ramos — período V, ano 1926, tomo IX, pags. 17.
- Maio, Tarde de chuva — Oscarino Ramos — período VI, ano 1927, tomo XI, pags. 42 e 43.
- Tarde de inverno — Oscarino Ramos — período VII, ano 1928, tomo XIII, pag. 55.
- Minha terra, Saudade — Oscarino Ramos — período VIII, ano 1929, tomo XVI, pags. 27 e 28.

Poesias — (cont.)

- Oásis do amor — Palmiro Pimenta — período VI, ano 1927, tomo XI, pag. 44.
- Canção — Pedro Trouy — período II, ano 1923, tomo IV, pags. 61-62.
- No campo, Vespéral, Outrora, Aquarela — Pedro Trouy — período VII, ano 1928, tomo XIV, pags. 112-115.
- Carandazai — Rosário Congro — período V, ano 1926, tomo IX, pag. 51.
- Meu sonho — Sóter de Araujo — período IV, ano 1925, tomo VII, pag. 62.
- Ao cair da tarde — Ulisses Cuiabano — período I, ano 1922, tomo I, pag. 33.
- Ciprestes — Ulisses Cuiabano — período I, ano 1922, tomo II, pag. 88.
- A queda — Ulisses Cuiabano — período II, ano 1923, tomo III, pag. 39.
- A cigarra — Ulisses Cuiabano — período III, ano 1924, tomo VI, pag. 15.
- Velha aroeira — Ulisses Cuiabano — período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 20-21.
- Vilancete — Ulisses Cuiabano — período XI, ano 1932, tomo XXI-XXII, pag. 104.
- Campo Grande, a cidade vermelha — V. Almeida — período VIII, ano 1929, tomo XVI, pag. 81.
- O Cururú — Vandoni de Barros — período VII, ano 1928, tomo XIV, pag. 63.

Teatro

- A federação brasileira — Filogenio Corrêa — período I, ano 1922, tomo II, pags. 91-102.
- As Erinias — Augusto Cavalcanti — período IV, ano 1925, tomo VII, pag. 5.

Tentros — (cont.)

- As Erinias (2ª parte) — Augusto Cavalcanti — período IV, ano 1925, tomo VIII, pags. 5-27.
- A marmitta de Plauto — Augusto Cavalcanti — período V, ano 1926, tomo X, pags. 7-38.
- A marmitta de Plauto — Augusto Cavalcanti — período VI, ano 1927, tomo XI, pags. 5-31.
- O Impostor — Augusto Cavalcanti — período IX, ano 1930, tomo XVII, pags. 21-39.
- Sansão e Dalila (burleta em 1 ato) — José de Mesquita — período IX, ano 1930, tomo XVIII, pags. 24-31.



REVISTA DA ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS

Anos XII e XIII

1944-1945

Tomos XXIII a XXVI

SUMÁRIO

Monólitos eternos — *José de Mesquita*

Discurso de paraninfo — *Nilo Póvoas*

Sessão de posse do acadêmico Jaime de Vasconcellos (cadeira n. 35):

Discurso do Presidente *desembargador Mesquita*

Discurso de posse — *Jaime de Vasconcellos*

Discurso de recepção — *Francisco Mendes*

Encerramento — *D. Aquino Corrêa*

Poesias:

In Extremis — *D. Aquino Corrêa*

Alvorada pantaneira — No firme — *Lamartine Mendes*

Canto em louvor de Paris — *Gervásio Leite*

Poema — A uma espada do século XVII — Meu poema de Natal — *Ru-*

Meu amado Brasil — *Ulisses Cuiabano*

[*bens de Mendonça*]

Arruão — *Otávio Cunha*

Escada de Jacó (sonetos) — *José de Mesquita*

Sessão de posse do acadêmico Rubens de Mendonça (cadeira n. 9):

Abertura da sessão — *José de Mesquita*

Discurso de posse — *Rubens de Mendonça*

Discurso de recepção — *Ulisses Cuiabano*

Arnaldo Serra — *Isac Póvoas*

Oração à Pátria — *Pe. Raimundo Pombo*

A poesia de Otoniel Beleza — *Raimundo Maranhão*

A língua francesa, ontem e hoje — *Nicolau Fragelli*

Ortografia oficial — *Severino de Queiroz*

A Poesia e o seu renascimento — *Jaime de Vasconcellos*

Sessão de posse do acadêmico Gervásio Leite (cadeira n. 2):

Abrindo a sessão — palavras do presidente *Mesquita*

Discurso de posse — *Gervásio Leite*

Discurso de recepção — *Otávio Cunha*

Páginas dos correspondentes:

Cromo passadista — *Augusto Galvão*

Em busca da alma sonora — Noturno — *Domingos Felix de Souza*

Páginas femininas:

O rádio e a cultura — *D. Maria Müller*

Carta para minha filha — *D. Maria Dimpina*

Norma — No album de Antonieta — *Berilde Moura*

Em torno da Sonata ao luar — *Maria de Lourdes Oliveira*

Páginas dos novos:

O Retiro da Saudade — *João Benedito de Almeida*

Humanidade — *Euricles Mota*

Imagem — *Newton Alfredo*

A Cancela da fazenda — *Ramiro Vieira*

Advertência — *Celestiuo Cardozo*

Sombra — *Elza Cerante*

Sonho de bandeirante — *Nelson Nassif.*

MONÓLITOS ETERNOS



José de Mesquita.



INVOCACÃO A JESUS

CHEGAMOS — o mundo e eu — a uma idade de crise. Sentimos entrambos a angústia de uma hora decisiva, de uma hora como, talvez, não tenha havido igual, nem haverá. Hora de crepúsculo, que pode ser alvorada ou noite definitiva; hora de transição para melhor ou para o irreparavel; *hora única na vida*. O mundo e eu estacamos, indecisos, nesse vestibulo de uma era nova, *ou, pelo menos, diferente*. Será o fim? Será o começo de alguma cousa? Entre o receio de que seja o acabamento e a esperança de que possa ser a renascença de outra idade, paramos, na entredúvida, o mundo e eu, penetrados do mesmo sentimento cosmico ou pessoal, universal ou subjetivo, mas de idêntico sentimento.

A ante-velhice nos chega ao mesmo tempo, a ante-velhice que é o após-mocidade, e participa de todo o saibo da virilidade e de todo o travor da idade madura. Tarde em que luz o sol, como luzia de manhan, em céus de beleza incomparavel (o céu poente é, sem dúvida, o mais belo...); outono que participa do esplendor magnífico do verão e do aconchego e recolhimento do inverno; momento psíquico em que se fundem, numa só emoção, o amor e a saudade, porque o amor ainda existe, apenas mais amplo, panteizado, desperso-

nalizado quasi, e a saudade já começa a fazer do passado *uma realidade*, tanto maior quanto menos preciso se vai tornando aos nossos olhos o futuro...

E é nesta hora doce e amarga, de incerteza e de enleio, que comparte dos mistérios do adolecer (uma é a entrada e a outra a saída do tunel) que nós, descrentes de tudo, desesperançados de tudo, apelamos, do fundo da nossa miséria e da nossa maldade, para quem, Único e sem Par, nos póde orientar e salvar. Só Tu, Jesus, tens palavras que valem, neste momento sombrio de Gethsemani, palavras que nos podem abrir novos horizontes, quando vêmos — o mundo e eu — se fecharem, num céu plúmbeo, baixo e opressivo, todos os outros horizontes, não só os da matéria, mas ainda e, infelizmente, até os do espírito. Só Tú, Jesus, podes vir em socorro meu e do mundo e compreender a ânsia desmedida que enche o coração imenso da humanidade sofredora e este meu pobre, pequenino e torturado coração.

DA minha mesa de trabalho, em que escrevo, à frôuxa luz dum pálido amanhecer, vejo-te a figura impressiva e admiravel, que domina, sózinha, toda a História dos homens sobre a terra, e domina, incontrastavel, pois que deus nenhum, dos que os homens criaram, nem homem nenhum, de quantos Deus haja criado, poderá jamais merecer beijar o pó das tuas sandálias... Vejo-te em duas gravuras clássicas em que a arte tentou fixar dois instantes da tua rápida passagem pela terra, duas alegorias que são, no instante que corre, dois símbolos inegalaveis...

REPRESENTA um, na parede fronteira, e em ponto grande, a cena do poço de Jacob, quando falavas à Samaritana. O outro, pequena redução, sobre a mesa, é o quadro da parábola suave do Bom Pastor. Nessas duas estampas vejo, viva, flagrante e realista, a solução

da crise por que passamos, o mundo e eu. As tuas palavras à Fotina e a tua atitude no guiar as ovelhas escolhidas, indicam tudo, dizem tudo, valem pelo melhor programa de salvação. Para que mais? Não há mister procurar fóra de Ti, aquilo que em Ti se achou. Porque Tu és, como Tu mesmo o disseste, o Caminho, a Verdade e a Vida.

AO pé da cisterna, junto à herdade de José, vejo-te enquadrado numa paisagem caracteristicamente bíblica, fechada ao fundo pelo esguio perfil dos sicômoros, sentado e tendo ao teu lado, em pé, a linda pecadora que a tua palavra converteu. «Aquele que beber da água que eu lhe der, para sempre não terá sêde» — disseste-lhe, em resposta às suas objeções de incrédula e mundana. E abriste, diante do pasmo daquela criatura, o mistério da sua vida e a tragédia do seu destino, que são, ao cabo e no fundo, o mistério de todas as vidas e a tragédia de todos os destinos. E ela salvou-se, porque acreditou em Ti.

NO quadrinho que tenho junto de mim, na própria secretária em que vou escrevendo, Tu me apareces na meiga tarefa do pegureiro desvelado, guiando a tua grei, num gesto da mão amavel e paterna, para o aprisco seguro, ali imaginado, ao fundo, pela Igreja de Roma, com o seu zimbório de ouro, que encima a incisiva legenda: *ubi Petrus ibi Ecclesia*. E o armento, várias dezenas de anhos brancos, de todos os portes e idades, vai seguindo, impellido suavemente, através da planura sem fim, rumo ao redil abençoado que o há de abrigar e salvar...

COMO eu vejo, nitidamente, nessas duas gravuras, a solução das incógnitas perturbadoras por que suspira, desvairada e sem norte, a alma contemporânea! Nós todos, como a rapariga de Sicchar, precisamos beber daquela água viva que mana das fontes do teu

amor. Nós todos fazemos parte desse rebanho espiritual que só Tu podes e sabes conduzir. E porque não nos dessedentamos naquele manancial e porque recusamos seguir a via a que nos compele o teu cajado de Pastor e Amigo — é que o mundo e eu vivemos esta hora de incerteza e de dúvida, de dramas e de negações. Nós queremos doravante te seguir, nós queremos beber da tua água «que salta para a vida eterna».

NÃO queremos, porém, o Jesus desfigurado de Renan e de Strauss, nem mesmo o Jesus romantizado de Chateaubriand e de Lamennais — queremos, sim, o Jesus vivo e onipresente dos Evangelhos, único Deus que *vive realmente*, na sua Eucaristia, e que prega a Bondade sem reservas, a Irmandade humana (já que a palavra fraternidade se desmoralizou tanto depois de 1789), a Pureza e o Perdão, e que ensina ser o padecimento necessário, como um resgate e uma purificação, e diz ao Pobre, sem esperança na terra, que a sua pobreza é uma predestinação para o céu...

NA hora torva de Satan, que acende os fachos da rebelião dentro e fóra de nós — rebelião do espírito, rebelião da carne, rebelião das massas — volveremos para o teu regaço, Rei eterno e indefetível Juiz, que hás de salvar os que em Ti ainda confiam e esperam sinceramente, porque és o Único que não mente, como os deuses falsos, e os Gogs e Magogs de todos os tempos e logares...

JESUS, dá que te encontremos no caminho cheio de abrolhos cruéis e encruzilhadas perigosas. Dá que te ouçamos no meio do tumulto das nossas paixões e das falácias do século. Dá que te possamos reconhecer, ó Jesus, como a única e insubstituível fonte da água da vida. Guia-nos. Esclarece-nos. Vivifica-nos.

(25/10/1936, festa de Cristo-Rei).



O REI E O APÓSTOLO

NAS páginas grandiosas e imortais dos Livros Santos, avultam duas figuras magestosas e incomparáveis de Homens, que enchem, sózinhas, da sua irradiação magnífica, um largo e longo período da História: David, o Rei-salmista, no Antigo Testamento, e, no da Lei Nova, o apóstolo Paulo de Tarso. É para esses varões extraordinários que se me volve de preferência a idéia, quando me detenho, horas a fio, na leitura meditada desses palimpsestos divinos, que o "Boca de Ouro" inculcava como ainda mais necessária aos que vivem no meio do mundo, «por serem os mais precisados de remédio».

DAVID e S. Paulo surgem a meus olhos naquele sublime fulgor da sua projeção de criaturas superiores e predestinadas, quanto mais lhes leio a vida e lhes atento os feitos. A estes, sim, aplicar-se-ia o conceito carlileano de heróis, mas heróis não só do mundo natural, mas dos intermundios do Sobrenatural e do Eterno. Sem favor ou exagero, figurariam na galeria emersoniana ou na classificação nietzscheana dos super-homens, não como o imaginára, nos seus desvarios lúcidos, o triste filósofo germânico, mas no sentido profundo e real de Homens superiores à humanidade. Verdadeiros titans do mundo moral e intelectual, guias e

orientadores dos seus semelhantes, são como gigantes-cos degraus de acesso na imensa escaleira da perfeição que vai do bruto ao anjo, da animalidade a Deus.

E porque, como nós todos, como o melhor ou como o peor de nós, feitos do mesmo barro miseravel e fragil, tenham caído até onde o homem possa cair, em lhe faltando a Graça, David e Saulo são para nós outros, pecadores afundados no atascal de todos os pecados, exemplos de coragem e estímulos de regeneração, mais interessantes, do ponto de vista real e humano, do que os santos sem mácula, que enchem os agiologios de um alvor nitente de lírios ou acuçenas.

A COMPANHANDO-LHES, nas suas peripécias, as vidas agitadas, e observando-lhes, através das confissões autopsicológicas, o drama interior das suas consciências, nós devemos confiar no poder infinito de reação que possui o espírito humano diante do Bem e do Mal. Sobretudo o Rei-Profeta é um condensador maravilhoso de almas, pois na sua vida e nos seus escritos está e palpita, no mais flagrante dos objetivismos, a polimorfia dos seres racionais.

QUASI se pôde dizer que não há situação, estado d'alma, tragédia íntima que se não espelhe em uma ou outra passagem impressionante daqueles dois primeiros *Livros dos Reis*, que são a vida do filho de Isái, ou em qualquer dos versículos dos salmos, em que êle nos deixou fotografada a sua psique.

DO Apóstolo das Gentes pouco sabemos acerca da sua existência antes da queda da estrada de Damasco, queda que foi a sua ascensão. As suas Cartas, entretanto, elucidam-nos sobre a sua personalidade moral, mais do que todas as biografias. E nós nos vemos refletidos também a cada passo nesses modelos de cla-

reza e sinceridade epistolar, que encorajam os bons a perseverar no Bem e incitam os máus a procurar o caminho que salva.

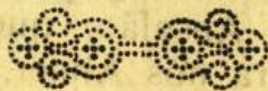
DAVID, porém, nós o vemos todo, sem reservas nem obscuridades ou omissões, vivo, real, flagrante, desde quando aparece pela primeira vez, adolescente, «suso no falar e de gentil «speito», recebendo o óleo da unção das mãos do profeta Samuel, até à hora em que, já mui senecto, «adormeceu com seus pais». E vemos-nos todos nele, e a ele em cada um de nós. Porque todos nós, nas encruzilhadas do viver, tivemos nossa hora de Golias e de Aquitofel, hora de vitórias e hora de perseguições, e, como ele, conseguimos acalmar, com a harpa da poesia, a cólera dos Saúes, e também — ai de nós! — sacrificamos a Urias pelos encantos de Betsabeth, desprezamos a Micol que floriu de rosas a nossa juventude pelas Abigaís especiosas e pelas Aquinoans, procurando, já decrépitos, em Abisag, o calor da vida que inutilmente dispendemos nos dias da mocidade.

E, como David, choramos a Jônathas, o amigo e poupamos a Saul e Absalão, que nos odeiam injustamente; vemos vir para nós Abner, que era dos contrários e se faz mais dedicado que os melhores companheiros; sofremos a guerra gratuita e sanhuda dos Filisteus e Amalecitas; e ouvimos as palavras graves de Nathan, que nem sempre nos tocam o coração empedernido...

E padecemos, a exemplo do Rei-pecador e do Rei-penitente — o mais pecador e penitente dos Reis — porque as leis morais são inexoráveis, mais que as leis cegas do mundo físico, e Deus nos permite ver em Amnon o castigo de nossos erros, impedindo-nos de construir o templo imaginado, mas deixando-nos o consolo de que os nossos vindouros, como Salomão, o hão de edificar...

PAULO e David — dois símbolos admiráveis do Homem-velho e do Homem-novo, do homem imortal e sublime com todas as suas fragilidades e todas as suas grandezas, inclinado ao mal, como filho decaído da culpa, mas suscetível de todo o esplendor da Graça — dêz que, na sua imensa miséria de larva da terra, êrga um momento os olhos aflitos ou estenda um instante as mãos angustiadas para Aquêle que tudo póde e em quem tudo podemos!

(30 / 1 / 38).



III O VERDADEIRO HEROI

NA simbologia da Bíblia, Livro dos livros, em que se compendia tudo o que de "divino" existe no Homem, ao contrário da mítica que punha o "humano" nos seus deuses, aparece a figura do Heroi supremo naquele varão da terra de Hus, cujo elogio maior vem feito nestas palavras — *et erat vir ille simplex, et rectus, ac timens Deum, et recedens à malo* — «E era este um varão sincero e reto, e que temia a Deus e se afastava do mal.»

ESTE varão possuía tesouros da terra, em haveres e gado, «e era grande entre todos os Orientais» mas nisso não era que consistia o seu heroísmo, e, sim em sua virtude, que a tinha singularmente, e no lembrar do Senhor nos dias prósperos e fartos, orando e oferecendo sacrifícios a Deus por todos os seus filhos.

A virtude, porém, tal é o designio do Eterno, nada é, nem vale, si se lhe não dá a prova da tentação, em que, como no fogo, se vê o quilate do ouro e, tal no perigo, o traço da bravura e da serenidade.

PERMITIU o Senhor que Jó fosse provado e tudo o que êle tinha entregou ao poder de Satã, que investivara o santo idumeu de piedoso e bom porque feliz e protegido da mão divina.

RETIROU o Criador a sua mão e a Jó entrou o sofrer. Perdeu tudo, os bens materiais, que para muitos, escravos vis da ganância, são todo o bem; e até os filhos e filhas, em número de dez, que eram pedaços vivos de seu coração: e longe de se revoltar e clamar contra a mão que o feria, ou que parecia abandoná-lo, Jó vasou o seu sentir neste poema, o mais admirável de quantos inspirou o sofrimento humano:

«**N**Ú saí do ventre de minha mãe e nú tornarei para lá: o Senhor o deu e o Senhor o tirou: como foi do agrado do Senhor, assim sucedeu; bendito seja o nome do Senhor.»

TANTO é verdade que é no crisol da dôr que se apura o carater, e que a fortuna e a grandeza amolecem os fracos, ao passo que o sofrer enrija os que são fortes. E' pela reação diante dos males—e do mal, principalmente—que se conhecem os bons, pois se tornam melhores, enquanto os pusilânimes ficam acovardados, sem fé e até sem mais propensão para o bem.

O filho de Zara é o Heroi do Bem — o único Heroi, que culmina sobre os Heraklés e os Perseus, vencedores de monstros e de gênios, pois que mais é *vencer-se que vencer a tudo*, e maior poder têm a Paciência, a Resignação, a Serenidade que todas as forças conjugadas da natureza ou da perversão, as quais nada são diante do Espírito «sincero e reto, que teme a Deus e se afasta do mal.»

JÓ, sofrendo, ouve a voz oracular de Elifaz que denuncia a desgraça do ímpio e do ávaro, apegado à matéria e seus frutos: «Eu ví o insensato com profundas raízes... a sua messe comê-la-á o faminto, e o armado o arrebatará, e os sequiosos beberão as suas riquezas.» É advertindo-o contra as queixas que fizesse,

o profeta acrescenta: «Bemaventurado o homem a quem Deus corrige. Não desprezes pois a correção do Senhor. Porque Ele *fere e cura; dá o golpe e as suas mãos curarão.*»

E Jó encontra — como todos os Jós — Baldad que, hipócrita, taxa de hipocrisia a sua virtude e lhe atira a pecha de que o seu padecer é *a pena do pecado*. Ele, todavia, não se irrita, nem contesta: aceita. (Quem é perfeito diante do Perfeito, em cuja presença «nem os céus são puros?») E sofre com heroísmo, eis que «Deus aflige assim o inocente com o ímpio» e o mais que se expande a sua dor, perante o Altíssimo, é dizendo, na sua humildade: «As tuas mãos me fizeram e me formaram todo em roda; e assim de repente me despenhas?»

E o seu consolo é, apenas, saber que «o seu remidor vive»; que no derradeiro dia ressurgirá da terra e contrastando a sua miséria com a próspera fortuna dos máus e corruptos, é-lhe conforto proclamar que Deus os abandona ao gôso dos bens terrenos (frutos do mal ou dele frutificados) para reservados ao «dia da perdição» depois da morte, e por isso é que o crime fica, muitas vezes, impune nesta vida.

E ouve de Deus a descrição de Beemot e Leviatã, os monstros do mal, que vemos coexistirem sempre com os Heróis do Bem, e aprende que ninguém se livra dos botes desses implacáveis inimigos dos homens, filhos do «Pai da mentira e do orgulho» e que, só com o auxílio do céu, se consegue os vencer.

E o Herói vence e «o Senhor se deixou dobrar à vista da penitência de Jó» e «lhe tornou em duplo, tudo o que êle antes possuía.» Lição estupenda, de que, também qualquer cristão pode ser esse Herói, o Herói único, que triunfa de tudo, «até da Morte (Morte, tua

vitória onde está?») e até da Vida, que é, ainda muito mais difícil vencer, vencendo a si mesmo, que é a Vitória do Justo, a Vitória pela Paciência e pela Fé.

(18 / 6 / 44).



DISCURSO DE PARANINHO



Nilo Póvoas.

POR MERCÊ, gentilíssima aliás, da brilhante plêiade de jovens, que este ano conclue o curso ginasial no venerando Colégio de Paula Freitas, aquí me tendes a arcar com a responsabilidade não pequena do seu paraninfado.

Decididamente, não encontro explicação plausível para o gesto de requintada fidalguia, que me conferiu a honra da fâla oficial, nesta solenidade. Não sei, outrossim, de distinção que tão profundamente me tenha falado à sensibilidade! O que vos posso dizer, porém, é que, ainda que o quisesse, não lhe teria podido negar aquiescência. Eu me sentia arrastado pela onda impetuosa da simpatia, dessa simpatia robusta e espontânea que sói irromper do coração sempre afável da mocidade!

Demais disto, senhores, eu via, na delicadeza daquele gesto, uma demonstração de carinhosa solidariedade para comigo, em meio às violentas atribulações por que passei, a consumir todas as minhas energias entre o leito da esposa enferma e a cátedra do professor; era, sem dúvida, um como lenitivo generoso que se propinava ao meu coração, justamente no momento em que se apagava a luz dos meus olhos, e eu sentia crescer em tórno de mim a noite escura e fria da viuvez.

Foi por essa ocasião que, compassivos e bons, viestes sollicitamente ao meu encôntro. Eu os ví a meu lado, pródigos de extremos filiais, a amparar-me no meio da minha aflicção e do meu desalento! Eu senti os vossos corações, em ritmo sincronizado com o de meu filho, a pulsar juntos ao meu, em transportes de dor.

Oh! Quanto vos amo! Quanto vos devo, ó meus jovens afilhados! É ao vosso ameno convívio que devo tôda essa coragem e energia que me têm permitido resistir aos rudes golpes que me tem vibrado a adversidade! Esse iacitamento constante do meu espírito para o estudo e para o trabalho; êsses impulsos

generosos com que o meu coração impõe, por vezes o seu império ao raciocínio; e, finalmente, essa força de vontade, que tem sido a minha arma exclusiva de conquista, tudo isso me é inspirado por vós, ó jovens, pela vossa mocidade que a mim se comunica, e que é a fonte de toda a energia, de toda a bondade e de toda a beleza.

Eis por que, filhos meus, entendi que não poderia faltavos hoje, nesta hora comovedora da nossa separação, a minha palavra amiga, para dizer-vos, com o cáldo adeus de despedida, que aqui deixais, em cada peito, um coração a pulsar por vós; que os vossos mestres vos acompanhamos em espírito, através da vossa jornada, implorando para vós as melhores bençãos do céu, e que as recordações dêste dia memorável ficarão gravadas indelevelmente em nossos corações, onde continuarão a vibrar como ecos de suavíssimas melodias.

A distinção, pois, com que tanto me cativastes, tem para mim uma significação tōda especial; não é, apenas, a afirmação de um afeto que soubestes cultivar durante o nosso convívio escolar; não representa, tão somente, o timbre de uma amizade que habilmente conquistastes e consolidastes através do prolongado intercâmbio espiritual que hoje se encerra; mas é, também, a manifestação de um sentimento nobre, forte e incoercível, que a mim vos trouxe, de braços abertos, prontos a prodigalizar-me o vosso carinho, e que hoje me conduz a vós, em meio às clarinadas á-lacres da vossa festa, para, genuflexo, deixar vasar dos meu lábios a sentida prece do meu profundo agradecimento.

Meus queridos afilhados:

Esse entusiasmo comunicativo, a cujos frêmitos se embala a vossa alma povoada de sonhos; essa alegria ruidosa, que ilumina com luz estranha as rosas das vossas faces, têm alguma coisa daquela alegria e daquele entusiasmo que empolgaram os valentes legionários de Xenofonte, quando, ao galgarem a vasta esplanada do Monte Sagrado, após uma década fatal de erros, descortinaram a imensidade azul do oceano, como uma infinita benção do céu: Thalassa! Thalassa! O mar! O mar! Exclamaram todos.

É que para a alma daquela gente, aquelas grandes águas, com o eterno bramido das suas vagas, era um grande símbolo! O mar, na sublimidade das inspirações que desperta, no maravilhoso dos seus contrastes, tinha para êles uma grande, uma amplíssima significação! Os seus bramidos eram-lhes familiares; a sua linguagem êles bem a compreendiam!

Na majestosa imponência de sua grandeza, que parece desafiar o infinito; da solenidade tétrica de sua solidão, apenas com-

parável à da morte, o mar significava-lhes tudo, inclusive os seus ansêios de liberdade!

Ele punha remate a toda uma longa odisséia de incertezas atormentadoras e de sofrimentos inenarráveis por que passaram aqueles valentes legionários, através das suas 215 marchas por terras inhóspitas, na memorável Retirada dos Dez Mil; era o suspirado término de um período de inquietações, de perigos constantes e de ásperas e contínuas refregas; era, em-fim, a derradeira conta de um longo rosário de privações e de agonias! O mar despertava na alma daqueles homens o sentimento da pátria; era a imagem dela que emergia das profundezas do oceano como um sorriso caricioso das ondas. O mar significava para eles a volta à pátria, o acêno carinhoso do lar, a promessa alviçareira de salvamento, de paz e de segurança para o futuro.

Vingastes vós, também, meus jovens afilhados, a escarpa mais íngreme e mais difícil da Montanha Sagrada do vosso tirocínio escolar. Pisastes, alfim, a formosa esplanada do Teches, de onde, aos vossos olhos extasiados se descortina o infinito azul do mar das vossas aspirações.

E êsse mar que se estende até onde a vossa vista não alcança, encerra também uma grande significação: êle assinala a vencida de uma longa etapa de esforços, pontilhada de alegrias e de de salenlos; detodo um ciclo de privações e de sacrificios, em que pusestes a prova à vossa resistência, a vossa coragem e resignação; êle significa, finalmente, essa satisfação íntima e profunda com que ohje vos sorri a consciência do vosso dever cumprido, assim como a convicção em que se embala o vosso espírito, de que jamais regateou o céu as suas bênção saos homens de bôa vontade.

Lançai, pois, resolutos, nas suas profundezas, as âncoras da vossa fé, e, cheios de entusiasmo, bradai com os soldados de Xenofonte: Thalassa! Thalassa!

Filhos meus:

Vencestes, com galhardia, a primeira etapa do vosso estágio escolar. Não vos ensoberbeçais, porém; é a vitória que hoje festejais, apenas o fecho da primeira ofensiva. Novas lutas vos aguardam. Novos esforços tereis ainda de envidar para vencer os dois ciclos que ainda tendes diante de vós. Não vos arreteçais, porém; intimoratos e cheios de fé, atirai-vos à luta, confiantes na vossa vitória.

Nos bancos desta tradicional casa de ensino, em contato com mestres conspícuos e experimentados, forjastes as vossas novas armaduras e vos apercebestes do necessário para as vossas novas ofensivas. Tende confiança nas armas que recebestes, que foram

temperadas, não com o sôpro prodigioso dos deuses, como as setas de Aquiles, mas com o aço da melhor qualidade.

Uma recomendação, porém, desejo que tenhais sempre presente ao vosso espírito: em todos os estádios da vossa formação, nunca deixeis de estabelecer o justo equilíbrio entre o cultivo da inteligência e o cultivo do coração. Esse equilíbrio é de necessidade imperiosa, pois a educação, no seu verdadeiro sentido, é aquela que visa a formar seres humanos completos, homens homens, espíritos emancipados. Desde que a cultura moral, essa de que depende o carater, deixa de receber o seu alimento próprio, desaparece a educação no seu verdadeiro sentido, que é o desenvolvimento harmônico de todas as faculdades, para dar lugar a um egoísmo absorvente, que subordina a vontade à inteligência; a virtude e os bons costumes ao talento e ao saber, com o atrofiamento das faculdades que constituem e caracterizam essencialmente o homem.

É, sem dúvida, à conta dêsse lamentável desequilíbrio, que correm todos os males que afligem as sociedades modernas, inclusive essa guerra monstruosa que ensanguenta o mundo, filha da ambição desmedida dos homens, dêsse materialismo selvagem que corrói as almas e ulcera os corações, dêsse materialismo que degrada o homem, que o transforma numa besta fera, em vez de fazê-lo descobrir em si mesmo o infinito de que nos fala Spinoza, que outra coisa não é senão a capacidade que tem o homem de subir, de subir sempre e cada vez mais.

Instruí-vos, meus prezados afilhados; desenvolvei as vossas faculdades inteletivas; aprimorai-as quanto puderdes; mas desenvolvei, paralelamente, as vossas faculdades morais, essas de que dependem a moral e a virtude e sem as quais a sociedade humana terá de sossobrar em sua finalidade, que é a perfeição.

Meus Senhores:

A-pesar-de ter sido a derradeira década da nossa existência política considerada pelos cronistas oficiais como uma fase de renascimento das ciências, das letras e das artes brasileiras, sinto-me, todavia, no duplo aspeto de pai e de professor, no dever de dizer-vos que pouco se tem feito ainda, em beneficio da instrução e da educação da mocidade. A crise em que de há muito se debate a educação da mocidade, entre nós, continua inalterada, incapaz de permitir aos jovens a formação de uma espiritualidade com as condições do meio e da época. Até hoje temos vivido de experimentar as reformas que se sucedem numa verdadeira fúria legisferante, qual mais ineficiente, qual menos conforme com a realidade brasileira.

Todos os esforços tendentes a solucionar o problema têm sido completamente frustrados, esbarrando num sem número de obstáculos mais ou menos difíceis de remover, pois que a isso se opõem inconfessáveis interesses de grande envergadura, com os quais é preciso, naturalmente, transigir! Mas, assuntos de tão alta magnitude como êsse, dos quais pende a vida das instituições republicanas, poderão, por ventura, admitir transigências, poderão acaso, ficar à mercê dos interesses subalternos de quem quer que seja? Se, como se apregôa aos quatro ventos, é a mocidade a responsável pelos destinos da nacionalidade, e se as medidas atinentes ao seu necessário aparelhamento são, efetivamente, indispensáveis, por que haveremos de condescender com os interesses de caráter privado? A êstes só se pode dar atenção, quando não são contrários aos interesses superiores da comunidade.

Firmemos, pois, o quanto antes e definitivamente, as diretrizes do aperfeiçoamento espiritual da mocidade, que é uma das mais belas aspirações dos regimes democráticos. E que não seja, apenas, em públicas exhibições de propaganda de colégios, ou, em organizações de caráter festivo à semelhança daquelas que até bem pouco, existiam no velho mundo, e em que se preparavam os mandões de amanhã; mas em bases sólidas, em princípios sadios, em que a personalidade do jovem se forme e desenvolva apenas ao influxo de certos hábitos de disciplina física, intelectual e moral; em que sejam atendidas, não só às exigências do espírito, como as do coração; em que se forceje, não somente por guindar o espírito às culminâncias do saber, por formar os sábios e os gênios, senão também por sublimar o coração, com infundir lhe aqueles sentimentos supernos em que se ampara toda a ordem moral da sociedade, o culto do Bem, do Dever, da Honra, do Direito, da Justiça, da Honestidade, da Verdade, o respeito e a obediência à lei moral e à virtude, a-fim-de formar o homem de caráter, o homem homem, o *vir bonus* de que nos fala o sizado Catão.

Urge, Senhores, que levemos a essa mocidade, de quem tudo se exige, até o sacrifício da própria vida, o testemunho da nossa profunda afeição, concretizado nu'a maior soma de benefícios à sua educação e instrução, a fim de lhe assegurar um quinhão maior de felicidade para o futuro. Esse é, de resto, o nosso dever: preparar as gerações futuras, para que elas sejam mais felizes do que a nossa. Se assim não fizermos, teremos gasto, inutilmente, o nosso tempo, teremos mentido à nossa fé, teremos feito jús à maldição da posteridade.

De toda a parte a grita se levanta contra os defeitos e as falhas da educação moral e cívica do povo, contra o abastar-

damento do nosso carater, contra a incapacidade educativa da escola.

Quando lançamos estas proposições, bem é de ver, que não temos diante dos olhos a *elite*, porém a *massa*. E quanto a essa *massa*, nada mais verdadeiro, cumprindo, apenas, precisar a expressão: não há defeitos ou falhas, mas ausência completa da educação moral e cívica. Somente a cegueira ou o propósito de encobrir as nossas mazelas poderia levar alguém a negá-lo.

Todos os males, porém, que corroem o depauperado organismo da instrução e da educação, têm sido imputados, pela crítica vesga e inidônea, aos *maus professores*. A verdadeira, ou as verdadeiras causas desses males, todavia, não nos enxergam os críticos, ou calam nas por cálculo ou má fé. Mais fácil é, sem dúvida, injuriar o professorado, essa classe de obscuros, mas eficientes colaboradores da grandeza do Brasil, do que apontar a verdadeira etiologia desses males, pois que isso viria ferir intêresses de alguns e vaidades de muitos.

Sem dúvida, a instrução e a educação debatem-se em crise; não, porém, que haja *maus professores*, mas porque a Escola está subordinada à algibeira do aluno, e tem de curvar-se às suas exigências, falindo, por isso, na sua primeira finalidade: a de forjar a cultura.

O aluno tem consciência de que mais do que a êle, interessa à Escola a sua promoção, pois que as suas mensalidades estão em dia. Ademais, que vale o esforço, a dedicação aos livros, o sacrifício, se as colocações já não dependem das aptidões dos candidatos?

A instrução e a educação debatem-se em crise; não porém, que haja *maus professores*, mas porque o mestre perdeu uma das suas mais preciosas prerrogativas: a liberdade de cátedra, e com ela o direito de *ensinar certo*, de encarar os fatos de acôrdo com a sua consciência, de apreciar, perante os seus discípulos, os êrros e os defeitos dos homens e das sociedades, falindo, por isso, a Escola, na sua segunda finalidade: a de forjar o carater.

Essa perda, verdadeiro retrocesso na marcha evolutiva da ciência da educação, decorre do propósito indisfarçavel que se observa de diminuir, de desprestigiar todos aqueles que são capazes de pensar por sí e de dizer o que pensam. Também o pensamento deve ser padronizado.

A isso, que não é pouco, vem juntar-se a não cooperação do lar na obra educativa da Escola, porque êle vai deixando de ser o exemplo do respeito e da moralidade; porque êle vai cedendo, pouco a pouco, às fôrças desagregadoras do século, fruto

da insuficiente preparação moral dos jovens para o matrimônio e do desconhecimento das tremendas responsabilidades que o mesmo acarreta.

Como, pois, atribuir-se à Escola, a culpa de tão lamentável situação, se ela foi despojada da autoridade, que outrora lhe assistia, de influir na alma da juventude? A sua ação se circunscreve a instruir, aos exclusivos âmbitos da inteligência, nada podendo adiantar naquilo que respeita à formação do caráter, posto deva ser a Escola, antes de tudo e sobretudo, uma oficina em que se elabora o caráter de um povo.

Em quanto não fôr ela reintegrada na sua verdadeira missão, nada poderá fazer, e todo o esforço que despender o mestre, nesse sentido, será de todo em todo improficuo, de vez que lhe faltam a cooperação do lar e o prestígio do Estado.

Sim! Sem o concurso da autoridade paterna e sem o decidido apóio do Estado, torna-se impraticavel o trabalho da educação. Não adiantam reformas, que só servem para inflar a vaidade do reformador.

Meus caríssimos afilhados:

Das misérias da guerra presente, filhas da incapacidade dos povos para solverem, pacificamente, as suas pendências econômicas, que outra não é a sua causa, deverá sair a Humanidade reprimida dos seus pecados e dos seus desmandos, mais próxima de Deus e da Justiça.

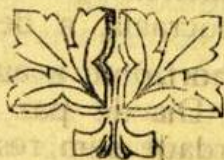
A campanha contra a tirania vai entrando na sua fase decisiva e a sorte dos regimes de força está selada, porque estas lutas em que se empenham as nações, outra coisa não significam que o regresso universal aos sãos princípios democráticos, bebidos na pura fonte norte-americana, onde floresce, bela e incomparável, a verdadeira democracia, a democracia por excelência.

Já se vislumbra no horizonte a aurora de um novo dia na História da Humanidade. Dia de paz fecunda, de compreensão entre os homens, de liberdade sem restrições. Dia em que vós, os homens de amanhã, sereis chamados para realizar difficilissima tarefa, qual seja a da reconstrução de um mundo caótico, de um mundo atormentado pelos mais intrincados problemas de ordem econômica e social.

E vós, ó moços, tereis de desincumbir-se dessa obrigação com acerto e inteligência, e, sobretudo com profundo respeito aos direitos sagrados dos indivíduos e das nações, a fim-de que se não transforme em inutilidade o sangue precioso ora vertido no campo de batalha, a fim-de que não proliferem, na paz futura, os gérmenes de outra guerra, que será, sem dúvida, mais cruel e mais hedionda que a atual.

Preparai-vos, ó jovens, para enfrentardes com galhardia as dificuldades tremendas dêsse amanhã que se aproxima; forrai o vosso espírito com uma cultura sólida, aprimorada, para que sejais dignos do lugar distinto que o futuro vos reserva; para que possais, com desassombro, assentar-vos à mesa do convívio dos povos livres, mas não vos esqueçais de alicerçar os vossos sentimentos cívicos nos grandes princípios da verdadeira e sã moral; não dessa pretensa moral que tudo materializa e desdoira, que arvora o despotismo em sistema, que antepõe a força ao direito, o bacamarte à lei: mas da moral do dever, da moral que se fundamenta no bem, dessa moral que eleva um trôno nas nossas consciências, para de lá exercer o seu império, e fazer ouvir a sua voz; dessa moral, em-fim, que não calca nem conspurca o direito do mais fraco, nem cegamente defende a razão do mais forte, mas que tem lágrimas para o sofrimento, que tem sorrisos afetuozos para a inocência, ampáro e veneração para a velhice.

Ide, meus bons afilhados, prossegui impávidos a vossa jornada, com os olhos fitos em Deus, na Pátria e na Família. Uma séria responsabilidade pesa sôbre os vossos ombros. Sêde felizes.



DISCURSOS



PROFERIDOS NA SESSÃO SOLENE
DE POSSE DO ACADÊMICO JOSÉ
JAIME FERREIRA DE VASCONCELOS
NA CADEIRA N. 35, QUE TEM COMO
PATRONO O DESEMBARGADOR JO-
AQUIM PEREIRA FERREIRA MENDES,
EM 20 DE JANEIRO DE 1946

**PALAVRAS DO DESEMBARGADOR JOSÉ DE MESQUITA,
PRESIDENTE DA ACADEMIA,
AO DECLARAR ABERTA A SESSÃO SOLENE**

A Academia Matogrossense de Letras se engalana, neste dia festivo, para receber, na Casa matriz da Cultura, o seu novo membro Dr. Jaime de Vasconcelos, eleito para a cadeira n. 35, de que é patrono o saudoso desembargador Joaquim Pereira Ferreira Mendes.

E é com a mais viva satisfação que me cabe, no desempenho de um dever protocolar da presidência, enaltecer, em na abrindo, a significação especial desta bela tertúlia, que não se limita apenas a um sarau de arte e de letras, mas atinge a mais alta e expressiva finalidade.

E' que, em Ferreira Mendes, como em Jaime de Vasconcelos, a Academia não vê apenas a conceituação estética, que fez de ambos artistas da palavra falada ou escrita, mas, sim, sintetiza num e noutro, patrono e ocupante da cadeira, duas das mais nobres vocações do homem público — a do jurista e a do trabalhador da Imprensa.

A afinidade intelectual que os associa e irmana está a indicar-nos quão bem se houve êste sodalício no eleger para a poltrona Ferreira Mendes aquêle nosso illus-

tre confrade que, hoje, nela, auspiciosamente, se empossa. Na hora de angústia que vive o mundo, salteado pelas forças tenebrosas do mal, da violência e da miséria, cresce em nós, mais firme e robusta, a confiança no Direito, como defensor dos oprimidos, e na Imprensa, como ressonância legítima da opinião pública, nas verdadeiras democracias.

E por isso o pendor posto de manifesto pelo inolvidável patrono, como pelo emérito ocupante desta cadeira n. 35, tem, na hora que passa, o mágico prestígio de uma gloriosa predestinação, representando a grandeza da Justiça e o poder da Imprensa no passado, como no presente, na terra matogrossense.

Demonstra a Academia, no acerto da escolha, a sua nítida compreensão da verdadeira cultura que se quer refletida na cristalinidade da consciência jurídica e repousada nas colunas livres do periodismo ativo e conciente.

Não são, pois, o patrono egrégio e o ilustrado recipiendário que estão de parabéns, e sim, a própria Academia, que vai, destarte, prosseguindo, vitoriosamente, na sua grande e meritória tarefa de trabalhar indefessamente pela proclamação dos nossos autênticos valores e, conseqüentemente, pelo progresso espiritual de nossa terra e de nossa gente.

DISCURSO DO DR. JOSÉ JAIME FERREIRA DE VASCONCELOS
AO TOMAR POSSE DE SUA CADEIRA

Sr. Representante do Exmo. Sr. Interventor Federal no Estado.
Exmo. e Revmo. Snr. Arcebispo D. Aquino Correia.
Exmo. Sr. Desembargador Presidente do Tribunal de Apelação.
Exmo. Snr. Presidente da Academia.
Exmas. Senhoras e Senhores.
Ilustres confrades.

Os homens de letras e os problemas sociais:

A antiga concepção de ser o homem de letras uma criatura à parte, vivendo numa torre de marfim de onde só se podiam descortinar os idealizados panoramas da beleza perfeita, e para o qual as realidades materiais da vida contemporânea se apresentavam como assuntos inferiores, indignos de constituirem temas literários; essa velha concepção, que o nosso confrade Getúlio Vargas focalizou em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, vai pouco a pouco sendo destruída pelas exigências da vida moderna. Realmente, como se poderia hoje compreender a existência de escritores ou artistas mergulhados numa atmosfera irreal de sonhos, e a quem as contingências e as dificuldades da vida os mantivessem afastados das maravilhas do conforto criadas pelo progresso? Criador de novos símbolos de beleza, o homem de pensamento, nas belas letras ou nas artes, tem de viver integrado nas condições de seu tempo e de pairar numa situação que lhe permita, pelo conhecimento perfeito do presente, descortinar o futuro e nele situar as novas formas de Belo, que, dentro daquele maquinismo que Ribot tão impressionantemente estudou, no seu ensaio sobre a imaginação, a sua capacidade criadora possa conceber e produzir aquele «algo nuevo», aspiração constante e torturante do homem culto.

E, não fosse isso, conservada aquela velha concepção do homem de letras, certamente este altíssimo sodalício, em que se congregam os mais notáveis escritores de Mato-Grosso, não estaria agora, nesta empolgante solenidade, acolhendo quem, como o orador, bem cedo se convenceu da fragilidade dos seus dotes literários — em que apenas ensaiou os primeiros vôos —, e aceitou voluntariamente e sem esforço o conhecido conselho de Boileau aos escritores secundários. De sorte que, escrevendo para os jornais, desde rapaz, os trabalhos do orador, de feição literária, foram bem raros e não lhe dariam, certamente, ingresso num cenáculo da velha feição acadêmica.

Mas o Mundo transformou-se, não comportando mais a possibilidade da existência de literatos que só vivam, ensimesmados, para as ficções da poesia ou da literatura pura. E, a premência esmagadora de se encontrar solução para os tremendos problemas da civilização contemporânea, impôs a todas as elites culturais o indeclinável dever de colaborarem com o seu esforço mental no sentido de se encontrar um equilíbrio social que possibilite a todas as criaturas, mas de fato e não apenas nas teorias de Direito Constitucional, o elementar direito de viver, de que milhões de homens, através das cinco partes do Mundo, ainda continuam privados, desumanamente, justificando os libelos de pensadores como Alberto Torres e de poetas como Araujo Jorge, para só citar os nossos escritores. Este último, num rasgo genial, traçou um quadro da tenebrosa desigualdade, cuja absoluta verdade a nossa consciência reconhece e proclama, escrevendo este poemeto, consagrador do nosso maior poeta desta geração.

VERGONHA

J. G. de Araujo Jorge

Num mundo em que há migalhas e espedícios:
pratos cheios de restos enfastiados
e bocas que salivam sem ter pão;

e em que há crianças tristes, maltrapilhas,
que não terão nem livros nem recreios
nem mesmo infância no seu coração;

num mundo onde os enfermos são tratados
com caridade irônica dos homens
que são donos dos próprios hospitais;

onde alguns já nasceram infelizes
e hão de viver sem segurança e paz,
sem meios de lutar, abandonados,
e outros, — trazem do berço as regalias
que hão de inutilizar, despreocupados;

num mundo, onde há mãos cheias, transbordantes,
e há, mendigando, pobres mãos vãs,
onde há mãos duras, ásperas, cansadas,
e suaves mãos inúteis e macias;

onde uns, teem casas grandes, com jardins,
e outros, quartos estreitos, sem passagem;

num mundo, onde os artistas prisioneiros
fazem "roda" nos mesmos quarteirões
sonhando sempre uma impossível viagem;
e há homens displicentes, nos navios,
carregando "kodaks" distraídas
que teem mais alma que os seus olhos frios;

num mundo, onde os que podem, não teem filhos,
e os que tem filhos, quasi sempre lutam
porque não podem constituir um lar;

num mundo, onde ao mais leve olhar humano
vê-se que não há nada em seu lugar,
e onde no entanto, fala-se em Direito,
em Razão, em Justiça, em Liberdade;

num mundo onde os que plantam, pouco colhem,
e os que colhem, não sabem na verdade,
de onde veem as colheitas que consomem;

num mundo, onde uns jejuam muitos dias
e outros, por vício, muitas vezes comem...

— sinto a angústia fatal de ter nascido
e a suprema vergonha de ser homem!

E o grande Alberto Torres, escrevendo há mais de um quarto de século, já antevia os angustiosos problemas sociais dos nossos dias—que em sua época apenas se esboçavam—dizendo: dêles proféticas verdades, que devem ser lembradas:

«O regime econômico que nos vai conduzindo para a plutocracia social isto é, em realidade, para a socialização da riqueza nas mãos de um grupo, não faz a felicidade daqueles que privilegia.

Os miseráveis por sua vez, não odeiam e não se revoltam senão porque a dor da fome e da moléstia, irritada pelo contraste com o luxo, fere tanto como o látigo do feitor. E' preciso fazer abstração, quando se estuda o problema social e econômico de nossos tempos, dos crimes e atentados da propaganda pelo fato, dos anarquistas revolucionários e demagogos do proletariado — criminosos, encaminhados para o desvario das lutas políticas e sociais como outros são encaminhados para diversas formas de

paixão e de violência. Contrabalançaram-nos, no quadro dos flagelos sociais, os heróis dos despotismos políticos e das espoliações financeiras, que espalham mais cadáveres e desgraça sobre a terra, do que as bombas dos anarquistas.»

Afinal o imperativo categórico que é imposto aos dirigentes da organização dos Estados, consiste em encaminhar, com o senso das realidades, as soluções dos nossos problemas.

«Extinguir a miséria e assegurar a todos o uso dos meios próprios para dar livre expansão as aptidões, é a grande missão das democracias modernas. Restabelecido o equilíbrio, a sociedade terá a feição normal de um amplo tecido onde cada atividade pessoal será como que o fio posto no lugar que lhe compete, para dar o matiz, o lavor e o colorido.

Nas sociedades contemporâneas, suprimido o velho critério tradicional de hierarquia pela nobreza, manifesta-se a tendência para a hierarquia do Capital.

O contraste entre as duas camadas extremas da sociedade na escala da seleção feita por este critério, é a grande moléstia de nossos dias e a pavorosa ameaça que acabrunha o futuro.

O argentarismo, embora alheio à política, domina mais que os poderes públicos e irrita a chaga da miséria. O despotismo do dinheiro, em face dos famintos e da gente de posição, será o estado permanente das nossas sociedades. se a política não fôr substituindo o velho equilíbrio das forças tradicionais pelo equilíbrio conservador da balança do interesse, fundado no respeito das nossas necessidades vitais e na aptidões do homem. (ALBERTO TORRES — "A Organização Nacional").

As elites culturais, com as suas Academias à frente, não podem se eximir à responsabilidade, certamente perturbadora do comodismo estritamente literário, de focalizarem estes magnos e assoberbantes problemas dos dias sombrios em que vivemos.

Ardua, mas iniludível, é essa missão imposta aos homens de pensamento, que se tornariam indignos da situação de vanguarda em que se encontram, se afastassem das suas preocupações mentais a monstruosa injustiça da organização econômica que, no Brasil, permite às classes privilegiadas ostentar em suas atividades lucros fantásticos que assombam — de 100 até 300 por cento — enquanto os trabalhadores, das fábricas e oficinas, mas principalmente os das sacrificadas profissões rurais, mal conseguem iludir as agruras da fome, no regime por todos reconhecido de sub-nutrição, de falta de assistência social, inexistente quanto ao pobre camponês.

Por serem de complexidade quasi esmagadora, não podemos deixar de focalizar os problemas sociais.

Ainda há pouco na recente Conferência Distrital de Rotari-Clubes, reunida em Teresópolis, e cujos memoráveis trabalhos constam de um volume que pudemos folhear, graças à gentileza do ilustre médico e rotariano Dr. Caio Correia, foi discutida uma importante tese, apresentada pelo Rotari Clube de Porto Alegre, estudando os problemas da alimentação. No capítulo referente à mortalidade infantil, diz esse valioso documento, cujas conclusões, comprovando nossas assertivas, justificam as nossas apreensões.

« De 2.200 crianças, até 2 anos de idade, sepultadas num ano, (só num dos cemitérios de Porto-Alegre), apenas 19 tiveram entêrro de primeira classe; 190, de segunda classe, os restantes em vala comum.»

« Consideremos bem a eloquente significação dêste dado estatístico: uma mortalidade total de mais de 2.000 crianças de até 2 anos, 19 apenas, menos de 1%, portanto, são de classe não dizemos rica, mas de recursos suficientes para custear um entêrro de primeira classe. Já da classe intermediária paga menos tributo, aproximando-se de 2%. »

E', porém, entre os rigorosamente pobres que avulta assustadoramente o obituário, avolumando-se as cifras impressionantes.»

E', aproximadamente de 97%, a triste contribuição da pobreza para a mortalidade infantil. A causa? A fome, a miséria, a ignorância!

Morrem anualmente no Brasil, cêrca de 260.000 crianças de menos de 1 ano; é de 92.311, o número dos natimortos; e de mais de 1.000 000, o de abortos provocados ou não. O total das vidas assim roubadas ao Brasil é, anualmente de 1.352.301, que evidentemente nos deixa estarecidos forçando o nosso espírito a se deter no estudo de tão transcendente problema. E, para não se supor que estamos fantasiando essas cifras, devemos esclarecer que êsses dados constam do livro importante e recente de um notável médico paulista, o Dr. Durval Rosa Borges, publicado em 1943, e intitulado "A Socialização da Medicina".

Prefaciando o livro, o talento admirável e consagrado de pensador do professor Maurício de Medeiros, diz, em apôio das conclusões do autor do livro, que « a defesa do Estado tanto se faz nas trincheiras, como à cabeceira do doente. »

Será, para nós, ou um suicídio moral, ou o acumpliciamente com um estado de cousas que não poderá prolongar-se por mais tempo, se não clamarmos por imediatas soluções para tão angustiantes problemas.

Monteiro Lobato, indiscutivelmente a maior cerebração dos nossos dias, escreveu há tempos estas palavras, dia a dia mais oportunas:

«Incultura científica, analfabetismo, má política, feiura da raça, estado de doença progressiva das populações, todos os males do Brasil, em suma, jamais se curarão com cartilhas. O voto secreto, institutos de beleza, quininas, timões e universidades em pílulas como os pode ter o pobre, senão com tudo isso em massa, como os têm o rico. A droga mágica, que realmente cura, é uma só — riqueza.»

O celebrado autor de "Urupês" tem razão. Só com a elevação justa e estavel do padrão da vida dos trabalhadores brasileiros como das nossas anemiadas classes médias, em que se situam em geral os funcionários civis e militares e os pequenos proprietários—, os grandes e aflitivos problemas que nos oprimem colocando alarmantes interrogações no horizonte, poderão ser definitivamente resolvidos. Para esse resultado, absolutamente inatingido com precários aumentos dos salários ou de ordenados, tornados, rigorosamente insuficientes pelo aumento crescente do custo da vida, terão os poderes públicos de forçar o argentarismo a deixar sua criminosa surdez ante o clamor das massas populares que se debatem nas garras da fome e da miséria!

Senhores acadêmicos, relevai ao vosso novo e obscuro confrade este desabafo de um homem do povo, que, em contacto com as classes trabalhistas, sente de perto as suas angústias, auscultando-lhes os pensamentos e os anseios, dessas classes de obreiros anônimos do progresso ouvindo palavras de louvor, de reconhecimento ao Governo que lhes outorgou os direitos consagrados pela sábia legislação social brasileira, mas também ouvindo imprecações, de estranheza e violência ameaçadora, contra uma asfixiante situação econômica em que, apesar daquelas leis sociais, a fome alucinante cresce dia a dia assustadoramente!

E a nosso pobre proletariado, e às nossas desprotegidas classes médias — grandes e silenciosas vítimas do desequilíbrio econômico que estamos focalizando —, bem podem dizer como o personagem célebre de Molière:

«On publié en tous lieux l'équité de ma cause,
Sur la foi de mon droit mon âme se repose!
Cependant je me vois trompé par le succès:
J'ai pour moi la justice, et je perds mon procès.
Um traître, dont on sait la scandaleuse histoire,
Est sorti triomphant d'une fausseté noire!
Toute la bonne foi cède à sa trahison!
Le pois de sa grimace, on brille l'artifice,
Renverse le bon droit, et tourne la justice!»

A justiça e a personalidade do Desembargador Joaquim Pereira Ferreira Mendes, patrono da cadeira

Considero para mim, como um verdadeiro prêmio aos meus continuados esforços, como advogado e como jornalista, em prol do prestígio da Justiça e do irrestrito acatamento aos magistrados, a honra de vir ocupar, nesta Academia, a cadeira que tem como patrono o saudoso Desembargador Joaquim Pereira Ferreira Mendes, que durante 30 anos enobreceu a toga de juiz, tendo durante vários dignificado a curul de presidente do Tribunal de Apelação de Mato-Grosso.

Os meus trabalhos, na imprensa ou no livro, sempre e invariavelmente refletiram o meu alto respeito por êsses sacerdotes do Bem e da Equidade, que são os juizes, a cujo saber e integridade esta confiada a nobre tarefa de fazer respeitar os direitos dos fracos e dos oprimidos, obrigando os fortes e os potentados a se curvarem ante a serena majestade da Lei, fazendo com que as normas abstratas do Direito se alteiem muito acima dos ódios personalistas e das ambições subalternas e interesseiras.

Assim, — já o disse algures — «homenagear-se a Justiça, é render homenagem à própria Ordem, à própria Segurança, à própria Soberania Nacional, em uma palavra, à própria nacionalidade, que na Justiça tem a pedra angular em que se ergue o majestoso edifício social.

Justamente por assim pensar, é que em minha já longa vida pública sempre me coloquei, sem hesitações e sem reservas ao lado da magistratura, defendendo sempre, na tribuna da Assembléa Legislativa, nos pareceres da Procuradoria Geral do Estado, e na imprensa, no prestígio dos juizes uma parcela das mais importantes e das maiores do prestígio da autoridade constituída.

Homens, como homens os juizes podem errar. Suas decisões podem ser desacertadas. Mas os seus erros podem ser corrigidos e suas decisões modificadas pelo exercício legítimo dos recursos para os Tribunais.

O que se não pode reformar, o que não pode ser corrigido eficazmente, é atirar-se ao desconceito público as mais altas autoridades a quem o Estado — que é o conjunto dos órgãos de ação em que se sintetiza a soberania das Nações — delegou o poder quase divino de administrar e distribuir a Justiça.

Sim. Poder quase divino, que envolve e deve envolver aquêle que o exerce, numa verdadeira auréola de respeito e de acatamento gerais, pois que no intrincado labirinto das provas e

nas subtilidades dos textos legais, — sempre sujeito à interpretação pessoal do julgador — quantas vêzes a reta consciência do Juiz não fica vacilante; quantas vêzes não é à própria consciência mais do que a hermenêutica, que o magistrado recorre para apoiar a sua decisão, aguardada ansiosamente e confiantemente por ambos os litigantes, mas que, inevitavelmente, irá destruir as esperanças de um dêles.»

Para que os juizes possam desempenhar fielmente a sua dignificante missão, — de que depende o próprio equilíbrio das sociedades civilizadas —, somos dos que desejam ver em cada magistrado um continuador da diretriz judiciária de que o Bom Juiz Magnaud foi o paradigma, modelar. Sim. Entendemos que as atribuições dos juizes devem ser ampliadas, tornando-os árbitros supremos da aplicação das leis, com a mais extensa faculdade de lhes dar a interpretação mais justa e humana, segundo o caso concreto submetido a julgamento.

Bem sabemos o valor e a enorme autoridade dos mestres do Direito que combatem essa orientação de hermenêutica jurídica, na qual vêm um perigo de derrogação das leis e, consequentemente, da integridade das prerrogativas do Poder Legislativo. O próprio Carlos Maximiliano, cujo fulgurante espírito nos habituamos a admirar, se filia à corrente dos autores que consideram aquela orientação, — a do Juiz Magnaud — como atentatória do princípio constitucional da divisão tripartite dos poderes do Estado. Mas, seja-nos permitido afirmar que os argumentos dessa corrente se nos afiguram de maior peso verbal, do que mesmo de razão moral.

Realmente, se sempre se permitiu ao Poder Executivo deixar de executar a lei, ou suspender-lhe a eficácia — como nos casos do «estado de sítio» —, por que se negar ao Poder judiciário a faculdade de, em face de casos que o legislador ao elaborar a norma legal não podia prever, modificar o texto, tornando-o de aplicação eficiente à relação jurídica que o mesmo se propôs regular? Por que entender que o Juiz, mesmo reconhecendo que a lei é inoperante ou injusta para o caso em que a deve aplicar, a deva fazer prevalecer aos princípios da Equidade? Teria querido, por acaso, o legislador, ao redigir a lei, estabelecer um dispositivo contra a Moral, o Direito e a Equidade? Certo que não, e o Juiz, sempre que se defrontar com tais casos, deve, a nosso ver, sobrepor à Lei o Direito e a Moral!

Os nossos Códigos, acertadamente, vêm alargando as atribuições dos Juizes, notadamente em matérias do direito penal e do direito processual; quanto à instrução das causas e ao julgamento, segundo o seu convencimento pessoal. Mas, a nosso ver, ainda é pouco, pois quiséramos que as atribuições judiciárias

se tornassem tão amplas e tão extensas, que o Juiz não ficasse prêso aos textos legais, quando estes desamparassem, o que não raro ocorre, os altos interesses da coletividade que deveriam tutelar e defender.

O patrono da nossa cadeira, êsse illustre matogrossense que foi o Desembargador Ferreira Mendes, representa, para a Justiça matogrossense, um verdadeiro expoente de alto critério, de sólida cultura, e inatacável probidade: E a sua vida privada foi igualmente um modelo de virtudes, que vêm sendo continuadas por seus dignos descendentes, notadamente os nossos confrades Dr. Lamartine Ferreira Mendes e Professor Francisco Ferreira Mendes.

Chamado a exercer altos cargos de administração estadual, entre os quais o de Secretário do Interior, Justiça e Finanças, o Desembargador Ferreira Mendes, apesar dos períodos de intensas lutas políticas e partidárias em que os exerceu, voltou sempre às suas funções judiciárias com a sua reputação respeitada, cercado pela justa veneração dos seus amigos e pelo respeito dos adversários do partido em cujas fileiras leal e honrosamente militara.

Ainda não há muitos dias, ouvimos no Rio-de-Janeiro, do ex-Presidente Anibal de Toledo, as mais honrosas referências à personalidade marcante do insigne patrono desta nossa cadeira acadêmica: «Era um homem simples, profundo cultor do Direito, dotado de uma austeridade de costumes que evocava os legítimos varões da antiguidade, imortalizados por Plutarco», disse-nos, em relação ao Desembargador Ferreira Mendes, o último presidente constitucional de Mato Grosso na Velha República.

A personalidade do Desembargador Ferreira Mendes, mau grado a sua modéstia, o seu retraimento, o seu quase horror à publicidade em tôrno do seu inêssante e fecundo labor em prol dos interesses do Estado — já como Secretário da Justiça no Governo do saudoso Presidente Joaquim Augusto da Costa Marques, já como íntegro e culto magistrado, na primeira como na superior instância — destaca-se, na história dos primeiros anos da República em Mato Grosso, num relêvo incisivo, a que o passar dos anos dá maior nitidez, como sucede com a pátina dos tempos nos velhos bronzes romanos.

Alma branca de arminho, a contrastar com a côr escura de sua epiderme; as suas qualidades morais e intelectuais, reveladas sempre, e desde os bancos acadêmicos, na douta Faculdade de Direito de São Paulo, por onde se formou em 1891, deveu os seus triunfos na vida pública, desde a sua nomeação de Promotor Público em importante comarca do Estado de São Paulo, em que se manteve durante dois anos, antes de regressar à terra do seu berço, até a sua nomeação de Juiz de Diamantino, e promo-

ção a Juiz da Capital e pouco depois a Desembargador, e eleição pelos seus colegas para a presidência do Tribunal, a que foi elevado por mais de uma vez.

Caráter dotado das mais peregrinas virtudes cívicas, dentro das quais se mantiveram as retilíneas diretrizes de sua vida pública e privada, o Desembargador Ferreira Mendes, cuja memória ilustre esta cadeira da Academia Matogrossense de Letras veio perpetuar, ligou o seu nome às importantes reformas da Legislação estadual promulgadas no fecundo quadriênio do Presidente Costa Marques, e de entre as quais se destaca o Decreto 324, que organizou a Justiça do Estado.

Presidente do Tribunal, nessa alta função o conheceu o orador, cujo Diploma de Bacharel em Direito tem a valorizá-lo a assinatura do Desembargador Ferreira Mendes, no despacho ordenando o seu registro, proferido em 20 de agosto de 1920, e que foi cumprido pelo então secretário Rêgo Monteiro. Em nosso espírito, a recordação do Desembargador Ferreira Mendes gravou-se tão fortemente que ainda hoje passados 25 anos, nós nos lembramos, com emocionada saudade, da extrema e acolhedora afabilidade do seu trato, a contrastar com a severidade do seu aspecto, na aparência pouco comunicativo e invariavelmente austero e reservado. A formação mental e psicológica do nosso preclaro patrono, a cuja augusta memória erguemos neste momento o preito reverente e público de nossa velha admiração, era a de um introspectivo, que sómente em circunstâncias especiais exteriorizava, e sempre discretamente, sem as retumbâncias do exibicionismo, as suas impressões e os seus pensamentos. Falava pouco e ria ainda menos. As suas palavras, proferidas calmamente, sentia-se que eram invariavelmente refletidas e traduziam só o que a razão lhe ditava, sem exageros verbais, sem hiperbolismos de retórica.

Para esse feitio reservado de sua personalidade moral, deve ter contribuído a influência da vida calma e tranqüila da terra do seu berço, essa velha cidade de Diamantino, de tanto fulgor na história da antiga Província, mas que, na infância do nosso ilustre patrono, já vivia apenas das recordações de glórias passadas, o que é fielmente codaquizado nos versos do nosso grande poeta José de Mesquita, acertadamente reproduzidos pelo nosso jovem confrade Rubens de Mendonça em seu apreciável trabalho "Poetas Boróros".

A decisiva influência do ambiente em que, na infância, começa a se plasmar a nossa personalidade, é matéria indiscutível. E, assim, decreve-se o cenário em que nasceu e viveu seus primeiros dez anos o Desembargador Ferreira Mendes, é justificar

os traços predominantes da formação. Ouçamos, pois, José de Mesquita no soneto descritivo da terra natal do nosso querido homenageado:

DIAMANTINO

Silêncio e calma. O crepúsculo desce
sôbre a paisagem tétrica e silente.
O vale, entre altos morros, esmaece,
no violeta pálido do poente.

Das velhas lavras ergue-se uma prece.
A alma de uma outra idade erra no ambiente.
E o velho Ribeirão de Ouro emudece
entre as lages seu pranto alto e dolente.

Silêncio e calma. Um doce misticismo
a alma nos unge de poesia agora...
E quando em teu passado altivo cismo,

sinto que este contraste em mim se aviva:
rica vila, santuosa e bela, outrora,
hoje és triste cidade evocativa.

Era um grande madrugador o patrono excelso desta cadeira, e todos os dias, pelas quatro horas da madrugada, iniciava o saudoso matogrossense a sua jornada de trabalhos e de estudo. Rui Barbosa, em sua preciosa "Oração aos Moços", escrevia em 1920 que:

«O amanhecer do trabalho há de antecipar-se ao amanhecer do dia.

Não vos fieis muito de quem esperta já sol nascente, ou sol nado».

«Até agora, nunca o sol deu comigo deitado e, ainda hoje, um dos meus raros e modestos desvanecimentos é o de ser grande madrugador, madrugador impenitente».

Mas, muito antes dêsse douto conselho da gloriosa "Águia de Haya" aos seus paraninfados de São Paulo, já o nosso grande patrono assim agia primeiramente quando estudante, e finalmente, até seus últimos dias, enquanto lho permitiram as suas forças, combalidas por pertinaz moléstia nos últimos anos de sua existência.

Profundamente liberal, muito bondoso, notadamente para com os humildes, o Desembargador Ferreira Mendes jamais deixou de receber e ouvir, com atenção carinhosa, a quantos o procuravam, hábito que conservou em tôdas as posições ocupadas.

Sabia, entretanto, ser também inflexivelmente enérgico, quando o exigiam as circunstâncias. E isto é comprovado pelo seguinte ruidoso incidente, ocorrido em pleno Tribunal do Júri, quando este era presidido pelo então Juiz Ferreira Mendes: era testemunha um oficial do Exército, da Guarnição de Cuiabá, o qual, nas suas respostas da inquirição, se houve desrespeitosamente para com o Tribunal. Tratava-se de um digno oficial das relações pessoais do Juiz-presidente do Tribunal; mas este sem hesitar, prendeu o oficial, mostrando à assistência admirada, que sabia fazer com que as armas cedessem à toga!

Como ficou dito, o Desembargador Ferreira Mendes era um espírito reservado, avesso às ruidosas exteriorizações das atitudes políticas. Magistrado, pelo seu próprio valor, subiu todos os degraus da carreira, sem ter descido, jamais, ao cortesanismo palaciano. E assim se manteve, até a sua morte, respeitado por todos, mas sem a popularidade a que sómente os largos exhibicionismos conduzem.

E no magnífico e consagrado soneto "A Palmeira", de seu filho, o nosso eminente confrade Lamartine Mendes, que hoje dignifica um alto cargo na justiça estadual de São Paulo, como que vemos o perfil notável do nosso patrono:

A PALMEIRA

Olha a palmeira, a sós, cujo bonito,
esbelto fuste é já tão alto, e cresce,
no desejo talvez, doudo, inaudito,
de noiyar com o sol, que resplandece.

Morde-lhe o pé a multidão refece
das árvores anãs, entre o granito:
e ei-la moça e graciosa, até parece
um traço, unindo à terra ao infinito.

Cresce, e a nada se arrima para a altura
galgar e bebe luz, numa tonteira,
e abre a espata, abençoando a flor e o espinho.

Na sua aspiração grandiosa e pura,
homem, imita o exemplo da palmeira:
subir bastante, mas subir sózinho.

O nosso preclaro homenageado, que nasceu em Diamantino em 30 de Dezembro de 1869 e faleceu em Cuiabá em 1933, sendo filho dos conceituados e dignos diamantinenses Cel. Francisco Alexandre Ferreira Mendes e D. Leonarda Maria dos Guimarães, foi o paraninfo escolhido pela turma dos bacharelados do

Liceu Salesiano de Cuiabá, de 1906, de que faziam parte, entre outros talentosos matogrossenses, o nosso prezado Jaime Joaquim de Carvalho. Seu discurso, então proferido, é uma peça de extraordinário valor. No fim do governo Costa Marques, foi o Desembargador Ferreira Mendes nomeado em comissão para estudar, nas capitais de São Paulo, Rio de Janeiro e no Distrito Federal, os sistemas penitenciários a fim de escolher e indicar ao Governo o que mais se adaptasse às condições.

Seu trabalho, como relatório desses estudos, constitui notável monografia, em que sinteticamente resume os princípios e fundamentos dos três sistemas de regimes penitenciários clássicos, que já se haviam reduzido aos dois, conhecidos como pensilvânico e auburniano. Infelizmente, apresentado esse trabalho ao Governo Caetano de Albuquerque, não teve a merecida divulgação, constituindo, entretanto, o primeiro trabalho organizado entre nós acerca do importante problema penitenciário, que somente no atual Governo, graças à esclarecida operosidade de Júlio Müller, está merecendo da administração pública as atenções que vêm há muito exigindo de todos os povos cultos. E a Penitenciária de Palmeiras, em pleno funcionamento, como a construção do edifício destinado à Penitenciária de Campo-Grande, são hoje frutos magníficos dos estudos do Desembargador Ferreira Mendes, esse grande e ilustre cidadão à cuja memória rendemos, neste momento, o preito da nossa profunda veneração.

Conclusão: — Vencer as hesitações e trabalhar com fé

Conta-nos o Padre Antonio Vieira, em seus magistrais "Sermões", que São José, resolvido a deixar sua esposa, andava considerando: *Hæc autem eo cogitante*. E o notável pregador sacro diz: «Considerar antes de resolver, isso devem fazer todos; mas depois de resolver considerar ainda? Sim. Porque as matérias de grande importância — qual esta era — hão de considerar antes e mais depois. Antes de resolver há-se de considerar o caso, depois de resolver há-se de considerar a resolução.»

Aceitando o orador a honrosa escolha que do seu nome fez esta Academia, ficou depois, nessa situação de que nos fala o mestre insigne da palavra, considerando se não fôra precipitado nessa deliberação e se, aceitando a excessiva honraria, não cometera o erro de aceitar posição superior às forças da sua inteligência. Tivessem, ainda hoje, estas douradas Academias, a antiga feição arcádica, e aquela aceitação teria cedido ao nosso exame, feito em consciência, e talvez a certeza da desvalia dos meus

dotados literários, me levassem a declinar, não como o fêz há pouco êsse extraordinário Monteiro Lobato, mas obscuramente, silenciosamente, com o procrastinar a solenidade de hoje. Mas, como o afirmei no comêço desta oração, entendo que às Academias de Letras cabe, nesta hora de incertezas, de vacilações espirituais, uma posição de vanguarda, de liderança, no encaminhamento dos debates dos mágnos problemas sociais e econômicos, que aí estão, aos nossos olhos, postos em equação. Jornalista, o orador será portanto, ao vosso lado, senhores acadêmicos, o cronista dos vossos trabalhos, o reporter fiel a encaminhar à opinião pública os resultados das vossas discussões acadêmicas, permitindo sejam lá fora ventiladas, expostas, semeadas as vossas idéias nesse solo bendito, que é a consciência popular. E aqui estou ao vosso lado, com pequena eficiência, mas muito devotadamente. Aqui estou para colaborar convosco, e para, ao calor solar dos vossos espíritos iluminados, reacender a chama bruxuleante dos meus desencantos, ao entardecer da vida, quando a neve dos caminhos já envolve os meus cabelos e os versos imortais de Baudelaire já ecoam frequentemente aos meus ouvidos:

RECUEILLEMENT

Sois sage, ô ma Douleur, et tiens-toi plus tranquille.
Tu réclamais le Soir; il descend; le voici:
Une atmosphère obscure enveloppe la ville.
Aux uns portant la paix, aux autres le souci.

Pendant que des mortels la multitude vile,
Sous le fouet du Plaisir, ce bourreau sans merci,
Va cueillir des remords dans la fête servile,
Ma Douleur, donne-moi la main; viens par ici,

Loin d'eux. Vois se pencher les défunes Années,
Sur les balcons du ciel, en robes surannées;
Surgir du fond des eaux le Regret souriant:

Le Soleil moribond s'endormir sous une arche;
Et, comme un long linceul traînant à l'Orient.
Entends, ma chère, entends la douce Nuit qui marche.

Aqui estou, contrito e reverente para retemperar as energias junto ao sol magnífico dos vossos entusiasmos, da vossa fé, rejuvenescido pelos seus raios vivificadores, pois que na fé, ou no entusiasmo criador, o Sol é sempre o Astro-rei, que inspirou ao poeta Renato Trovassos, êstes luminosos versos, da "Oração ao Sol":

És tu, no brilho intenso, o tudo do Universo
 A força que subjuga o espírito perverso;
 A luz que aloita o trigo e que fecunda o amor;
 A luz que faz brotar um fruto em cada flor;
 A luz que se transforma em raios de esperança;
 A luz que tem amor, a glória que se alcança;
 A luz, enfim, que não me deixa desistir,
 Como de um sonho vão, dos sonhos do Porvir.

Confesso-vos, meus eminentes confrades, que tão grande quanto justo é o meu emocionado embevecimento, nesta hora estelar da minha vida agitada, em que muito mais frequentes foram os vendavais temerosos e inclementes,— que rasgam as velas da fantasia e destroçam as ilusões do espírito e os enlevos da alma—, do que instantes de êxtase intelectual, como os que a vossa generosidade me está proporcionando, dando-me a envolvente e doce sensação de estar ascendendo para a Luz... Graças à vossa infinita bondade, senhores acadêmicos, e relendo o grande e sutil Antônio Correia de Oliveira:

Vejo abrir-se diante da minha alma
 O vôo da Harmonia que levanta
 Consigo e em si abrange a vida toda
 Desde o côro sonoro das esferas

À pausa tenebrosa do silêncio,
 Desde o êxtasis profundo das Alturas
 À vibração do pensamento.

Os mundos, o universo, a vida, a morte,
 Tudo se cesa e funde e se unifica
 Em curva de harmonia eterna e interminada:

.
 É curva a linha extrema do horizonte;
 Curvas, as longas órbitas dos mundos,
 E as órbitas frementes dos abraços
 Que se fecham em tórno a um corpo amado...
 Curva, o contórno lânguido das névoas;
 Curva, a fundura côncava das sombras,
 E as ondas enrolando-se em tumulto;
 E as chamas, ondulando e crepitando.
 Curva, o jôrro translúcido das fontes,
 E a vela entumecida aos ventos.
 Como as garras fincando-se na prêsia;
 E curva a mão dos homens quando lança
 As sementes à leira criadora.
 Todos os sons são curvos: há palavras
 Redondas e luzentes como estrêlas...
 E são curvos os frutos saborosos,
 E todo o grão fecundo de semente,
 E os ovos da serpente, ou aguia, ou poniba.

Curvas, as folhas de uma rosa, abrindo-se,
 E a ascensão ondulante dos perfumes.
 Curva, a linha dos lábios que se beijam
 E a do seio materno, e o ventre grávido;
 E curva a larga fronte cismadora
 E a linha musical do pensamento.

Sinto, neste cenáculo egrégio da intelectualidade matogrossense, renascer perdidas energias, no feliz dealbar de novas ilusões. E, animado por êsse sopro divino de fé, quem sabe, não retomarei neste último quartel da existência, trabalhos literários iniciados no ardor de uma distante mocidade, e não produzirei mais alguma cousa, nos setores do pensamento, que, sem genialidade embora, venha justificar a benevolência cativante dêste acolhimento acadêmico?

Afinal, jornalista e advogado, sem o brilho e a auréola profissional que só as notabilidades alcançam e os grandes centros conferem, em meus 28 anos de Mato Grosso, jamais me afastei do trato diuturno com os livros, guiado pelos meus juvenis pendores e ainda pela necessidade, criada por essas duas profissões, para quem as exerce honesta e dedicadamente, de conservar contacto com os líderes da cultura contemporânea. A vida literária, como a vida em geral, é formada por uma sucessão, um encadeamento de eles, como que um vasto e grandioso tecido, em que tôdas as malhas e todos os fios não podem ser iguais. E' necessário o contraste, de que a própria Natureza nos dá os sugestivos exemplos, no dia e na noite, nas alvoradas luminosas e nos crepúsculos sombrios. Assim, na literatura, ao lado das obras-primas dos mestres, existe lugar para os simples ensaios, que constituem os úteis subsídios para os livros dos mestres e para as conclusões dos sociólogos. O de que precisamos, para não incorrer na censura do autor de "L'Art Poétique", é não esquecermos o sábio conselho de Apeles...

Elevados a esta culminância que é a Academia Matogrossense de Letras, nosso dever é produzir, não nos sendo lícito fugir ao seu cumprimento por mal compreendida modéstia — que seria absurda em quem aceitar a investidura acadêmica —, ou pelo receio da crítica. Cada um faz o que pode, e fazendo-o do melhor modo que puder, satisfeito está o dever. Nas catedrais, em sua construção, não trabalharam apenas os mestres geniais, e sem a cooperação de todos os operários, essas obras imortais não podiam ser realizadas. Eis o objetivo honesto do vosso novo e obscuro colaborador, que depois de muito considerar a resolução de aceitar esta cadeira, veio com êsse propósito ocupá-la, disposto a se expor, sem se queixar, aos doestos da perversidade maledicente e às pungentes ironias da crítica destruidora.

Afinal, como disse Corneille

Dieu ne veut point d'un coeur ou le monde domine,
 Qui regarde em arri'ere, et, douteux de son choix,
 Lorsque sa voix l'apelle, écoute une autre voix.

Trabalhemos com segurança, sem a vaidade de estar realizando obras imorredouras, mas com a convicção de estarmos sendo úteis, pela nossa cooperação, à obra dos mestres e orientadores da Cultura Universal em nossa época, não deixando que

le doute, ce fruit tardi et sans savor,
 le dernier qu'on cueille à l'arbre de science

envenene com a incredulidade as nossas esperanças e sirva de impedimento aos nossos esforços pelo aperfeiçoamento do espírito humano. Trabalhemos com confiança e com fé, e com fé e confiança ergamos ao Criador, na palavra do poeta Renato Travaços, a nossa prece fervorosa:

Bendita seja a mão que, em carinhosa prece,
 Na exaltação do amor, os sonhos abençoa;
 E a que, na hora final, com fios de ouro tece
 A trágica mortalha e a fúnebre coroa!

Bendita seja a mão que, hospitaleira e boa,
 Acolhe a gente enfêrma e o bálsamo oferece;
 E a que, no dô piedoso, a ingratição perdoa:
 E a que, na alheia dor, da própria dor se esquece!

Bendita seja a mão que se estende ao mendigo;
 E a que desbasta a terra; e a que semeia o trigo;
 E a que se estorce tôda em súplicas e extremos...

Bendita seja, enfim, a mil vêzes bendita
 Mão que sustêm o Sol na abóboda infinita
 E fêz surgir do Nada o mundo em que vivemos!



DISCURSO DE BOAS-VINDAS AO NOVO ACADÊMICO
PELO ORADOR OFICIAL DA ACADEMIA,
PROF. FRANCISCO FERREIRA MENDES

Razão ponderosa assistia ao filósofo, ao declarar com agudeza de vista e fina sensibilidade de espírito, que a vontade «tem mais influência sobre os sentimentos, do que sobre as sensações». Estados afetivos da alma, uma e outra, têm íntima ligação com o coração.

Já Epicuro, na antiguidade, admitia a concepção filosófica de que, somente a dor é real, e que o prazer, é um estado passageiro da dor, definido nesta síntese: «viver é agir; agir é fazer esforço e este é sofrimento».

Em que pese o pessimismo filosófico do grande sábio, sinto que meu coração palpita sob dupla sensação; vivendo as alegrias do preito que se tributa à memória de meu pai, esforço-me por conter a emoção que me invade a alma e dessa forma, o sofrimento se manifesta em todo o meu ser.

Daí a razão por que, neste momento, cedendo à força psicológica do sentimentalismo, que não se localiza, mas se manifesta por um poder estranho, aqui me encontro para o desempenho de missão tão imperiosa quanto delicada.

Mas, senhores, a sensibilidade é bem a «faculdade de sentir o prazer» e sob a inspiração desta verdade psicológica a que me agasalho, é que, em nome da Academia Matogrossense de Letras, trago neste momento a manifestação do nosso regozijo ao receber no sodalício da cultura, mais um expoente da intelectualidade brasileira, mais um companheiro de ideal que, posto

integrado a esta casa, sómente hoje vem efetivamente ocupar, no seu seio, o lugar que há muito lhe cabia, tais os seus dotes de inteligência e talento.

Sr. Dr. Jaime de Vasconcelos:

«O jornalismo é a fôrça material com que as inteligências entre nós formam reputações literárias.

Há uma simbiose do jornal e da literatura de modo que, comumente, os homens de letras nascem do jornal. Só mais tarde é que surge a diferenciação dos espíritos combatentes e doutrinários da imprensa e dos que serenamente lançam no papel as magias silenciosas e inspiradas dos sonhos».

Vindes de declarar no vosso auriluzente discurso, que as Academias têm por missão, além do cultivo das letras e do idioma pátrio, concorrer na solução dos problemas sociais de um povo.

Vai no asserto a analogia existente entre a imprensa e as belas letras.

Embora diferenciando o espírito nos embates doutrinários e inspiração dos sonhos, o ideal das agremiações literárias e o da imprensa se fundem, se unificam no mesmo ideal, na mesma finalidade, que é engrandecer a pátria e formar nacionalidades.

Vós, ilustre confrade, trazeis do jornalismo em que militais desde a mocidade, para o cenáculo das letras matogrossenses, com a experiência, a certeza desta verdade.

E no silêncio e inspiração dos sonhos a que vos entregareis o espírito d'ora avante, continuareis na obra construtora da arte, casando o idealismo dos sonhos com a realidade benfazeja da vida, que constitui, por assim dizer, missão primacial das Academias.

Platão, doutrinando nos jardins de Academo, encantava os discípulos ávidos de ouvirem as lições do mestre sublime da arte e do belo, nos célebres diálogos precursores do realismo multimilenar da imprensa.

Colaborando nos mais importantes órgãos da imprensa brasileira, tais o "Comércio do Brasil", "Diário Ilustrado" e outros, ao lado de Alfredo Valera, Vitor Silveira, Costa Rego e Mário Alves, revelastes uma predestinação literária fecunda pelo vigor da inteligência e cultura, demonstrando nas vossas produções um profundo simbolismo filosófico, rival de Espencer, pela suavidade e delicadeza do conceito, como se verifica no brilhante soneto que, sob o pseudônimo de Fausto Brasil, publicastes àquêle tempo. Já então, quando a vossa alma em flor, desabrochava para a vida, cheia de esperança e de crença, com a vibratilidade da fé inspirada dos sonhos, vergastáveis a humanidade

carcomida pelo preconceito estéril da época, cuja sociedade se envenenava com a mancenilha do indiferentismo estiolante.

HUMANIDADE

Portout l'humanité
Se lève dans l'orgueil et dans l'orgueil se couche
Et le manteau de poil du prophète forouche
Est plein de vanité.

(V. Hugo "Legende des Siècles")

Covarde humanidade, é tempo de quebrares
Os pesados grillhões do estulto preconceito.
Da hipocrisia infame e servilismo estreito
A máscara hedionda é tempo de arrancares.

O fingimento esquece. Esquece êsses teus ares
De tola gravidade, apócrifa e sem jeito.
Olha! Cultiva o teu espírito imperfeito
E deixa de uma vez de pícaros esgares!

Das convenções e orgulho, enfim, quando esquecida,
— No culto divinal do belo e da estesia
Verás a estrada ideal da verdadeira vida

E curvando-te, então, do artista à majestade,
No refulgente nimbo azul da fantasia,
Podes subir ao céu nitente da verdade!

Fizestes, da pena, fortaleza da defesa dos vossos ideais de beleza e de fé, e para confirmar esta verdade, permiti que nesta tertúlia do vosso triunfo, reavive uma passagem da vossa vida, em que transparece o idealismo que tão alto falava no vosso espírito de moço ardente de fé.

Quero me referir à fundação da Academia da Imprensa, idealizada pelo espírito da mocidade do vosso tempo, entre os quais, para só citar dois nomes, Emílio de Meneses e Rocha Pombo, bastam para dar uma idéia nítida do pensamento literário do Rio de Janeiro de 1911, quando, disputando uma das dez cadeiras ao areópago, em que obtivestes formidável vitória, ao calor do preito, fostes levado a bater em duelo com o jornalista José do Patrocínio Filho.

Para mim, seja-me permitido manifestar, anatematizo por princípio o duelo. Admito-o nas púgnas do saber, quando os contendores se enfrentam com talento e cultura; porque, nesse combate, ainda que desigual, há sempre o que se aproveite na seara da inteligência.

Aliás, essa maneira de desagravo da honra ultrajada, que data de época anterior à Idade Média, nasceu de uma falsa concepção de honra. Para mim não se repara a honra ferindo ou matando, o que seria barbarismo. No duelo, pode perecer o ofendido, e não se tratando de caso de legítima defesa, em que admito o revide, onde a glória do combate?

Talvez êstes pensamentos sejam o reflexo de meus princípios católicos, bebidos na infância, no recesso do lar em que me eduquei.

Nasci no sertão. Assisti muitas vêzes a combates singulares entre peões e seringueiros, desavindos nos desafios violeiros, magoados na honra ou vencido à lógica dos manestreis, ao luar pálido das noites sertanejas.

O caboclo bate-se com denodo; não com a elegância de Colbert e Bouflet, mas com a rusticidade da própria natureza.

Mas àquele tempo, era o duelo uma condição da própria honra e ridículo seria aquêle que se furtasse ao desafio aceito solenemente. O vosso combate, provocado pelo autor da ofensa revidada, encontra justificativa na elegância de atitude que mantivestes e com a qual triunfastes, porquanto, saindo ileso e não derramando o vosso sangue, também não vos maculastes no sangue de amigo e irmão nas letras, ao qual estendestes a mão reconciliada, o que basta para evidenciar a pureza dos vossos sentimentos.

Oiçamos, porém, a respeito, "A Imprensa", o brilhante diário carioca de 17 de agosto de 1911:

« DOIS DISPAROS — RECONCILIAÇÃO

A polícia tinha intervindo no primeiro encontro, conseguira separar os contendores, impedira que se não trespassassem com as pontas aceradas das "epées de combat".

A polícia é, às vezes, intrujona, tem veleidades abstrusas de tia velha, que reza as contas e não compreende que um homem, nem sempre é maricas e que o brio é uma coisa sagrada. Aliás, a polícia sempre foi assim pressurosa em meter-se na vida dos outros e, esquecendo, não raramente, de cuidar da sua. Mas, que diabol! o que não foi possível, no Ipanema, não é difícil noutra parte. Assim pensaram os duelistas. Assim pensaram as testemunhas. A idéia era firme, desde que o caso era sério. Pode-se até dizer que o caso era seríssimo. Houvera ofensa, havia honra a desafrontar. Demais, que vale a vida? Pó, sombra que passa, nada mais. . . E morrer moço, no magnífico desabrochar dos anos e das ilusões, sem um comêço de calva, que é ruína, e com a alma cheia de sonhos, que são riquezas, é belo. E morrer pela honra, morrendo moço, é mais belo ainda!

Assim pensaram os duelistas. Assim pensaram as testemunhas. Viesse, pois, o duelo. Viesse a morte. Eles, os dois, que o fatal gênio da literatura, num acre momento de zedume literário atirara um contra o outro, não eram cobardes. Eram bravos. Tinham, ambos, o culto inflexível da coragem. Cada um pensava: Vencido, sim; ludibriado, não. E foi assim que marcaram o primeiro encontro. Mas a notícia espalhou-se. A autoridade teve conhecimento. Os jornalistas foram sabedores.

Os fotógrafos prepararam a indiscreção das suas máquinas. E, quando através da noite feia, através da intempérie, da chuva, do vento que silvava, forte, do frio que passava cortante, eles chegaram à praia húmida do Ipanema, já a polícia aparecia de dentro das moitas, de trás das dunas, da sombra dos muros, dos buracos da Light — para impedir aquilo que a imperiosidade das circunstâncias determinara.

— Senhores, que é isto?!

— Nada! Somos os sonhadores ridentes, que zombam da chuva e do frio, e correm às aventuras do ideal.

— Qual ideal! Os senhores vão bater-se! Não é verdade que os senhores se querem matar?!

— Quem lhe contou isso, Delegado? Aquí, há apenas, a vida, a linda vida, libérrima e festiva, que nos põe a alegria nos olhos e no coração!

— E estas espadas?... Hein? Para que estas espadas?...

— Estas espadas?... Não são espadas, Delegado!

— Como não, senhores?... Querem brincar com a autoridade?... Querem dizer que a autoridade não conhece o que é uma espada?!

— Delegado, você é bom rapaz. Isto se vê pela cara. Mas há quantos dias você não faz a barba?

— Hom'essa!... Pois então os senhores supõem que um Delegado não faz a barba todos os dias?

— Podia não fazer. E neste caso, nós lhe oferecíamos estas navalhas... de Toledo!

— Hum... não conheço esta marca. Afinal, os senhores querem ficar aquí, ou preferem voltar para a cidade?

— Mas, nós vamos para o ideal, Delegado!

— É brincadeira?

— Qual brincadeira, Vidocq!

— Onde fica, então esse lugar... o Ideal?

— Muito longe, Delegado. Mas lá, só irão os sonhadores.

— Palavra, senhores, que já não compreendo nada. Parece-me que isto é um sonho!

— Muito bem. Perfeitamente! Isto é um sonho!... Larguemos para a cidade.

E assim deixou de efetuar-se o encontro aprazado. Mas o que não é hoje, será amanhã. Assim pensaram os duellistas. Assim pensaram as testemunhas. E passaram os dias. O que não passou foi a idéia do duelo, porque, o caso era muito grave. Tinha havido uma ofensa, e havia honra a desafrontar.

Ontem, finalmente, quando os relógios da cidade marcavam três horas da tarde, quatro homens estavam reunidos para resolver o caso.

— Então, meus senhores, é para hoje?

— Para hoje, de certo.

— Mas, a polícia está vigilante...

— Evitemos, a polícia.

— Muito bem. E o lugar do reencontro?

— É verdade, onde pode ser?

— Eu cá tenho um lugar de vista que se pode prestar.

No Pedregulho. Na esplanada da Caixa d'água.

— Pois seja no Pedregulho.

— E a hora?

— É verdade... A que horas pode ser?

— Parece-me que às cinco seria excelente.

— Às cinco da manhã?

— Não, daqui há momentos. Às cinco da tarde.

— Há, porém, uma coisa ainda. O duelo, já não pode ser à espada e por algumas razões muito justas!

— Pois seja à pistola. Escrevamos um laudo com as necessárias explicações — e assinemos.

— Estou de acôrdo. Vamos ao laudo. E eu proponho que seja à pistola: 1º Por terem hoje, as testemunhas conhecimento de que os adversários não são dextros no manejo da espada, e o uso dessa arma colocaria os duellistas em condições desagradáveis; 2º Porque, o lugar do encontro não permite um combate demorado como é o requerido para a espada.

— Perfeitamente. — Pronto o laudo. Assinados: Costa Rêgo, Goulart de Andrade, Ludgero Feital, Paulo Demôro.

— E agora?...

— Agora nada... Às cinco, no Pedregulho.

— Ah! já me ia esquecendo...

— Cada um vá por seu lado, sòzinho, para não despertar suspeitas.

Três horas depois, na esplanada da Caixa d'água. Padrinhos e duellistas vão chegando, na seguinte ordem: em primeiro lugar Jaime Ferreira de Vasconcelos, em companhia do médico dr. Júlio Novais; e depois, sucessivamente: Costa Rêgo, Paulo Demôro, Ludgero Feital, Goulart de Andrade e, por último José do Patrocínio Filho. Há os cumprimentos do estilo, de parte a parte.

Em seguida, os duelistas se afastam cada um para o seu lado, e as testemunhas dispõem as coisas para o ajuste de contas. Os adversários colocar-se-iam de costas, um para o outro, medeando entre os dois uma distância de 22 passos. Cada um atiraria uma vez somente, devendo virar-se e disparar a pistola ao sinal dado pelo diretor do combate.

Estabelecidas estas preliminares, o poeta Goulart de Andrade fez a última tentativa de reconciliação, fazendo ver a gravidade do momento e perguntando aos contendores se persistiam efetivamente em bater-se. O sr. Jaime de Vasconcelos declarou que fôra desafiado e colocava o caso ao arbítrio das testemunhas suas e do sr. Patrocínio Filho. Respondeu o sr. Patrocínio Filho, excusando-se de tomar qualquer deliberação neste sentido, quando as suas testemunhas estavam habilitadas a resolver tudo, sem desdouro para sua honra.

Falou então o sr. Costa Rêgo, sendo de parecer que se deixasse efetuar o encontro, mormente agora, quando o fato já estava no domínio público, e acrescentou:

— A deixar-se êle de realizar, parece que nós, testemunhas, é que ficaríamos numa posição ridícula.

Foi assim, decidido que o duelo era inevitável — e o próprio sr. Costa Rêgo leu com voz pausada e grave o laudo já assinado.

Colocados os adversários.. quando uma cabeça curiosa se desenhou à espreita, por trás de uma árvore. Seria a polícia? Mas a cabeça desapareceu, levada pelo dono, que, de certo, não a queria perder.

As pistolas foram carregadas com balas esféricas. O sr. Costa Rêgo escolheu uma que entregou ao sr. Patrocínio e passou a outra às testemunhas do Vasconcelos. Para o diretor do combate foi designado o sr. Goulart de Andrade. Num instante, tudo estava pronto para a tragédia.

No lugar onde havia surgido uma cabeça, havia momentos, estavam agora dois guardas do Reservatório, que olhavam espantados tôda aquela encenação estranha e desusada na pacata esplanada do Pedregulho.

O sr. Goulart de Andrade estava comovido. O dr. Júlio de Novais estava comovidíssimo. Mas, eis o minuto terrível; o sr. Goulart de Andrade levantou sua bela voz sonora, que sabe declamar alexandrinos vibrantes, mas agora um pouco trémula, e gritou: Um! ... dois! .. fogo!

Felizmente, as balas passaram silvando sem tocar nenhum dos adversários.

E como estava satisfeito o princípio de honra, a reconciliação proposta pelos padrinhos foi aceita.

Os dois moços, que por delicadeza de sentimentos se haviam encontrado frente a frente, com as armas na mão, trocaram com nobre gravidade um *shake hand*. A reconciliação estava feita — com dignidade para ambos e para suas testemunhas.»

Assim se resolviam as questões de honra naquele tempo!...

Nasceu o sr. Jaime de Vasconcelos, no Distrito Federal a 16 de Fevereiro de 1888, sendo seus pais o engenheiro português Dr. Antônio Ferreira de Vasconcelos e D. Maria Teresa de Mendonça Barreto Meneses de Vasconcelos. Formou-se em direito pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, em 1916, dedicando-se desde então à advocacia. A imprensa foi sempre a sua arma de ação, tendo colaborado em quase todos os jornais do Rio-de-Janeiro, destacando-se "O País", em que firmou sua carreira política.

Vindo para Mato-Grosso a convite do Interventor Camilo Soares, fixou residência em Campo-Grande para onde fôra então, nomeado Promotor Público. Em 1923, 1926 e de 1929 a 1930, representou Mato-Grosso na Assembléia Legislativa do Estado, marcando a sua atuação com caracteres cintilantes do seu talento e da sua cultura. A sua obra em prol da prosperidade pátria, está para sempre assinalada nas condecorações que ornamentam as suas brilhantes conquistas e que constituem por certo, verdadeiro padrão de glória e estímulo, tais as palmas acadêmicas e o título «Officier de l'Instruction Publique», com que o agraciou o Governo da França; a Cruz de Cavalheiro da «Ordem de Isabel, a Católica», concedida pela Espanha; a Cruz e Diploma de «Cav. Ufficiale» da «Real Ordem da Coroa d'Italia», a comenda de 1.º Oficial da «Ordem Nacional del Mérito», concedida pela República do Paraguai.

Quem assim credenciado transpõe os umbrais desta casa, há de prosseguir na obra glorificadora da imortalidade, dignificando os sublimes feitos pátrios e honrando a clâmide que a Academia Matogrossense de Letras deposita sobre seus ombros.

Srs. Acadêmicos!

Traçando o panorama social coevo, apontou o nosso novel companheiro a missão real da Academia diante do modernismo atual. De fato, as profundas transformações operadas na sociedade hodierna, relegam pelos planos secundários as concepções filosóficas das letras antigas.

O materialismo, negando a existência substancial do espírito, «tentou sempre reduzir a realidade das coisas, desde o atomismo de Demócrito ao hilozoísmo moderno, e, se o espírito é concebido em estreitas relações com a matéria, não se pode afirmar que o moral seja uma produção física.»

Aí por que Ribot classificou a imaginação em defluente e plástica; a primeira predominante nos espíritos romanescos, quimérico ou mistos; a segunda, dando a impressão da realidade, em que predominam as relações objetivas determináveis.

Porém, não podemos conceber o materialismo divorciado do espírito, porque o homem estritamente material, é como essas fontes dos nossos sertões, caudalosas no vigor das águas, extravasam, mas estiolam-se às canículas abrasadoras, expondo-se à esterilidade ambiente, onde não medram as árvores robustas, mas rastejam as réfeces, em cujo íntimo, ao invés do cerne, impera o vácuo isolante e infecundo.

O espírito é sopro divino do Criador e tende sempre a guiar com força luminosa o esforço material, para que a obra idealizada produza a rigidez moral. As sociedades assim orientadas, se expurgam dos males que nodam as classes tão disformemente desiguais, como se observa hodiernamente nos sistemas de organização político-social dos povos, como bem frisou o orador.

Sabemos que a democracia, poder do povo pelo povo, tende a lutar com toda a espécie de servidão material, e a sua vitória está na educação e instrução dos povos, para que haja compreensão exata dos fenômenos decorrentes dos princípios salutarres de liberdade, filantropia e solidariedade, trilogia que sintetiza a igualdade, que é a base fundamental do sistema.

O Estado Nacional, o regime de aprimoramento da unidade brasileira, é justo assinalar, vem acelerando na defesa da saúde do povo, «aplicando com Higiene e Eugênia, para a proteção do Brasil de amanhã, que é a criança de hoje» — «crianças, sementeira sagrada, cujas almas cândidas, guardam o mais puro amor da pátria e as esperanças do regime novo» — na expressão sadia do Presidente da República.

Dealbamos o horizonte político-social do Brasil!

Vemos por todos os recantos do território nacional, multiplicarem-se as creches e maternidades, lactários e centros de puericultura, escolas que, alfabetizando, educam a criança, formando o cidadão, o impetérito guardião da pátria futura.

E o trabalho de aprimoramento da raça, que se evidencia no Brasil, para a solução dos seus problemas sociais, vem confirmar a compreensão da verdade axiomática de que, o valor social de um povo, se manifesta na raça forte de que é a criança a legítima expressão.

O espetáculo que se nos depara nas humildes camadas populares dos sertões, da inércia e da apatia, da superstição e privação de consciência, há de se transformar, porque a instrução primária obrigatória e a educação, regenerando os hábitos e os

costumes das populações rurais, mostrarão a pujança do caráter e do patriotismo nacional.

Vemos finalmente que essa compreensão da missão social das Academias vai se desdobrando progressivamente em todos os sectores das atividades de trabalho, necessárias para o engrandecimento da nação, e por isso é que, nelas se congregam elementos de tôdas as classes de elite, magistrados, juristas, religiosos, advogados, professores, tôda uma pléiade de inteligência e sobretudo, de boa vontade, que com devotamento e cultura, concorre para a prosperidade coletiva.

Cultivando o idioma pátrio, as Academias aproximam as almas na mais doce amizade, vinculando os elos de simpatia entre os que intelectualmente se estimam, realizando a obra magnífica e criadora, da cooperação dignificante do espírito e da inteligência com o trabalho construtor e organizador das sociedades.

Meus senhores!

Aindá perduram em nossos ouvidos as harmonias das expressões do ilustre confrade, que vem enflorar êste silogeu, traçando o paralelo do patrono da cadeira que vem ocupar, com a missão que exerceu em vida — cultor do Direito e da Justiça.

Entre os deveres sociais do homem, a justiça é a moral mais sublime existente nas suas relações com os semelhantes.

Filosoficamente falando, a justiça é o dever de respeitar os direitos alheios, consubstanciado no preceito cristão: «Não faças a outrem o que não quizeres seja feito a ti.»

Concebido assim, de modo geral, no sentido social e religioso, é manifesta a importância do dever de justiça para aquêles a quem a sociedade confere a missão de praticá-la e distribuí-la.

«Como os corpos físicos se acham, necessariamente, dentro do éter que os envolve, domina, penetra e movimenta, o indivíduo tem de viver no meio social onde se move, para o qual coopera, e sôbre o qual reage, partícula infinitesimal das energias que trabalham o universo. Para que, portanto, seja possível a liberdade, como expansão do valor do indivíduo perante a comunhão, necessário se faz, igualmente, que esta seja contida por princípio superior, a cujo imperativo não lhe seja permitido desobedecer. A sociedade não pode viver sem o equilíbrio dos elementos que a compõem. Para manter êste equilíbrio, foi criado o direito; e o ideal dêste é estabelecê-lo, sem prejudicar o desenvolvimento íntegro e harmônico com a lei política, porém, nunca em antítese com as necessidades fundamentais da vida social, que as consciências de escol retratam.

A liberdade organizada pela justiça é, pois, a expansão da atividade lícita dos outros e sem oposição aos interêsses vitais da sociedade».

No conceito jurídico-filosófico do grande Clóvis Beviláqua, de quem foi o Desembargador Ferreira Mendes autêntico discípulo, se retrata a vida do juiz que honrou Mato-Grosso pelo talento, pela probidade e pelo saber.

Não penetrarei na seara do direito, de que foi êle exímio cultor, respeitando o conceito de Apeles, à cuja moralidade me curvo.

Alias, já foi feito o elogio do jurista, a quem devo com o ser a ventura de continuar sem desmerecer na sociedade, a honra da linguagem e do caráter, por quem, advogado e sociólogo, jurista e intelectual na verdadeira expressão do termo, tem credenciais para fazê-lo.

Sr. Jaime de Vasconcelos!

Frisastes bem a personalidade moral do patrono da cadeira que vindes perlustrar na Academia Matogrossense de Letras, realçando a respeitabilidade que aureolava o seu nome até mesmo nos cargos de responsabilidade política que exerceu em nossa terra. Para quem sentiu de perto a vida política de Mato-Grosso, no início da éra republicana no país, não pode passar despercebido o valor individual de quem, passando de leve pelo atascadeiro, pode sair incólume na sua dignidade.

Felizmente, para decôro da honra, «há atitudes morais, que a infâmia não atinge, assim como há alturas físicas, a que não chegam as infecções.»

Mau grado a circunstância, Mato-Grosso, na primeira fase da vida republicana, atravessou momentos delicados, abalos morais, em que a violência e a brutalidade, muitas vêzes, tentaram ofuscar as glórias que abrihantam as páginas mais edificantes da sua história.

Quero declarar aquí, positivamente e com toda a solenidade, que meu pai, como juiz, nunca foi político, e isso, fazia questão de afirmar em tôdas as oportunidades; tanto assim que às vêzes em que o Tribunal de Justiça teve de manifestar-se com a soberania da lei nos casos políticos de Mato-Grosso, eram o direito e a justiça que ditavam a consciência, e o seu julgamento, ponderado e sereno, ditado pela luz da razão, mesmo em antagonismo com os princípios partidários, sem magoar os correligionários, o consagrava na envergadura do caráter, na consciência ilibada do juiz, na mais ampla e significativa extensão do termo.

Obediente e respeitador às idéias paternas, filiará-se à corrente partidária a que pertencia seu venerando pai, orientada pelo saudoso chefe Cel. Generoso Ponce, de quem foi dos maiores amigos, e de quem recebeu as mais inequívocas provas de veneração e respeito, sem nunca tergiversar nos seus princípios.

Nas suas atividades políticas, agiu sempre como juiz.

E poder-se á objectar, diante desta afirmação que ao juiz seja negada a manifestação de simpatia por esta ou aquela facção política? Então, seria negar ao homem o mais sublime dos direitos — a manifestação livre da sua consciência. E, o homem que age com consciência tolhida, não poderá nunca ser, um bom juiz.

Aí a razão da grande, da ilimitada confiança que lhe depositava Generoso Ponce, e o respeito que lhe tributavam os adversários de ideologia.

Isso, todavia, não o impediu sofresse as maiores desilusões, as mais desoladoras decepções que, afinal, serviram mais para reforçar e temperar o aço das suas ações como Juiz — «a destacar-se da história dos primeiros quarenta anos da República em Mato-Grosso, num relêvo incisivo, a que o perpassar do tempo dá maior nitidez, como sucede com a pátina do tempo nos velhos bronzes romanos» tão decisivamente marcante na vossa magistral oração.

Recebendo da herança paterna grandes haveres, que bastariam para assegurar-lhe vida livre e sossegada, sacrificou-os aos interesses da profissão, porquanto, a administrar os bens materiais e cultivar a moral do direito no mais elevado cargo da judicatura do Estado, devotou-se inteiramente a esta, deixando perecer o materialismo interesseiro das coisas que, se confortam na vida, não a glorificam, para exaltar a justiça, que é o supremo ideal, que imortaliza e dignifica.

Em 1901 e 1906, vimo-lo duas vezes à frente de movimentos revolucionários, em defesa da ordem e da legalidade, do direito e da justiça vilipendiados pela tirania de improvizados demagogos.

A revolução, porém, desde que inspirada contra o despotismo é um bem. A revolução francesa, não foi mais do que uma consequência das conquistas das ciências «difundidas pela Enciclopédia» com a colaboração de Diderot e Condorcet, Montesquieu e Rousseau, abrindo às massas a perspectiva de novos horizontes, com as novas teorias do Direito Público, e que determinaram uma profunda transformação no organismo político, social e econômico das nações européias.

A história brasileira está cheia de lances dessa natureza, que longe de ofuscarem o brilho da nacionalidade, a elevam com exemplos dignos de um povo, cujo caráter e cuja índole sabe manifestar e sabe agir na reivindicação dos direitos conspurcados.

Foi em Diamantino, sua terra de berço, que meu pai sentiu o calix de fel, que consumando a ilusão da ventura terrena avivou-lhe o coração com a fé ainda mais inquebrantável na justiça e na igualdade, tornando-o, senão o maior, um dos maiores defensores do direito dos oprimidos.

Vendo suas propriedades incendiadas, atiradas ao saque de forças patrocinadas por um poder intitulado constituído: sua família sofrendo privações humilhantes, através das agruras do sertão, ao desamparo desolante, proferiu o sagrado juramentô de que, reivindicando a liberdade matogrossense, seria defensor extrênuo da liberdade e da justiça, da família e da religião, em cujos ensinamentos, edificantes e maravilhosos da imitação de Cristo aprendeu a amar a dor e o sofrimento, a resignação e o desamparo. E nos transe mais difíceis da sua vida, recalçando as injustiças dos homens, soube perdoar, revelando e ensinando aos seus descendentes, que a justiça verdadeira é a dos bons que perdoam, retribuindo a maldade com o bem, o desprêzo com a ternura, a ofensa com bênçãos.

Tendes, prezado confrade, com a figura do vosso patrono, traços de analogia que vos consagram em nossa terra ao tributo de um grande respeito e admiração. A vossa atividade política no Estado, toda pontilhada de reais serviços à coletividade, está para sempre inscrita nos anais da Assembléia Legislativa do Estado. Lá encontrará a posteridade exemplos magníficos de um caráter e de um sociólogo que, exercendo um mandato popular, fê-lo com lealdade para o povo, a que soube corresponder com alma e coração. E a visão panorâmica do futuro econômico e social do Brasil, não vos passou pelo espírito apenas como sombras esparsas e indecisas, mas se concretizou em realidade. E hoje quando vemos os céus de nossa terra, entrecruzados pelas asas de aço em todos os seus pontos, não podemos esquecer que, o primeiro projeto de decreto apresentado à Assembléia Legislativa do Estado, visando favorecer a aviação em Mato-Grosso, foi da vossa autoria. Partiu da vossa mente que, abstraindo-se dos problemas materialmente políticos, das estreitezas partidárias, voava para as regiões do futuro em cuja grandeza dealbáveis os esplendores da ciência, as grandezas do progresso que imortalizaria o século com as mais edificantes realizações do trabalho e da inteligência.

Senhores!

Já é tempo de findar. O gênio não se define e a glória é recompensa aos serviços relevantes prestados à humanidade, à pátria, às ciências, às armas e às letras. A Academia Matogrossense de Letras já glorificou a justiça neste preito de alta magnitude. E sendo ela a força da inteligência, o ninho da cultura em cujo seio agasalhante o Estado deposita com fé, todas as esperanças do seu futuro, da sua grandeza, esta consagração basta para evidenciar a nobreza moral, a gratidão sublime dos homens do presente, que respeitam e cultuam a probidade e o caráter, a dignidade e o saber dos «varões ilustres que a terra sublimaram.»

Ilustre confrade!

Entrai para esta casa com passos firmes, de quem caminha para a glorificação, sob as aclamações e palmas dos vossos confrades, que aplaudem com sinceridade as magníficas conquistas da vossa inteligência, os louros do vosso triunfo nas ciências e nas letras e principalmente, na arte estupenda do direito.

Continuai no jornalismo pátrio, em que firmastes a vossa reputação, a defesa das instituições de nossa terra, a defesa da liberdade e da justiça; prossegui na obra dos nossos maiores, obra de engrandecimento moral do Brasil democrata, do Brasil respeitado e culto, na sua tradição política, na sua história invejável, na sublimidade da sua religião e nas esperanças do futuro, para que no respeito do presente e nos sonhos do porvir, seja sempre, a grande, a imortal, a invencível pátria brasileira.

O vosso passado de homem público, nos diversos postos da atividade política e social, exercido com cultura e probidade, inspira nos confiança, assegura-nos a certeza de que sabereis cumprir o vosso dever, continuando no mesmo respeitoso culto às tradições pátrias, de justiça e de liberdade.

Quanto a mim, osculando respeitosamente o túmulo sagrado de meus pais, hoje aberto para esta consagração, bendigo ao Senhor as graças concedidas, «dando-me progenitores imaculados», libertando-me os anos vividos à sombra de exemplos que não desmereço, para que a prole que me seguir a trilha, continue a honrar a pátria, no espelho de virtudes que foi a vida da-quele que continuei na terra, com as esperanças de benquerenças que dignifiquem Mato-Grosso na sua prosperidade e na sua glória.

Sêde benvindo, para a honra da intelectualidade matogrossense.



**PALAVRAS DE ENCERRAMENTO DA SESSÃO
PELO PRESIDENTE DE HONRA DA ACADEMIA,
D. FRANCISCO DE AQUINO CORRÊA**

Encerrando a sessão, disse S. Excia. Revma. que sempre teve em grande honra e não menor satisfação presidir a festas acadêmicas como aquela, as quais, entretanto, a espíritos menos refletidos, podem afigurar-se passatempos inúteis. E' que se lhes não considera a verdadeira finalidade, ou seja estimular o cultivo da língua vernácula, do bom dizer, do estilo correto, claro e elegante, coisas estas de megável utilidade em quaisquer províncias da múltiplice atividade humana.

A favor disto, poder-se-iam aduzir muitos testemunhos autorizados; aprouve, porém, a S. Excia. citar um só, que naqueles mesmos dias lhe caíra em mãos, por mera, mas feliz coincidência. Referiu-se ao livro "Nas Selvas do Brasil", da lavra de Teodoro Roosevelt, o estadista norte-americano, que anos atrás, em companhia do nosso insigne conterrâneo General Rondon, visitara Mato-Grosso, arquivando depois as suas impressões nessas páginas, mandadas em boa hora, traduzir pelo Ministério da Agricultura, e prefaciadas pelo próprio Ministro Apolônio Sales.

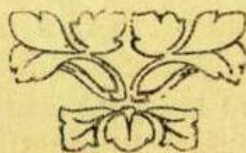
Esta obra, em que se nos depara uma linguagem interessante e agradável já é, de per si, uma prova do que vimos dizendo, continua S. Excia., pois nos revela como um homem, qual o ex-Presidente dos Estados Unidos, não se despreocupasse da forma literária. A prova maior, porém, está na declaração expressa do autor, quando em apêndice, a propósito de João Haseman, naturalista, cujo valor grandemente exalta, censura-lhe, contudo, o estilo, e lança êste apêlo aos intelectuais: «Os cientistas modernos, diz Roosevelt, assim como os modernos historiadores, e sobretudo, os professores de ciência e história, devem ter sempre

em mente que a clareza do discurso é essencial para a compreensão do pensamento, e que um estilo claro, simples e, se possível, vívido, tem influência capital no estudo dessas matérias. Darwin e Huxley são clássicos, e tais não seriam, se não houvessem escrito em aprimorada linguagem.»

Passando em seguida S. Excia. a tratar da personalidade do ilustre recipiendário, seu prezado amigo Dr. Jaime de Vasconcelos, acrescentou que a recepção do mesmo naquele sodalício acadêmico, era um atestado a mais, de que as academias não foram feitas apenas para os que passam a vida, segundo o dizer de Rui Barbosa, «na contemplação do belo, nos laboratórios da arte, no culto das letras pelas letras.» O novo acadêmico foi sempre homem de ação, tanto na sua profissão de advogado, como na política e no jornalismo, mas onde quer que tenha militado, dá-nos a impressão de não ter esquecido as boas letras, «como condição de asseio, expressão ainda de Rui, que dá clareza às opiniões, que as dota de elegância, que as faz inteligíveis e amáveis.» Assim, pois, com muito prazer, alí fôra levar as suas palmas ao novel confrade, no momento mesmo, em que, pelo sufrágio da nossa elite cultural, tomava posse duma poltrona acadêmica.

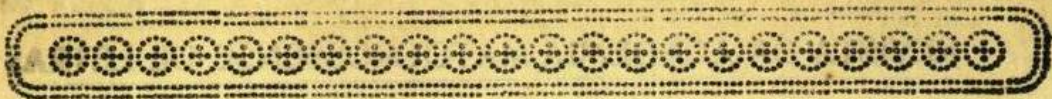
E o seu prazer, prosseguiu S. Excia., subia de ponto, em se tratando duma cadeira como aquela, patrocinada pela figura saudosa do Desembargador Ferreira Mendes, cuja memória alí pairava, não somente na palavra brilhante dos oradores, senão também na representação carinhosa e digna do filho, memória, que êle queria, por sua vez, homenagear numa evocação pessoal e comovida. E era que o Desembargador Ferreira Mendes assinara outrora o seu diploma de Segundo Grau do Curso Primário, e muito mais do que isso, fôra-lhe sempre de estímulo na carreira lilerária, quer com os exemplos duma oratória escorreita e facil, quer com os incentivos da mais sincera amizade.

Concluiu S. Excia. Revma. fazendo votos por que a Academia Matogrossense continue a brindar-nos com festivais, que pela sua orientação superior e edificante, no setor assim das idéias como dos afetos, nos tornem mais chegados a Deus e mais dignos da Pátria.



POESIAS





IN EXTREMIS

(RESPOSTA A BILAC)

por D. AQUINO CORRÊA
da Academia Brasileira

*Quero morrer, meu Deus, quando tu bem quizeres:
Esplenda a primavera em rosas, malmequeres,
Ninhos cantando no ar, aos perfumes do vento,
E «asas tontas de luz, cortando o firmamento»;
Ou ruja em temporal a mais rija invernada.
Sem uma flor sequer, na terra desolada.
Refulja o sol no céu, no campo, na floresta,
E entre orgias de luz, vibre o universo em festa;
Ou paire a noite, noite imensa, muda e seva,
E raio algum de luz rasgue a profunda treva.
Que me importa êste mundo e toda esta vaidade,
Quando a morte me abrir o lar da eternidade?
Que me importa êsse amor, que geme e desespera,
A tremer ante a morte implacável e fera,
Entre gélidas mãos e bocas retorcidas
E olhos a marejar em lágrimas doridas?
Triste, bem triste amor, que a morte assim tão cedo,
Converte nesse horror, que é frio, espanto e mêdo!*

O meu amor é outro, eterno e onipotente,
Amor dum Deus, amor, que não morre, nem mente,
Amor, que não tem noite, ocaso, nem inverno,
Mas vive no esplendor do dia sempiterno.
E embora, ó meu Jesus, eu seja um miserável,
Que hei, tanta vez, traído o teu beijo adorável,
Espero o teu perdão, espero o teu sorriso,
Espero o teu amor, no azul do paraíso.
Espero que Maria, a mãe que tu me deste,
Imagem virginal da bondade celeste,
Seja comigo, e junto ao leito da agonia,
Mãe de misericórdia, ore, ajude e sorria.
Então a morte, a morte atroz para os mundanos,
Ela, que é o fim fatal dos amores profanos,
Longe de me roubar o teu amor sagrado,
Há de me dar com êle, em ti, meu Bem-Amado,
Pura, santa, imortal, verdadeira e querida,
«A delícia da vida! a delícia da vida!»

Sanatório Santa Catarina
S. Paulo, setembro de 1944.

ALVORADA PANTANEIRA

A noite, que se alonga espaço em fora,
qual sonho mau do firmamento pardo,
arreia sôbre a terra, como um fardo,
o chumbo dum sossêgo que apavora.

Boceja aroma, em ronda, o vento tardo.
Arrepiado de frio, o céu agora,
sob o frouxel das nuvens, que se enflora
de lírios de ouro, acende o olhar galhardo.

A estrêla-d'alva! Eis o carão desperta,
arrufa a pluma, e, sentinela alerta,
canto de alarma no ar azul desfralda.

Ao clangorar dêsse clarim bonito,
golfam bôcas-de-fogo, no infinito,
explosões de diamantes e esmeralda.

Lamartine Mendes.

NO FIRME

Como uma enorme, alvoroçada aranha,
pernejando em agulha imensa, ao chôro
do vento, uma palmeira as nuvens ganha.
Na noite em meio, a lua é um pingo de ouro.

Erram no ar avejões de mau agouro;
desliza o rio, ao longo da campanha.
De vigia ao painel moreno-e-louro,
avulta o monstro hirsuto da montanha.

Ronda o silêncio em tórno. Sôbre a trilha
de gado, um touro majestoso e quêdo
namora a lua, que em seus olhos brilha.

A terra esplende, cheira o azul profundo:
chovem estrêlas, sôltas do arvoredado,
aves de fogo fogem pelo mundo...

Lamartine Mendes.

CANTO EM LOUVOR DE PARIS

Gervásio Leite

Paris agora está livre!
Nos altiplanos do mundo
A luz está brilhando outra vez;
— Banho de redenção para o mundo caído na lama:
A alma da França clara e imortal,
como a face do Eterno invocada no Tempo,
vibra novamente
ao ritmo de um canto de libertação em pleno mundo escravo,
canto que é um facho de luz espancando as trevas,
clarinada galvanizadora:
«Allons enfants de la Patrie
Le jour de gloire est arrivé.»

A redenção canta no coração da gente de Paris!
Ecoam os acordes seculares:
e a Marselhesa está fluindo
como a linfa que alimenta a fonte inesgotável da vida.

Há quatro anos
um véu de trevas envolveu o mundo
porque Paris era uma cidade escrava.
Agora a luz está brilhando
na Cidade Luz
e em todos os caminhos
porque todos os caminhos se dirigem para a luz.

Pátria do Mundo,
porque a beleza mora aqui.
Capital do Universo,
porque a sabedoria povoa Paris.
Flor da Civilização
porque a graça e a ternura nascem em Paris.
Fanal e guia de todas as épocas!

Agora, pelas ruas velhas
 tímidas do rumor da História,
 pelas praças
 evangelhos de revoluções libertárias;
 nas largas perspectivas dos bulevares
 onde a Humanidade é livre e digna;
 nos bairros — colméias retumbantes de vida,
 a liberdade está cantando
 e o canto ainda tem o gosto de sangue.
 — «Le jour de gloire est arrivé!»
 e com ela a glória de ter repellido a tirania
 e de cravar, novamente, no chão de Paris
 a bandeira da liberdade para um mundo que renasce.

Canta a liberdade sob os claros céus de Paris.

O mundo agora está livre
 porque Paris
 está atrás das muralhas da China milenária,
 nas frias planícies siberianas,
 nas adustas terras da Africa
 e no meio destas Américas livres
 e em toda parte onde o pensamento
 brota como uma flor de cultura
 e pelos caminhos onde a graça infinita
 redime os homens de suas misérias
 e os eleva da carne de seus sofrimentos.

Os corações se enchem de uma cor diferente
 porque Paris é um símbolo e uma síntese
 deste mundo.

Puro e simples como a própria eternidade,
 grave como uma nota impressionante do Destino,
 facil como um caminho sempre trilhado,
 compreensível para os que alimentam no peito
 a chama azul da fé num mundo humano,
 doce como um beijo de um ser amado
 carinhosa como um lar seguro no meio do caos,
 graciosa como uma música facil
 que as crianças dedilham ao piano
 nas ruas dos arrabaldes distantes,
 na sugestão envolvente do crepúsculo.
 Imagino, então, estas ruas de Paris,
 a presença triunfal destes monumentos.
 Pura música!

A Torre Eiffel é como uma nota alta, aguda e cantante.
O Arco do Triunfo é um som grave de grande beleza
que se arremessa segura e lenta para o alto
e a Catedral de Notre Dame
é uma página antiga encravada no meio de Paris.

Porque Paris é a beleza e a harmonia do Mundo!

Todos os poetas andaram por aqui.
Eles se misturaram com este povo.
A massa sem nome e sem monumentos.
Mas, que regaram com sangue as ruas de Paris.
O povo que tem o heroísmo de um coração incontaminado
e a alma feita, apenas, dessa decisão de ser livre
para dispor de suas vidas humildes
mas confortantes, possíveis e francas.
A multidão que libertou a cidade querida
que sofreu com ela,
que chorou todas as misérias,
que lutou e que venceu
enquanto sobre o mundo ruge o turbilhão da tempestade.
Pierre, Jean, François, Maurice,
as mocinhas do Quartier Latin
as midinettes e as costureirinhas
a juventude que enchia de graça
a grave e sábia magestade da Sorbonne
e que punha uma nota álaçre e ensolarada
nestas ruas universitárias de nomes pomposos e solenes
Rue Auguste Comte,
Rue Gay Lussac...
Foram eles que limparam o esgarro das faces de Paris
e que apanharam do chão
o brio e a dignidade da França
e foram vingá-los,
e que desceram Paris
ao seu Calvário!...

Paris está aqui,
dentro do peito
no meio do coração
com a liberdade!...

Ela está aqui como a seusação primeira
que fica, imemorial, na sensibilidade.

Ela está aqui no espírito — vibração fecunda e polida do pensamento.
Sensação da beleza indeformável,
rastros luminosos,
clara perspectiva ! . . .

Ela está aqui
Eterna como é eterno o chão deste Mundo onde os homens planta-
Ela está aqui decidida na alma dos homens [ram Paris
esperando no coração dos homens
até que na manhã primeira do outro mundo
todos nós possamos cantar
sob os céus na alegria de quem rompeu suas cadeias :
— «Allons enfants de la Patrie
le jour de gloire est arrivé.»

POEMA

Rubens de Mendonça

Olha nos olhos meus, amor,
Que verás refletida a tua imagem.
Aperta-me em teus braços
Que hás de sentir bater meu coração...
Beija a minha boca
Que sentirás o gosto amargo do meu beijo
Como se fosse a essencia da minha alma,
Como se fosse a própria dor beijada
Pelos teus lábios sensuais, amor!

Olha nos olhos meus,
Que verás refletida a tua imagem
De mulher mais bonita que há no mundo...

A UMA ESPADA DO SÉCULO XVII

Rubens de Mendonça

« Não me saques sem razão.
Nem me embainhes sem honra. »

Quanta vez ao furor de rútilas batalhas
Não brilhaste no ar, viril e radiante...
Ora ditando leis, ora contra as muralhas
De lindes investindo ativa e triunfante...

Hoje vives a um canto, entre outras antiquilhas,
Relíquias do passado. E sem o relevante
Porte bélico e hostil, pois tu já não espalhas
A morte, como outrora espalhaste arrogante...

A tua lâmina traz, ó minha velha espada!
Esta nobre inscrição sob fogo gravada,
Que o bandeirante audaz sempre soube prezar!

De um lado do teu aço essa inscrição dizia:
« Não saques sem razão ». E no verso se lia
« Nem me embainhes não, sem glória conquistar!... »

MEU POEMA DE NATAL

Rubens de Mendonça

Missa do Galo! Festas, alegria...

Natal! Jesus nasceu,

Mas, os destinos humanos, que ironia,

Transformam esta noite de alegria,

Em que Jesus nasceu!

Em noite triste de agonia!

Há risos, é certo, em cada palacete,

Enquanto nas choupanas a fome atroz

Ainda a rondar crianças macilentas,

O noite de tormentas...

Senhor! Dai-nos a paz!

Ninguém se lembra de ti, Papai Noel, **velhinho,**

Esqueceste por certo,

Talvez pelo caminho,

O presente

Que de braços abertos

Aguarda a Humanidade!...

Era pouco e eu queria

Ver risos de alegria...

Paz e felicidade!...

Esqueceste de mim?

Não! Porque quando veio o dia rosicler,

Tu me deste a mais linda mulher!...

É você, meu amor,

Foi meu lindo presente de natal!

MEU AMADO BRASIL

ULISSES CUIABANO

*Meu amado Brasil, Terra de Santa Cruz,
El-dorado real das lendas castelhanas,
Uma conquista a mais nas glórias lusitanas,
A mais formosa flor que a América produz;*

*Meu amado Brasil, cheio de encanto e luz,
Asilo acolhedor de três raças humanas,
Dadivoso torrão onde vivem, usanas,
Outras gentes que a terra amiga então seduz;*

*Brasil — a Pindorama amada dos Tupís,
Região da palmeira e da ibirapitanga,
A Pátria de Iracema, — a flor dêste país;*

*Saúdo-te, gigante altivo e senhoril,
Imortal campeão do grito do Ipiranga,
Linda terra do berço, amado meu Brasil!*

ARRUFO

OTÁVIO CUNHA

— 1 —

Houve um arrufo entre nós!...
deixei-a! erguí-me e saí,
sem mesmo olhar para trás...
mas, como um suspiro, ouvi
a sua divina voz
dizer-me: «para onde vais?...»

Seguí! deixando a quem amo
jurando não mais voltar!
jurei por Ela e por Deus...
por Ela — a santa a quem chamo
glória azul dos sonhos meus...
(sei que é pecado jurar!)

Quando parei — vinha a noite
turbando o verde do mar...
e o vento, em turbido açoite,
era um louco a esbravejar!

E eu também estava louco...
(que tempestade em minh'alma!)
mas o vento, pouco a pouco,
principiou a serenar...
e foi me voltando a calma,
e comecei a pensar...

Sim! eu preciso estar sereno
para, tranquilo, meditar...
Parta-se a taça do veneno,
que o ódio me deu para tragar!...

— II —

E' triste o barco, no alto mar, que o vento,
 pelo outono,
 rasgou de cima a baixo a branca véla,
 mais branca do que a neve...
 é a imagem do abandono
 exposta ao sopro rude da procela...
 talvez se perca como um pensamento
 que não se escreve...

— III —

o céu azul é um símbolo de paz...
 minhas reflexões
 vão aumentando, mais a mais...
 Descobre, coração, quem foi que veio
 perturbar o doce enleio
 dos nossos corações!

Descubro!

é o ciúme — em fogo! — um ciúme brusco,
 dentro do qual, às vezes, eu me ofusco
 como um selvagem cruel, desapiadado...
 foi essa monstro rubro,
 que apaga a luz acesa da razão,
 que quis fazer de mim um desgraçado,
 devorando o meu próprio coração!

Tenho horror de mim mesmo! vejo bem
 o mal que estou fazendo — sem querer,
 e a ingratidão mesquinha que lhe fiz,
 a ela, coitada! — que me escreve e diz:
 «amo a ti, meu amor! — e a mais ninguém!»

— IV —

Viver sem ela — que é a minha vida —
 é ser a pedra que rolou do monte
 e dentro de um paúl ficou perdida!

Último adeus! — começo da saudade...
Um céu no qual um sol nunca desponte,
é o negrume eternal na imensidade!

Vêr n'um momento
tanta luz succumbir na escuridão,
chegar o fim do mundo, onde me agito,
mundo talhado por meu pensamento,
mundo nascido do meu coração,
é ver extinto o rútilo infinito
da minha deslumbrante criação!

— V —

Vive irmanado com a dôr,
quem vive só! — não convem...
quando a mulher tem amôr,
não tem caprichos... não tem!

— VI —

A verdade é que estou triste e sosinho,
como quem foi deixado n'um deserto,
onde não pairam traços do caminho...
.....

No entanto, o meu amor mora tão perto!
.....

Há já três dias que eu vivo,
como se fosse um cativo
n'um galéra de dores,
em tanta atribulação;
como quem vive e quem morre,
doente do coração!
— sem ela que me socorre,
dando perfumes e flores
à minha imaginação!

Sofre mais, meu pobre doente!
vague o sonho pelo espaço...
Rola uma estrela cadente,
mas não gravou um só traço
no firmamento!

— VII —

Nesse abandono,
nem me quer afagar a placidês do sono!...
ora eu me assento, ora eu me deito
nesse tristonho e duro leito,
que nem é d'Ela e nem é meu...
— leito de hotel — malassombrado! —
onde talvez abandonado,
alguem morreu!

Divaga a minha mente...
penso no paraizo terreal
e eu me recordo de Eva
quando Jehovah lançou o Eden na treva,
em castigo do amor, como se fosse um mal!
Eva! pensaste a rir no goso da vingança,
e trouxeste no olhar inocente — o pecado!
e no riso trouxeste — as flores da esperança
e o perfume do amor — no teu corpo imortal!
Eva ou mulher!
preso trouxeste ao ventre — o homem! (nasceu
[escravo.]
Solto! — ainda ele é teu! de que serve ser bravo,
se se doma ao mistério insondavel do amor,
ao teu encanto, ao teu fulgor?
céu sem fim! mar profundo!
Sem pensar Deus te deu a direção do mundo!

— VIII —

O meu jardim das delícias
achei nos nossos amores:
no seu bem — que dá carícias
— nos seus beijos — que dão flores!

Meu coração repete a todo instante
esse estribilho torturado:
«não mais posso viver d'ela distante,
quero a vida ao seu lado!»
tem razão, muita razão...
que fazer?
tambem não posso viver,
sem viver meu coração!

Esse fiel escravizado,
que me arrasta à escravidão,
não quer ser um desgraçado,
nem desgraçado me quer!
foge da cruz da saudade...
tem razão!
pois só tem felicidade
quem quer bem a uma mulher!

Sem coração não há vida,
sem alma — o corpo está morto...
Nave perdida,
é a que deixar de regressar ao porto!

Minh'alma vem, minh'alma vai
juntar-se a Ela, e volta a mim,
n'essa jornada sem fim!
eu tremo — quando ela sai,
eu tremo — quando ela vem...
Por causa disso padeço,
como ninguém!

— IX —

Longe d'Elá! Três dias já se vão!...
 que noites longas e frias...
 quanto bem eu perdi nesses três dias,
 nesses três séculos de aflição!

E o coração pede baixinho:
 «tem paciência e vamos vê-la
 antes que o sol, tombando, entre em seu ninho,
 antes que do alto a fite alguma estrela!»

E minh'alma murmura,
 u'uma voz de quem quer, mas não deve chorar!
 «quebra (mas vale o amor) a tua jura,
 aquela jura que nos faz penar!»

Pois sim! concordo com tudo...
 e eu que me mantive mudo
 dentro do meu sofrimento,
 (mas falava o pensamento...)

fui obrigado a falar:
 «mandam no mundo as mulheres...

tu queres, minh'alma, eu vou!
 coração, irei se queres...

sem esses dois, que é que eu sou?

Tanto penar nos comove,
 matemos a nossa dor!

O mundo inteiro se move
 pelos encantos do amor!

— X —

E fomos juntos ver a minha santa...
 era bem o que eu queria!

minha alegria foi tanta...
 que em tudo andava a alegria!

E a tarde alegre, tão linda,
 estava bem longe ainda
 de morrer,

para a noite descer...

Nas nuvens havia uns traços
leves, róseos, de arrebol,
e o poente extendia os braços,
querendo prender o sol!

Chegamos! e bati, trêmulo de emoção,
a porta de ouro
do palácio de mármore e granito
onde mora o meu rútilo tesouro,
— a Imagem deslumbrante do meu rito!
Se eu não bati...
foram pancadas do meu coração
que Ela ouviu! e eu ouvi!

O som dos seus passos fala,
o som do seu riso canta,
ouço a voz de um serafim
vejo a santa,
que propala
a vinda de boas novas...
harpeja o encanto das trovas,
quando Ela vem para mim!

Abriu-se a porta! Eu sabia
que Ela — mesma é que abriria!
(quem ama, sabe e adivinha,)
e caíu nos meus braços distendidos
para estreitar seu corpo delicioso!
E senti-a tão minha,
bela, cheirosa, cândida e feliz,
que eu não quis
pensar nos dias perdidos,
na ingratidão que lhe fiz!

Reina o silêncio da felicidade,
nem máguas, nem ciumes, nem saudade!
E ficamos, felizes, nos fitando...
Tomei a nos meus braços! parecia
que era o meu coração que eu carregava
nos braços delirantes da alegria!...
Levei-a até seu leito de marfim...
Sentei-me! eu estava sonhando...
tendo-a bem junto de mim...
meus olhos foram rezando
uma prece de quem pede o perdão de Deus!
Bendita a hora que eu vim!
.....
Arrufo! chegou teu fim.

E na glória de quem sabe que é muito amada,
radiando do seu corpo um frescor de alvorada,
levantou se a sorrir... e fiquei contemplando
a graça a se mover — uma gaivota voando,
branca, por sobre um lago, onde não há pro-
E a palpitar, e a estremecer, [celas!
Ela fitou o céu, Ela fitou o mar...
depois... fechou as janelas
— para a tarde não nos vêr,
e a noite não nos olhar!

Admire-se a porta! Eu sabia
que Ela — mesma é que sabia
(quem ama, sabe e divide)
e caiu nos meus braços...
para estreitar seu corpo delicioso
E sentiu tão minha,
bela, cheirosa, cândida e feliz
que eu não quis
passar nos dias perdidos,
na ignorância que lhe fiz

ESCADADA DE JACÓ

SONETOS

de

José de Mesquita

*Viditque in somnis scalam stantem super terram,
et cacumen illius tangens cœlum: Angelos quo-
que Dei ascendentes et descendentes per eam...*

(Genesis, XXVIII, 12)

ELEVAÇÃO

**Homem, busca elevar teu espírito acima
do nível inferior da materialidade.**

**Vê que, dentro de ti, um grande ideal te anima,
nesta sêde do Bem e da Felicidade.**

**A árvore vem do chão, mas ergue a fronde opima
para o infinito azul, numa grande ansiedade.**

**A herva humilde tateia o muro em que se arrima
e, trepadeira, aspira a altura e a claridade.**

Sómente o verme vil vive no seu rastejo.

**O mais se alteia e sobe e a natureza mostra
que tudo é elevação, sonho, prece ou desejo...**

Sê alma e não sómente argila e lama escura.

**Si, fragil, o teu corpo, exânime, se prostra,
suba tua alma a Deus, que é a Perfeição mais pura.**

RUMO A VEGA

Entre Vega e a Corôa nota-se um certo número de estrelas de 3ª e 4ª grandeza: é para esse ponto do céu que somos arrebatados no destino universal dos mundos.

Si esse transporte continuar em linha reta, aportaremos dentro de alguns milhões de séculos às plagas iluminadas por esses longínquos sóis.

(C. Flammarion — "Astronomia Popular").

Pequeno grão de argila, esta Terra que habito,
vai na rota do seu sistema planetário.

Este, por sua vez, toma o rumo prescrito
pela lei eternal que traça o seu fadário.

Onde isto tudo irá? Qual o supremo fito
que essas constelações, no seu itinerário,
buscam nos siderais desertos do Infinito,
— caravana de luz no espaço milenário?

Rumo a Vega, talvez... Mas Vega segue, ansiosa,
outro astro que a atrai e a orbita, longe ou perto,
e essoutro a outro também, na elipse luminosa...

E por mais longe e além que a idéia conjetura,
há de sempre encontrar um outro além, por certo,
até chegar a Deus, Suprema e Última Altura!

FIRMEZA

Que te importa o tufão? Fita-o de frente erguida,
e, da refrega em meio, ergue, altaneiro, o porte.
O homem é tanto mais senhor da sua vida,
quanto mais a despreza, e olha, sereno, a morte.

Enrija a tua fé, faz dela o elmo na lida.

E' no crisol da dôr que o homem se torna forte.
Aprende a suportar de alma firme e aguerrida,
a inconstância e o furor dos vendavais da sorte.

Encara com piedade os pigmeus embrejados
no seu mesquinho afan, que logo se entibia.
Põe tua flâmula ideal nos píncaros dourados.

A vitória do mal é efêmera e não dura
mais do que esse ulular de procela bravia
— a que logo sucede a bonança mais pura!

APOGEU

A Gabriel Pinto de Arruda

Nós saímos da terra e à terra volveremos,
como os astros, no além, entre um e outro horizonte:
lento, da vida a elipse insensível fazemos,
desde a infância — a alvorada, à velhice — o transmonte.

Do zênith ao nadir, os dois polos extremos,
da impávida escalada ao declínio confronte,
moços, da vida a rampa altíssima ascendemos,
para, velhos, descer a outra encosta do monte.

Hora melhor não há do que esta da esplanada,
em que vemos, de um lado e de outro, o céu fulgindo,
e sentimos vibrar, em nossa alma arroubada,

o vigor do apogeu, pleno sol claro e puro,
a saudade e a esperança: o passado tão lindo
e a doce placidez sonhada do futuro!

Novembro 1936.

PERDOAR

Si alguém te faz o mal, tu deves sêr-lhe grato,
pois é na áscua da dôr que a alma se retempera;
ninguem pratica o mal sinão, porque, de fato,
seja um pobre infeliz, um sêr de baixa esfera.

O ódio, o rancor só mora em cérebro insensato,
pois no ánimo do máu o inferno sempre impera.
A bondade, ao invés, é o sentimento inato,
que faz da alma do bom perene primavera.

Não há homem no mundo, a quem Deus não permita,
numa hora talvez de abandono ou desdita,
praticar todo o mal, renegar todo o bem.

Por isso deves ter imensa complacência,
e, perdoadando o mal, que é bem da humana essência,
não te julgues jamais melhor do que ninguém.

SEMEADOR

O Poeta é lavrador de uma gleba abençoada
que o ante-verão flori e o inverno não destouca.
O prazer de semear lhe é tarefa sagrada
e diante dêle toda a glória humana é pouca.

Cirano, muita vez, celebra a sua Amada,
a qual nem lhe percebe a paixão alta e louca,
e vê, com que pesar! de baixo da sacada,
o beijo de Roxana abotoar noutra bôca.

Mas — e é a compensação que sorri aos Poetas —
quanta vez sua lira, em sonâncias secretas,
num coração discreto a paixão despertou

— Margarida gentil, de alma e de corpo lindo —
e, como Alain Chartier, é beijado, dormindo,
sem nem sequer saber o lábio que o beijou!

Setembro 1936.

INDULGÊNCIA

Todo o mal está na Força e só o Amor
pode conduzir os homens . . .

(Graça Aranha — "Canaan")

Aprende a amar e perdoar: são desgraçadas
as almas que só no ódio encontram a existência.

Si queres ter da vida as horas perfumadas,
abre o teu coração como um vidro de essência.

Vai, de alma leve, pelas ásperas estradas,
em que a ternura enflora os cardos da violência,
e onde o mal te prepara as tredas emboscadas,
acende o amor, farol de límpida fulgência.

Feliz o que supera o instinto da natura,
participando, assim, da condição divina,
e olha o mau e o imbecil com dó, sem amargura!

Esse desarma a fera e faz do ruim bondoso,
dentro da grande lei, que a paz mais alta ensina
— lei sublime do amor eterno e vitorioso.

Abril 1937.

DESLUMBRAMENTO

Há, na vida, por mais áspera, rude e escura,
horas que valem tudo e compensam as dores
que afligem, dia e noite, a pobre criatura,
neste vale em que há mas espinhos do que flôres.

Quem não sentiu jamais essa hora de ventura,
vaga entre-luz do céu, do averno entre os horrores,
sutil emanção do Amor, que, eterno, dura,
do qual são simples sombra os mais belos amores?

Essa Visão de Deus, Graça, Paz, Euforia,
ou nos vem, pela Fé ao cérebro cansado,
ou, pelo Amor, nos desce à alma tediosa e fria.

E ficamos, assim, de olhar turvo e tremente,
sentindo esse fulgor do Ser iluminado,
tal como quem fitou o sol de frente a frente!

Março 1938.

REDEÇÃO

Da vida, muita vez, semeamos nas estradas
urzes que vão ferir incautos pés alheios
e vêmos, com piedade e de ternura cheios,
duma palavra só mil dôres germinadas.

E buscamos, então, entre ânsias e receios,
resgatar toda angústia e tristeza causadas,
sentindo esse travor de lágrimas joradas
como linfa a brotar de cristalinos veios.

Mas o mal que se fez um dia não se esquece
e sómente se pôde encontrar lenitivo
partilhando da dôr daquele que o padece,

pois para redimir os gravames passados,
o mais que se consegue é, entre pezares vivos,
fazer, em vez de um só, dois desaventurados.

DOLOR

E' só pelo sofrer que a alma humana se apura.
Inutil procurar longe dele a Bondade.
E si buscamos fóra outra felicidade,
é apenas ilusão de efêmera ventura.

O próprio Amor não é mais que uma nobre Piedade
que nos leva a condoer duma outra criatura
e mais ama quem mais sofre, junto, a tortura
de uma grande, comum e intérmia ansiedade.

A Dôr, eis o quinhão da universal partilha,
que Deus nos outorgou, nesta rude passagem.
Feliz quem o compreende e, dentro em si, se humilha

para dela tirar o dom mais sublimado,
que é essa glória sem par e altíssima vantagem
da purificação de todo o mal passado!

Setembro 1938.

CATIVEIRO

Nada sacia, nada empolga, nada farta
a tua alma, que mais alcança, mais deseja.
Todo o gozo que a vida a mancheias reparta,
breve o verás morrer, ao termo da peleja.

A ância de pôssuir não vale o que se almeja.
Cada sonho que vem de um outro se descarta.
E vives a oscilar, falêna que doideja,
do arroubo de Maria à azáfama de Marta.

E' que entre dois grilhões te conservas cativo
— o tempo e o espaço — a atar o teu anelo vivo
para a Beleza, que é o ideal e a perfeição.

E só a Eternidade, o *tempo que perdura,*
e o Infinito, que é o espaço imenso, a *extrema altura,*
poderão libertar teu pobre coração.

BEM POR MAL

Fazer o bem a quem t'o retribúa,
nenhum merecimento, é claro, tem.
Sómente é bom esse que continúa,
mesmo em troca do mal, fazendo o bem.

Não te preocupe o estrépito da rua.
Ouve a tua consciência e mais ninguém.
A ingratidão na alma serêna atúa,
como incentivo que do céu lhe vem.

Porque fazer o bem buscando o util,
é um torpe traficar com a caridade,
e se pagar com a moeda futil.

Mas fazê-lo ao ingrato e ao desleal,
isso é glória, é beleza, é heroicidade:
é, como Deus, pagar o bem por mal.

ASCENÇÃO

Íngreme e sinuosa, aspérrima e escarpada,
sob o sol flamejante ou entre tormentas duras,
cheia de abismos maus, que abrem fauces escuras,
vai a estrada coleando, em busca da esplanada.

Sóbes. E na ascensão, entre angústia e torturas,
trons de ira e de despeito, apodos e assuada,
vês diminuir mais as coisas na baixada
e se abrirem os céus em mais amplas alturas...

Hás de sempre encontrar urzes pelos caminhos,
serpes por sob a relva e, nas rosas, espinhos.
Mas nunca te pareça o teu esforço vão.

Lá bem no alto cintila a estrela da bonança,
e além, teu coração, mais do que a vista, alcança,
límpido e claro, o azul da eterna Perfeição.

TRANQUILIDADE

Como deve ser triste abrigar sempre na alma,
como um câncer letal, o ódio, a inveja, o rancor,
tal um côrvo que dentro em si asas espalma,
e a tudo empresta a sua horripilante côr!

Ao invés, a indulgência, a piedade, a calma,
dão à existência um novo e inédito sabor,
pois todo o sofrimento ou revolta se acalma
nesse banho lustral do perdão e do amor.

Ergue-te bem acima e olha do alto a maldade.
Condoi-te do que é mau, que o mal só faz sofrer
e exclui do coração toda a serenidade.

A suprema e maior glória que podes ter,
é criar um ideal de Belêza e Bondade
e a vida inteira dar só pelo merecer.

RESSURREIÇÃO

Ressurge, alma dolente e álgida, que sentias
a morte dentro em ti: acorda para a Vida.
Observa, a cada instante, a mutação dos dias.
Foge à acédia letal, como à infrene corrida.

Verás, após a noite, as róseas ardências
a celagem doirar, agora enegrecida,
e suceder ao rijo uivar das invernias,
o hino da primavera, esplêndida e garrida.

Caduco é o mal. O Bem, sómente, eterno dura.
Vive o teu ideal de justiça e bondade,
e, entregue ao teu constante e discreto labor,

emergirás da treva à luz serena e pura,
que, defronte do mal, se converte em piedade,
e, ao influxo do bem, se transforma em amor.

Março 1940.

ALTIVEZ

Procura sempre ser altivo e justo.
Recebe, de alma igual, gosto e pezares.
E, vida em fóra, vai, sem ânsia ou susto,
como a vela que, calma, singra os mares.

O roble da montanha é mais robusto
que a herva crescida em sombras tutelares.
Depressa cai o que ascendeu sem custo.
Nasce o valor do esforço e dos vagares.

Cultiva essa altivez da dignidade,
não a empáfia que a nulidade encobre
e não resiste ao sopro da verdade.

Vê que os condores pairam altaneiros
sobre essas aves de plumagem nobre
mas de vôos tão curtos e rasteiros.

GRANDEZA HUMILDE

Cultiva sempre essa simplicidade,
que é a flôr mais bela que a alma humana ostenta,
e foge aos europeis, com que a vaidade
aos néscios e aos fracos alimenta.

Singelo, evita em tudo a fatuidade.
A filaucia valor não te acrescenta.
Sê sempre o mesmo, quer na adversidade,
quer na fortuna próspera e opulenta.

Tal no-lo ensina a própria Natureza
que no mérito, árdua e rija frágua,
não no tamanho, põe sua grandeza.

Vasias amplidões enerva o vê las,
enquanto a mais humilde póça d'água
reflete o céu com todas as estrelas...

AS DUAS FORÇAS

Combater contra o mal é tarefa constante,
que a vida nos impõe, nessa dura porfia.
Forte, enfrenta o perigo, instante por instante.
Repouso não terás, na peleja bravia.

Prossegue, sem temor, o teu caminho avante.
Na vitória final, com certeza, confia,
embóra a luta seja árdua e desconcertante,
quando a perversidade à estultícia se alia.

Não hesites, porém: a Justiça, a Verdade
hão de sempre vencer no prélio formidando,
as fraudes da protérvia e as mánhas da maldade.

E da consciência ao fundo hás de sentir, invicto,
que o Bem, batido sempre, acaba triunfando,
pois, no tempo, êle é eterno e, no espaço, infinito.

MIRANTE

Cada dia que passa é um degrau mais que ascendes
para o ápice galgar da aspérrima escalada.
Com o teu proprio esforço e sofrimento aprendes
o roteiro a seguir na esfalfante jornada.

A cada novo embate, o coração desprendes
dessas vãs ilusões, sombras leves da estrada,
e mais alças teu Sêr a Deus, de quem dependes,
e à Arte suprema e ao puro Amor—*que o mais é nada.*

Sê forte, na bondade e firme, na doçura.
Que te importa, a esbater, no seu brejal medonho,
dos batráquios a multidão refece e escura,

si tens, para abrigar tua alma dolcida,
esse mirante azul da Poesia e do Sônho,
donde se vê mais bela a paisagem da vida?

Janeiro 1941.

FALANDO À ALMA

Sofres? teu coração sangra em dura agonia?
És feliz, pois a dôr é a marca incontestada
da dileção celeste e a alma que ela crucia
é—podes ter certeza—a de Deus mais amada.

Neste áspero viver, que é um morrer cada dia
(há mais espinhos do que flores pela estrada...)
sómente um grande Ideal dá sentido e harmonia
à luta em que te vês, sem treguas, empenhada.

Sofrer, fazer sofrer, embora a contragosto,
pois que to impõe assim a sorte amara e ruda
e ainda ter de fitar a mágua rosto a rosto...

E as lágrimas crueis hás de, ocultas, vertê-las,
rócio do coração, que orvalha a noite muda,
sob o olhar misterioso e doce das estrêlas...

Fevereiro 1941.

A VERDADEIRA PAZ

Imaginas que o Bem ou a Ventura resida
no ouro, que te seduz, na glória, que te ilude,
e andas a procurar, numa ânsia estulta e rude,
o teu grande ideal, nas miragens da vida.

Tem mais calma e beleza a água azul dum açude,
do que esses vagalhões de fúria desmedida.
Para que tanto afã, nessa doida corrida,
si um rei e um pária não diferem no ataúde?

Vais tão longe buscar o que possuis tão perto,
e tendo ao teu alcance a sombra perfumada
do oásis, preferes palmilhar o agro deserto.

Ouve a voz que te fala, ensurdinante, a sós:
—Quem crê e ama, não precisa mais de nada...
A verdadeira paz está dentro de nós.

QUILÔMETRO 50

Toda a lição da vida se resume
em saber ser feliz na mediania;
haurir-lhe, calmo, o encanto e o perfume,
sem o viço crestar-lhe e a louçania.

Nem é no resplendor de aceso lume,
mas sim na meia sombra do teu dia,
que a graça sentirás, etéreo nume,
encher o teu viver de alma poesia.

Baste o oasis oculto e benfazejo,
de água pura, céu limpo e opimo fruto,
para encher o teu sonho e o teu desejo.

E' assim a que, após dura e áspera lida,
ventura silenciosa que desfruto,
nas minhas bodas de ouro com a Vida...

Março 1942.

ATO DE BONDADDE

A Wanir Cesar

É preciso ser bom, mesmo que a vida,
árvore má, te negue fruto ou flôres.

Que a ventura ou o infortúnio não decida
teu rumo, sempre bom, seja o que fôres.

Tenhas o Bem por tua mira erguida,
pouco faz que te cerquem goso ou dôres,
pois ser bom é a alta láurea, que atingida,
nos equipara aos Sêres superiores.

Pagar o mal com o bem, e do egoísmo
freiar a féra, que no seio móra
e arrasta-nos do mal ao tórvo abismo,

é ter por tua só finalidade
fazer da vida, assim, hora por hora,
um *Ato permanente de Bondade.*

Maio 1942.

A LEI DA VIDA

A Domingos Felix de Souza

Aquêlê que não ama, fica na morte.

(S. João, 1, 3, 14)

O Amor é a Lei da Vida. Quem não ama
fica imerso na morte e na tristeza.
Sómente o Amor acende em nós a flama
da Espiritualidade e da Beleza.

O nosso coração anseia e clama
pelo Amor, luz do céu na terra acesa,
raio de sol transverberando a lama,
sôpro de Deus, que anima a natureza.

Só quem do Amor pratica o ensinamento,
que se faz do total desprendimento,
pronto sempre a perdoar e a compreender,

pode dizer que vive integralmente,
pois só o Amor sabe ensinar à gente
a dar graça e sentido ao seu viver.

Junho 1942.

SOLIDARIEDADE

A Jorge Otaviano da Silva Pereira

Faze da dôr extranha a tua. Gosa
da ventura dos outros, irmãmente.
Que a tua alma se incline, piedosa,
sobre todo o que sofre injustamente.

Tua vida far-se-á mais deleitosa,
si souberes fazer dela, sómente,
uma sequência doce e harmoniosa
de amor constante e de perdão clemente.

Si sofreres, procura o teu conforto
como Jesus que, na agonia do Horto,
recebe a taça de amargura cheia.

E amavel te será a vida dura,
si jamais aspirares à ventura
comprada a custo da desgraça alheia...

Junho 1942.

JANUA COELI

Ao meu amigo e confrade Plácido de Melo

É na precariedade que consiste
o carater das coisas desta vida,
pois, certo, sobre a terra não existe
sinão cinza, ilusão, sombra esvaecida.

Mas a alma dá às coisas a *medida*
do Infinito e, entre a angústia imensa e triste,
projeta a luz de DEUS, do céu descida,
diante da qual a treva não subsiste.

Só o que dá valor ao sêr humano,
a esse efêmero sôpro de fumaça,
é ver que a morte, em seu poder arcano,

abre a porta real de outro viver:

—Quem crê no Amor, na idéa nem lhe passa
a possibilidade de o perder...

BRANDURA

**As vitórias da força truculenta
e as da astúcia solerte, pouco são,
pois nada as consolida ou fundamenta,
e mal se aprumam, já tombando vão.**

**Só a Brandura vence, porque assenta,
fundo, sua raiz, no coração.
A ervinha, humilde e fragil, se apresenta
e sobrepuja as fúrias do tufão.**

**Ai de quem só confia na violência,
e olvida as leis divinas da clemência,
e não sabe o erro de outrem perdoar!**

**A existência só vale e é bem gosada,
com Brandura e Amor, como si a cada
instante nós a fôssemos deixar...**

Julho 1942.

AOS QUE SOFREM

Ao meu amigo Ciriaco Pompéo

O sofrimento é para nós na vida,
a grande escola, o eterno ensinamento,
e não sabe viver quem, de alma erguida,
não aprendeu a amar o sofrimento.

Esses que aí vão, entregues à insofrida
ganância do ouro ou ao fátuo sentimento
do poder, da ambição, na áspera lida
do ganha-pão, em que perdem o alento,

não sabem que o crisol que a alma decanta
da lia impura da baixeza humana,
é a dôr, a dor sublime, augusta e santa,

que aviva a Fé e aumenta em nosso sêr
a confiança no Amor que nos irmana...
Pobre de quem não sabe o que é sofrer!

O DOM DA ALMA

Faz da tua alma o dom mais precioso.
Enche-a de paz, de amor e de brandura.
Que, assim, quem a possuir, dar-lhe-ás o gôso
de vêr a DEUS na sua criatura.

Não te importe o entrechoque tumultuoso
dos seres vãos, na faina agreste e dura.
Humilde e simples, te farás ditoso
do Bem que a si se basta e em si se apura.

Lavra, monda, melhora e aperfeiçoa,
dia por dia, da tua alma a leira,
na ânsia de a tornar bela, e a fazer bôa.

E quando, compassiva, a alguém a abrires,
seja como, na treva, alva e fagueira,
a luminosidade de um arco-iris...

DISCRICÃO

O forte, o verdadeiro sentimento
não é o que se expande, palavroso,
e anda alardeando assim, cada momento,
o seu valor, a prazejar, vaidoso.

Ele, ao contrário, praz-lhe o doce acento
de um ritmo que é quasi silencioso,
e, longe de ser rude ou violento,
é discreto, suave e harmonioso.

Quem grita e trombetêa, com orgulho,
o que sente, é tambór vasio e ôco,
que só tem vento e que só faz barulho.

Mais alto vòa o Amor que é, na verdade,
longe desse rumor estúrdio e rouco,
—mixto de arrojo e de serenidade.

O GRANDE PRECEITO

Amai vossos inimigos: fazei bem aos que vos aborrecem e orai pelos que vos perseguem e caluniam. (Mat. v. 44)

Duro preceito, que violenta a natureza,
e impõe ao coração um jugo sobrehumano,
e, entretanto, está nêle a altíssima grandeza
e encerra, dom supremo, o mais sublime arcano.

Nêle da Lei divina a máxima Beleza,
o sêlo que distingue o Homem, do sub-humano,
porque amar quem nos ama é natural fineza,
mas amar o inimigo — é acima do profano.

Não basta perdoar, procurar esquecer:
é preciso também no mau, no ignaro vêr
a inconciência que Deus proclamou sobre a Cruz.

E amar, e orar por êle e até fazer-lhe o bem,
pois ser bom com os bons, nenhum mérito tem,
mas ser bom com os maus, é ser como Jesus!

SUPERIORIDADE

Não te julgues jamais maior do que o menor.

O que, aos olhos do mundo, é ínfimo, entretanto,
póde diante de Deus ser um herói ou um santo,
pois que só Ele sabe entre nós o melhor.

Nem te faças, também, menor do que o maior,
que o ouro ou a sorte elevou, com surpresa ou espanto,
porque o valor está em ti e vales quanto
vales, e nem serás, porque o digam, pior.

O que cuida que póde a outrem arrebatat
o mérito, que obteve à custa do labor,
é como o estulto que, no seu pobre pensar,

sente que cresce com a lama sob os pés.

Olha o jograis, com piedade e superior:
—ante o opróbrio ou a ovação, serás sempre o que és.

HORACIANA

Um coração igual nas coisas desiguais.

(Aloísio de Castro).

Sereno espectador no banquete da vida,
vê com ânimo igual quanto em torno te ocorre,
e a alma sempre bondosa, amavel, desprendida,
compreenderás que é em vão que o homem se esfalsa e
[corre.

Correr, empós de que? Em cinza diluída
ver se-á graça ou riqueza, à hora em que se morre.
Só fica o bem que fez a alma compadecida,
embora de ouro ou pranto amplo caudal te jorre.

Com o afã de prender o mundo nos seus braços,
a tudo sacrifica o estulto avidamente
e nem vê que se lhe abre a cova sob os passos.

Vive feliz, na tua honrada mediania,
foge ao tumulto, cria um mundo teu somente,
e faz do teu Amor o pão de cada dia.

HEROISMO

Não é somente herói o que a têmpera afia
no fragor da batalha e coragem revela,
pois a pugna maior entre todas é aquela,
que contra o nosso eu travamos, dia a dia.

Vencer-se vale mais que vencer tudo. Bela
é a vitória, que o Sêr em si próprio inicia,
e essa em que da Razão o comando nos guia,
quando o instinto, como uma fera, se rebela.

O' vêr quão fundo é o tôrvo abismo, a que podemos
resvalar, e que alta é a sidérea amplitude,
a que, na asa da Fé e do Amor, chegaremos!

E saber decidir, com firmeza e vontade,
é sêr herói: nem ha maior força ou virtude,
que olhar, sereno, face a face, a realidade.

Abril 1948.

PERDULÁRIO

Há quem no mal sómente, acha prazer,
e se deleita na perversidade,
enquanto outros na doce Caridade
encontram o sentido do viver.

Sê dos que dão com prodigalidade,
dos que mais, para dar, desejam ter,
projetando seu sêr num outro sêr,
numa aura de ternura e de bondade.

Feliz, de outrem poder feliz tornar,
seja tua alma, bem como teu lar,
sombra e conforto para os que os não têm.

Teu coração do amor faz um sacrário,
e que possam dizer-te um perdulário
dos tesouros riquíssimos do Bem!

UNIDADE

Deixa esse estulto voar empós de mil quiméras,
e delibera sêr Tu-mesmo e Tu-sómente.
Nunca poderás ter no mundo, à mão-tenente,
todas as ilusões, que imaginas e esperas.

Vê que, em toda de ti, se abrem, constantemente,
flôres mil, do fulgor de novas primaveras,
e astros raiando vão, nas cerúlas esferas,
que embalde buscarás possuir inteiramente.

Fica-te no que és. Contenta-te do pouco
que Deus dá e que é muito a Fé, o Amor discreto,
e abre mão, decidido, ao devaneio louco.

Fixa o teu pensar e sentir na Unidade.
Deus, que é Tudo, é Um só: para seres completo,
deverás renunciar toda a instabilidade.

Julho 1948.

SÊR BOM

Há sempre, em face à vida, uma atitude
bôa e uma outra má: procura aquela.
Ser bom resume a máxima virtude
e é do viver a láurea nobre e bela.

Ser bom, não da bondade que se ilude
e arvora-se arrogante ou tagarela,
mas dessa que a fortuna nunca muda,
no goso e no sofrêr, quieta e singela.

Ser bom, como se a Dôr, cada momento,
viesses bater do nosso lar a porta,
porque a Dôr, é o supremo ensinamento.

De ser bom só compreende o alto valor
quem viu como a Bondade, mesmo morta,
continua a irradiar o seu fulgor.

DO ALTO

Alheio aos vãos estrépitos do mundo,
onde há homens que são feras irosas,
e, da vasa se agitam pelo fundo,
serpes de negras presas venenosas,

constroi o teu solar, belo e jocundo,
alicerçado em bases vigorosas,
sobre terreno firme, alto e fecundo,
onde só medram afeições bondosas.

Deixa que o mau chafurde em sua lama.
Pondo em Deus e no Amor tua confiança,
despreza, igual, o impropério e a fama.

E vive, na ventura sossegada,
de quem não quer mais do que a mão lhe alcança,
e tudo tem, pois não aspira a nada!

Agosto 1943.

SOL SOBRE O CHARCO

Ouro é o que ouro vale. É inútil emprestar
ao pichisbeque vil o quilate do ouro.

A alma, como num aço, espelha-se no olhar,
e o espírito, afinal, é ainda o maior tesouro.

Tudo pôde esvair, perecer, acabar,
o acanto fenece e murcha a rosa e o louro,
mas o que é puro e bom há de sempre ficar,
porque somente o Bem é forte e duradouro.

A obra do mau se esfaz por sua própria mão,
seu esforço insensato é passageiro e vão,
e dilui-se, e não deixa o mais ligeiro marco.

Mas o Bem sobrevive e vence, nobre e altivo,
como o Sol a esplendor, mais límpido e mais vivo,
por sobre a face impura e lóbrega dum charcol

MENSAGEM

Si o coração pudesse irradiar
em ondas de bondade e de ternura,
e a cada sêr, a cada criatura
a Mensagem do Bem endereçar,

diria ao bom: — conserva essa ventura
que é só o que te pôde aproveitar;
e ao perverso: — procura o icatar
tua razão, sai dessa noite esc.ura.

Ensinaria o afeto e a compreensão,
apontando, de exemplo, O que, ao morrer,
pedia para os maus, do Alto, o perdão.

E mostraria como o erro ou a dâr
se resgata, aclarando-se o viver
à grande luz espiritual do Amor!

EVANGELHO DO BEM 9

I II

Si todos os que vivem mergulhados
na vasa do ódio e da perversidade,
tendo os seus corações entoxicados
pelo vírus do mal que a alma invade,

pela inveja ou despeito devorados,
semeando a miséria e a pravidade,
a forjar tristes planos negregados,
sem ter uma hora de tranquilidade,

si todos os que ignoram a doçura
da Lei do Amor, e, em sua noite escura,
nem uma estrela refulgindo vêm,

o pudessem sair desse atascal,
veriam como é triste fazer mal
e como é doce praticar o Bem.

EVANGELHO DO BEM

II

Faze o Bem, mas discreto e silencioso,
longe do vão estrépito das praças,
e da tua Consciência seja o goso
maior, o Bem que, na penumbra, faças.

Apieda-te do mau e do invejoso
que, em cada gêma, só procura as jaças;
tu, ao contrário, busca no maldoso
descobrir, quem no sabe? ocultas graças.

Não te interesse a fama que corteja
hoje e, amanhã, aos mesmos apedreja.
Nem teu valor dependa nunca disto.

São sempre os mesmos, cúpidos ou feros,
da raça que, no circo, aplaude os Neros
e que prefere Barrabaz a Cristo.

EVANGELHO DO BEM

III

Recolhe-te em ti mesmo e examina
tudo o que vai pelo teu interior,
vê se é Deus ou satã que em ti domina,
si és escravo de ti ou teu senhor.

A alma é como secreta e rica mina,
mas para que lhe atinjas o fulgor
há uma camada rígida, petrina
que só se rompe com a Fé e o Amor.

Sêr bom é tão difícil — tu me dizes.
E, entanto, é só na doce Caridade
que os pobres homens podem ser felizes.

Sêr bom, depende só do teu querer:
faze da vida um ato de piedade
e do Bem a razão do teu viver!

ROTEIRO

Pensa. Reflete. Vê que a Vida é uma somente.
Tens que dela fazer algo de superior,
num roteiro constante, em que só te oriente
a Crença mais segura unida ao firme Amor.

Pouco importa que sobre o sinum inclemente
que tudo cresta e mata, ao bafo abraçador.
O teu mundo é a tua Alma. É nela, unicamente,
que o teu Bem acharás, seja o mundo o que fôr.

Tudo verás passar num fugitivo instante,
mas ficará pairando, acima do que passa,
esse ideal da alma crente e coração amante.

E nem há receiar o mais duro sofrer,
porque o Ser a quem Deus enche da sua graça
até no sofrimento encontrará prazer.

COMPREENSÃO DA POESIA

A Vida não comporta esse isolacionismo.
O artista deve ser Homem antes de tudo,
sentir, compartilhar o sofrimento rudo,
que faz do mundo hodierno um grande cataclismo.

Já não há persistir distante, álgido e mudo,
quando a vida é um drama e cada alento um trismo,
e abre-se, ao ríscio lado, um negro e torvo abismo
onde vemos o mal agitar-se sanhudo.

Desça o Poeta da sua Torre de marfim,
A ribalta caiu. Tudo hoje se nivela,
Há tanta angústia a avassalar o mundo ruim!

A Arte ou tem de fazer-se humana ou perecer:
e a Poesia será tanto mais viva e bela
quanto mais se integrar na tragédia do Ser.

COMPREENSÃO DA VIDA

Para a Vida entender é preciso que dela se extraia a essência, que é a Beleza e a Bondade. Não a entende, por isso, a alma que se revela imersa na soberba ou na perversidade.

A Vida é o Dom de Deus, mas, tanto mais singela a criatura, mais o gosto sentir-lhe-há-de, e ela só sabe bem a quem descubra n'ela êsse aroma que trai a sua divindade.

Não goza a Vida o que, dentre a sanie e a lama, faz seu deus do ouro vil ou da irrisória fama, e chafurdado na matéria o ânimo tem.

A Vida é Fé e Amor, Renúncia e Confiança, e só compreende a Vida e seu destino alcança quem, crendo e amando, exalta a Beleza e o Bem.

COMPREENSÃO DO AMOR

Na casa de Betânia, onde Jesus amava
permanecer entre os Amigos, certo dia,
Marta, zelosa e diligente, preparava
a ceia e junto a Ele, a escutá-lo, Maria,

num arroubo, alheia a tudo, se quedava,
quando a irmã, no veloz afã com que corria,
a exprobra. Mas o Mestre acha que ela é que estava
mais certo e que o melhor quinhão lhe pertencia.

Ó como na lição do Evangelho se ensina
que o Amor é abandono e paz, qual luz divina
nas trevas do viver seu clarão projetando!

Enquanto as Martas se dispersam febrilmente,
Maria — a Alma que ama — a tudo indiferente,
fica aos pés de Jesus, num êxtase, O adorando.

Julho 1944.

PLENITUDE

Após tanto correr, em busca da ventura,
 que ora sob uma fôrma ou outra te aparecia,
 viste que o espírito de tédio se satura
 quando tudo possui, mas nunca se sacia.

E compreendeste o inane anseio da procura
 que, mal consegue, já se atira a outra porfia,
 e que o Bem não é bem desde que não perdura
 e que é estulto penar por louca fantasia,

E, então, dentro em teu ser, cavaste um fundamento,
 nêle erigindo a Fé e o Amor, qual monumento,
 onde, alheio ao que é vão, efêmero e exterior,

vives imerso na eufória da tua alma,
 gosando, na renúncia e na paz, essa calma
 que há só nos corações cheios de crença e amor.

O SENTIDO DA VIDA

Como a vida parece, a quem bem a examina,
uma coisa falaz e sem sentido, quando
a Fé não a orienta e o Amor não a ilumina
e, entre sombra e ilusão, os dias vão passando!

Mas, ao invés, se a luz permanente e divina
da Crença e da Afeição o viver vai dourando,
como o tédio cruel, como a angústia ferina
transformam-se em prazer inefável e brando!

Tudo se aclara e se sobrenaturaliza,
na paz que a nada aspira e que se não ilude,
pois que, de olhos no céu, na terra, firme, pisa.

E o coração se expande e se julga feliz,
por esse Bem, que só não fez quando não pode,
a resgatar o mal que, sem querer, o fez.

ÚLTIMO DEGRAU

Ascendendo, um a um, os degraus desta escada,
vieste comigo, doce ESPÍRITO fagueiro,
desde quando, ao iniciar a custosa escalada,
juntos demos o passo inda incerto e primeiro.

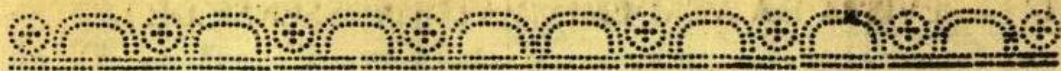
Longa a ascensão, penosa e dura a caminhada,
mas nos valeu de muito esse ânimo altaneiro
com que, vencendo o ingrato e o áspero da jornada,
incitaste a seguir teu pobre companheiro.

Para o Bem, para o Ideal, de mãos dadas, subimos,
essa Escada por onde Anjos passando vimos,
e Deus, no Alto, a nos guiar os rumos vacilantes...

Escada de Jacó, da Providência Escada,
por ela me elevei à celeste esplanada,
no Sonho de Betel de crentes e de amantes!

Junho 1945.

SESSÃO SOLENE DE POSSE
DO ACADÊMICO RUBENS DE MENDONÇA
NA CADEIRA N. 9
QUE TEM COMO PATRONO D. JOSÉ ANTONIO DOS REIS,
A 17 DE MARÇO DE 1945



Palavras de abertura

pele presidente José de Mesquita

Abro, com dobrada emoção, esta sessão solene em que a Academia Matogrossense de Letras recebe em seu seio o novo acadêmico, Sr. Rubens de Mendonça, titular que é da cadeira nº 9, cujo venerando Patrono é o Bispo D. José Antonio dos Reis.

É que ao prazer que me empolga, de cada vez que vejo enriquecida a nossa Corporação de mais um elemento de valia, acresce o de verificar que se trata de um autêntico representante da mocidade, vale dizer a segurança da renovação perene e constante dos nossos quadros culturais.

Essa renovação, que o mesmo é que perpetuação, nos traz a certeza confortante de que a Academia continua através de novas gerações, que prestigiarão, prosseguindo-a, com o mesmo entusiasmo e a mesma eficiência, a obra cujos fundamentos lançamos há 24 anos.

O acadêmico que, hoje, se empossa é bem pouco mais velho que a Academia. Isto, repito, nos inculca a confiança serena de que a instituição por nós organizada, há quasi cinco lustros, já tem a consagração dos trabalhos que conseguem atravessar mais de uma geração.

Aumenta de ponto, senhores, o meu sincero regozijo, ao vêr que se trata de um filho de um dos fundadores desta "Casa,

nome que declino com reverência e a que Mato-Grosso deve os mais assinalados serviços, prestados com alto espírito de modestia, de desprendimento, de renúncia — o eminente Professor Estevão de Mendonça.

É bem, portanto, Rubens de Mendonça, nas multiplices facetas de sua formosa inteligência, em pleno desabrochar — poeta, ensaísta, jornalista, e historiógrafo — um fruto opimo, que já surgiu, cresceu e amadureceu, haurindo seiva e vigor no humus fecundo dessa cultura criada e desenvolvida à sombra destes paredões augustos da "Casa Barão de Melgaço."

E como me sinto bem ao evocar a circunstância duplamente expressiva para mim de ter tido em Estevão um guia experimentado e amigo, ao dar os primeiros passos na carreira que abraçei e, mais tarde, haver sido, para Rubens, o sincero e dedicado orientador nos seus primeiros ensaios no terreno das letras e da poesia!

Afirmando dest'arte, essa continuidade moral e afetiva, indispensável à existência da verdadeira cultura, e bem assim essoutro encadeamento mental que prende e aproxima, aúna e afiniza as gerações, tal circunstância, muito para notada, não poderia eu deixá-la à margem em hora como esta.

Não se trata, bem é de vêr, de um evento de natureza puramente pessoal, mas sim de um fator que, na sua significação profunda, possui um cunho já não direi genérico, mas de intensa universalidade.

Senhores:

Nesta hora de transformação por que passa o mundo, neste momento em que o nosso país, também, acompanhando o ritmo acelerado da renovação, procura se enquadrar na nova ordem de cousas que o após-guerra prenuncia, é preciso que as instituições de Cultura tomem o seu lugar, mostrando-se à altura do instante histórico que vivemos, para que, como bem pressagiu o grande Machado de Assis, na instalação da Academia Brasileira, sobreviva «aos acontecimentos de toda a casta, às escolas literárias e às transformações civis.» O papel da Cultura é, justamente, esse — renovar, conservando, manter a tradição, dentro do progresso continuado.

Os novos elementos que vão ingressando nos afiançam que a Academia progride, mas se conserva fiel ao seu programa inicial. A festa de hoje é uma demonstração desse postulado. E isso nos basta, nos conforta, nos alegra.

Está aberta a sessão.



Discurso de posse

pelo acadêmico Rubens de Mendonça

Exmo. Sr. Representante do Sr. Interventor Federal.

Exmo. Sr. Desembargador Presidente da Academia Matogrossense de Letras.

Altas Autoridades.

Meus Senhores, minhas Senhoras, gentis Senhoritas.

Caríssimos Confrades.

Agradeço a gentileza da escolha, por unanimidade, do meu nome, para membro deste ilustrado Sodalício.

Penso, Senhores, que duas finalidades deve ter uma Academia de Letras: coordenar os luminares da literatura e difundir amplamente a cultura.

Se essa é a dupla finalidade das Academias, podeis contar com a minha modesta colaboração. Mas, se a Academia pretende ensinar gramática ou dar lições de estilo, então ela fugiu à sua finalidade e deixou de ser Academia.

Porque, meus Senhores, nada há mais inútil, que o gramático-maníaco, que o colocador de pronomes. E a Academia não deve e nem pôde impôr, «como base de um sistema métrico literário», estilo a quem quer que seja. Ela necessita compreender «que cada homem, — disse o Graça Aranha, — «é um pensamento independente, cada artista exprimirá livremente, sem compro-

missos, a sua interpretação da vida, a emoção estética que lhe vem dos seus contatos com a natureza, e finalmente, cada um se julga livre de revelar a natureza segundo o próprio sentimento libertado».

Se a Academia Brasileira de Letras impusesse o estilo clássico do Padre Antônio Vieira aos seus membros, que seria de Machado de Assis, o mais brilhante escritor brasileiro de todos os tempos?!

«O estilo é o homem», disse Buffon.

E cada homem deve «exprimir livremente seus contatos com a natureza segundo seu próprio sentimento libertado».

Aceito e estou com Oscar Wilde, quando o imortal romancista de "Dorian Grey" afirma não ser um «livro moral, nem imoral. É apenas bem ou mal escrito».

Assim também se me afigura essa questão de estilo acadêmico, que tanto pôde ser clássico, como ultra-modernista.

Leio Camões e Vieira, tanto admiro os "Lusiadas", com o seu estilo monótono, como os versos notáveis do poeta Carlos Drummond de Andrade.

Geovani Papini, êsse genial florentino que revolucionou a literatura italiana, escrevendo sobre as chamadas Obras Primas da Literatura, disse que «procurando conhecer as obras primas da literatura universal, organizou para isso uma longa lista e mandou-a a um consagrado bibliotecário. Logo que se viu de posse delas não mais permitiu entrada de quem quer que fosse em sua residência. E acrescenta o escritor italiano, «as primeiras se me afiguram más e pareceu-me incrível que tais *humburgs* fossem realmente produtos de primeira qualidade do espírito humano. O que não compreendi pareceu-me inútil; o que compreendi não me agradou, ou irritou-me, gênero absurdo, aborrecido, quicá insignificante, ou nauseabundo. Narrativas que, a serem verdadeiras, me pareciam inverosímeis, e inventadas insulsas.

Escrevi a um professor célebre de uma Universidade perguntando-lhe se aquela lista estava bem feita. — Respondeu-me afirmativamente e deu-me algumas indicações. Então, tive coragem para ler aqueles livros todos, menos três ou quatro que já às primeiras páginas não pude suportar.

Hostes de homens, chamados heróis, que se desventuraram durante dez anos a fio sob as muralhas de uma pequena cidade por culpa de uma velha seduzida; a viagem de um vivo na fossa dos mortos com o fim de falar mal dos mortos e dos vivos; um doido tísico e um doido gordo que vão inundo a fóra em busca de sóvas; um pulha cujo pai foi assassinado e que, para vingá-lo, faz morrer uma rapariga que o amava e outros

os personagens; um diabo cômico que levanta o telhado de todas as casas para exhibir as suas vergonhas; as venturas de um homem de estatura média que se fez gigante entre os pigmeus e anão entre os gigantes, sempre de modo inoportuno e ridículo.

E tudo isso pareceu-me ridículo essa literatura tão louvada pareceu-me estar ainda na idade da pedra, o que me desiludiu até ao desespero.

Escrevi a um especialista em poesia, o qual tentou lançar confusão, dizendo-me que aquelas obras valiam pelo estilo, pela forma, pela linguagem, pelas imagens e pelos pensamentos. Respondi-lhe que o conteúdo se me afigurava como realmente é, antiquado, insensato, estúpido e extravagante. E assim concluí: Felizmente, mais tarde alguns escritores novos que confirmaram o meu juízo sobre aquelas velhas obras, deram-me a ler os seus livros, onde encontrei, entre muitas coisas obscuras, um alimento mais adequado à minha inteligência.

E assim é o estilo clássico,—confuso e enigmático. E assim é o estilo "Noivado do Sepulcro".

Não sei o que é mais digno de admiração, se uma página eloquente de Ruy, ou a simplicidade e a clareza cristalina de riacho de um trecho do autor de "Braz Cubas".

Não sei o que mais admire — se uma estrófe complicada de Camões—ou os versos profunda e essencialmente humanos do poeta Manoel Bandeira:

«Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público, com livro de ponto, expediente,
[protocolo e manifestações de apreço ao Sr. Diretor!
Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no dicionário o
[cunho vernáculo de um vocábulo.
Abaixo os puristas.»

Pertenço, Senhores Acadêmicos, à chamada "Ala Moça", e sinto-me honrado com as homenagens que gentilmente prestais à mocidade matogrossense, dando abrigo em vosso generoso seio, a três elementos da nova geração — Gervásio Leite, Arquimedes Lima e eu, que não possuo outra qualidade, sinão um ardente desejo de bem servir à Patria e à cultura, trabalhando para o engrandecimento cultural de Mato Grosso.

Por vossa gentileza, Senhores Acadêmicos, fui eleito para tomar assento nesta illustre assembléia dos mais illustres intelectuais matogrossenses. Só mesmo os olhos da vossa amizade poderiam ver méritos na minha apressada bagagem literária para me credenciar ao ingresso neste douto sodalício. Mas, já sentenciára o Padre Vieira: «Quando se olha com amizade o corvo é branco».

Eleito na qualidade de poeta, não me envaideci, nem com a eleição, nem com a qualidade por que fui eleito. «Faço versos pela mesma razão porque o pinheiro faz rezina, a pereira peras e a macieira maçãs:— é uma simples fatalidade orgânica».

Honra-me ainda, Senhores Acadêmicos, ao tomar assento entre vós, a lembrança feliz do patrono da cadeira nº 9, D. JOSÉ ANTONIO DOS REIS, êsse Bispo que fui símbolo de humildade e paz e perfeição. Cujas modestia impediu a publicação dos seus sermões, quando dêles nos fala Taunay «os seus sermões se fossem publicados lhe tornaria o nome imortal».

Nascido em São Paulo a 10 de Janeiro de 1798, teve o meu patrono uma infância verdadeiramente amargurada.

Orfão de Pai e Mãe, tudo lhe roubára o destino no despontar da existência. Pobre, coberto de andrajos, exposto ao frio e à chuva, sofrendo os horrores da fome, êle compreendeu que só a dor purifica e redime o homem, e sofreu e chorou em silêncio, como no soneto de Manoel Bandeira:

«Chora de mauso e no íntimo... Procura
Curtir sem queixa o mal que te crucia:
O mundo é sem piedade e até riria
Da tua inconsolável amargura.

Só a dor enobrece e é grande e é pura.
Aprende a amá-la que a amarás um dia.
Então ela será tua alegria,
E será, ela só, tua ventura...

A vida é vã como a sombra que passa...
Sofre sereno e d'alma sobranceira,
Sem um grito sequer, tua desgraça.

Encerra em ti tua tristeza inteira.
E pede humildemente a Deus que a faça
Tua doce e constante companheira...»

E assim, graças ao Bispo de São Paulo, D. Mateus, que o nomeou altaneiro da Sé, pôde D. José concluir os seus estudos.

A 27 de agosto de 1831, quando ainda cursava a Faculdade de São Paulo, fôra eleito Bispo pela Regencia trina e apresentado à Santa Sé por Carta Imperial de 7 de janeiro de 1832, sendo preconizado Bispo por Gregório XVI, a 2 de julho. A 8 de dezembro, recebia a sagração das mãos do Bispo de S. Paulo, —D. Manoel Joaquim Gonçalves de Andrade, tomando posse do seu bispado a 2 de junho de 1833, por seu procurador cônego José da Silva Guimaraães, e a 27 de novembro do mesmo ano fazia a sua entrada triunfal em Caiabá.

Não contava bem D. José Antonio dos Reis nm ano de es-
tadia em Cuiabá, quando um atroz acontecimento veio perturbar
a paz da sua diocese: — era a Rusga, era o movimento armado
de 30 de Maio de 1834, era a noite de São Bartolomeu mato-
grossense.

Mal soaram as primeiras badaladas da meias-noite no relo-
gio da velha Sé, ouviram-se pelos quatro cantos da cidade o troar
dos fuzis e vozes da soldadesca gritando:

«Embarca, bicudo, embarca
Embarca, canalha vil.
Que os brasileiros não querem
Bicudos no seu Brasil».

Era a massa popular que se agitava iracunda, era o povo
que reclamava a retirada dos portugueses do solo pátrio.

Era o verdadeiro movimento de reacção nacionalista, em revan-
che à tirania Lusa.

É nesta hora de horror, angustia, e confusão, entre o troar
dos fuzis e repiques dos sinos, gritos das vítimas, lágrimas e san-
gue, que surge imponente a figura de D. José, com um crucifi-
xo às mãos, procurando acalmar os ânimos exaltados:

«Só se via de quando em vez, na noite escura,
Uma sombra passar! Um homem recurvado
Ao peso do Dever—mas cheio de ventura,
Dispoz-se a enfrentar o povo revoltado.

E nesta noite atroz, de horrenda desventura,
Noite em que o povo audaz se erguera denoado,
Só êle ia levar a fé, onde perdura
O ódio e o rancor, ao grande povo irado.

Balas a sibilar. . . Noite atroz. . . Agonia. . .
Só o troar dos fuzis e a voz da ventania,
O silencio a cortar, de momento a momento!

E nesta hora de dor, ia de porta em porta,
O Bispo D. José, pela cidade morta,
Levando alivio e paz a cada sofrimento!»

Estava o príncipe da Igreja Católica em sua residência,
quando fôra procurado pelo caudilho João Poupino Caldas, afim
de aplacar a ira popular.

Baldados, porém, foram os seus esforços. Os revoltosos,
cégos de ódio, não lhe prestavam ouvidos às suas súplicas pie-
dosas. Primeiro era um simples motim de quartel, mas depois o
levante tomou outro carácter e se espalhou por toda a província.

Em 1867 cai sobre a então província de Mato Grosso um novo flagélo. Em quasi dois meses a idílica capital matogrossense, para usar a expressão de Von Den Steinen, foi reduzida à metade da população. A varíola ceifava sem piedade vidas preciosas. Havia terminado o movimento da Rusga, mal a Província recomeçava a sua vida laboriosa e pacífica, decorridos quasi 30 anos do atroz morticínio de 30 de Maio, já novamente outra desgraça assóla a Província. Desta vez era a Guerra, com o seu cortejo de misérias e de dor. Era Coimbra, o forte heroico, caindo em poder dos Paraguaio; era Dourados, onde uma dúzia de bravos, tendo à frente o Tenente Antônio João Ribeiro, êsse émulo do grande Leônidas, que, com seu sangue, e o de seus companheiros, soube lavar a ofensa da Pátria em protesto solene. Era Corumbá, esmagada sob a bota do tirano audaz.

Diante de tanta desgraça, como se fôra castigo Divino, a fibra do povo cuiabano como que se retemperada pela dor, escreveu ainda mais um capítulo brilhante da História de Mato-Grosso, que foi essa marcha glória de 13 de Junho, tão bem decantada pelo Poéta Pedro de Medeiros, de saudosa memória:

«A frota improvisou-se. E batelões, canôas,
Deixaram Cuiabá, poucos dias após,
Para o rumo da Glória volvendo as suas prôas,
Conduzindo em seu bôjo um punhado de heróis!»

Sim! estava escrita a epopéia da retomada de Corumbá. Estava escrito mais uma página da História de Mato-Grosso. Mas, ó cruel ironia do destino, aqueles bravos a quem as balas inimigas pouparam, haviam de morrer, — estava escrito, — de uma morte obscura, e quando dela não viessem a falecer, trariam no rosto por toda a vida o estigma horrendo da varíola. Partiram em busca de glórias e voltaram trazendo a morte para os seus entes queridos. E a varíola ceifava impiedosamente vidas e vidas, dizimando a população.

Foi então quando o Bispo D. José transformou a sua própria residência em hospital para os enfermos.

Allan Kardec escreveu: Fôra da caridade não há salvação. E como no dizer de JESUS, certamente o Rei passando D. José à sua direita repetiu a parábola:

«Todas as nações serão reunidas diante dêle, e separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos; porá as ovelhas, à sua direita, mas os cabritos, à sua esquerda.

Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possui como herança o reino que vos está destinado desde a fundação do mundo. Pois tive fome, e deste-

«...de comer; tive sede, deste-me de beber; era forasteiro, e recolhiste-me; estava nú e vestiste-me; enfermo, e visitaste-me; prêso, e vieste ver-me. Então perguntarão os justos: Senhor, quando te vimos faminto, e te demos de comer; ou com sede, e te demos de beber? Quando te vimos forasteiro e te recolhemos; ou nú, e te vestimos? Quando te vimos enfermo, ou prêso, e fomos visitar-te? O Rei responderá: Em verdade vos digo que quantas vezes o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes».

E D. José que passava noites em vigília junto aos enfermos, consolando a uns com a sua palavra de piedade, animando e confortando a outros, numa santa abnegação, foi e tinha de ser passado à direita.

Meus Senhores, a virtude é um dom divino. E ao falar sobre o meu nobre patrono, quero reafirmar o justo conceito do historiador Estevão de Mendonça: «Todo o bem que se pode dizer do Bispo D. José Antônio dos Reis, falecido nesta Capital a 11 de Outubro de 1876, ficará sempre áquem das suas virtudes».

Educador emérito, foi D. José o fundador do Seminário da Conceição, e a sua ação se faz sentir clara e decisiva no meio em que viveu, quer como educador, ou deputado por São Paulo, onde mais defendia os interesses matogrossenses que os de sua própria Província.

Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e de várias outras sociedades científicas, era D. José Antônio dos Reis, por sua cultura, sua modestia, sua caridade que desconhecia limites, um legítimo orgulho do Clero Brasileiro.

A sua morte, a 11 de Outubro de 1876, fôra assim noticiada pela "Situação", jornal da época:

«Faleceu nesta Capital a 11 de Outubro corrente o Bispo D. José Antônio dos Reis, nascido em São Paulo a 10 de Janeiro de 1798, e na sua respectiva Faculdade formado em Direito Civil em 1832.

Fôra deputado à Assembléia Geral por sua provincia natal na legislatura de 1838 a 1841, e por vezes Vice-Presidente da Camara eletiva.

Eleito Bispo pela Regencia trina a 27 de agosto de 1831, quando ainda cursava a Academia de São Paulo, foi um dos primeiros a procurar logo que se criaram no imperio, as Faculdades de Direito. Confirmado pelo Pontífice Gregorio XVI, a 2 de julho de 1832, foi sagrado Bispo naquella diocese por D. Manoel Joaquim Gonçalves de Andrade, a 8 de dezembro daquele ano tomou posse do seu cargo por seu procurador, a 2 de julho de 1833, e chegou a esta Capital a 27 de Novembro do mesmo ano.

Em seu belo caráter predominavam notavelmente a mansidão e a bondade. Durante a cruel epidemia da varíola que se manifestou em Cuiabá e assolou toda a província, o digno prelado não se afastou do foco pestilento e com a sua palavra consoladora e bolsa caridosa correu em socorro dos seus diocesanos.

Enquanto outros Bispos se colocavam em antagonismo com as suas ovelhas, por causa da malfadada questão religiosa, que desde 1872 se tem agitado no Brasil, o Bispo D. José Antônio dos Reis, conservou-se sempre na verdadeira posição de sucessor dos Apóstolos, Pai do Povo, e seu protetor constante. Depois de um tranquilo e edificante episcopado de quarenta e três anos, dez meses e três dias, o mais longo que tem havido no Brasil, expirou rodeado de amor e veneração do seu rebanho, que o pranteou como um verdadeiro Pai.

O palácio episcopal não podia conter a onda de povo para vê-lo partir para a derradeira viagem.

No dia 12, o seu cadáver, que não pôde ser embalsamado, foi levado com um acompanhamento de mais de cinco mil pessoas e sepultado na catedral.

Foi nesse momento que vozes se ergueram unísonas exprimindo o pensamento, que será guardado com relíquia do ilustre morto: «Assim se pôde morrer».

Meus Senhores, eis aí o que se pode chamar uma vida gloriosa. Ele fôra como São Francisco de Assis no dizer de Dante, «o segundo marido da pobreza, e viuvo desta desde a morte do Pobre da Galiléa».

Caríssimos Confrades, a Academia Matogrossense, moldada pela Casa de Machado de Assis, tem uma finalidade bem diversa que a de impor estilo ou policiar o idioma. A sua finalidade, o seu dever, é difundir a cultura por todos os meios e modos ao seu alcance. Tem ainda a responsabilidade social que pesa sobre seus ombros, neste trágico momento da maior Conflagração Universal. Academia, todos vós bem o sabeis, não nasceu para fazer política, mas poderá doutrinar e colaborar com as autoridades constituídas para a criação de um mundo melhor, «onde os pobres serão menos pobres e os ricos menos ricos», como afirmou o Presidente Roosevelt.

Sim, porque disse Rosario Fusco: «é das elites intelectuais que saem as elites políticas. As vocações se caldeiam no aprendizado para a vida, que se processa no fundo de cada um de nós, com a reação dos conhecimentos intelectuais adquiridos. Um povo politicamente forte é sempre um povo literariamente capaz. As letras são índice da sabedoria política de um tempo».

Porque, meus Senhores, a finalidade do escritor em face do mundo moderno não mais é a de se isolar em sua "torre de marfim". Ele tem e necessita ter a compreensão dos nossos problemas sociais. Ele tem responsabilidades perante as massas, ele tem o dever de bem orientar o povo nêsse tão falado após guerra, que significa a democratização Universal, em que o homem voltará a viver sob o lema sagrado de Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Porque só nas verdadeiras democracias poderá o escritor moderno encontrar ambiente propício à sua ação.

Meus Senhores, não fui um dos que procuraram combater as Academias, embora fosse um dos signatários do "Movimento Graça Aranha". Procuramos em nosso manifesto frizar de maneira clara e precisa os nossos princípios e as nossas finalidades, que outras não foram senão as mesmas da Academia.

«O Movimento Graça Aranha visa, acima de tudo, possibilitar às nossas realizações artísticas o lugar que merecem dentro da Terra Brasileira. Levar à Nação a nossa mensagem feita de crença nas coisas do espírito, de solidariedade e de compreensão. Queremos transmitir à inteligência matogrossense êsse dinamismo creador que sacode todo o País na hora decisiva em que vivemos».

Combater ou atacar as Academias é hoje passadismo, por que as Academias dão hoje abrigo aos líderes do movimento modernista do País,—Manoel Bandeira, Guilherme de Almeida e Ribeiro do Couto.

Bem verdadeiros foram aqueles versos de Lauro Müller, êsse espírito brilhante que muito se distinguiu tanto nas letras, como na política.

A Academia, quando está completa, dizia êle, há muito quem a ridicularize, assim, porém, que se dá vaga não falta quem a solicite:

«Si vivos somos quarenta
Alvo somos de ironia.
Mas o riso não se aguenta,
Ninguem mais nos torce a venta,
Si há vaga na Academia».

Senhores Acadêmicos, uma das questões que desejo frizar, é a questão dos galicismos, tão ao gosto dos *gramáticos-maníacos*. Para êles o escrever bem é evitar um galicismo elegante e preciso, bem compreendido por todos, que vale muitas vezes mais que um puríssimo purismo, mofado, rançozo que ninguém entende. É que esqueceram, por certo, êsses guardas-civis do idioma, que combate ao francesismo foi apenas uma reação do absolutismo português contra o espírito revolucionário francês, e que mais

veio aumentar ainda, quando as tropas gloriosas de Napoleão sob o comando de Junot, invadiram o velho Portugal. Tudo quanto cheirava a França era tido como criminoso. E daí esse ódio acirrado e incompreendido ao galicismo, quando a nossa cultura forjada nos moldes franceses, a nossa construção literária só teve a lucrar, perdendo as inversões obscuras e complicadas, como observou Medeiros e Albuquerque, passamos a fazer a frase em ordem direta, com períodos curtos. «Foi-se o tempo, dizia aquele brilhante escritor patricio, dos períodos solenes e pomposos, como os de Alexandre Herculano, arrastando uma imensa cauda de páginas inteiras. E tudo isso devemos, inegavelmente, à influência da literatura Franceza.»

Os dois escritores portugueses mais lidos no Brasil são os que mais empregaram o galicismo — Eça de Queiroz e Júlio Dantas.

Pergunto-vos, Senhores, qual seria o vocábulo que iríamos buscar para substituir a palavra "SABOTAGEM"? E assim outros tantos chamados galicismo.

Neste princípio estou com os componentes da "Escola Simbolista"; acho que a palavra deve ter som e côr, acho que ela deve suggestionar o leitor por meio da sua sonoridade, despertando-lhe a mesma emoção despertada pela música, e pouco me importa ser ela galicismo, neologismo ou barbarismo.

Aceito, perfeitamente, este conceito de Eloy Pontes: «A redação literária nada tem que ver com a redação gramatical. Há muita gente que escreve certo, mas escreve mal».

E entre escrever certo, ou escrever bem, eu prefiro ficar com os segundos.

Vós todos conheceis aqueles admiráveis versos dêsse genio da literatura francêza que foi Charles Baudelaire, cuja vida desregada e miseravel foi sempre atormentada pela pobreza e pela incompreensão geral.

Esse poeta genial, misto de gênio e louco, que um dia pintou os cabelos de verde, êsse poeta viu no príncipe da altura, no Albatroz cativo, o destino de todos os poetas, quer fossem românticos, simbolistas, parnasianos ou modernistas:

«Le Poète est semblable au prince des nuées
Qui hante la tempête et se rit de l'archer;
Exilé sur le sol au milieu des huées,
Ses ailes de géant l'empêchent de marcher».

Pois bem, meus Senhores, o poeta é bem semelhante a êsse rei da amplidão.

O artista é sempre um incompreendido. Porque o verdadeiro artista no conceito Wildeano é o creador de coisas belas. E aquele que do nada tira o belo, quer na poesia, na música ou nas artes plásticas é sempre um incompreendido, não importa ser êle um Dante ou Shakespeare, Rubens ou Von Gog, Wagner, Schubert ou Strauss.

A beleza não está somente na perfeição técnica; pôde até mesmo faltar a técnica para a beleza, mas, o que não pôde faltar é o sentimento, a emoção produzida pelo sentimento, que é a verdadeira alma da arte. Pôde haver defeitos, e até mesmo acreditado que os haja, nas tragédias de Shakespeare, nas Canções Vienenses de Strauss, nas telas de Rubens. Entretanto não lhes falta a verdadeira beleza, que é a emoção despertada pelo sentimento, porque ela nos fala à alma.

E a arte para mim é a espontaneidade...

«Tudo que é belo é eternamente novo».

Meus Senhores, devo terminar esta oração. Antes, porém, desejo lembrar-vos aquele epigrama brilhante e imortal de Chateaubriand.

Dizia aquele grande escritor francês: «que uma vez a Glória, o Amor e a Amizade baixaram do Olimpo para peregrinar sôbre a terra.

Intentaram essas divindades traçar os nomes dos que lhes dessem hospitalidade.

Muniu-se a Glória de um pedaço de mármore, o Amor de taboinhas enceradas e a Amizade de um livro em branco. — Variada ferramenta com que gravasse, perpetuando, a magnificiência dos hóspedes.

Assim fizeram, e, uma noite chegaram até a mim, espantado da boa fortuna de receber tamanhos deuses sob meu teto.

Na manhã seguinte, ao partirem, vi que a Glória não logrou esculpir o meu nome no duro refratário do mármore; o Amor escreveu nas suas taboinhas, mas a cera fundiu, apagando-o logo; somente a Amizade alcançou o milagre de fixá-lo perpetuamente no livro em branco».

E como no epigrama, somente a vossa generosidade, a vossa amizade, abriu-me as portas dêste illustre sodalício, logrando escrever o meu nome dentre os mais destacados vultos da nossa literatura.



AS

Discurso de recepção

pele acadêmico Ulisses Cuiabano

A ACADEMIA MATOGROSSENSE DE LETRAS, que hoje recebe festiva e cordealmente em seu seio o poeta RUBENS DE MENDONÇA, estabelece, em seus Estatutos, que seu fim é: — «a cultura da língua e da literatura nacional e a aproximação, cada vez maior, entre os representantes da cultura brasileira residentes em todas as porções territoriais do Brasil».

Dêste modo a Academia não pretende ensinar gramática nem dar lições de estilo.

Possue mesmo êste sodalício um programa superiormente traçado, desde a sua fundação, quando ainda trazia o modesto título de CENTRO DE LETRAS; o Presidente de Honra desta Casa, hoje com assento em uma das poltronas da Academia Brasileira, foi quem delineou essa directrix, que vale por uma consagração ao seu Autor.

Naquele memoravel serão de 7 de Setembro de 1921, o Sr. Arcebispo D Aquino Corrêa, com uma antevisão extraordinária, gravou, em frases lapidares e luminosas, os destinos dêste grêmio literário, sintetizados nesta admiravel legenda: "PULCHRITUDINIS STUDIUM HABENTES".

E acrescentou: — «Seja, pois, aspiração primordial do CENTRO, o esmero da linguagem, sem o que não há, nem pode haver beleza literária. Estudemos carinhosamente o vernáculo, na lição assídua dos modelos, colecionando pacientemente, a bico de pena, as suas flores, cõscios de que escrever é como ler duas vezes: *qui scribit, bis legit*».

A Academia, como afirmou RUBENS DE MENDONÇA, não deve e nem pode impor, como base de um sistema métrico literário, estilo a quem quer que seja.

O acadêmico é que deve cultivar o belo, tendo por escopo o primor da forma e «por postulado máximo o cultivo do vernáculo», e então brotará o estilo, espontânea e caracteristicamente, refletindo e traduzindo os pendores do homem de letras, como um misterioso raio de luz emanado de u'a maneira peculiaríssima, o que levou BUFFON à afirmativa de que o estilo é o homem.

As escolas literárias se sucedem. Novas ideologias são lançadas através do tempo e do espaço. Modernos talentos ressurgem, para maior glória de sua época. Mas, Senhores, os pessimistas não perduram.

E as obras que se immortalizam, são as que foram traçadas com a justeza das palavras gravando a elevação dos pensamentos.

São aquelas que condizem com o espírito humano, dentro da mais sã moral e sob a tutela da decência, não importando, pois, o estilo. Este é o modo essencialmente pessoal de quem escreve, não se levando em conta a sua especial situação racial, linguística, política ou religiosa.

A forma é o contorno da obra, é a pintura do raciocínio, delineada de maneira eloquente e inequívoca para impressionar a emotividade que possuímos em estado latente.

Na plasmação das ideias que brotam sob os bons auspícios da inspiração há mister se empregar a linguagem castiça, o que vale dizer, o exercício do vernáculo.

Não vamos contra o galicismo, do qual o nobre confrade que hoje veio ocupar a cátedra patrocinada pelo bispo D. JOSÉ ANTONIO DOS REIS, faz elogiosa apologia.

As normas francesas, tanto na maneira de expressão como no uso de vocábulos, podem ser elegantemente empregadas, desde que as correspondentes no português não expressem com precisão o seu sentido ou não haja equivalentes em nossos vocabulários.

O que é condenável é o uso e abuso de tais expressões ou étimos muitas vezes por quem não está senhor dos intrincados segredos do idioma de VICTOR HUGO, e que se limita a proceder a uma simples imitação, muitas vezes escorregadia.

Não pretendo, Senhores, realizar um estudo crítico da obra de RUBENS DE MENDONÇA.

E nem para isso me foi dado o tempo preciso.

Nesta tribuna estou substituindo um presado confrade que, por motivos de viagem, não pode se desobrigar desta honrosa tarefa.

RUBENS DE MENDONÇA pertence à "ALA MOÇA", grupo de intelectuais matogrossenses que tomou a si a espinhosa incumbência de modernizar nossa antiquada literatura.

Contam-se, entre êstes renovadores, talentos de real valor, tais como ARQUIMEDES LIMA, GERVÁSIO LEITE, LOBIVAR DE MATOS, EURICLES MOTA, MANOEL VENCESLAU e outros elementos apreciáveis.

Mais como um simples espectador dêste magnífico cenário das belas letras patricias, venho acompanhando com atenção, direi mesmo com bastante carinho, a ação de RUBENS DE MENDONÇA como poeta, como historiador e como genealogista.

Tenho encontrado, é certo, opiniões antagônicas sôbre a obra do escritor patricio.

A sua condição de moço talvez seja o ponto de partida para algum azedume contra si.

Mas, Senhores, é justamente aqui, nesta pueril alegação, que firmo meus conceitos.

O novel Acadêmico é sobremaneira evolucionista. Não é nem aferrado a idéas estagnadas. Sua obra literária disso dá pleno testemunho.

Seu primeiro trabalho, publicado em 1938, cuja edição se encontra exgotada, intitula-se: "ASPETOS DA LITERATURA MATOGROSSENSE".

Trata-se de uma conferência proferida na Hora Literária do grêmio "ÁLVARES DE AZEVEDO", no dia 23 de Maio de 1937.

Nessa preciosa palestra o autor passa em revista, em louvável síntese, os pensadores conterrâneos que cultivam a Divina Arte.

Nessa sua obra de estréia, já o autor se afirma um dedicado cultor de nossa lingua e um observador atilado das nossas letras.

No ano seguinte o poeta fez imprimir o mimoso livro de poesias "GARIMPO DO MEU SONHO", que mereceu benévola acolhida por parte da crítica literária.

Em missiva dirigida ao vate matogrossense, o Acadêmico e grande bardo MANOEL BANDEIRA: — «agradece o prazer que lhe deu com a oferta de seus belos versos "GARIMPO DO MEU SONHO".

Tambem por via epistolar o popularíssimo trovador dos nossos sertões, Catulo CEARENSE, assim se expressou: — «Garimpei e sonhei com o distinto poeta, lendo-o com muito prazer. Os meus elogios reduzem-se neste pedido: — continue, que os versos precisam do seu estro».

GERVÁSIO LEITE, inspirado poeta e publicista incansável, pertencente à "ALA MOÇA" e que hoje faz parte deste cenáculo, a respeito da poesia do nosso recipiendário deste modo se manifestou: — «A *plaquette* "GARIMPO DO MEU SONHO", de RUBENS DE MENDONÇA, vale como uma esplêndida esperança de um grande poeta».

Ainda sobre o objeto em tela disse HÉLIO MAIA, pseudônimo assaz conhecido entre nós, e cuja autoridade literária é incontestável: — «A nossa bibliografia poética é pobre e míngua. Por isso é sempre motivo de prazer o registro do aparecimento de um livro de versos entre nós. É o caso do "GARIMPO DO MEU SONHO", de autoria do nosso jovem conterrâneo RUBENS DE MENDONÇA, presidente do gremio literário "ÁLVARES DE AZEVEDO", desta capital.

Tomemos ainda, a respeito desta matéria, a opinião de RAIMUNDO MARANHÃO AIRES, distinto e ilustrado beletrista maranhense, há muito radicado em terras matogrossenses e ocupante de uma das cátedras desta Academia: — «RUBENS, que é ainda um espírito moço e cheio de inteligência, continua em eterna ascensão espiritual, lendo, amando, sonhando e cantando, em rimas festivas, em quadras gostosas, em versos sublimes, a sua vida de jovem artista das Musas».

Depois da esplêndida vitória obtida com a publicação de seu primeiro livro de versos, RUBENS DE MENDONÇA não descansou sob os louros conquistados. Fez dar à luz da publicidade, em 1941, a sua notável conferência sobre ÁLVARES DE AZEVEDO, o romântico-satanista.

É um magnífico estudo a respeito da conduta literária do cantor da "LIRA DOS VINTE ANOS", «essa estrêla de primeira grandeza a brilhar no céu do romantismo brasileiro. Ele foi o mais culto dos nossos poetas e o mais querido da mocidade».

Igualmente êsse opúsculo foi recebido festivamente pela nossa sociedade, sempre ávida por boas leituras.

GERVÁSIO LEITE, ao comentar o aparecimento desse livro, afirmou que: — «o jovem escritor RUBENS DE MENDONÇA é uma demonstração bem expressiva do sentido novo da nossa literatura. É, antes de tudo, uma vitória contra a indiferença do meio pelas cousas literárias».

Também JOSÉ DE MESQUITA, o HÉLIO MAIA, de quem falamos anteriormente, esforçado orientador do nosso grêmio, como seu infatigável presidente, deixou transparecer seu belo pensamento neste trecho de uma de suas apreciadas crônicas: —

«As cidades, como as pessoas, em sendo alegres e risonhas, inspiram aspiração e entusiasmo, mas querem ser tristes e sugestivas, para despertarem ternura. RUBENS apanhou bem o flagrante dessa matização que a natureza e a vida paulista deram à obra do grande romântico do Século XIX. Por isso produziu uma boa monografia que o recomenda, e à sua geração, pois se vê que a gente-nova, entre nós, se prepara pelo estudo, para orientar o movimento moderno».

Em 1942 brindou-nos o Acadêmico que hoje recebemos com a sua antologia "POETAS BOROROS". Dissemos, na ocasião do aparecimento desse livro: — «Uma lacuna existia na estrutura literária regional: a falta de uma antologia concernente aos poetas e prosadores matogrossenses. RUBENS DE MENDONÇA, num paciente trabalho de compilação, propoz-se a preencher aquelas falhas das nossas letras, dando à publicidade os "POETAS BOROROS" e prometendo para breve os "PROSADORES BOROROS".

Registamos aqui a opinião do nosso confrade OSCARINO RAMOS, em carta dirigida a RUBENS DE MENDONÇA, ao aparecer aquele florilégio: — «Acabo de receber mais um trabalho seu: "POETAS BOROROS". Paciente trabalho de pesquisa e seleção, êle revela o seu amor entranhado pelas letras conferrâneas. É uma pequena *vitrine* da nossa ourivesaria intelectual».

Mais dois depoimentos valiosos podemos citar, atinentes a essa obra. De GERVÁSIO LEITE, o dinâmico animador das letras patricias: — «A antologia em boa hora organizada pelo autor de "GARIMPO DO MEU SONHO", é um supremo ato de coragem e um supremo ato de beleza. É regra, entre os poetas, não se falar de outros, senão da pior maneira possível. E RUBENS DE MENDONÇA, ao contrário, reúne um século de poesia matogrossense, tratando seus autores com justiça em notas finas, profundas e precisas».

De JOSÉ EMANUEL BURLE, apaixonado cultor das belas letras, de destacada atuação na imprensa local, quando aqui exercitava suas atividades como alto funcionário federal: — «Revolvendo velhos arquivos, rebuscando o passado, o RUBENS, num trabalho de paciência, pode compilar e enfeixar, num pequeno livro, trinta e cinco dos poetas matogrossenses, concorrendo, assim, como um obreiro das letras, com a sua preciosa pedra para o pedestal do imenso monumento de nossa literatura».

Em 1944 RUBENS DE MENDONÇA foi eleito, por unanimidade, para membro efetivo da Academia Matogrossense de Letras, sendo que, anteriormente, fôra escolhido para sócio do Instituto Histórico de Mato-Grosso.

O conhecido jornalista AMARO FALCÃO assim escreveu no "O ESTADO DE MATO-GROSSO": — «A Academia Matogrossense de Letras acaba de eleger RUBENS DE MENDONÇA para ocupar uma de suas cadeiras. Fiquei contente com o procedimento daquela gente sábia e justa que fórma o mais alto sodalício cultural de Mato Grosso. RUBENS DE MENDONÇA tem, para mim, duas importantes qualidades a credenciá-lo na assembléa ilustre dos mais ilustres intelectuais matogrossenses. É que RUBENS DE MENDONÇA é ao mesmo tempo uma realidade e uma esperança».

Como uma carinhosa homenagem a êste grêmio, o poeta do "GARIMPO DO MEU SONHO" poz em circulação o seu último livro de versos "CASCAHOS DA ILUSÃO" logo após sua eleição.

A imprensa local recebeu, engalanada, esta nova contribuição para a nossa cultura.

Não podemos deixar de repetir alguns tópicos sôbre o notável sucesso literário. Disse GERVÁSIO LEITE: — «Compondo uma obra interessante o poeta de "CASCAHOS DA ILUSÃO" afirma-se, na nova geração, como uma das suas figuras mais representativas, espécie de "etoile nouvelle" no céu de uma geração e de uma época de remarcada importância. O seu "CASCAHOS DA ILUSÃO" assinala, por isso, um dos momentos destacados da renovação que sacode toda a literatura matogrossense e que repercute na própria Academia, que abriu suas portas a meia dúzia de jovens, alguns até ligeiramente endiabrados...»

JOSÉ DE MESQUITA assim falou: — «A Academia, que acaba de receber uma oportuna injeção de sangue novo, com a entrada de elementos apreciáveis da chamada "ALA MOÇA", está de parabens com o livro do novel acadêmico, e não quero furtar-me ao prazer de, registrando nesta crônica ligeira, o seu aparecimento, deixar aqui êste legítimo carbonato, que garimpei nestes "CASCAHOS":

SONETO

Sê justo, reto e bom, e segue indiferente
 ao insulto e ao rancor da turba vil, boçal!...
 Si fores caluniado, é só ser complacente
 porque existe, no bem, couraça contra o mal!

Si sofres a injustiça ou si algum insolente
 Contra ti se atirar num ódio bestial,
 não o fulmines, não, com tua verve potente,
 não desças um degrau dêsse teu pedestal.

Que importa o ódio, a inveja, a calúnia, a baixeza?
 É tão puro o ideal e na sua pureza
 não há lama que o manche ou lhe tire a brancura!

Sê forte, justo, reto e altivo na ombridade,
 semeia o bem, a fé, o amor, a caridade,
 que assim hás de encontrar a suprema ventura!

E JAIME DE VASCONCELOS, o jornalista vigoroso e que foi recebido, em recente e memorável sessão de gala, em nossa Academia, escreveu em seu jornal, em Campo-Grande: — «RUBENS DE MENDONÇA, com o ser um dos mais jovens poetas da geração que surge em nossos dias, já é, inegavelmente, uma sólida afirmação do valôr das letras matogrossenses».

Mas, basta de citações. Com tais credenciais a Academia recebe, sem favor, a Rubens de Mendonça.

O humilde orador, embevecido pela leitura das mimosas estrofes dos "Cascalhos da Ilusão", compoz êste soneto:

GARIMPEIRO DAS RIMAS

A RUBENS DE MENDONÇA

Nos golfos, nos monchões, nas brutas grupiaras
 dos ínvios charrascals misteriosos da vida,
 garimpeiro viril rebusca, em âura lida,
 esmeralda e rubim, topázio e gemas caras.

Ei-lo, audaz, a descer nos peraus, onde uiaras,
 lh'o oferecem, cantando uma canção dorida,
 o seio palpitante, olorosa guarida
 de gosos sensuais, de volúpias tão raras.

Depois, à flor da ninfa, o mineiro aparece,
 trazendo o rebo, e, então, a bateia balança
 no desejo de achar a pedra que apetece.

Poeta, como o audaz mergulhador, risonho,
 cascalhos da ilusão a lavar com pujança,
 lindos versos trazeis dos garimpos do sonho!

Uma contribuição assaz interessante para o estudo da genealogia matogrossense é, sem dúvida, o trabalho "Os Mendonças de Mato-Grosso", publicado no ano em curso.

Nesse opúsculo descreve Rubens de Mendonça os primórdios de sua ilustre estirpe, oriunda da Ibéria, terra de gloriosa atuação através dos séculos, sempre emprestando apreciável relevo ao aceleramento da marcha triunfal da civilização, notadamente na era do desvendamento dos mistérios do "Mar Tenebroso", quando as impávidas caravelas lusitanas e os audazes galões da Espanha devassavam os oceanos desconhecidos.

Por suas eruditas pesquisas nobiliárias foi o autor de "Os Mendonças de Mato-Grosso" galardoado com o título de membro da Sociedade Brasileira de Genealogia.

E Rubens, na dedicatória da obra, foi de uma felicidade rigorosa, quando gravou:

« Ao meu pai
Estevão de Mendonça
que por dois séculos desbravou
a história de Mato-Grosso
afetuosamente
ofereço. »

HAIKAIS

Em uma nota sobre a personalidade de quem vos fala neste momento, disse Rubens: «Ultimamente tem procurado introduzir na nossa literatura os haikais, poesia japonesa, porém essa inovação choca-se com os nossos temperamentos latinos.»

Nos "Cascalhos da Ilusão", todavia, inseriu o aedo duas delicadas poesias, do sabor nipônico, assim dispostas:

HAIKAIS

A luz do luar
Reflete duas silhuetas
De bocas coladas!...

Mêdo de estar só!
A consciência tem mêdo
E horror de si mesma!...

VILANCETES

Também sobre este gênero poético insurgiu-se Rubens de Mendonça, em uma crônica publicada no "Anuário de Corumbá". Ele, no entanto, penitenciando-se daquele *pecadilho*, inseriu nos "Cascalhos da Ilusão", duas delicadas poesias dessa classe, uma das quais passo a ler:

VILANCETE

MOTE

Vivo triste na incerteza
 Por causa do vosso olhar
 Só por muito vos amar!...

É tanta a vossa beleza,
 É tanto o vosso esplendor,
 Senhora do meu amor,
 Vos afirmo com tristeza;
 Vivo triste na incerteza,
 Minh'alma vive a penar
 Por causa do vosso olhar!...

Eu vos amo com loucura,
 Porque sois vós minha amada,
 A mulher perolejada...
 Pela vossa formosura
 A minha dor é ventura,
 Sofro martírio sem par,
 Só por muito vos amar!...

OFERENDA

Para vós, ó minha amada.
 Foi que fiz esta canção...
 Unicamente inspirada
 Pela vez do coração!...

RUBENS DE MENDONÇA perlustra em suas peregrinações poéticas, todos os quadrantes do versejar. Cultiva o soneto com perfeição, compõe canções e baladas; poemas e *trioletés*; *vilancetes* e *haikais*, e, por vezes, ritmos modernos, de sabor futurista, num variado borboletar. É um poeta nato. Um sonhador impenitente. Um digno hóspede do Parnaso.

Snr. Acadêmico Rubens de Mendonça:

Designou me o ilustrado presidente desta Academia para que vos recebesse, neste ato festivo. E eu, em obediência ao mandato que me foi conferido, gostosamente o faço, embora desataviadamente.

Dissesteis que foi a Amizade quem vos elegeu para a cátedra nº 9; eu vos direi, porém, que vossos méritos literários obtidos por vossos próprios esforços, numa auto-didática exemplar, é que vos abriram as portas desta casa, onde, realmente, a Amizade impéra.

Sêde benvindo, meu prezado Amigo e confrade RUBENS DE MENDONÇA.



ARNALDO SERRA

Isac Póvoas

(Palavras proferidas em sessão)

Poucos dias há, fomos surpreendidos com a infausta notícia do falecimento, na capital do Paiz, do nosso illustre e digno conterraneo, Arnaldo Olavo de Almeida Serra, destacado socio correspondente da Academia Matogrossense de Letras.

Desnecessário se faz aludir aqui, à dôr profunda que o lutuoso acontecimento determinou intra e extramuros deste sodalício.

Quanto a nós, os de dentro desta Casa, sentimos-lhe ainda os doridos acicates, emquanto que lá fóra presenciámos inumeras manifestações de pezar, veiculadas pela imprensa do nosso Estado.

E muito justas, foram, incontestavelmente, todas essas manifestações de pezar.

Elas estão a dizer-nos bem alto, que Arnaldo Serra occupava um lugarzinho no coração dos seus concidadãos.

E como não ser assim, como recusar esse lugarzinho no nosso coração a quem sempre teve o seu cheio da sua terra e da sua gente?

Perlustremos os seus trabalhos. Folheemos os seus primorosos trabalhos e encontraremos, assim em *Almas Penadas*, coleção de magníficos contos, como em *Aromita*, repositório precioso de encantadores versos, a prova mais robusta e convincente da minha assertiva.

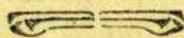
Arnaldo Serra viveu sempre a cantar em prosa e em verso as belezas incomparáveis da Terra Natal, terra querida e bem amada que, embora às vezes afastado d'ela, trazia, entretanto, bem juntinha de si pelo pensamento.

Arnaldo Serra merecia-nos muito, não só pela sua qualidade de intelectual, que muito honrou as nossas letras, como também como homem público que soube ser de maneira perfeita, valendo acentuar-se que tanto no setor da vida pública como nesse outro, no campo do pensamento, Arnaldo Serra foi uma afirmação eloquente de quanto póde a força de vontade e o desejo firme a inabalável de galgar as grimpas.

Arnaldo Serra foi um producto de si mesmo. Subiu pela sua vontade férrea, galgou os cimos pelos seus esforços próprios.

A sua vida de atribulações cheia, de lutas incessantes vencidas com galhardia, constitue um espelho em que deveriam mirar-se os jovens da nossa terra.

Ante a perda sensível que acabamos de sofrer com o seu desaparecimento, eu requeiro, sr. Presidente, seja consignado na ata dos trabalhos de hoje um voto de pesar pelo inesperado falecimento desse assinalado varão que tanto soube honrar a nossa Academia, como seu socio e Mato-Grosso, como filho dos mais dilétos.





ORAÇÃO À PÁTRIA

PROFERIDA EM NOME DO "GREMIO D. AQUINO"
PELO PE. RAIMUNDO C. POMBO

SENHORES: hoje festejamos o dia da Pátria, nesta época tão interrogativa para os destinos da humanidade.

O que é a pátria?

Oçamos a Rui: «a pátria não é um sistema, nem uma seita, nem um monopólio, nem uma forma de governo, mas é, o céu, o solo, o povo, a tradição, a consciência, o lar, o berço dos filhos, o túmulo dos antepassados, a comunhão da lei, da língua e da liberdade.»

Sim, a pátria é tudo isso; mas não é isso, tudo.

Não é uma palavra retumbante que enche a bôca e esvasia o coração.

Não é um grito para abafar a virtude alheia ou mascarar vícios próprios.

Não é a capa de que se revestem muitos pseudo-patriotas para se enriquecerem à custa d'êste verde e amarelo ou debaixo d'êste céu azul; nem é o desejo ávido do ganho e da riqueza, que move a bôca com a palavra pátria, mas não segura as mãos que transportam do cofre da nação para o próprio, êsse dinheiro sagrado.

Não é o egoismo desenfreado e descarado, êsse egoismo causador de tôdas as demolições sociais.

Não é uma idéia absurda, que sem base de experiência, ou com experiências tremendas de outros povos pretende implantar-se, para satisfação de caprichos pessoais, para contentamento de fantasias tresloucadas, para nivelamento de posses e para recompensa de mandriíce.

Não é a realização de homens, sem religião, sem família, sem patriotismo e sem capacidade, baseada sômente nas paixões sangrentas ou na volúpia de novidades vís.

Não é a fera que se sacia com as carnes ensanguentadas de seus filhos.

Não é o machado nem o punhal oçulto na bainha ou sob o manto de patriotismo, cortando a liberdade do espírito e da existência.

Não é a anarquia derramadora de sangue, incendiária de lares, produtora de órfãos, geratriz de misérias, demolidora da civilização e aniquiladora da nobreza e do saber.

Não é a ingratidão ou a injustiça negando o pão e o direito de vida ao que trabalha, jogando à rua inocentes crianças, sômente porque filhos de filhos de outras terras, que afinal trabalharam, trabalham, vivem conosco, desejam a nossa felicidade que também é deles, porque é felicidade da pátria de seus filhos.

Isso não é pátria, senhores.

Mas a pátria é «a família amplificada» (Rui).

E' a mãe carinhosa, que sustem nos braços o filho querido, ampara-o nas suas quedas, amamenta-o na sua fome e consola-o nas suas dificuldades.

E' a bandeira que tremula sôbre nossás testas, guardando nas suas dobras a nossa religião, a nossa história, as nossas tradições, o nosso amor, o nosso passado e o nosso futuro. . .

E' a terra duas vezes bendita que bebeu o sângue dos nossos heróis, e que esconde os restos dos nossos queridos, daqueles que nos amaram, que a amaram e que nos ensinaram a amá-la.

E' a sociedade que nos anima, auxilia e conforta respeitando todos aquêles que de qualquer modo contribuíram e contribuem para a nossa grandeza.

E' o nosso povo com todos os seus afetos; com suas virtudes e manhas, com a sua pujança e meiguice, com o sorriso alegre de suas crianças, a carícia de suas mães, filhas e esposas, com os palpitantes exemplos de seus varões e com os sábios conselhos de seus anciões.

E' a eloquência de nossa Religião, nos altares e nos sinos de suas igrejas, nos oratórios de suas casas particulares, no afeto de suas mães, nos lábios de suas crianças e no coração de seus homens.

Isso é que é Pátria. E assim é, louvado seja Deus, a nossa Pátria.

SALVE PÁTRIA BRASILEIRA. Terra dos brasileiros, brasileiros de nascimento ou brasileiros de coração; mas só dos brasileiros. «Carinhosa para os estranhos mas antes de tudo maternal para os filhos.»

Queremos-te como te quiseram nossos avós. Queremos-te nos teus limites, nas tuas lendas, nas tuas tradições, nos teus amorés, no teu céu, na tua língua, na tua bandeira e na tua crença.

Queremos-te como te recebemos de nossos pais e como desejamos entregar aos nossos filhos.

Sim, como desejamos entregar aos nossos filhos, filhos do vosso amor ou da nossa inteligência.

Nos somos os responsáveis pelo Brasil de amankã. Nós somos aquêles sôbre os quais gravita o futuro da nossa Pátria. Os brasileiros de amanhã, serão como nós os formarmos hoje.

Não há, nem houve brasileiro traidor, mas sim brasileiro mal formado.

O brasileiro ama o Brasil.

Leiam a bela história de Piratini; os nossos valentes revoltosos gaúchos já não resistem. Rosas lhes oferece auxílios e qual a resposta? «Senhor, o primeiro soldado de suas tropas que atravessar a fronteira, fornecerá o sângue com que será assinada a paz de Piratini com os imperiais.»


Perguntem a Floriano, no momento mais crítico, quando até a cadeira presidencial lhe vacilava, como seriam recebidos os reforços estrangeiros. . . «À bala», foi a resposta.

Senhores, não acrescento comentários, entenderam me.

De que nos valeria o Brasil sem brasileiros? Não; o Brasil é dos brasileiros e com êles viverá ou morrerá a nossa Pátria.

E quero neste dia, da defesa nacional, dia da Padroeira da nossa nação, dobrar meus joelhos diante do altar do Três Vezes Santo, ornado com as côres do nosso pendão. Quero, pedir por intercessão da Senhora Aparecida, que conceda aos nossos filhos e aos filhos de nossos filhos, a grande dita de celebrar em dias mais belos e mais tranquilos, debaixo dêste céu azul, nesga do manto da Imaculada, que nô-lo emprestou salpicado de estrêlas para nossas côres; sôbre êste verde das nossas matas, aumentado pela força do verde das nossas esperanças; com êste amarelo do nosso ouro, porém mais com o amarelo da nobreza, que deve enriquecer nossa alma; de celebrar, disse, esta mocidade, êste Brasil em botão, em tempos mais belos e mais tranquilos o dia da Pátria como celebramos hoje, dessa Pátria sem mancha e sem mácula, que se resume na pureza do branco existente no coração da nossa bandeira.

SALVE BRASIL!



A POESIA DE OTONIEL BELEZA (1)

Raimundo *MARANHÃO AYRES*

Autor de "RONALD DE CARVALHO"

Sôbre a arte modernista, apreciando os rumos mais contraditórios porque marcha a atual poesia do Brasil, Povina Cavalcante, publicou no ano passado, um substancioso trabalho enfeitado em livro, sob o título "Ausência da Poesia", no qual o crítico e o historiador se ajuntam para pesquisar e analisar um dos temas mais discutidos do momento.

E o evocador de Hermes Fontes, tem considerações valiosas, tem elementos bastantes, para dizer que—«a poesia deixou de ser aquele divino privilégio dos espíritos para transformar-se num simples cartaz» (2).

E nos seus comentários ainda faz alusões tão justas e tão reais, como esta, em que afirma—«a poesia nunca se ausenta da humanidade. São os homens que, por vezes, perdem o poder de interpretá-la. Não é a poesia, pois, que desaparece; é a linguagem dita poética, que não tem força de conter a poesia» (3).

E nesta hora, em que se proclama, essa "ausência da poesia"; nestes dias tumultuosos que correm, onde modernistas sem expressão poética e futuristas desregrados se insurgem, um poeta, um grande poeta, ainda apegado às formas clássicas daquela poesia de Théophile Gautier, Verlaine, Musset, Valéry, Bilac, Alberto de Oliveira, Martins Fontes e outros, aparece no cartaz.

Um poeta lírico. Uma poesia harmoniosa, álcere e festiva, no verdor dos anos, cheia de entusiasmo e outras vezes entrecortada de amarguras, melancólica ou farpeada de ilusões e desenganos, mística e excelsa em todas as fases, sentimental e repleta de beleza! Mesmo com os bons modernistas, mesmo com os imitadores de Whitman e discípulos de Carlos Drummond de Andrade, a poesia romântica, lírica, clássica na forma, quer parnasiana ou simbolista, não perdeu a sua magnificência, o seu esplendor, não ficando em lugar menos acatado...

* * *

Tenho sôbre a minha mesa, um livro de muitas páginas. Um grosso volume de belíssimas produções, que um poeta maranhense, residente em Belo Horizonte e radicado em Minas, envia-me com generosa e honrosa dedicação.

"ALJOFARES"—é seu título. Otoniel Beleza—é o seu autor. Uma coletânea de suas melhores poesias, escritas em longos anos e agora selecionadas e reunidas nesse elegante livro de apreciável apresentação gráfica.

Uma brochura de 254 páginas, onde se acham arroladas 160, de suas melhores produções diversas, que se fossem distribuídas à forma antiga, dariam cinco volumes ou pelo menos um tomo com aproximadamente 500 páginas.

Resolvesse o autor desdobrar esse livro em cinco volumes distintos, teríamos nas suas respectivas partes: I—Exaltação Estética, II—Lampejos Místicos, III—Vibrações Multíssonas, IV—Conselhos — (que distribuídos num livro, poderia dar-lhe outro título) e V—Musa Elegíaca.

Nessas divisões todas, estão cintilando e reluzindo as suas "aljôfares". Estão brilhando essas pérolas tão miudas mas originais, tão magníficas e tão lindas que encantam a vista de qualquer pessoa e que agradam a qualquer leitor.

Otoniel Beleza não é um poeta novo. Não é um cantor iniciante. Não é um estreante. Digamos melhor, Otoniel Beleza é um poeta de quasi cinquenta anos, mas talentoso, culto, brilhante, erudito.

Esse seu livro é bem um reflexo vivo de sua existência farpeada de sonhos e ilusões, alegrias e tristezas, anseios e esperanças pelas glórias que viriam depois.

Humanista e professor, esse bardo nortista, apresenta-se agora com um livro de versos que há-de marcar com letras de ouro, o seu triunfo.

Ressalta sobretudo na poesia apolínea desse maranhense arraigado no Estado montanhês, o apuro de linguagem, o rigor de formas, meticoloso propósito de ritmos e rimas, que por vezes nos transportam à poética de Martins Fontes, pelo seu lirismo e pela sua beleza. Em sua arte impecável, trescalam aromas diferentes, mas trazendo sempre essências puras e maravilhosas. Versos finos, burilados, ajustados, perfeitos, harmoniosos e que refletem muito bem o poder criador de um menestrel romântico, a sensibilidade fina de um rapsodo por vezes torturado, mas, que acima de tudo aprecia e cultua a pureza da forma, com o rigor da métrica, no dedilhar a lira.

Sua Musa é delicada e magistral! Inspirador de tantas páginas de grande ressonância, o autor de "Aljôfares", é um dos grandes poetas que o Brasil conhece e admira. Conhece-o através de suas poesias divulgadas em jornais e o admira através dessas mesmas publicações que sempre revelaram a sua espontaneidade, sua poesia perfeita e admirável!

Há nessa obra, além de muitos traços biográficos do poeta, um sentido humano e cheio de ternura de sua existência, aí evocada, lembrada, fotografada em muitos painéis, revivida em muitas estrofes, muitos poemas, inúmeras produções sutilíssimas.

Diz Otto Maria Carpeaux que «a verdadeira intenção de toda verdadeira poesia é a expressão duma verdade pessoal, humana» (4).

Não há nessa formosa coletânea de versos, ordem cronológica. São versos de variada sensibilidade, onde flutuam inspirações sadias e imagens multiformes, trazendo a impecabilidade da rima e perfeição do ritmo.

Em quasi todas as páginas deparamos com aspectos de sua vida, passagens de sua jornada, evocações de sua existência e dos de sua família.

Na "legenda" do seu formoso livro, há confissões tão claras e tão expressivas quanto as que se leem a seguir:

«Não tenho escola, laços não tenho:
O agrupamento me causa horror...
— Crisol divino de altivo engenho —
A minha escola, se escola tenho,
É o sofrimento propiciador!

Amo a poesia das coisas tristes,
De heroísmo obscuro, da ignota cruz...
Ai dos que nunca, nunca sentistes
A alta poesia das coisas tristes,
Que entre ruínas, pura, reluz» (5).

Ainda sobre a sua poesia, esclarece o autor, exclamando em versos tersos e inflexíveis:

«Meu verso é flama veniflua, inquieta,
Que eflue da pena, cheia de mim! (6)

Escreve o sr. José de Almada Negreiros que — «a Poesia é a linguagem dos Iguais dispersos no Tempo. Os iguais não se admiram entre si; confiam-se, ou melhor, são iguais» (7).

Otoniel — fino cantor de rara inspiração romântica, nesta época em que campeiam os versos brancos, é verdadeiramente um grande poeta. . . Sua lírica poesia, é um colar de belíssimas "aljôfares", reluzentes, faiscantes, encantadoras!

E como ele próprio define, abrindo o precioso volume:

Aljôfares? . . . são rócios que não chora
o pudor; que a alma em si retém, modesta;
E em gemas cristaliza o coração. . .

Há nos carmes que ensaio, de hora em hora,
Raios de estrêlas fulgurando em festa,
Mares de pranto soluçando em vão! » (8)

Com tanta ternura e com aticismo e bom gosto, a poesia desse cantor nortista, ora vivendo na terra dos poetas que cantaram Vila Rica e a Inconfidência, na terra que deu um poeta místico como Alfonsus Guimaraens, émulo da poesia de Verlaine, é um artista primoroso que tem consciência de sua arte e conhecimentos seguros do metro ao manejar a sua lira.

Transparecendo as vezes raios de um narcisismo natural, Otoniel Beleza, chega a declarar que:

«Sacrário é o livro meu, de onde se evola
Um perfume suavíssimo de prece. . .
Abre-o, se crês no Bem: êle é esmola
A quem ama, a quem sente, a quem padece. . . » (9)

Confissões tão ternas e tão belas como as de Rousseau, trazendo o lirismo de Gautier ou Musset, o sentimentalismo de Hugo ou Coppée, o esplendor de Bilac e a perfeição da forma de Alberto de Oliveira.

Em todas as suas produções, mostra-se um esmerado do vernáculo, um apurado do metro, um "condottieri" seguro da lira, devoto da Musa, apaixonado do verso hermético, como diria Martins Fontes, num dos seus clássicos sonetos:

Na minha geração, todos os Mestres,
Pela fôrma, a rigor, benedictina,
Praticaram a estricta disciplina,
Dos Leontes, Mendés, Sullys, Silvestres». (10)

Há ainda em algumas produções dessa rutilante floração poética, um pouco de vaidade. Vaidade que está presente em muitos dos seus versos. Vaidade aliás natural. Não mero cabotismo. Vangloria-se de sua poesia, de sua arte, porque aquela é espontânea e esta é autêntica em seu temperamento de legítimo artista.

Rígida na forma, palpitante no conjunto. Concisa e ajustada em todas as estrofes e rimas. Direitos possui portanto, para exaltar essa verdade.

No "posfácio" do seu livro declara que «menos lhe pesará ser tida esta obra como literariamente imprestável e nula do que ser ele tomado por um dêsses que fazem literatura convencional, à maneira clássica ou em estilo revolucionário, totalmente submetidos à tirania das modas vãs e efêmeras» (11).

Entre os muitos sonetos do seu interessante livro, "Meu Cálamo" — I e II, são visões psicológicas do autor.

No último terceto desse II-soneto, deparamos:

«Na ânsia da Perfeição, no afã do estudo,
Refreia o gosto vão de dizer tudo,
Sonha a glória imortal de dizer bem!» (12)

Há pequenos detalhes que bem definem o poeta. Traços característicos de sua existência de artista e sonhador:—aqui e ali, ornado de pessimismo:

«Sou o Errante Judeu sem paz e sem repouso,
— Campeão da poesia altíssima e vibrante,
— Humana encarnação do Pégaso feroso!» (13)

«Para exprimir quanto minha alma sente... (pág. 20), não me tolhas o passo: asas ilesas, eu busco o Amor, a Perfeição, a Glória» (pág. 28). Versos de sua mocidade, sonhadora, eloquente, cheia de entusiasmo e vibração!

Poesia repassada de saudade, envolta de ternura, revestida de um sabor que deleita e agrada.

Entre outras curiosas, em sua obra, há algumas que pude anotar ligeiramente. Na sua variada produção há versos que mesmo isolados polarizam conceitos e verdades, como estes:

«Ao fraco o forte oprime, porque é forte» (14)

Logo a seguir encontramos ao acaso estes dois versos:

«Morre o que vive como vil escravo,
Sobrevive o que morre como herói!» (15)

O que predomina em sua vasta obra, é o soneto. Perfeito, impecável, ajustado, inflexível! formoso e apolíneo!

Do "Milagre do Bem-fazer" extraímos casualmente dois versos da primeira quadra e dois outros da segunda, comprovando-se assim a magnificência de sua melodiosa poesia:

«Foge do egoísmo vão, qual de uma peste
Que assola os burgos, deambulando à-tôa...
Deixa entre as pedras a semente bôa,
Esquece o bem que por dever fizeste. . . » (16)

E ainda nos seus conselhos encontramos muita coisa boa, muitos versos admiráveis e valiosos.

Diz ele—«Crê no bem que ideaste e que não vês... (pág. 209); Serás modesto, olhando para cima; Teras consolo, olhando para baixo» (pág. 208).

Como católico ortodoxo que me parece seja o poeta das "Aljôfares", nos seus "Lampejos místicos", há muita magnitude à forma poética de Verlaine.

Estamos diante de um poeta que diz coisas maravilhosas, que exalta Deus e crê firmemente na sua ajuda. Não temos mais o pessimista. Fala agora o artista traduzindo aspirações que são verdadeiros lampejos místicos. Versos que refletem um pouco da filosofia de Maritain, um pouco de Proust, algo de Jackson de Figueiredo e em suma a sua própria crença no Onipotente!

E faz preces e pede ao Senhor, para que faça «de sua alma um horto santo» e transforme «em laureis os meus abrolhos» (pág. 119).

E ele mesmo diz «meu labor silencioso é como um culto» (pág. 113), «na agrestia crucial dos desenganos...» (pág. 134).

Deixando a sua poesia religiosa, com aqueles arroubos de Jorge de Lima, poesia que é um reflexo vivo do seu sentimento e de sua fé cristã, vamos encontrá-lo cantando as dores cruciantes da morte de uma filha querida — "Maria Estela". Versos repassados de tristeza e angústia, onde a sua sensibilidade de pai e artista, pode recompor num lindo poema, cheio de ternura, a dolorosa partida daquela que tanto estimava e idolatrava...

«Desde que daqui partiste,
Trago uma estrêla na mente
E um punhal no coração!»

"Na sinfonia do Lar", evoca numa profunda harmonia o seu amor à esposa amada e a amizade paternal aos filhos que lhe reclamam tanto carinho e estima.

Para ela — exclama: «Emfim te encontro, emfim! Conheço-te essas galas — Que anelei... Para o amor meu coração desper-te!» (pág. 87). — «Querida para achar-te, sofri tanto, (pág. 90) «Vem da ara santa, a que um dia — Te fui colher!» (pág. 94).

Para os filhos:

«Para êles quisera planos
Os trilhos que andei sózinho...
Que Deus os livre de enganos
Do vulgar e mau caminho!» (17)

Emfim focalizemos para concluir — Otoniel Beleza — como parnasiano, sinão, pelo menos como cultor dos alexandrinos formosos e perfeitos!... Na sua variada produção reunida nesse volume "Aljôfares", há entre outros — um magnífico poema intitulado ARTE, onde os traços do parnasianismo estão presentes e maravilhosamente rehabilitados!

Martins Fontes assim sintetizou o seu pensamento sobre esse gênero poético:

«A musa parnasiana
Deslumbra a nossa paixão
Porque encerra a sobrehumana perfeição».

E foi baseado nesse pensamento, nesse conceito precioso que Otoniel, escreveu essa sua "Arte" — poema em que cintilam raios daquela "Profissão de fé" de Bilac.

Seduzido. Embriagado. Profundamente entregue aos sonhos, cantou:

«Arte augusta e imortal! em meio ao tórvo e hediondo
Deserto em que padeço, erijo-te um altar;
E em ti, deidade excelsa! em febre os olhos pondo,
Eis-me, ébrio de ilusões, teu culto a celebrar!» (18)

Adiante ele exclama:

«Dá-me versos caudais — gemas de etéreo cofre—
Acolhe-me, Arte eterna, em teu seio desnua!» — pág. 27

Poesia harmoniosa, vibrátil, excelsa, sublime! Versos doces, melancólicos, alegres ou tristes, mas perfeitos e admiráveis!

* * *

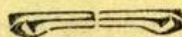
"ALJOFARES" -- constitue um colar de ofuscantes pérolas. Engastadas e reluzentes dão-nos o praser grandioso de poder estar com o autor, através de épocas passadas de sua existência, admirar painéis curiosos e sentir com ele a grandiosidade de uma Arte maravilhosa e pura!


Seu livro que tem merecido os mais calorosos louvores da crítica nacional, deu-lhe um lugar destacado no Parnaso brasileiro. Sua poesia é imperecível. Seu triunfo marcante. Sua lira não deverá jamais deixar de ser dedilhada, porque é bela e encantadora!

Seus cantos, são cânticos de fé e de rara beleza. Beleza na poesia que é sublime e maravilhosa e Beleza no nome que é de um grande artista, um poeta imortal e louvado pela obra colorida e substancial que produziu!...

Guiratinga (Lageado) — Novembro de 1944.

-
- 1—ALJOFARES—Poesias—Otoniel Beleza—Belo-Horizonte—Minas—Imprensa Oficial, 1944.
 - 2—AUSÊNCIA DA POESIA—Povina Cavalcanti, 1943—pág. 13.
 - 3—Idem, idem—cit., pág. 12.
 - 4—ORIGENS E FINS—Otto Maria Carpeaux—pág. 31.
 - 5—ALJOFARES—pág. 10.
 - 6—Idem—cit., pág. 11.
 - 7—ATLANTICO—Rev. Luso-Brasileiro nº 2, 1942—pág. 260.
 - 8—ALJOFARES—pág. 15.
 - 9—Idem—cit., pág. 16.
 - 10—POESIAS—Martins Fontes, Ed. 1928—pág. 57.
 - 11—ALJOFARES—pág. 242.
 - 12—Idem—pág. 18.
 - 13—Idem—pág. 29.
 - 14—Idem—pág. 173.
 - 15—Idem—pág. 175.
 - 16—Idem—pág. 197.
 - 17—Idem—pág. 110.
 - 18—Idem—pág. 25.





A LINGUA FRANCESA, ONTEM E HOJE

Conferência realizada no "Grêmio Castro Alves", no dia 14 de Julho de 1943, pelo acadêmico N. Fragelli, em Campo-Grande

O "Grêmio Castro Alves", nem por ser de ginásianos, e literário, por excelência, excluiu do seu programa uma parte cultural também. Daí a bela conferência do mês passado, sobre o grande brasileiro Oswaldo Cruz, proferida pelo Dr. Alberto Nêder, espírito dos mais brilhantes da nova geração campograndense. Daí esta desprezenciosa dissertação sobre a língua francesa, ontem e hoje, cuja oportunidade afigura-se-nos clara, diante do horrível descalabro de Junho de 1940, que, envolvendo a França num torvelinho jamais visto de ferro e fogo, como que a excluiu, desde então, desta parte de mundo livre, onde impera uma civilização de que ela tem sido, incontestavelmente, uma das mais fecundas campeãs.

A OBSERVAÇÃO DE UM FILÓLOGO

Ao darmos conhecimento desta nossa intenção a um filólogo indígena, digno dos nossos aplausos, pela sua crescente e benéfica influência vernaculizadora no nosso meio intelectual e estudantino, atalhou-nos ele: — «Porque não falar sobre a nossa língua?» Respondemos-lhe logo: — «Porque avançarmos ao Severino de Queiroz, quando a bagagem dele é de aristocrata, e a nossa não passa da de um pobretão?»

E assegurar-vos podemos, senhores, que o apêgo que temos pela França, a essa França que não pode morrer nunca, porque

ela vive da seiva da imortalidade— esse dileção pela França não pode jamais enfraquecer o amor com que a natureza nos ligou à língua da nossa pátria— língua que desde os primeiros balbucios, si tanto fala ao coração, é também um dos mais caros e inalienáveis atributos do espírito.

Não se nos aplica, portanto, a afirmação de Nietsche ao dizer que o aprendizado de várias línguas «é um machado posto na raiz do sentimento um pouco delicado da língua materna.» E o grande filósofo para fortalecer a sua opinião, diz que «os dois povos que produziram os maiores artistas de estilo, os gregos e os franceses, não aprendiam as línguas estrangeiras.»

O APRENDIZADO DAS LINGUAS

Mas, Nietsche continuando o seu raciocínio, depois de verificar que o negociante de Londres devia fazer-se compreender oralmente e por escrito, em 8 línguas, conclui: «É preciso confessar que o estudo de várias línguas é um mal necessário.»

E hoje mais do que nunca se vai espalhando o gosto pelas línguas, sobretudo pelo inglês, instrumento da supercivilização anglo-saxônica, e pelas que se impuseram e se impõem sempre como veiculadoras do pensamento livre da humanidade. Aí está, por exemplo, a recente chegada ao México de um grupo de estudantes americanos, com o fito de aprenderem o espanhol, e, entre os quais se acha uma filha do vice-presidente Wallace, que, por sua vez, já se exprime corretamente na língua de Cervantes.

Disse já, duma feita, um grande espírito: «O homem é tantas vezes homem, quantas línguas fala.» E Emerson escreve: «Quanto mais o homem possui de línguas, mais amigos tem, mais officios e profissões conhece, mais homem é.» E Novicow também se exprime: «Aprender as palavras duma língua é apropriar-se, numa certa medida, das idéias que elas significam.»

A LINGUA FRANCESA

Depois dessa digressão, tomemos o rumo que nos impusemos, detendo-nos na língua francesa.

De um modo sintético, no dizer dum enciclopedista, a língua francesa «é o proprio latim modificado por uma evolução de vinte séculos.»

O latim popular invadiu a Gália com a conquista de Julio Cesar, terminada no ano 51 antes de Cristo. E esse latim da massa não tardou a suplantar a língua falada pelos gauleses, devido a superioridade da civilização romana sobre a autóctone. Numa fase muito longa, enquanto que o povo se entendia na

lingua romana, que era o mesmo latim popular, dividido em dialetos quasi ininteligíveis, na cõrte, nos tribunais, nos conventos e nas escolas se falava o latim clássico. E pode dizer-se que o antigo francês tomou nascimento mesmo, quando o latim das Gálias se distanciou enormemente do latim clássico. Desde então, o romano ou antigo francês, ganhou as características duma lingua à parte. Desde então, librou-se independente no espaço e no tempo, trazendo dentro de si o destino de ser o instrumento futuro de uma radiosa cultura e alta civilização.

Já no fim do século XIII, o genovês Marco Polo, o grande e ousado navegador daqueles tempos, achou melhor difundir as suas façanhas numa lingua bem mais conhecida que a de seu país, e mandou escrever a narração de suas viagens em francês. Mais tarde, lá pelos fins da idade média, era o veneziano Martino da Canale que escrevia: «La langue française court parmi le monde et est plus délectable à lire et à ouïr que nulle autre.» A Inglaterra, no ano 1066 é dominada por Guilherme, o Conquistador, que sendo filho da Normandia, quasi conseguiu fazer da sua lingua, a francesa, a lingua nacional da Inglaterra. Mesmo assim, desde o seu advento ao poder até o século XIV, no reinado de Eduardo III, falavam-se o francês e o latim nos tribunais, nos colégios e na cõrte. Pode afirmar-se que somente no século XV é que o inglês tomou a dianteira ao idioma francês, quando Henrique IV declara ser o inglês a lingua materna da Inglaterra. E assim mesmo só no século XVIII é que o inglês se torna a lingua exclusiva dos tribunais, e acrescenta-se ainda que essa medida consegue passar na Câmara dos Comuns com séria opposição, sendo que até recentemente eram ainda usados pelo governo as antigas expressões francesas: «le roi le veut», «le roi remercie ses loyaus sujets.» E o inglês que se fala hoje traz no seu bojo um grande número de palavras emanadas do romano.

Voltemos à França, onde só no século XVI, com a supremacia do patois da Picardia sobre o da Provença, a lingua francesa, integrada numa estrutura definida, foi oficialmente admitida pelos reis Luiz XII e Francisco I, respectivamente em 1510 e em 1539, sendo que no reinado deste último era ainda a lingua francesa chamada de romance ou de romane. Foi, então, que ela atingiu propriamente a sua maturidade, bastando dizer que em 1530 apareciam os primeiros gramáticos. E cita-se que a capacidade da lingua para uma obra de fôlego ficou plenamente provada quando, em 1541, Calvino, refugiado na Suissa por motivos de perseguição religiosa, procurou tomar contacto com a massa popular, traduzindo o seu *Institutio Religionis Christiane*, livro de dissertação teológica, para a nova lingua francesa.

Não tardou que a famosa Pléiade, constituída de 7 poetas, com Ronsard e du Bellay à frente—se valesse também da lingua—que já podia traduzir plenamente o pensamento dos que viviam naquele encantador país. E as suas poesias, derramadas pelos quatro cantos da Europa, muito fizeram pela propagação do francês, si bem que, torturados pela ambição de o enriquecer, não trepidaram em lhe enxertar palavras estrangeiras a granel: gregas, latinas e germânicas

Si ha autores que só encontrem vantagens para a lingua, no acervo poético da Pléiade, outros ha, pelo contrario, como Rivarol, que vêm nos 7 poetas, muito pedantismo, pois que além de importarem grande número de termos estranhos à lingua, já individualizada, por assim dizer, procuraram adotar a construção inversa da frase, contraria à verdadeira índole do francês, que *ab initio*, se manifestou pela construção direta: sujeito, verbo e complemento. Além disso transportaram palavras compostas (com exceção de Ronsard e du Bellay,) diminutivos do italiano e pejorativos, com o sufixo *ard*.

O italianismo chegou a entrar na moda, e começou no reinado de Francisco I, quando Leonardo da Vinci chega à sua côrte; italianismo que, naturalmente mais se acentúa com o advento das duas rainhas Medicis, italianas, que empolgam as côrtes francesas. Catarina, de 1519 a 1589, e Maria de 1573 a 1642. Os cortezãos tudo faziam para enxertar na lingua francesa os termos de além dos Alpes. Mas, como diz Rivarol, esta irrupção do grego e do italiano, provocada nessa época, si no início turvou a lingua, nada pode fazer depois, por isso que ela, como um licor já saturado, não podia mais receber novos elementos.

EVOLUÇÃO DO FRANCÊS ANTIGO PARA O MODERNO

No estudo comparativo da formação das linguas, se observa que a francesa foi uma das que mais tempo levaram para chegar à maturidade, si bem que, por outro lado, pode dizer-se que não excedeu de 100 anos o tempo que levou o francês moderno para se desvencilhar da roupagem romana de origem, desde que enveredou firmemente para a sua estrutura propria. Nesta última fase dir-se-ia que as gerações transmitiam de uma para outra—o capricho que punham em a tornar o instrumento mágico da obra civilizadora a que se entregavam, refletindo «a beleza dum céu como o da Grecia, a amenidade dum clima delicioso, a polidez natural dos seus homens e a graça sadia e fina de suas mulheres.»

Já no século XVII—de cérebros de escol, como os de Malherbe, Descartes, Vaugelas, La Fontaine, Voltaire, emanaram

contínuos retoques que a purificavam, e, enquanto isso nos cenáculos literários, como o celebrizado salão da Marquiza de Rambouillet e na Academia de Letras, a língua francesa mais e mais se firmava — com o incessante expurgo a que a submetiam os grandes espíritos que os frequentavam.

Polida, leve, clara, nenhuma outra se mostrava tão delicada como essa língua do século XVIII, que saía dessa fase de depuração, com todas as características duma língua nova, muito parecida já com o francês de nossos dias e arreada de atrativos que lhe atribuíam um notável poder de expansão, o que a tornou sem tardança, a língua mais apreciada da Europa.

No espaço de um século e meio grandes descobertas surgiram, estimulando grandemente a inteligência dos homens, sendo que foi na França, e, principalmente em Paris — onde mais se evidenciou essa verdadeira eclosão espiritual. Daí a avançada decidida da França pelo caminho da civilização. Consequentemente, o idioma tinha que lhe refletir esse progresso, enriquecendo-se num crescendo notável. Não é sem razão que os franceses se gabam dessa riqueza da língua. Dava-se na França, nesse particular, o que alguém já observara:— que nunca uma língua rica foi língua de povo pobre e ignorante.

E Anne Marie Bon, a esse respeito, diz com muito acerto, que «tanto quanto a delicadeza, a riqueza do Francês era notável», riqueza que não era devida ao número de palavras, pois nesse particular era mais pobre que o romano, mas sim ao fato de que se podia exprimir todas as nuances do pensamento e dos sentimentos. Essa riqueza fica exuberantemente provada pela variedade da literatura clássica.

E que dizer da clareza do francês moderno? Grande foi o labor da Academia Francesa e das suas congêneres das províncias, no sentido de dar precisão a cada termo, daí resultando o que se diz geralmente: que o francês, em princípio, não tem sinônimos.

Com o desaparecimento das declinações latinas como regra — a ordem direta na frase.

O PRESTÍGIO DA LINGUA FRANCESA

Para não entrarmos em minudências que levariam mais longe esta palestra, ressaltemos alguns fatos que põem em relevo o prestígio da língua francesa nos últimos séculos. E os desfilamos, não nos atendo muito à ordem cronológica que, no caso, pode bem ficar em segundo plano.

Começemos por um fato sensacional, qual seja o concurso aberto pela Academia de Berlim, em 1782, e cujo tema foi o seguinte: «Que é que tem feito da lingua francesa a lingua universal da Europa. Porque motivo merece ella esta prerrogativa. Pode-se presumir que ella o conserve?» Os manuscritos deveriam ser entregues a 1º de Janeiro de 1784, e o prêmio seria entregue a 31 de Maio seguinte.

Dois trabalhos somente foram distinguidos pela Comissão: um de Rivarol, intitulado "Discours Français", e outro de Schwab, alemão, natural de Wurttemberg, e professor, que deu à sua produção o nome de "Dissertation Allemande". A comissão, que na maioria era alemã, quiz dar o 1º lugar a Schwab, mas interveiu Henrique da Prussia, irmão de Frederico II, ficando o prêmio dividido entre os dois.

Rivarol, com 31 anos, celebrizou-se num dia, pelo seu trabalho, sendo felicitado por todos os soberanos e por quase todos os sábios da Europa. Em 1785 a Academia de Berlim nomeou-o associado externo, e o futuro Luiz XVIII o gratificou com uma pensão anual.

Lemos o "Discours" de Rivarol. É admirável. E o resumo da "Dissertation Allemande" dá a entender que foi de grande valor também. Do trabalho de Schwab ressaltamos como cerne de sua argumentação, o seguinte: «A lingua francesa atingiu à perfeição no momento em que a França, pelo poder das armas, tornava-se o árbitro da Europa.» «O mérito eminente do francês é a firmeza, que é devida à ordem lógica da construção, que mesmo em poesia, prevalece.» «Nenhuma lingua é regular no mesmo gráu.» «Enquanto que o desenvolvimento foi lento nos outros povos, elle foi rápido na França, e por diversas causas: doçura do clima, influencia civilizadora dos colonos foceanos e da invasão romana, proximidade da Italia, sabedoria da monarchia e a irradiação de Paris. O fruto desta cultura é a polidez, a mais fina das virtudes, quando não descamba para a hipocrisia. A polidez supõe o gosto, privilégio dos escritores franceses.» E mais adiante respondendo à 2ª questão, sobre a preeminência da lingua francesa, Schwab justifica dizendo que o francês é doce para pronunciar, facil de aprender e é uma obra prima de razão e polidez. Tem o encanto e a graça e é, principalmente, o mais cômodo instrumento para as relações internacionais. E é por isso que Frederico II fixou a sua preferênciã sobre a lingua francesa.

Da resposta que deu à 3ª questão, basta esta frase só: «Quanto ao mais: que o francês não se torne a única lingua da Europa, mas, que cada povo conheça duas linguas: a sua e a lingua universal que é a francesa.»

Enquanto a Rivarol, faz ele uma magnífica apreciação sobre a língua espanhola, italiana, inglesa e alemã, discriminando-lhes com um preciso senso das minúcias, os defeitos e as qualidades de uma a uma, para chegar à conclusão: que nenhuma delas podia comparar-se com a francesa, detentora de mais requisitos de infiltração. Além disso, a própria história da França contribuiu para a disseminação do francês. Haja vista a projeção dada à França pelos sucessos militares de Luiz XIV, e a emigração de milhares de franceses, determinada pela guerra religiosa e pela revogação do Édito de Nantes.

A fusão das expressões célticas e latinas com o francês já evoluído—é que deu lugar, segundo Rivarol, à dupla fisionomia da língua. Fizeram-se, diz ele, uma língua escrita e uma língua falada, permanecendo ainda este divórcio da ortografia e da pronúncia.

Dentro mesmo do país, grande foi a influência da autoridade de Luiz XIV na refinação da língua, logo nos primeiros anos do seu reinado, fazendo com que terminadas as desordens da Fronde cada qual voltasse ao seu posto. Assim também melhor foram conhecendo os seus direitos e prazeres; o ouvido, mais exercitado entrou a exigir uma pronúncia mais suave; um grande número de objetos novos criou expressões novas; e a língua francesa enfrentou com sucesso todas as novas necessidades, e a ordem se estabeleceu na fatura.

«Luiz XIV foi o verdadeiro Apolo do Parnaso francês» diz Rivarol.

A IRRADIAÇÃO DA LINGUA FRANCESA NA EUROPA DE ONTEM

A Polônia, onde quasi não se viram refugiados protestantes, no século XVIII pouco chega ali o francês. Mas, tão logo subiu ao trôno Poniatwsky, a civilização francesa começou a penetrar em território polonês, bastando dizer que o novo rei se considerava francês. Os livros franceses se viam por toda a parte e não tardou para que saísse à luz o "Journal Litteraire de Varsovie", escrito em francês.

Na Rússia, o advento de Catarina II, com o seu amor à filosofia, adotando idéias de D'Alembert, Diderot e outros filósofos franceses, não tardou para que ali também se alastrasse o francês que, por determinação de Catarina, foi introduzido na Academia de São Petersburgo, ao lado do latim. E entre os sábios russos era o francês a língua de suas epístolas. Até recentemente os boletins da referida academia, em pleno regime soviético, eram redigidos num francês correto.

E igual difusão teve o francês nos paizes baixos, onde um estadista, em 1772, prefaciando um livro, chegou a dizer que dava razão aos seus compatriotas quando pensavam que o conhecimento do francês devia ser preferido ao da propria lingua materna. Na Inglaterra, o francês exercia tambem grande atração. Basta transcrever estas palavras de Guy Miege, autor dum dicionário, e que empresto de Anne Marie Bon: «De todas as partes do mundo que circundam a França, nenhuma a ama mais do que a Inglaterra, cuja lingua é de tal modo formada de francês, que um inglês deve necessariamente estudar o francês para falar um bom inglês.»

Na Alemanha o conhecimento do francês era intensamente generalizado, mórmente na boa sociedade. Dizemos tudo, dizendo que LEIBNITZ, o grande LEIBNITZ publica as suas obras em francês, considerando que seria essa a lingua que viria substituir o latim. No século 18, o francês toma um surto extraordinário na Alemanha, no reinado de FREDERICO II, cuja francofilia tornou se notória. Escritor — êle escrevia as suas obras num francês dos mais puros. Amicíssimo de VOLTAIRE, que comia na mesa real, FREDERICO procurava sempre atrair para si outros sábios franceses. Chegava ele ao ponto de pedir aos franceses que iam se estabelecer na Alemanha — que não aprendessem o alemão. E que dizer da moda, dos enfeitos, hoje conhecidos por *Article de Paris* — que desde esses tempos, como os livros, chegavam em profusão em todos os paizes.

Eis o que, resumindo muito, nos é dado dizer sobre a lingua franceza desde os seus primórdios até muito perto de nossos dias.

Mesmo no seu desalinho, este apanhado histórico sobre a lingua franceza basta para mostrar o quanto teve de evoluir a lingua franceza, emergida mais ou menos com a dinastia Capetiana, quando era ainda o romano, o latim do povo, — até chegar a esse francês do século 17 — tradução exata do temperamento, do senso estético, do idealismo, e da paixão pela clareza da gente de França. O modo como foi elaborada a construção da lingua franceza, só se explica por esse *esprit de suite* que Salvador MADARIAGA destaca no francês e que constitue segundo o grande publicista — uma das forças mais fecundas do sêr conciente. O *esprit de suite* representa, diz ele ainda, no plano da inteligência, o mesmo papel que a perseverança no da vontade. Assegura a continuidade na evolução do pensamento, como a perseverança a continuidade no desenvolvimento da ação.

É como se pode explicar uma língua, para cuja formação parece ter sido preparado e organizado um projeto, executado por uma sequência de gerações igualmente seduzidas pela atração inelutável do belo.

O FRANCÊS DE HOJE

E daí, da essência desse passado, é que vem o amor do Francês pela sua língua. E do quanto serviu ela à civilização e aos mais altos ideais da humanidade—é que vem esse poder que ela possui de transpôr todas as fronteiras, para se tornar, no dizer de RIVAROL, a língua mais própria que qualquer outra—para o comércio das idéias entre os povos.

Todos os grandes tratados internacionais foram escritos em francês, que pela sua clareza e precisão não dá lugar à dupla interpretação. Daí o se dizer que a língua franceza, à guisa duma moeda internacional, torna-se transmissível, e, assim, no dizer de ANDRÉ SIEGFRIED, toma ela um valor e uma ação internacionais. Não nos esqueçamos nunca que o nosso grande RUI—preferiu suas demostênicas orações em HAIA—num francês límpido que dir-se-ia saído da boca dum CLAUDE FARRÊRE. E foi em francês, num francês puríssimo, que ainda RUI recebeu na nossa ACADEMIA DE LETRAS esse mago do estilo e da ironia gauléza que era ANATOLE FRANCE. Foi no Congresso de Rastadt, em 1714, que poz fim à guerra da sucessão da Espanha, que pela primeira vez, foi um tratado de paz escrito só em francês, não mais se usando o latim. Em 1775, o embaixador da Rússia, apresenta as suas credenciais ao Sultão da Turquia, fazendo o seu discurso protocolar em francês. Daí para cá todos os tratados internacionais foram vazados na língua franceza, mesmo, não entrando neles a FRANÇA. A diplomacia mundial prefere o francês nas suas relações e por toda a parte, conduzida por uma literatura abundante e preciosa, o idioma francês foi a *semense*, a semeadora inegualável das idéias e dos sentimentos duma nação profundamente universalista, de homens que sempre foram, segundo um historiógrafo, os verdadeiros internacionalistas da inteligência. E está aí, sem dúvida, o grande *cachet* da cultura da FRANÇA, pois, como faz ver EMERSON: o segredo da cultura é de dar ao homem mais interesse por sua qualidade de ser geral, do que por sua qualidade de ser privado.

E este 14 de Julho—data das consciências livres—fala muito alto dessa FRANÇA universalista, do grande renascimento humano, como disse duma feita CLEMENCEAU, que acabou no seu possante esforço de renovação revolucionária em nome dos direitos do indivíduo. *A língua franceza está incólume.*

Quem de nós, dos que se abeberaram na fonte inesgotável e maravilhosa da cultura franceza—não está com RENAN, quando diz: «A conservação, a propagação da língua franceza importam à ordem geral da civilização. Alguma coisa de essencial faltaria no mundo—no dia em que esse archote claro e lampejante—cessasse de brilhar.» E é ainda RENAN quem fala: «Quantas coisas eternamente boas e verdadeiras tem sido pela primeira vez ditas em francês! Quantas idéias liberais e justas tem encontrado antes de tudo em francês, sua fórmula, sua verdadeira definição!» Como afirma PAUL HAZARD: «Esse antigo patrimônio da FRANÇA, esse belo francês tão fino, tão sutil em suas nuances, tão preciso em suas análises, polido pelo trabalho de tantas gerações, modelado por tantos gênios que dele fizeram uma das expressões mais limpas e mais puras do pensamento humano—essa língua, como esses tesouros que se encontram no meio das ruínas, nem os caibros em braza, nem as pedras calcinadas não a atingiram.» Houve um momento em que a tormenta da guerra chegou a nos fazer pensar que a FRANÇA havia caído, para só se levantar muitos, muitos anos depois. E com ela, a sua língua sofreria um profundo abalo. De fato, JOSEPH DE MAISTRE, numa das páginas de sua "Soirées de Saint Petersburgo", diz muito bem que a reputação dos livros literários, excetuados talvez os de matemática, depende menos de seu mérito intrínseco que do poderio da nação em que nasceu o autor. E UNAMUNO disse anos atrás, que a armada inglesa apoia a confiança em si mesmo com que investiga um químico inglês, e o exército alemão sustenta o trabalho de seus laboratórios.

É possível que, em parte, seja essa verdade aplicável à FRANÇA, quanto ao sucesso da sua literatura, e, consequentemente, à expansão de sua língua.

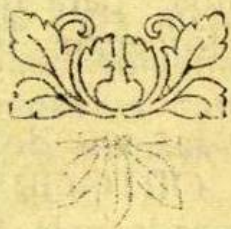
Mas, a cultura franceza, sustentáculo máximo de sua língua, é dum valor tão acima de qualquer objeção que para prová-lo, basta um exame na nossa própria cultura, em grande parte tributária incontestável da que PARIS tem irradiado para o mundo, como Capital cultural do universo. E aqui se aplicam, antes de terminarmos, as palavras de JULES ROMAINS: «Fazer depender o prestígio duma cultura, sua hierarquia, sua autoridade moral, dos sucessos ou dos fracassos políticos e militares do país que lhe é o foco, seria adotar a doutrina mesma da força; a teoria segundo a qual a guerra é o árbitro supremo que deve regular eternamente os destinos do gênero humano, teoria abominável que é a de nossos inimigos, e que os povos livres têm precisamente jurado de abater. Lei de sertão, que, de resto, a história da civilização desmente. Atenas, outr'ora, cometeu as peores

cincadas políticas, diplomáticas e militares. Ninguém tirou dessas quedas argumento contra a cultura de que era ela o foco. E seus vencedores mesmos fizeram-se durante séculos, os apologistas e os propagadores desta cultura.»

Não! a França está prestes a se reerguer. É Churchill quem o proclama em nome da Inglaterra. É Roosevelt quem o quer, pela força esmagadora dos Estados Unidos. E' Stalin quem, há poucos dias, traçou esse programa com a mesma mão que traçou a submersão do exercito de Von Pauli, nas estepes de Stalingrado. E' de Gaulle, é Giraud que — não deixando extinguir a flama heroica de sua França — pisarão, primeiros, o solo conspurcado, a vanguardearem com o seu exército da Africa, já temperado para a luta, a mais formidavel e inédita organização militar anfíbia que já se viu!

E então, se verá o quanto são verdadeiras aquelas palavras que Renan poz na boca do Criador — dirigindo-se à França: «Dei-te a ti o principio das resurreições sem fim.»

Tenho dito.





ORTOGRAFIA OFICIAL

Severino de Queiroz

Para muita gente é assunto que aborrece, êsse cujo título encima estas linhas, que vão ocupar um cantinho do querido anuário — esta Revista da Academia Matogrossense de Letras.

Qualquer assunto sôbre linguagem aborrece a maioria e só interessa a muito pouca gente, aquêles que têm amor a seu idioma. De qualquer maneira, é preciso tratar de todos os assuntos, para que haja debate, e os órgãos de publicidade forneçam leitura adequada a todos os paladares.

Apesar de ter saído, faz uns doze meses, o PEQUENO VOCABULÁRIO ORTOGRAFICO DA LÍNGUA PORTUGUÊSA, organizado pela Academia Brasileira de Letras, de ordem do Exmo. Senhor Presidente da República, ainda campeia, infrene, a desobediência à lei da oficialização da nossa grafia!

Devem estar lembrados que o Dr. Gervásio Leite, nosso ilustrado confrade, escrevendo no O ESTADO DE MATO-GROSSO, de 12 de julho dêste ano de 1944, sôbre a multiplicidade de grafias, declarou ser possível que daqui a pouco, cada brasileiro tenha a sua ortografia.

Parece exagerada, ou absurda tal afirmação. Não deixa ela de ter seu exagêro, de certo para maior força de expressão. Entretanto, se não forem tomadas providências enérgicas por parte do Governo e das associações culturais do país; se não houver ordens formais e constantes, mas ordens para serem cumpridas por todos, muito especialmente pelos funcionários encarregados da sua execução, — realizar-se-á a predição do Dr. Gervásio Leite: *cada brasileiro poderá vir a ter sua ortografia!*

E' quase isso que se observa em certos jornais, não só do interior, também nos da Capital da República. Nesses órgãos de publicidade podem ser verificadas duas e mais grafias. Isso corre por conta do injustificável respeito ao tabu dos nomes próprios, quer locativos ou topônimos, cuja grafia, embora antiga e disparatada, não deve ser alterada nem por decreto. Em algumas redações se respeita a velha escrita de alguns colaboradores ranzinzas, homens adiantados em anos, os quais não admitem se lhes altere a *maravilha* gráfica dos seus trabalhos.

É preciso que se lhes diga da existência de um decreto-lei que obriga a imprensa a usar a grafia racional simplificada, oficial no Brasil e em Portugal. Esse uso há de ser integral, não pela metade, isto é, não se pode aplicar a simplificação somente nos nomes comuns e outras categorias de palavras; também nos nomes próprios portugueses ou aportuguesados, assim pessoais como locais.

Não desrespeitemos a lei para sermos agradáveis aos homens!

Essa lamentabilíssima dualidade de grafia é oriunda, assim da indisciplina e de um vesgo conservadorismo como da incompreensão, e terá fim, como escrevi no "Jornal do Comércio", de 19 de julho deste ano, no dia em que forem castigados os teimosos, os remissos, para os quais não deve haver remissão. Esses teimosos

são aqueles que ainda respeitam a velha grafia dos nomes próprios, bem assim os que não fazem questão dos acentos gráficos, alma do sistema simplificado luso-brasileiro, e são os que têm a coragem de usar ainda *th*, *ph*, *y*, *ch* (duro) e outras belezas gráficas do século passado.

Os professores de qualquer grau de ensino, os jornalistas, os demais homens de pensamento, os funcionários públicos federais, estaduais e municipais, os alunos de qualquer curso deveriam dar o exemplo, cumprindo a lei da oficialização da grafia!

Lembremo-nos que êsse desrespeito poderá causar-nos, um dia, sérios dissabores, além de nos fechar a porta aos concursos para o desempenho de cargos públicos.

Mais tarde poderá haver ação da Justiça contra os desleixados, contra os remissos.

Processadas e punidas umas três pessoas, em épocas e lugares diversos, para significar que a lei não está sendo relaxada ou esquecida, — o restante dos brasileiros e os estrangeiros aqui residentes tratarão de estudar as regras do sistema ortográfico oficial, para usá-lo integralmente, não ao talante de cada um. Sim. Não falta quem sentencie, ainda que sem autoridade para tal: — «Nome próprio não sofre alteração...» É uma sentença que está decorada e na bôca de quase todos, pronta para ser proferida com ares doutorais e catedráticos. Alguns mais sabidos falam no Código Civil; mas êsse Código, segundo lumináres em direito, se refere à supressão de partículas do nome, não à grafia. Além disso, há uma lei que adota a grafia simplificada, lei que não pode ser derogada por outra anterior. Não. Atente-se no que reza o formulário oficial, apenso ao PEQUENO VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA ou VOCABULÁRIO da Academia. Ali se lê:

«—Os nomes próprios personativos, locativos e de qualquer natureza, sendo portugêses ou aporuguesados, *estão sujeitos às mesmas regras estabelecidas para os nomss comuns.*» (Pertence-me o grifo).

«—Para salvaguardar direitos individuais, quem o quiser, manterá em sua assinatura a forma consuetudinária.

«—Poderá também ser mantida a grafia original de quaisquer firmas, sociedades, títulos e marcas que se achem inscritos em registo público.»

No Formulário está: *poderá ser, e não deverá ser,* e—« *quem o quiser manterá*» a assinatura em ortografia antiga. Pelo enunciado, só o dono do nome é que pode escrevê-lo pela grafia do costume. Outra pessoa não pode usar a forma consuetudinária. Do contrário, estará usando ortografia própria.

Para ser consolidado um sistema ortográfico, é mister que haja boa vontade, espírito de concórdia, disciplina entre os intelectuais, especialmente entre os senhores jornalistas e os professores primários e secundários. Nós, brasileiros, precisamos mostrar aos portugêses, que estão usando o mesmo sistema do Fómulario e Vocabulário da Academia, precisamos mostrar-lhes que somos disciplinados, cumpridores da lei e, sobretudo, que somos cultos.

O PEQUENO VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUÊSA não deixa, como tôda obra humana, de ter falhas, enganos, modos de ver que não são da maioria; mas tudo isso pode ser corrigido em outras edições, que virão limpas de erros e melhoradas.

O fato é que há necessidade do esforço de todos, portugueses e brasileiros, no sentido de os dois países de língua portuguesa terem uma só grafia da bela e opulenta língua comum. Existe o acôrdo ortográfico entre Portugal e Brasil, assinado a 29 de dezembro de 1943. Forçoso é que êsse acôrdo seja selado com a prática dos homens de pensamento de cá e de lá.

Oxalá que assim seja!

Campo-Grande, 1944, setembro.





A POESIA E O SEU RENASCIMENTO

JAYME F. DE VASCONCELLOS

(Da Academia Matogrossense de Letras
e do Instituto Histórico de Mato-Grosso)

Vimos de atravessar, no domínio das letras, uns amargos tempos de intenso materialismo esterilizante, onde a fina flor da espiritualidade precisava de se esconder, para se furtar à sumária e inclemente condenação do ambiente quasi integralmente mercantilizado. Os "brasseurs d'affaires", sómente preocupados com os lucros de livraria, não escondiam a sua quasi hostilidade pelos legítimos artistas e pelas obras dos poetas, como francamente se manifestavam desinteressados pelos trabalhos de cunho estritamente literário. O caso de Monteiro Lobato, de que o maior dos escritores vivos saiu engrandecido, é de nossos dias. Reinavam as *biografias*, quasi sempre deturpadas, a pretexto de romançar a vida dos personagens, em relação aos quais se cometiam até erros de historia.

Como lógica e inevitavel consequência, o espírito da mocidade ia, pouco a pouco, se desinteressando pelas cousas literárias, e se pedirmos à geração saída dos ginásios e dos colégios nestes últimos lustros, que nos diga algo sobre as escolas da literatura brasileira, não encontraremos dez por cento que nos apontem certo

quais os maiores poetas da escola condoreira ou nos diga o nome do maior parnasiano das nossas letras!

O gosto pela leitura dos bons romances, que ajudava a formação humanística em nossa anterior geração, foi escasseando, senão desaparecendo. Mesmo os nossos grandes romancistas, Alencar, Macedo, Coelho Neto, Machado de Assis, caíram em completo olvido.

A novela policial, ou o chamado "romance de costumes", em regra licencioso, — não como os da escola realista vibrantes de vida de um Raul Pompéa, de um Aluizio ou das três obras primas de Zola, "Germinal", "Naná", e "Taberna", em que os vícios são apresentados de modo a serem execrados; mas dessa escola (se este nome merece) de exploradores de sensações exóticas, — tomaram conta do gosto dos leitores de nossos dias apressados.

Saudosismo! Dirão certamente os inimigos — *et pour cause* — dos estudos clássicos, para os quais falar-se em Homero, Horácio ou Virgílio ou mesmo evocar-se o estilo primoroso de Castilho, de Herculano ou de Ruy, é arcaísmo ou preciosismo, como se fosse possível a alguém criar-se um estilo pessoal sem se abeberar, ao formar a sua personalidade literária, nas fontes puras dos geniais cultores do vernáculo.

A essa desanimadora situação literária, que alguns fortes espíritos como Agripino Grieco e Eloy Pontes não se cansaram de aguilhoar com as suas críticas severas, não escaparam mesmo alguns romancistas novos, de brilhante e reconhecido talento criador, mas de uma pobreza de léxico que muito lhes prejudica a obra. Porque, afinal, é preciso repetir-se isto frequentemente, para estimular a mocidade estudiosa, não basta absolutamente ter talento para produzir uma obra literária: é preciso ter cultura geral, cultura clássica e muitas e boas leituras das obras consagradas dos mestres da literatura universal. Não basta a imaginação criadora para o pintor de gênio produzir um belo quadro: ele precisa

saber dezenho, e ter noções de anatomia e da técnica das côres... Poderíamos classificar esse aparelhamento de quem escreve como a técnica de bem escrever, sobre a qual autores de monta têm publicado interessantes livros, de que se destaca o bem conhecido e quasi clássico "L'Art d'écrire", de Alballat. E, evidentemente, além desses recursos da técnica, muito mais se exige do escritor, para que não incorra na sátira de Boileau:

Soyez plutôt maçon, si c'est votre talent,
Ouvrier estimé dans une art nécessaire,
Q'u'écrivain du commun, et poète vulgaire.
Il est dans tout autre art des degrés différents;
On peut avec honneur remplir les seconds rangs,
Mais, dans l'art dangereux de rimer ou d'écrire,
Il n'est point de degrés du mediocre au pire.

* * *

Em todo o panorama brasileiro, nos domínios literários, já se nota, felizmente, um salutar recuo aos excessos do que chamaremos de arrojo desacomodado da ignorância petulante, na estulta pretensão de galgar as culminâncias das belas-letas. Sim, um recuo do abismo da verbiagem sem nexa e da preferência por imagens e por assuntos que desafiavam a classificação dos psiquiatras, para a volta ao respeitosa culto das formas clássicas da Belesa. E a poesia, que sempre foi a pioneira das manifestações do sentimento humano—foram os bardos e os trovadores os primeiros intérpretes dos anseios da alma popular—, tomou a dianteira do renascimento literário, de que já se apercebe, sob o novo reinado das Musas, o dealbar formoso.

E, cantam, assim, aos nossos ouvidos os versos magníficos do joven Araujo Jorge, o gênio desse renascimento:

Pára. Há sombra aqui! Pára e descansa!
Já ficou para traz a aridez do deserto.
Ao teu lado, a fugir num leito claro e incerto
brinca um riacho feliz de alma ingenua de criança!

Aqui, a terra veste as cores da esperança
e na árvore que oscila, e faz sombra, e está perto,
há um passaro que canta e irrequieto balança
o ramo que de flores todo está coberto!

Ha sombra aqui... ha um pouco de paz ao redor...
Chegas cansado e triste a arrastar tuas magoas,
pára, —descansa um pouco... e sonha que é melhor...

Dorme, e ouve a canção que te embala dos ninhos,
— se a vida é como um rio a rolar suas águas,
a poesia — é uma sombra à margem dos caminhos!

Já entramos, neste avizinhar-se do próximo ocaso
do penúltimo lustro do meiado do nosso século, deste
trepidante e agitado século vinte, numa fase em que a
reação contra o materialismo, responsável pelas guerras
e por todos os sofrimentos humanos, que chegou a pre-
tender aniquilar todas as velhas e seculares conquistas
da espiritualidade humana, na estulta vaidade de criar
novas formas de Beleza, se faz sentir por toda a parte
onde se escreve, onde se pensa, onde se sente! Já

Afinam las arpas triunfales sus cuerdas
y surgen las notas dispersas y graves
poblando los ámbitos qual odas que lerdas
se escapan del fondo del alma, suaves.

Del alma — mas blanca que el cisne y el lirio,
mas pura que el mismo candor de la infancia—
que lleva en sua essencia la luz, y el destino
de todo lo grande que el amor escancia.

Las notas sonoras que vibran, que lloran
son almas muy blancas que gimen, que imploran
del hombre en la vida ternura y bondad...

No oís como gimen las olas del rio?
Son arpas del alma que en el peito impío
desgranam los canticos de la Humanidad.

Assim o disse a sensível alma paraguaia, nesses lindos versos de Angél Ginés.

Bendita seja a renascença da Poesia, que abre um muzical paréntezis no tenebroso clamor do entrechoque das lutas e das ambições desencadeiadas no Mundo pelo calamitoso predomínio, que esperamos esteja pres-tes a findar, das correntes materialistas. Benditos os poe-tas que nos enlevam a alma amargurada pela tremenda hora de sangue e de lágrimas que hoje vivemos, ainda torturados intensamente pelas incertezas do amanhã!

« Os poetas, são pelo mundo, ora uma sombra amena
e distrahida
que erra,
ora uma luz serena
e colorida
que a essencia da propria Vida
descerra!

São sobrehumanos troféus,
as lembranças que os deuzes deixaram
na Terra
depois que um dia voltaram
para os céus! »

« Que o poeta é aquela concha, e aquela concha é um pouco
do coração imenso e louco
do mar!

Poesia é ressonancia
é música à distancia
é ancia!

Vóz que vem não sei de onde, e que canta na sombra,
e fica em suspenso no ar!

Se a vida é a noite, a sombra... a poesia é o luar! »

« No mundo, exausto e cansado, na vida que entedia
mesmo irrequieta,
bendito aquele dia em que nasceu o Sonho! e em que can-
[tou o Poeta! »

Assim fala, em livro recente, esse iluminado Araujo Jorge, e assim falava, não ha muito, o nosso sutil e emotivo poeta Alirio de Figueiredo:

Horas mortas. E eu só. E é um bálsamo o abandono...

Tenho a ilusão, assim, do meu último sono,
No aconchego do pó.

Palpita minha dôr, viva, pungente, núa,

E uma resignação em meu sêr se acentúa,

De ser poeta, tão só.

O renascimento da Poesia, hoje incontestável, é o feliz prenuncio de que as forças do Bem estão prestes a dominar as do Mal, plena e seguramente. Traduz ainda esse importante evento literário que a espiritualidade, temporariamente dominada pelo materialismo, volta triunfante para a plena reconquista de seus direitos e em breve voltará a predominar em todas as esferas do Pensamento.

Campo-Grande, Setembro de 1944.



SESSÃO SOLENE DE POSSE

DO ACADÊMICO GERVÁSIO LEITE

NA CADEIRA N. 2

**DE QUE É PATRONO O MEMORIALISTA
JOAQUIM DA COSTA SIQUEIRA**

A 24 DE MAIO DE 1945



ABRINDO A SESSÃO

Palavras do Presidente Mesquita

Esta noite festiva de hoje, com que a Academia Matogrossense recebe em seu seio a Gervásio Leite, reveste-se de uma significação toda especial e exprime, no contraste que a caracteriza, um verdadeiro símbolo daquilo que chamarei o sentido universal e eterno da Cultura.

Gervásio Leite é o mais moço dos 40 membros deste Silogeu. Nasceu quando o século já ia pelo seu 16º ano, em plena guerra mundial e quando Mato-Grosso também atravessava intenso período de agitação política—1916—daí deve ter provindo o seu espírito revolucionário e eternamente inquieto.

Pois bem. Esse autêntico representante da "ala nova" vem ocupar uma poltrona cujo patrono é o mais antigo dos nossos nomes culturais, pois, à exceção de Barbosa de Sá, cuja data de nascimento se não pode precisar, mas se presume anterior, nenhum outro antecede a Costa Siqueira, nascido na primeira metade do século de setecentos — do século primeiro de nossa História, cerca de 20 anos após o descobrimento de Mato-Grosso. Encontram-se aqui, nesta hora e neste local, o século XVIII, a época inicial de nossa Vida, a fase das minas e das bandeiras, com o século XX, já em meios, o período estonteante do rádio, da aviação e das grandes conquistas do progresso.

E vereis como eles se entendem e se completam, como eles se integram e se continuam, na oração magnífica em que o acadêmico de 1945 fará surgir a vossos olhos o quadro da Cuiabá colonial dos tempos da Capitania, descrita pelo nosso cronista de antanho. Aí o primeiro milagre da Cultura, no seu sentido humanista e total.

Por outro lado, vemos que Costa Siqueira era um paulista, um daquêles *homens bons* de que rezam os nossos anais, trazendo da velha Piratininga de Anchieta e de Raposo Tavares, aquela mentalidade profundamente cristã e clássica em que se fixou o molde racial de nossa velha gente, dos povoadores do Brasil Central. Gervásio, ao invés, é um espírito cosmopolita e vário, feito de uma condensação, ou, melhor de uma adensação de cultura ultra-modernista, o mesmo irreverente que criou o graçaranhismo e o pindorama, que, entretanto, hoje, com o laurel acadêmico, entra para os quadros da burocracia literária, disposto a colaborar na grande obra conservadora das nossas Belas Letras. Tudo isso surpreende, mas se explica, logicamente, como disse, à luz desse critério de que falei de começo — e que é o sentido eterno e profundo da Cultura.

A posse de Gervásio Leite na cadeira Costa Siqueira se dá justamente numa hora de grande significação para o mundo e para a inteligência contemporânea — na hora em que se festeja a Vitória e se anseia pela Paz. Vitória contra a força e a tirania, esmagadores do pensamento, Paz que se espera como a afirmação desses princípios de Liberdade e Justiça, pelos quais morreram milhares de homens e se sacrificaram inúmeras nações.

O papel do homem de pensamento é mais sério e grave do que nunca, nesta encruzilhada trágica da História. Não é possível permitir que tanto sangue e tantas lágrimas hajam corrido em vão, para que se instalem, sobre os escombros de um mundo em ruínas, outras tiranias e outros despotismos.

No desencontro de ideologias e no choque de ambições que parecem sombrear os horizontes da nova humanidade mal saída dos horrores da guerra, cabe sem dúvida, à Cultura o mais relevante e árduo papel.

E não posso me furtar a repetir aqui, em hora tão significativa, um tópico da formosa oração que acabo de ler, proferida pelo meu caríssimo amigo Cristovam de Camargo, no salão Império de *Jockey Clube* de Buenos Aires, a 18 de outubro do ano passado, sobre o relevante tema—o escritor em face do momento mundial.

Depois de condenar o fanatismo das ideologias — o mais virulento dos venenos — e de frisar que mais importante que a própria soberania das nações é a do homem, tão conculcada, pois a única coisa de valor, única coisa realmente apaixonante, é a alma humana — o notável escritor afirma: «Não sei si me considerarão ingênuo, *demodé*, simplista ou mesmo infantil, porém dir-lhes-ei que a única ideologia verdadeira está no Evangelho:

«Amai-vos uns aos outros» disse Cristo. E depois disso, nada mais se disse sobre as relações entre homens e povos, nada mais que valha a pena referir».

O insigne propugnador do americanismo, da aproximação argentino brasileira, e que realizou esse ideal em seu próprio lar, casando-se com uma distintíssima portenha, lançou nessa frase a mais sublime verdade e por andarem dela divorciados é que homens e povos não conseguem chegar à Paz integral e tão desejada. Que fique este conceito como a flôr da Cultura, nesta festa de pensamento, em que, de mãos dadas, se unem dois séculos, se defrontam duas mentalidades, se contrastam aspectos tão vários—mas homogeneizados e sincronizados pelo mesmo sentimento humano e brasileiro — o amor da Liberdade e da Justiça, o sentido fraternal e cristão da Cultura e da Arte.

Meus Senhores:

Estas nossas festas, no ambiente severo e nobre da Casa Barão de Melgaço, têm, e só elas, o dom mágico de aproximar e fundir, no mesmo amplexo, homens de todos os credos e partidos, ante a unidade da Cultura, que não é privilégio de nenhuma casta ou classe, e ante o sentimento comum de brasilidade, que nos irmana. Que a festa de hoje apure e sublime esses ideais, elevando-nos acima das míseras contingências terrenas, a um plano superior de Beleza e Espiritualidade—e a Academia terá mais uma vez, realizado um dos seus grandes objetivos, uma das suas finalidades máximas — unir pela Cultura os homens e os povos, para que a vida humana, sobre a terra, seja uma coisa nobre, tenha um sentido superior, torne-se, realmente, digna de ser vivida, nesse conubio feliz da Liberdade com a Justiça, do Direito e da Paz, que só a Cultura consegue realizar.

DISCURSO DE POSSE

PELO ACADÊMICO GERVÁSIO LEITE

Acceptando-me em vossa companhia, Senhores Acadêmicos e, marcando-me um lugar neste cenáculo illustre onde as mais belas inteligências, os talentos os mais escolhidos e as mais requintadas sensibilidades artísticas encontram clima propício à criação de obras da Inteligência e da Beleza, no remanso fecundo desta casa, não vos deixastes levar, sinão pelo coração, no critério da escolha porque tamanha é a desvalia de minha obra, que só a bondade explica a minha eleição.

De mim posso dizer-vos também, não saber que trêfega vaidade me fez solicitar uma poltrona neste sodalício porque, com a sinceridade que esta solenidade exige faltam me aquelas condições que Renan destacou a propósito da eleição de Claude Bernard para a Academia Francesa, como indispensáveis à ascensão a estas alturas.

«Vós achais—dizia o autor de *Souvenirs d'enfance et de jeunesse* — que o poeta, o orador, o filósofo, o político, o homem que arvora dignamente um desses nomes que são sinónimos de honra e de pátria, que todos esses homens, ainda uma vez o digo, são confrades, trabalham em uma grande obra comum: em construir uma sociedade grande e liberal. Nada vos é indiferente: o encanto mundano, o gosto, o tacto, são para vós boa literatura. Os que falam bem, os que sentem bem, o sábio que fez profundas descobertas, o homem eloquente que dirigiu a pátria

para o glorioso caminho do governo livre, o pensador solitário que consagrou sua vida à verdade, tudo que tem brilho, tudo aquilo de que a opinião esclarecida se ocupa e com que se entretém, tudo isso vos pertence, porque repelis, igualmente, não só a estreita concepção da vida que encerra cada homem na sua especialidade como em uma tarefa obscura de que êle não deve sair, mas, também a retórica insulsa em que a arte de bem dizer está confinada em escolas separadas do mundo e da vida.»

Cuido que não atendesdes às sentenças do mestre ilustre porque sinão não me daries a honra insigne de estar convosco participando do prazer de vos ouvir mais como o discípulo reverente que se deixa fascinar pela palavra colorida e profunda do mestre que, como confrade que, num plano de igualdade participa das discussões e dos trabalhos.

Só, permitam-me repetir ainda uma vez, a vossa generosidade explica as galas desta noite memoravel em que me recebeis e só a bondade acadêmica que se enfeita da malícia e se tempera do sal de uma fina ironia poderia, em expressiva unanimidade, que redime o pecado de minha vaidade, esclarecer e desculpar meu ingresso nesta casa.

E' certo, também que o vosso credo é o meu credo porque como cada um de vós creio na Arte que redime e enobrece, no esforço da inteligência que eleva e dignifica, na ação das letras que esclarecem e vencem e, naquilo que não é uma estreita concepção da vida e do mundo, nem uma tarefa obscura e inútil que repelis. E, se temos muito em comum, as dessemelhanças não são menores, frutos que são da íntima expansão de cada personalidade pois que diz o povo, em seu saber profundo -- «cada cabeça cada sentença». Estas dessemelhanças, porém, são de ordens tais que, dando à cada individualidade matiz próprio, harmonizam nas vistas em conjunto, naquele esforço de todos visando um objetivo mais alto e mais glorioso que é a luta e a defesa da Cultura ilhada nesta época em cidadelas como esta que se são cada vez mais escassas são, afinal, as que ganham as últimas batalhas.

Cumpre-me, Senhores Acadêmicos, agradecer-vos o generoso acolhimento que me dais. Não sendo sinão um menor entre vós, podeis crer que, ao prêmio com que me honrais saberei dar o pagamento de um esforço sempre persistente e sempre igual para dignificar a poltrona que me ofereceis. Em qualquer circunstância eu vos asseguro que saberei honrar o lugar, não empanando o brilho da Academia e, oferecendo-vos se os conquistar, os louros que colher no amavel e estimulante convívio convosco.

VOCAÇÃO

Desde cedo as letras fascinaram o meu espírito. Vindo de um lar pobre onde, diariamente, se lutava pela conquista do pão recebi, da própria escassez de recursos, da ingrata, escura e miuda luta pela vida, os impulsos iniciais que me levaram a mais me aproximar dos livros, não o ópio de que falava Anatole France, mas aqueles que escancaram as portas da vida e nos amparam na fatigante jornada. E nêsse contacto cotidiano e íntimo surgiu vocação teimosa que me levou cedo às lides da imprensa, primeiro como tímida experiência de estudante ou, inócua vaidade provinciana de ter o nome impresso e, mais tarde como o ganha-pão com que ajudei os meus no pagamento de minha educação tão cara no Brasil e tão cheia de dificuldades que levou alguém a afirmar, com pessimismo, que dificultámos o ingresso da mocidade nas escolas apenas porque tememos os doutores.

O fato é que êsse veneno da imprensa acabou por me dominar inteiramente e, daí a teimosia com que insisto em escrever uma prosa canhestra e sem brilho, pondo nela sempre muita sinceridade e um homem inteiro com as suas virtudes e os seus defeitos.

O meu espírito se formou, sobretudo, sob a influência dos autores revolucionários, dos que estiveram nas vanguardas culturais e que no Brasil culminou com as revoluções literárias e sociais iniciadas em 1922. Dêsse contacto, dessa aproximação origina-se o meu inconformismo — que muito me honra, o meu horror às "idéias feitas", a repugnância com que repilo as coisas assentadas como um dogma que se deve aceitar apenas porque toda gente aceita. Vivendo numa época confusa, pertencendo a uma geração que se desenvolveu pisando um sólo sacudido, permanentemente pelas convulsões sociais, participando de um mundo deficitário, sem rumo, sem orientação, fui marcado pelos sofrimentos destes tempos rudes.

O espetáculo sem beleza da vida que vivemos, o caos de idéias que nos assoberba, a época de aturdimento que atravessamos são de tal maneira desencorajantes que, sómente uma crença enraizada fundamente no espírito pôde nos animar ao prosseguimento da jornada.

Formado sob a orientação de mestres extraordinários, lutadores que não conheceram o desanimo e que na cátedra pregaram os seus credos, afeito às leituras daqueles que alteraram os rumos e as doutrinas econômicas e sociais, acredito na força da cultura e sinto que só ela poderá reorganizar o mundo em bases

duradouras, só ela poderá preparar a segunda redenção do gênero humano, lutando por um mundo melhor, onde os homens, todos os homens possam viver, decentemente, com criaturas que pensam, sentem, aspiram, sofrem e lutam.

Ora, a civilização que nos envolve, agora em artigo de morte nas trincheiras desta guerra, se ergueu em bases de equívocos deshumanos, não só no plano social, como no terreno econômico e no setor político: A exploração do homem pelo homem, a divisão dos grupos humanos em classes estanques, as formas de governos que afastam a participação ativa do povo, os desníveis de riqueza, a ausência de oportunidades culturais mercê de um anacrônico e empenhado sistema educacional, tudo isso gerou a insatisfação que, de um modo geral é, hoje, norma de vida. E se a esse quadro acrescentarmos os elementos que formam o mundo paisagístico de nossos tempos então, seria muito mais fácil explicar essa insatisfação e justificar a ânsia que palpita em todos os espíritos por um mundo renovado, maior, mais livre e mais humano.

E' certo que à esta longa noite povoada de espectros se opõe a aurora de um novo dia, claro, cheio de sol e de vida, o dia em que destruídos o Fascismo e outras forças de opressão e tirania possamos inaugurar a era da Liberdade de que se aproveitará o povo esclarecido e capaz de se opor aos arroubos da demagogia ilimitada e imoral.

De modo que escrever para esclarecer as massas, para agitar os problemas basilares desta época constitue imperativo a que não podem fugir os escritores, os jornalistas, os pensadores, em suma os que têm a coragem de sua missão e não temem os poderes do mundo.

Dessa missão creio, felizmente que me desincumbi com honra, dando de mim o melhor para servir meu tempo e minha gente, rebelado quase sempre pois, se o organismo se rebelia aos estados mórbidos, por que não permitir que o espírito se revolte ante às condições patológicas do mundo? Em qualquer circunstância servi meu crêdo, fui coerente com os meus princípios e, confesso-vos agora, se pleiteei um lugar nesta ilustre companhia não foi sinão para, de um posto mais estratégico poder prosseguir na missão a que me impuz pois, como Adler acredito que não me darei por vencido visto como «o sentimento da própria inferioridade fornece ao indivíduo a energia para vencer.»

E que ninguém veja, nessa atitude intolerância porque o meu espírito repele, sistematicamente a violência que é o recurso dos que não têm forças de inteligência para vencer com as nobres armas da razão.

MODERNISMO, ARTE E POLÍTICA

Senhores Acadêmicos

Venho aqui representar o que denominais, comumente, a "ala moça". A geração que aqui aporta, com menos de trinta anos, impregnada de tendências modernas e revolucionárias, pedindo-vos uma poltrona em vossa companhia, não abjura suas crenças, não trai seus ideais, não se afasta de seus sonhos, não nega seus compromissos e as suas ligações, porque essa mocidade acredita nesses princípios que efetivam a renovação econômica, política, social e estética.

Porque é necessário e urgente refazer a face do Universo. No campo econômico essa revolução se efetiva num ritmo acelerado, aproximando os homens, derrubando a hierarquia do dinheiro, providenciando a socialização dos meios de produção e realizando a participação mais ativa do povo na construção de uma nova ordem que é a aproximação dos homens e a libertação das massas das necessidades e das misérias.

No setor político, principalmente no Brasil, o modernismo se fez sentir com maior intensidade porque foi ele a mais alta vibração da consciência nacional para a efetivação de uma compreensão democrática, cujos quadros alargados nesta época completam as promessas dos homens que lutam sempre por um mundo melhor...

A revolução modernista que começou em 1922 «era uma ânsia comum de renovação, nos espaços sem limites da arte e nos vastos horizontes da sociedade e da política do Brasil», porque o brasileiro, como disse Graça Aranha «crê eternamente, na ascensão triunfante da pátria, na sua limitada força creadora, na sua imortal projeção no futuro», e, sobretudo, fundamentalmente democrático, realizou o milagre de se renovar, continuamente para ser sempre um país jovem de possibilidades esplêndidas.

Os esforços revolucionários que realizam as descobertas de novos rumos não são como pensam, erradamente os que desconhecem as condições peculiares do Brasil, invasão de uma toxina que atirará o doente ao abismo da perdição. Ao contrário, são índices de saúde, de força magnífica, de anseio libertário, de tendência renovadora, de espírito democrático que se socorre, vezes muitas do corretivo da violência, como o organismo que se defende pela revolução delirante da febre.

Esse clima revolucionário que não tememos e que, ao contrário, com ele identificamos e aquela «ansiada necessidade de transformação», «força inexorável», de que falou esse revolucionário, o maior de todos, que foi Graça Aranha.

A revolução por que a mocidade ansiou efetiva-se em todos os setores e, impulsionada, inicialmente, agora segue a sua caminhada estonteante a procura de um destino que é o destino do Brasil magnífico, unido em torno dos seus ideais e realizando os princípios que orientaram os nossos maiores.

Graça Aranha referindo-se aos moços e ao seu papel nessa renovação disse que «não será aventuroso afirmar que a ação desses jovens será a de modernizar, nacionalizar e universalizar o Brasil. São trabalhos formidáveis a que arriscam. Para executá-los, possuem a ginástica intelectual que os torna ageis, decididos, claros e enérgicos. Pertencem a uma geração esportiva, de cuja rudeza atlética livraram o espírito, que plana e ataca. São livres de movimento, a visão nítida dissipa as miragens, que embaciaram a inteligência paradoxal dos velhos brasileiros...» E mais adiante: «Não há mais lugar para a arte da fadiga, aquela arte de sanatório que já repugnava a Goethe. A arte é uma atividade sadia do espírito humano na dominação da matéria. É uma libertação.» E, em outro passo, seguindo à risca essas proposições iniciais afirma, ainda: «A ação do jovem moderno será eminentemente social. A estética, que o inspira, lhe patenteará pela análise o que é o Brasil e quais os trabalhos extremos a que se deva consagrar. Na incorporação ao país é que está a política dos jovens estetas. Como as antigas mocidades, eles serão atores nos acontecimentos nacionais. Compreenderão que o fato capital da sociabilidade de uma nação é o equilíbrio das classes, fundadas em interesses orgânicos. Sem esse equilíbrio haverá despotismo e escravidão.» E conclui dizendo que o grande trabalho político para o qual é convocada a inteligência brasileira é um trabalho eminentemente construtivo que, em última conclusão visa a cultura espiritual do Brasil, cultural coletiva, construção bem fundada e que mira libertar o espírito da degradante imitação da natureza, da deformação sentimental e da brutal inversão de valores que assistimos nesta época do *argumentum bacculinum*.

É errado pensar que este sodalício deve desdenhar a Política e se interessar por uma Arte muia de interesses humanos. Ledo engano! Naturalmente, aos homens de espírito repugna a polítrique rasteira e degradante que desfigura os fatos e que, na província, visa, principalmente, enlamear reputações e retalhar os homens, ferindo-os pelo lado mais emotivo de sua vida íntima.

Mas, a outra concepção elevada da verdadeira Política que é o debate sereno e superior das idéias num plano onde os homens não perdem o sentido da cortezia e se norteiam como homens polidos pelos seus princípios do cavalheirismo, essa con-

cepção atrai e dignifica o homem, criatura social interessado, naturalmente nos problemas sociais e humanos.

Ora, numa época sangrenta como esta em que o mundo marcha para a efetivação dos mais caros ideais da humanidade, depois de um trágico interlúdio de nacionalismo delirante e mavorótico, agressor e deshumano que leva o mundo ao trágico crepúsculo em que vivemos, a democracia, como superior forma de política, constitui a esperança de todos nós, porque ansiamos pela liberdade e, o princípio fundamental do governo democrático, disse o Aristóteles, é a liberdade.

Porque, desde logo, precisamos afirmar que nunca existiram verdadeiras democracias sem liberdade individual e, como Nitti dizer que «toda forma de governo que pretende fazer viver os homens conforme uma ordem preestabelecida é negação de liberdade» e, dizer ainda, que invocar o bem do Estado, como lei suprema é a forma mais rápida de supressão de todas as liberdades.

Aos intelectuais, aos artistas, a Arte e a Política são duas expressões que se completam no plano superior das atividades espirituais, porque se em Política visamos a completa liberdade pela busca de todas as igualdades, também, a essência da Arte é a liberdade porque, como lembra Gourmont, «*l'Art est libre de toute la liberté de la conscience*».

Esses propósitos e essas tendências, confrades ilustres, devem ser propósitos e tendências desta companhia composta de homens exponenciais, corajosos de sua inteligência e conscientes dos deveres maiores dos intelectuais destes tempos.

A FUNÇÃO DAS LETRAS

Marcada pelas crises mais agudas e mais terríveis de todos os tempos nossa época se debate nas vascas de uma tremenda agonia. Por toda parte os valores mais caros e os ideais mais nobres da Humanidade são rebaixados ao plano da incompreensão e do desinteresse humanos.

O Homem como que, numa época em que a técnica atingiu um dos planos mais altos de perfeição e de eficiência se compraz em destruir todas as suas criações exponenciais. É possível que tudo não passe sinão de transformação num mundo marcado pelo signo da transitoriedade, transformação tão radical, tão profunda, tão deformante que as Cassandras agourentas julgam que estamos à beira de um abismo que a qualquer momento tragará milênios de civilização e de cultura.

Nada subsiste das velhas fórmulas. As realizações técnicas e as criações culturais são ultrapassadas e esquecidas, os valores e os sentimentos humanos mudam de matiz e as próprias doutrinas políticas mudam de forma violentamente trabalhadas todas elas pela desesperação e pelo sofrimento, vincadas pelo egoísmo e por uma ferocidade sem limite.

Em todos os setores da vida a crise vai destruindo o embasamento sôbre o qual, durante largo tempo repousaram os valores humanos. Parece que se cumpre não só o desconsolado pessimismo do Eclesiastes: «aquele que aumenta em sabedoria aumenta em mágua», como a frase de Anatole: «Em todo o mundo a criatura mais infeliz é o homem.»

Mas, em plena noite tenebrosa que atravessamos, vivendo, intensamente o perigo de oscilar entre abismos quando o homem se desligou do passado e vive o presente apenas sob o acicute de um futuro melhor e mais humano, uma luz brilha intensamente mais alta, mais luminosa, como conforto e esperança, luz da inteligência que luta em tôdas as frentes onde os homens buscam a sua redenção, conquistando a liberdade, não algumas mas, tôdas as liberdades pois, são elas que dão, côr, rumo, sentido e valor à própria vida.

A glória das letras está nessa missão, está em que elas se encontram ativas e alertas em tôdas as frentes do mundo, na palavra e nos livros dos líderes do pensamento contemporâneo.

Por isso, se contemplarmos o espetáculo, a um tempo soberbo e aterrador do mundo contraditório em que vivemos com aqueles «olhos de ver» de que falava o padre Vieira, então compreenderemos qual a missão das letras: a de lutar por um mundo melhor, porque, hoje, só o intelectual, diretamente ligado às coisas do mundo, poderá sobreviver como um elemento vivo. Só êsse homem que desce, pela última vez os degraus da torre de marfim para se misturar com o povo e para servi-lo será digno de um mundo novo e melhor. Porque já não se justifica mais a arte pela arte, o artista desligado da vida, o blasé, o indiferente, o requintado ou, os que se divertem nos jogos florais de uma arte inconsequente, o que vale dizer que não haverá lugar aos que traíram a dignidade das letras, cuja função é servir a causa do povo que é a única legítima.

OS ENCARGOS DA ACADEMIA

O culto e a defesa da língua certo constitui um nobre encargo da Academia. É preciso que essa língua feita pelo povo no cadinho misterioso de suas necessidades, com o largo recurso de sua sensibilidade tão cambiante, tão vária se purifique pelo

trabalho de associações como esta e que se transforme por força dessa decantação num instrumento límpido, flexível e suficiente para atender aos homens no trato de seus negócios sociais.

Louvemos esse culto pois, a língua é um dos liames mais forte a ligar uma nacionalidade na combinação de interesses comuns.

Não permitamos, porém o feiticismo, a língua pela língua, o meio como um fim, uma instituição rebaixada ao nível de feitiço e que se transforma em manipanço para adoradores apavahados...

Certo a gramática é, como que a carta da língua, o mapa, a planta dessa urbs tentacular; mas, se é impossível andar numa grande cidade apenas porque se guardou o nome de todas as ruas, avenidas, becos, travessas e vielas, impossível será bem falar, bem escrever, comunicações claras e perceptíveis do pensamento apenas com a memorização de todos os pormenores e minudências da gramática. Porque a língua tem antes de tudo uma função social que Levy Bruhl bem destacou ao dizer que «embora não exista, a bem-dizer sinão no espírito dos indivíduos que a falam não é menos uma realidade social indubitável fundada sobre um conjunto de representações coletivas, pois se impõe a cada um desses indivíduos, preexiste-lhe e lhe sobrevive.» E, ainda, o fino espírito de Remy de Gourmont assinalava no seu *Le Chemin de Velours* que a língua é uma função; a gramática é a análise dessa função. É inútil saber gramática para falar sua língua (sa langue naturelle) como saber fisiologia para respirar e caminhar.

Defensores da língua, sim! Não fanáticos adoradores de um feitiço. E, no mistér de defendê-la está um dos encargos de maior responsabilidade das Academias porque é necessário bem falar e bem escrever para bem pensar. Nobre encargo que a tolerância acadêmica facilita num plano de transigência e entendimento.

Mas, as Academias não se esgotam no exercício dessa única missão.

Em países como o nosso as associações culturais devem, ainda, exercer larga ação social participando, vivamente do processo referente à elevação do nível cultural das massas, na missão educativa que faz dos grupos seletos fatores ativos de cultura. As organizações como esta cumpre uma parte pequena de sua missão obedecendo, apenas aos imperativos estatutários. Elas precisam cooperar e participar, nas primeiras linhas, na solução dos problemas que angustiam a Humanidade. E mais do que qualquer outra corporação esta que retine as eminências de atividades várias está capacitada para se defrontar com os enigmas desta época.

Essa cooperação é possível e, creio que até mesmo vital aos propósitos de continuidade da Academia pois, que é certo que devemos nos ajustar aos imperativos do mundo que surge da presente guerra, onde a cultura será reintegrada em sua dignidade e grandeza e, para o qual os intelectuais serão chamados à responsabilidade dos postos-chaves.

A missão da cultura socializada não é outra senão facilitar a vida, ajudando o Homem no hercúleo esforço de seu próprio e continuado aperfeiçoamento. Já não se compreende, por isso, o intelectual sepultado vivo num gabinete a se divertir com uma arte que não atende, desde logo, aos interesses sociais maiores e mais dignos de serem servidos que os da arte, indiferente aos outros ideais que não os de uma beleza e de uma estética exangues e inumanas.

Estamos vivendo uma época em que qualquer atividade perdeu o seu cunho individual ganhando significação coletiva. Ora, a cultura mais que qualquer outra só se compreende se socializada, se capaz de ajudar as massas. Certo, não se visa com isso estereotipar tendências e padronizar vocações mas aproveitar poderosa arma — a inteligência esclarecida e corajosa que não teme se defrontar com os problemas desta época porque «hoje temos que pensar em escala universal» e, somos todos, como afirmou um gênio gaulês, cidadãos do Universo.

NOME ESPIRITUAL

Senhores Acadêmicos.

Venho em vossa companhia ocupar a cadeira nº 2 sob o alto patrocínio de Joaquim da Costa Siqueira, cronista da Cuiabá colonial, velho paulista companheiro daqueles outros que alargaram as terras do Brasil e que em cada canto deixou uma centelha magnífica de fé, de patriotismo e de continuidade que constitui nossa tradição duradoura e excelente.

Fascinante figura de nossa história é este Joaquim da Costa Siqueira, o segundo cronista cuiabano, continuador da crônica de Barbosa de Sá e, onde os contemporâneos rastreiam a história da cidade natal.

De ilustre família piratiningana, descendente dos Macieis, com 23 anos esse inquieto planaltino que

era um deus vagabundo
a cujos pés tôdas as léguas
viravam caminhos

largou a família, um filho pequeno e partiu em monção para a fantástica Cuiabá, Méca do ouro no século XVIII e onde, em um

mês segundo imaginosos autores se tirou perto de quatrocentas arrobas de ouro, o que significa em linguagem contemporânea, seis mil quilos do precioso metal... incrível se considerarmos que a mina ao tempo devia contar com dois mil homens apenas, cada um com uma produção mensal de três quilos de ouro, absurdo que não se imagina nem se verifica, ainda hoje nas modernas minas que dispõem dos mais avançados recursos técnicos. Pois, para o garimpo lendário, onde as pedras dos fogões eram de ouro e os garotos se divertiam com ouro, viajou Costa Siqueira talvez animado pela miragem da Califórnia e disposto a conquistar riqueza e poderio para sua família, gente nobre, de pura linhagem mas, pobre porque a pobreza foi a condição econômica de Piratininga nos primeiros séculos de sua história.

Varou os sertões cheios já dos ruidos bandeirantes e depois de vencer as quinhentas e trinta léguas que separavam S. Paulo da Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá, por certo cedo se instruiu da realidade sempre pronta em amputar os surtos da imaginação.

Vemo-lo aqui, no meio da vila colonial florescente, que lutava para sobreviver, vereador em 1786, com 46 anos de idade, estimado e acatado de quem o juiz Ordonhes dizia ser «o mais capaz desta vila... pelas suas luzes, critério e conhecida probidade.» A sua contribuição ao conhecimento da história da Vila Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá, esplende no "Compendio Histórico Cronológico das notícias de Cuiabá, repartição da capitania de Cuiabá", «preciosa fonte», no autorizado entender de José de Mesquita, onde se vão abeberar os curiosos do nosso passado.

Nas "Crônicas do Cuiabá" organizado «por ordem da Rainha Nossa Senhora» (d. Maria 1^a) Costa Siqueira retoma os anais de Barbosa de Sá, interrompido desde 1765 quando o primeiro cronista e primeiro «advogado que foi dos auditórios desta vila», daqui se retirou no ano aludido. O trabalho de Costa Siqueira é estimável se se levar em linha de conta que nosso patrono não só refez, corrigindo e acrescentando a obra de Barbosa de Sá, como continuando-a por 41 anos.

O trabalho de Costa Siqueira que está publicado no volume 4^o da Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Estado de S. Paulo, com anotações de Toledo Piza, traça para a posteridade a saga da cidade das monções. Lá está pormenorizada toda a história da cidade que Sutil plantou um dia no sopé da colina do Rosário, dos seus homens, de suas grandezas e misérias, de seus instantes heróicos e sombrios, com detalhes de toda ordem.

Na linguagem empolada e solene do tempo, ericada de termos hirsutos e de adjetivos que soam como palavras de magia aos ouvidos dos contemporâneos, Costa Siqueira revela-se um espírito de eleição, espécie de flôr exótica perdida na lavra, onde a vida é de uma bruteza incrível, em luta áspera e contínua, contra a terra, o selvagem e as doenças

Aqui viveu cinquenta e oito anos, ocupando postos de relevo na administração da república, merecedor da confiança do povo, vereador acatado, proprietário abastado e, sobretudo, dono da mais sortida biblioteca do tempo — os dois armários de livros que pertenceram a Joseph Barbosa de Sá. Espírito de eleição, compondo a crônica numa prosa desembaraçada de quem convivia com as boas letras, Costa Siqueira é de significativa minúcia. Anota laboriosamente os fatos em torno dos quais traça comentários, algumas vezes ásperos em torno de fatos e homens da época.

Sua vida é cheia de mistérios. Por que teria êsse paulista deixado sua família em S. Paulo? Que drama oculto — pergunta Mesquita, historiador saudavelmente curioso — ou que dolorosa fatalidade o impeliria para sempre cortar esses laços afetivos que nos prendem ao lugar do nascimento, à terra dos pais e dos amigos da infância? São interrogações que pertencem aos mistérios daquele tempo e daquele homem que sobreviveu para nós nas duas obras que conhecemos.

Sua importância na história da cidade ressalta-se evidente. Êle anotou os fatos de nossa origem, como cronista do formidável "rush" do ouro que povoou o Oeste, arrastando na mais extraordinária corrida humana, a população piratiningana ávida de aventuras para o burgo nascente numa época em que o mistério palpitava em tôdas as direções por onde os paulistas se punham a bandeirar.

Imaginemos como não seria, no áspero começo de nossa vida política, a Vila inquieta, espécie de colmeia humana estuante de vida, brutal na expansão geográfica e no adensamento demográfico, com os problemas peculiares às minas onde os homens baixam a um plano infra-humano e a ilegalidade campeia entre homens que procuram antes de tudo a riqueza fácil.

Nessa época confusa viveu Costa Siqueira, útil a seu tempo e à sua gente e aqui morreu em 1821 aos oitenta anos de idade.

A biblioteca que lhe acompanhou a vida — conta Mesquita — se desfez. E no arrolamento de seus bens lá encontraram apenas dezeseite volumes de letras sagradas como a mostrar, num símbolo que as outras pereceram, devoradas pelo tempo e, estes fi-

caram a revelar a renúncia desse homem colonial. Ou, talvez, lembrando Montaigne, que viu no livro a melhor munição para as viagens, tivesse Costa Siqueira esgotado suas reservas na longa e tormentosa jornada de sua existência.

CONSAGRAÇÃO

Rodó, pensador magnífico, explicou que toda a obra do homem está vinculada ao meio social em que nasce, por uma íntima relação que não se pôde desconhecer e, muito menos, recusar impunemente.

Se a esse princípio sempre me liguei, agora, ao ocupar nesta corporação uma poltrona aureolada com o nome do venerando cronista de Cuiabá colonial mais essa convicção se transforma para mim em um símbolo em que se concentra todo o esforço da minha inteligência, porque a arte deve se impregnar do espírito de sua época e embasar-se em uma infra estrutura que é o impulso telúrico da terra e o impulso psíquico da gente.

Esse propósito de servir a terra e a gente atinge um sentido universal se subermos impregnar a arte da essência de humanidade que assegura a permanência da criação do espírito.

As modalidades estéticas, os modos, as fórmulas, as expressões passam, só a essência permanece. E essa arte impregnada de humanidade que agita problemas do povo, que abre novas rotas, que ensaia novos caminhos, que revoluciona e que renova, que agita, impulsiona, arrasta, conquista, seduz e vence, essa é a arte eterna e humana que fica para os tempos, como padrão de uma época, o símbolo notável que assinala na longa estrada da vida um momento superior e inesquecível.

Importa, por isso, ao intelectual, ao pensador, ao artista, ao homem que escreve para o povo abrir clareiras na confusão desta época e, tomar as bandeiras da renovação que estão tombadas e com elas iniciar a marcha dos tempos novos.

Porque, como dizia André Gide, «a arte que se submete a uma ortodoxia, seja a da mais pura das doutrinas, está perdida. Naufraga no conformismo. O que a revolução pôde e deve oferecer ao Artista, é, antes de tudo a liberdade. Sem ela a arte perde significação e valor».

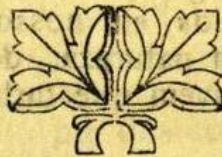
* * *

Falo-vos com sinceridade, Senhores Acadêmicos, ao tomar meu lugar nesta casa pela vez primeira. Nas palavras com que procurei traçar os rumos de minha vida e delinear o sentido de

minhas crenças não tive sinão uma preocupação — o de ser sincero e leal com os meus confrades.

É com êsse alto espírito de lealdade que vim pedir-vos um lugar nesta casa para — como operário modesto, ajudar-vos na obra grande e nobre que é o objetivo mais alto dêste sodalício — a defesa e a propagação da cultura.

Eu vos agradeço e vos asseguro que não deslustrarei as honras desta consagração e não ofuscarei as glórias desta casa; mas, ao contrário, crescerá o meu esforço para vos dar as obras melhores de minha inteligência como oferenda à Academia, à minha terra e à minha gente.



DISCURSO DE RECEPÇÃO

PELO ACADÊMICO OTÁVIO CUNHA

Senhores:

Uma festa da inteligência!

Estamos de parabens!

Está Gervásio Leite sendo recebido e ocupando a cadeira nº 2, da qual é patrono Joaquim da Costa Siqueira. E de muitos parabens a Academia Matogrossense de Letras por tão auspicioso acontecimento. Canta, ainda, em nossos ouvidos um hino tropical, retratando pedaços da natureza, desenhando anseios da humanidade, rasgando a nuvem que turba o sol da humana ventura de amanhã.

Acabamos de ouvir sua bela oração que tem o ritmo cadenciado na vida das cousas imortais e fotografa, em traços nítidos, alguns dos perfis do espírito brilhante do nosso novel confrade.

Alguns dos perfis, sim, porque o espírito do homem de talento ou de gênio não tem a fôrma única da vastidão do oceano — de face coberta das rugas das ondas, mas tem o feitio multiforme da terra — cheia de vales e rios, altos e baixos, matas e campos e, de abismos e montanhas — esses minaretes de cabelos de neve — muito tristes, de uma tristeza muito branca, porque não podem crescer mais para colher estrelas...

Alguns dos perfis, sim, porque ao conhecer o estudante Gervásio Leite, no Rio, como que me senti extasiado! Discorria eloquentemente sobre variados assuntos desde os literários até os filosóficos e sociais. Vi nêsse espírito vivo, criador, tremeluzente, muitas facetas polidas, muitas facetas se polindo, ví êsse

diamante, ainda em lapidação. O acaso me levou a hospedar-me, sob o mesmo teto, na mesma casa onde residia o bacharelado Gervásio Leite.

Na dança, ora macabra, ora festiva da vida, vamos conhecendo muitas pessoas, mas são poucas as que vêm preparadas para entrar na morada do coração... A culpa disso está na lei da afinidade eletiva. Bendita a hora que cruzei os humbrais da casa nº 17 de Riachuelo. Era uma morada para estudantes, tão digna deles quanto de um magistrado de Mato-Grosso de salários reduzidos... A verdade é que durante muitos meses tive a felicidade do convívio afetuoso e bom de quem se impunha e me extasiava pelo fulgor da sua culta inteligência e pela bondade da sua delicadeza e da sua esmerada educação.

Embora haja na gente alguma cousa de fátuo, a fatuidade alheia acaba dando repulsão. Não encontrei, não vi no *animus* do notável estudante — do moço sábio, sentimentos egoístas, que se não apagam o valor, salpicam de pontos negros a brancura lantejoulante dos pensamentos creadores.

Casa da rua Riachuelo! Tebáida dos sonhos de Gervásio Leite! Marco que lhe mostra o caminho percorrido e o caminho a percorrer. Aquele — cheio de esperanças e este, tapetado de flores a cobri-lo de glória! Glórias obtidas nas batalhas das letras. A pena do artista constroe; a espada do guerreiro decepa. Bilac deve valer mais do que Cesar... Os poetas são vossos irmãos, Sr. Gervásio Leite.

* * *

Como é sabido já na sua jornada de estudante, Gervásio Leite não se delimitara aos estudos de Direito conforme muitos fazem, não se interessando por qualquer outro. O exemplo disso está em Araujo Jorge que foi nosso ministro em Portugal e, hoje está aposentado no Rio. Estudioso do Direito e da Filosofia e, já no quinto ano, nunca havia lido um livro de versos dos nossos poetas, nem dos poetas de outras plagas. Morávamos na mesma república no Recife, à rua Nova nº 24. Um dia se aproxima de mim. Eu estava lendo Bilac e disse-lhe: escuta isso — «Outono em frente ao mar — escancarar as janelas.» Araujo Jorge toma-me o livro e, o meu amigo e colega de todo o curso jurídico, que não lia versos, devorou-o em seguida leitura e se penitenciou e me agradeceu a lembrança de chamar a sua atenção para os encantos da poesia.

É certo que são muito vastos o Direito e os programas de ensino nas Faculdades. É a ciência creadora das leis. Dentro dela há um mundo, para dentro do qual tem muito que se agitar a inteligência, na compreensão e na assimilação. É pelo Direito que se constitucionaliza um povo, que se organiza uma sociedade,

que se estabiliza a paz, que se regularizam as relações privadas e públicas; é somente sob sua égide que pôde ser bem vivida a vida humana. Fóra dele é a desordem que impera, é a intranquilidade física e moral, é a inquietude dos espíritos, é o mal coroando o mal e a crescer até a guerra de um povo ou a conflagração de todos os povos. A guerra — êsse monstro de tentáculos de fogo que só se sacia quando mais nada tem a destruir e a devorar...

Não estou divagando, sr. Gervásio Leite, não o estou, meus senhores. Estou rendendo um culto da Academia ao recipiendário illustre, ao jovem mas, já notavel advogado — ao missionário do Direito — ao mourejador que desbrava os caminhos, por onde a Justiça passa alumiada.

É muito vasto o estudo do Direito, sim, mas, por mais lato que pareça, a mocidade poderá aprendê-lo, não deixando de lado o interesse por outros estudos que favorecem o desenvolvimento da inteligência e força, suavemente, o cérebro à ginástica do pensamento. Gervásio Leite é um exemplo disso para a mocidade. É um leitor, é um estudioso! O tempo da mocidade, assim o enxergam os olhos da velhice, é muito longo. A mocidade tem um dia imenso, como o dia polar da metade do ano, da metade quasi certa da vida, que a outra metade poderá ser noite. Mas, não há frio glacial, porque reina um calor suavíssimo de primavera...

Tem um período somente, mais muito longo, de clarão que parece um luzeiro. É dona dêsse tempo bom. Como que um arco-iris de predominante côr de rosas rubras desce do alto céu e se enrosca em largo círculo em derredor da mocidade, para que os seus olhos tudo vejam numa palpitação de luz e de beleza.

Se dispõe de tempo e da vida que exubera nêsse róseo período da existência e se torna incerta quando ela passa, não é justo que alguns moços nada mais queiram saber sinão do estudo a que se dedicam. Lêr, lêr muito, lêr tudo! Lêr muito é preparar o cérebro, destiná-lo ao desenvolvimento de novas criações, que serão mais tarde plasmadas no mármore liso da prosa iluminada, ou da poesia rumorosa, que canta o que todos sentem mas só o poeta é capaz de expressar.

Gervásio Leite seguia êsse preceito e está compondo uma obra, em prosa e verso, marcada pelo signo da beleza.

Matogrossense, da terra da grande flôr das águas, as suas produções são vitórias régias confeccionadas pela sua criação artística e caprichosa.

É nos trabalhos dos escritores que os futuros ourives das idéias, nos cem gráus da ebulição inspiradora, exercitam as mãos

leves da arte, marchetada de pensamentos criadores para a confecção quasi perfeita da vitória régia de uma criação artística. Quasi perfeita, sim, porque não se sabe quando e como se conquistará a perfeição — moldada na suprema perfeição. Saída do cadinho vulcânico da inspiração, basta ser afastada do calor da inspiração, basta um sopro de vento, que rodamoinha na tenda dos encantos, para, quando nada, trincar, embora de leve, uma pétala de flôr idealizada à custa de tanto enleio, de tanto amor, de tanto carinho e de tanto delírio! Sim — artista! O trabalho é perfeito no instante do acabamento, no momento miraculoso de tua glória! Instante mágico de alegria palpitante e quente! Mas... é tão tirana a insaciedade do artista!... És tu um irmão do abismo de fauces escancaradas, bebendo linfas de sonho, e nunca se sacia a tua sede, e nunca se enche das águas dos céus e das águas dos arroyos o teu bojo sem fundo. És a miniatura de teu irmão Deus, que fez o Universo cheio de estrelas e sóis e, ainda, como se não achasse tudo bom, continua a produzir novos astros que se equilibram, misteriosamente, no eter infinito.

Poeta! Na beleza das tuas canções só te deleitas, enquanto sob os teus olhares, estão elas ainda fumegando, esparzindo centelhas do fogo divino com que se aquece a tua criação, nessa hora sublime em que terminas de mourejar na oficina das tuas lidas, erguida dentro de teu *eu* formidável e, contemplas, sorrindo a tua alma, sorrindo o teu coração, o fruto sazonado de teu labor estético.

Depois... ao teu delirante prazer — sucede uma tristeza original — uma espécie de doença repentina que te prostra na solidão de um deserto! — Doença do estado d'alma do poeta — partícula latente e viva de Deus — que separou, depois de seis dias de trabalho — o sétimo para descansar. Por que, poeta, tu te revoltas ao chegar teu sétimo dia? Se dentro de cada seis dias a tua forja ou o teu buril fundiu ou lavrou uma peça de esplendor.

Aceita o castigo, em toda a sua enormidade, que não é castigo mas, destino que, nem Deus dele escapou, apesar da potência de sua divindade, apesar de ser Êle o mestre supremo, o artista supremo. O cansaço, depois de terminada a obra que poderia ser mais perfeita aos olhos do artista, é um mixto de fadiga e de esperança, de anseio e dessa ambição que se enrosca na alma do beduino que deseja unir todos os oasis num só para que o pégaso em que monta e vôa, não pise as areias quentes e fofas do deserto... E dá-lhe essa ansiedade e esse fraquejar momentâneo tão bem delineado por Bilac — quando esse construtor de monumentos maviosos e gigantescos, julga ser quasi nada a genial produção que nos legou e exclama e traduz aquele estado d'alma do artista, e brada como se a descrença bradasse:

«... e o poeta
quando pensa que vai cair ao pé de um mundo
e cai, vaidade humana, ao pé de um grão de areia!»

Não é tanto assim, não é! (Perdoe o Mestre querido a quem a Morte não matou). O que há é uma sonolência do espírito depois da mais acesa vigília... O que há — é como que um curto repouso do despertar — já de olhos abertos... O que há é uma espera natural da vinda da disposição para o novo dia do mourejamento... O que há é que o próprio sol sem poder iluminar tôda a terra de uma só vez, depõe o seu beijo de luz, cada dia em uma das faces dela.

Poeta! Não se póde oscular as faces da mulher amada com um só beijo. São preciso dois beijos, ou, então... muitos beijos!

Torno a repetir. É nos livros de poetas que se torneia o espírito sutil do poeta. Quando se diz poesia, evoca-se a beleza, contempla-se o infinito! É tão vivamente humano e sobrehumano ao mesmo tempo, o encanto da poesia que só se parece e se confunde com ele e se entranha nela a música, filha dos mundos ignotos, evocação de mistérios, linguagem dos anjos que vem, para o cérebro de um Beethoven, não se sabe de onde, se de algum astro se de todos os astros ou, ainda de todos os céus embalar a alma humana, prendê-la, magoá-la, enlevá-la e conduzi-la até aos confins não medidos das esplanadas etéreas...

Quem sabe se não venham do mesmo Oriente da inspiração a música e a poesia? Suponho que poesia é música e música é poesia... Não há verso de Poeta que não tenha o ritmo da música, não há música de *Maestro* que não seja verso. Respiraram as mesmas ventanias da Natureza, bracejaram nas mesmas nuvens, voaram no mesmo espaço. Todo o verso é musicavel, toda a música é possível de ser posta em verso, pois se balançam na mesma rede rútila do ritmo.

Sentem eles as mesmas enoções, saem juntos da mesma tenda do sonho, e tudo é Parnaso... e vão pela mesma estrada real que se bifurca adiante — e cada um toma o seu lado; mas, um pouco adiante — os caminhos caem n'um só — na mesma estrada real, que vai dar à montanha da Glória, que eles galgam, brilhantes voando já, como se fossem anjos de azas de luz...

Estão cantando juntos — o som da palavra e a palavra do som! Misteriosas criaturas com que o Creador enfeitou a humanidade. Um músico ou compositor dá à Pátria o hino brasileiro; um poeta dá ao hino a canção gloriosa do Brasil! E nesses versos entoados, vê-se a imagem da Pátria cantando pelos lábios dos seus filhos, de todos os seus filhos. São irmãos gêmeos esses sonhadores que realizam, esses realizadores que sonham!...

São como as nuvens que se metamorfoseam em chuvas criadoras, são sementes fecundas que se transformam em árvores, frutos e sementes para a perpetuidade da beleza, que é o espírito da Arte. Desde Homero, cujos cantos vibraram quando o mundo nasceu, até o mais moço dos poetas, que, findou, há um segundo apenas, de rascunhar a sua primeira trova, não há solução de continuidade entre essa casta de eleitos dos céus! Eles tem olhos divinos, que enxergam os multiformes aspetos do Infinito e dos astros, o cinema das nuvens doudejantes, a agitação dos ventos, e o mar com ondulações repetidas e serenando como um lago de águas mortas ao cair do *terral*, e as ondas com as suas corôas fugaces de espumas brancas, e escutam e traduzem para o verso formoso a voz das águas correntes, as alegrias d'alma humana, as tristezas dos corações doridos, os suspiros da saudade, os gemidos do coração, e a dolorosa cena do Calvario!... E são profetas e são terríveis—esses adivinhos bravios, esses irmãos de Daniel—esses émulos dos profetas bíblicos. Profetisaram, profetisam, e profetisarão! Construiste, Castro Alves, o teu navio negro, e combateste e mataste a escravidão; venceste! A tua vitória nos deu a Pátria livre, a igualdade racial de seus filhos.

Casemiro de Abreu... quanto é delicado esse enfermeiro doente da própria saudade, da nossa saudade ao nascer, ao crescer, vigiando o seu leito pequenino.

Fagundes Varela—esse cantor das selvas, o cantor dos aborígenes, o inoculador bendito do amôr à grande raça, cujo sangue se misturou e circula nas veias do nosso povo... E esse genio fez prosélitos, criou apóstolos abenegados, a lutar contra os escravizadores do braço manejador do arco e da flecha, a pregar pelo respeito e a combater na defesa, a que têm incontestavel oireito, os legítimos filhos da Terra de Santa Cruz.

Fez um Rondon— grande General do Exército e mais glorioso ainda como General dos Sertões, que é o *Saulo* ardente dessa cruzada humana de amôr e de justiça em prol dos nossos irmãos caboclos, esses esquecidos de um seu passado florente, por deixarem aquiem de séculos transcorridos uma civilização, que talvez seja a que a humanidade de hoje se esforça por achar... A vida d'eles em comum — na caça, na pesca, na taba e nas refeições não representará uma parte da solução do problema social, que só a Russia decifrou?

Mais do que vitórias em sanguinolentos combates, um Gonçalves Dias, um Alfredo Varela e por fim um Bilac, nos seus cantos que povoam de venturas os nossos pensamentos e os nossos corações, que percorrem o vasto semi-círculo das nossas fronteiras, que fitam o Atlântico, por sobre o qual se debruçam

as praias brancas do Brasil, muito mais do que vitórias e sangue esses poetas e esses filhos de Euterpe nos ensinam a amar a Pátria, com todas as forças das nossas almas, com toda a coragem dos nossos corações.

«Minha terra tem palmeiras
onde canta o sabiá...
não permita Deus que eu morra
sem que volte para lá.»

São versos que brilham mais do que cintilações de baionetas de aço polido.

Parece, Senhores, talvez pareça ao brilhante recipiendário que estou divagando, mas não há tal; é no seu espírito que procuro me inspirar!

Não estou, porque nem o coração da minh'alma e nem a alma do meu coração enxergam nesta hora solene outrem que não o nosso querido e admirado poeta Gervásio Leite. Si *quid* há nesta oração, é por êle inspirada, todo o brilho é d'ele.

Evoquei alguns dos seus irmãos, os seus iguais — para que viessem do plano etéreo, em que hoje vivem, compartilhar da nossa festa da inteligência, nesta Academia, cujas portas se abriram e nela entrou o poeta, como um jorro de luz, como um hino de vitória para os nossos braços, para o nosso convívio e para ouvir de todos nós o canto de aleluia da sua immortalidade. Que os poetas me socorram e me ajudem.

Penso até que eu deveria ter rogado a muitos outros vates viessem assistir essa tertúlia, que dessem o enfeite das límpidas imagens das suas criações às minhas toscas palavras em honra do jovem acadêmico, porque se me não referisse a alguns dentre eles — essas contas do rosário feito dos poetas, não estava rendendo a perfeita homenagem ao poeta Gervásio Leite, que, para honra nossa se assenta, lado a lado, dos aêdos desta Casa, que os tem, e são figuras muito representativas da poesia matogrossense, da poesia brasileira.

Ao teu lado, na missa de uma só crença, e na comunhão da hostia misteriosa da inspiração, estão aqui, os teus irmãos de ideal, que procuraste ou que te procuraram impelidos pela força congraçante, unificadora da lei que irmana os mesmos sentimentos, nas mesmas ascensões ditadas pelo ideal.

O livro da Poesia só se acaba de escrever quando o mundo se acabar. Livro de muitos volumes! Cada geração de poetas colabora n'um d'eles. A de hoje prepara o tomo de que foi incumbida pelo Destino.

Viestes, Sr. Gervásio Leite, colaborar n'um capítulo do volume deste Século com os poetas d'esta Academia. Além de outros, são teus companheiros de labor neste cenáculo:

→ Maria Müller — a poetisa de Mato-Grosso. — Há nos seus versos a coloração da sua índole dedicada ao bem! A sua terra natal fala por seus lábios. E' patriota essa poetisa. E ela canta assim:

ANTE A QUEIMADA

Em Julho, a mata toma a côr dolente
da ágata sombria e misteriosa,
sua vida intensa torna-se latente
desde que falta a chuva generosa.

.....

Terra! gleba fecunda! Tanto susto
sinto e estremeco ao ver-te comburida,
presa das chamas, como o solo adusto
da Lybia pelo atroz *simam* despida.

Crianças! Homens de amanhã! Ouvi!
Transmitam vos meus versos esta dôr
da terra castigada, que senti,
clamai para cessar tamanho horrôr!

D. Aquino Corrêa, arcebispo e poeta. E' o sacerdote máximo da Igreja em Mato-Grosso. E' um príncipe da Igreja.

Pareça irreverência, que não é; mas prefiro chamá-lo por seu nome, sem títulos, que não seja o de poeta — esse título com que Deus costuma agraciar os seus eleitos, que nascem para cantar! Outras denominações são conquistas da razão, obtidas em fases, já adultas, da vida. Feliz d'Ele na duplicidade de sacerdócios, mas, cousa estranha, para UM — o título tem que estar apostado ao nome, e para o outro vive fulgurante dentro do proprio nome. Creio assim porque um desses construtores de canções, cujo nome não me vem à memoria, sentenciou desse modo:

«O poeta é um sacerdote
que entra nos céus quando se põe a orar!
Deus deu-lhe a sina
de sofrer, de penar!
mas deu-lheo dote
de cantar!

Vaga em mundos astrais—mundos etéreos
vistos pela intuição,
que para os sábios são mistérios
fóra de toda a explicação.»

Por tais motivos, permita Aquino Corrêa, como os demais poetas desta casa, que sejam enfeitadas as minhas palavras a Cervásio Leite, com uma das belezas das suas letras, com uma pétala trazida dos seus jardins plantados de roseirais em

flor; com um soneto, que no ano de 1932 o poeta leu para eu ouvir e nunca mais me saíu da memória. Tem a beleza da originalidade o tema desses versos:

O VELHO ONCEIRO

Fôra o rei dos onceiros, e Trabuco
era o seu nome. Mas ninguém diria
do seu passado, ao vê-lo então caduco
a dormir e a rosnar, sem serventia.

Se dentre o cheiro de algum acre suco
da mata, o faro da onça ele sentia
saía e acuava (pobre cão maluco!)
ao pé de qualquer árvore bravia.

E o seu ladrar na solidão do mato
tinha *um quê* de tão lúgubre e agoureiro
que parecia estremecer as flores...

Triste de quem confiou no mundo ingrato,
e depois chora como o velho onceiro
as mortas ilusões dos seus amores!

Aqui está, presidindo a sessão solene da tua posse, Gervásio Leite, um poeta, que encarna o espírito-fundador e o espírito vivificante do existir da nossa Academia. É José de Mesquita. Já disse, e está no nº 1 da nossa Revista, sobre ele o que eu senti, e que ele: «vive a cantar em lira afinada a terra, e o firmamento do seu torrão natal... cascatas reboujando... murmurios das selvas e das águas... até as paisagens inconstantes das nuvens, ao pincel invisível dos ventos, na ampla tela onde o sol passeia o seu corpo de luz». Ele canta o que é o poeta, o que tu és também, Gervásio Leite. Esse camponez que possui glebas infindáveis onde semeia os sonhos e as esperanças da vida, e diz assim:

O SEMEADOR

O Poeta é lavrador de uma gleba abençoada
que o ante-verão flori e o inverno não destouca.
O prazer de semear lhe é tarefa sagrada,
e diante d'ele toda a glória humana é pouca.

Cirano, muita vez, celebra a sua Amada,
a qual nem lhe percebe a paixão alta e louca,
e vê, com que pesar! de baixo da sacada
o beijo de Roxana abotoar n'outra boca...

Mas — é a compensação que sorri aos poetas —
quanta vez sua lira em sonâncias discretas
encontra um coração que no silêncio o amou...

Margarida gentil, de alma e de corpo lindo,
e, como Alain Chartier, é beijado, dormindo,
sem nunca pressintir o lábio que o beijou...

Oscarino Ramos — é o inspirado cantor da sua cidade natal — Cáceres — a terra afamada! Parece que o torrão do berço nasce — quando nascemos — é pequenino, é a mesma criança; e para a criança vai aumentando na proporção do nosso crescimento. Começamos a andar, e, de passo em passo, vamos medindo o seu tamanho e como que vai se avolumando conosco e paira quando paramos de crescer — conhecemos todas as ruas, todas as casas, todas as pessoas, todas as árvores, e, quem sabe, todos os pássaros e todas as borboletas — essas bússolas desconcertadas que nos levaram de rua em rua, de beco em beco, do rio ao córrego... de travessura em travessura... Causas da meninice... e é n'essa irresponsabilidade santa da infância que assenta a responsabilidade adulta da vida humana!...

Seus cantos não são somente de amor, mas são hinos de devoção ao Brasil porque é um pedaço da Pátria esta Cáceres maravilhosa, cuja belesa o poeta descreve em muitos poemas e no poema:

MINHA TERRA

Amo a minha terra.

Amo a mais ainda quando chega Outubro,
com ele as primeiras chuvas.

.....
Em mim desperta esta alegria imensa
quando vejo-te assim, oh! minha terra,
verde, toda florida,
toda cheia de aves,
e canto!

para que meus versos subam
até aos infinitos dos teus céus,
para que saibas
que a minha maior glória
é ter nascido em teu regaço.

Alyrio de Figueirêdo — a sentinela que está de pé no vestibulo do mundo, anunciando a glória dos expoentes da literatura de todas idades: Virgílio, Camões, Camilo, Machado de Assis, Bilac, Vitor Hugo e muitos outros, ele os colocou nos obeliscos da prata branca dos seus versos enfeitados desses encantos sutis que não são segredos do artista, mas originalidades da sua própria natureza. "Poemas e Poeira" é um livro de versos impressionantes. Atenta no lirismo mavioso de Luiz Urbino e dá bela forma portuguesa a muitos dos seus versos. Alirio, no que é seu, caminhou ou caminha para essa poesia d'alma humana — a mais elevada concepção da poesia que Anthero de Quental fi-

xou no seu diálogo com a Morte: «respondi-lhe: a minh'alma já morreu»; e Raimundo Correia na "Dor Secreta":

«quanta gente que inveja causa agora,
talvez então piedade nos causasse.»

E assim Alyrio pesca no oceano d'alma humana, páginas como esta:

«Mente o conforto e a calma, assim suponho;
e no seio fecundo da amargura
bebo a verdade que em meus versos ponho.

E vejo a terra de alegria cheia...
a dizer-me, no entanto, que a ventura
é uma ilusão da desventura alheia.»

José Raul Vilá começa a cantar muito jovem. O estudante do Liceu Cuiabano vê um homem que apenas jurava a si mesmo cumprir o seu dever. É o mesmo que se compromete a chegar ao fim de uma jornada por caminhos desconhecidos. Contempla esse homem bronzado e forte, vestindo a cota de malha do ideal. Este selvagem civilisadíssimo penetra pela Pátria muito a dentro. O remoto sertão, pela boca das linhas telegráficas, fala com o litoral. Este grande conquistador das selvas é muito maior ainda quando conquista corações: os corações, cheios de medo e cheios de vingança, dos aborígenes, inundando-os de amor. O homem é uma partícula da humanidade, e por isso é pequeno. É grande, é distinto quando o heroísmo o arrebatava às cumeadas da glória. Rondon cumpriu o seu dever; tornou-se herói! Combateu e venceu os inimigos da vitória do ideal: o desânimo e a inveja. Vilá segue-lhe os passos com os olhos d'alma moça, que enxerga até na escuridão das noites tempestuosas... Extasia-se e canta. Aquele acende um cérebro e o poeta identifica o herói. Ambos se conquistam: um descende de Ogygia e o outro vem de Homero.

E o poeta escreveu a Rondonia, belo poema— nesse estilo altiloquente de Virgílio a Camões. E nesse solar solene das glórias de Rondon, há candelabros assim, que dardejам claridades que nunca se apagarão:

«Como o gran Macedonio armipotente
uma cidade florescer fazia
quando cravava a lâmina luzente
da sua poderosa espada fria;
assim, também, se tua voz fluente
congraçava a feroz selvageria,
uma ridente povoação brotava,
que, como branca flôr, desabrochava.»

Lamartine Mendes é poeta até emigrando — esse pintasilgo matogrossense. . . Na sua lira não há uma corda que não seja vibrada, e lhe não tenha dado os harmoniosos acordes que os poetas sabem tirar do seu fantástico instrumento. Como Bilac, tem a sua via-láctea, que o é, em beleza, o seu livro "Aguas Passadas". Como que se escuta o poeta das estrelas na forma e na graça. Eis um exemplo:

Escutei — era a bruma. Ela falava:
 «Das que hei sonhado, a mais gentil que existe
 é de uma palidez de moija.» E, triste
 calou-se. Ouvindo a bruma, a ave cantava:

«A que tem na cabeça uma onda flava
 é de meiguice a que ninguém resiste;»
 «de todas a que eu quero,» a flor insiste,
 «o olhar possui de uma rolinha brava.»

Desce da altura uma canção de poeta:

«A mais bela de todas,» — era a estrela, —
 «tem de prantos no rir fonte secreta.»

E ouvindo astros e flôr e aves e brumas,
 a mais gentil, meiga, querida e bela
 de todas vi que eras tu mesma, em suma.

Ulysses Cuiabano — canta desde muito jovem, quando, por certo, começou a estudar os sussurros enfeitiçadores das águas crespas do rio Cuiabá. Cuiabano no nome e cuiabaníssimo no amor ciumento ao torrão natal. Flexava, esse caboclo inspirado, com as suas sátiras os que subiam o seu rio, "os paus rodados" que aportavam à sua terra e desconfiava que não rendiam as homenagens devidas à hospitalidade do povo mais hospitaleiro do mundo. Não teve n'alma os angústias do filho de Itaca — seu homônimo. Nunca chorou nas praias das terras batidas por um mar as saudades dos penates, porque nunca se abalançou a buscar outras plagas, batidas pelas tempestades. . .

Se pudesse, para que as águas não se fossem, correndo, transportaria a Serra Azul para trancar a caudal do seu rio ou desviaria até ela o curso dessa linfa prodígio, desse comunista internacional que leva terras matogrossenses para estranhos países. . . E o poeta adora o seu rio natal e em versos maviosos, canta-lhe a beleza e as suas lendas, lendas interessantes como esta:

Conta a lenda que em noite albente de luar
 um rude canoeiro, a sós, pescando à vara,
 de muito "peso" estava e inda nada apanhara
 apesar dos ardis que sabia empregar.

«Inda que seja o diabo agora hei de pescar»
disse o caboclo iscando o anzol, e mal jogara
a linhada ao perau, esta, logo, esticara
puchada por um peixe enorme e não vulgar.

A luta foi tremenda e fatigante a empreza,
até que enfim o bravo e rijo pescador
conseguiu tirar d'agua a desejada presa.

Hoje vive o caboclo inteiramente gira,
pois fisgára no anzol a própria mãe, que horror!
por um castigo atroz que o diabo lhe infligira.

Rubens de Mendonça.—É recente no nosso meio acadêmico. Boêmio, ama a noite até a meia noite. Gosta de sentar-se n'um banco de pedra do jardim Ipiranga, onde há flores e anosas palmeiras. Aprendeu a fazer versos com o vento a murmurar nos leques dessas heroínas tropicais, de lança em riste para as bandas dos céus, como se fossem deusas castigadas, presas ao chão, pelo pecado de querer o Olímpo... Autor de muitos livros de fecundidade extraordinária, o moço poeta enfeita de belesas as suas produções, como por exemplo:

A PEDRA

Interroguei sobre o destino humano
ao mar, ao céu, a toda a natureza...
e ninguém me informara com certeza
qual era o fim deste sofrer insano...

Ninguém me respondeu e, com tristeza,
eu fui de desengano em desengano,
pedir a um velho sábio já decano,
me tirasse de vez desta incerteza...

E o velho sábio, um santo, me fitando,
com voz trêmula me foi assim falando:
«tú sofres tanto, como soffro eu!»

À pedra interroguei do meu destino,
e ela a rolar me disse em desatino:
«o teu destino é bem igual ao meu!»

Castro Brasil— é um poeta notavel. Folheia o livro da vida humana e onde há uma página em branco, ele a preenche transcrevendo do papyrus alvinitente da su'alma de artista e filósofo verdades sobre a vida do espírito a se agitar por sobre as realidades do mundo. Eil-o na:

A SOMBRA

Vens de longe, vens, passo sobre passo,
os meus passos na vida acompanhando,
sempre o teu vulto esquelético arrastando
por onde arrasto este meu corpo lasso.

Teus olhos de um fulgor soturno e baço,
sempre fixos em mim, me estão fitando:
—olhar de quem, talvez, está chorando...
—olhar de quem é morto de canção...

De que sombrio tûmulo te ergueste,
oh! solitária sombra que vieste
para seguir na vida a minha sorte?

E's a minha consciência? és a verdade?
és a sombra, talvez, de uma saudade,
ou és a sombra fantástica da Morte?!

Rosario Congro.— É o príncipe das originalidades. Original até no nome inconfundível. Político e orador fluente, há sido um Mirabeau matogrossense, mas nem sempre os seus hombros esbarram o tombar da avalanche e vê, mais feliz que o Tribuna francês que morreu entre rosas, o desmoronar de um partido... Consola-se em fazer versos, porque é poeta, e ama a vida e ama o amor. O seu poema *Inaiá* é uua obra prima de lirismo. E ao passar pelos campos sulinos, pontilhado de palmeiras, como resando preces à natureza que os criou, ele desenha assim esse sublime quadro:

O CARANDAZAL

Sobre o verde estendal da campina infinita,
se ergue da copernícia a esbelta colunata;
o rio imenso e belo, estirado, dormita
e a sombra dos sarás nas aguas se dilata.

Hora de escurecer. De noite a alma precita
o pantanal invade e envolve, ao longe, a mata...
A plangitiva anhumana esta quietude habita...
Tardio um baguary o amplo vôo desata.

Qual o fulvo jaguar, féro, o dorso arripia,
assim do rio, agora, as vagas se atropelam...
Uiva, sibila e brame a rija ventania...

As árvores açoita! as copas se escabelam
dos altos carandás. Tormentosas, dir-se-ia
que as bacantes furiais, infrenes, se revelam?

Está Gervásio Leite posto entre os seus, na região dos seus iguais. E' um poeta da nova geração, e, por isso, é um poeta da escola moderna. E' desta classe de poetas que não se sujeitam ao metro, que não se jungem à rima. Não se pode negar que são uns descobridores de novas belezas, que sabem enfileirar em frases estonteantes, ou, como querem, em versos sem ajujos...

Gervásio Leite é um desses—mas é poeta—porque é capaz de versejar os seus inspirados pensamentos e as criações torrenciais que rumorejam no seu cérebro privilegiado, sem disciplina de qualquer escola, porque a sua, se disciplina tem, é a dos ventos opostos, brigando, pela posse da floresta: e surge a beleza da agitação dos troncos e dos ramos... E' um d'esses, que levantam vôo das altas ramadas das árvores mais altas, onde as arapongas fazem ninho e o iapurú cantando hipnotisa os alados músicos das selvas, ou dos eimos das cordilheiras, onde as águias descansam, e sobem e se levantam, batendo as azas da inspiração, até a estratosfera, e vai acima ainda, e muito acima... onde talvez camadas de claridade e camadas de trevas se sucedem umas sobre as outras...

Poeta da nova geração, tem agora a Academia Matogrossense de Letras mais um genuíno representante da Escola Moderna. Acabamos, há poucos minutos, de ouvir, recitado magistralmente pela mimosa senhorita Helena Müller, talentosa dona da arte de dizer, o magestoso poema "Avião da Vingança".

Sentimos, a escutá-la, tão bem interpretado por tão genial *diseuse*, eflúvios de emoções, estremecimentos d'alma, a coragem de heróis lutando, e como que, ao findar se tão grande peleja, vimos a imagem da Paz coroada de louros!

O Poeta toma-nos pela mão e nos faz entrar no seu descomunal "Avião da Vingança", de azas feitas do alumínio endurecido da sua coragem cívica, e de motores construídos do aço inoxidável da sua fé sincera na ventura de toda humanidade...

E esse "Avião da Vingança", estruturado de tão sutil matéria plástica — pensamentos do poeta — é ele mesmo, porque é criação sua! E' um ente vivo... O Poeta fala e ele escuta e ele entende e ele obedece ao seu comando e vai fazer o mal e vai fazer o bem, que lhe é ordenado — o mal — castigo dos maus — o bem — o prêmio dos bons — a liberdade dos oprimidos!

*«Tuas azas sobrevoarão aos mares e os continentes
e tuas azas metralharão num supremo ato de justiça,
os bárbaros, que, um dia, envolveram teus irmãos num lençol de espumas.»*

Poema de guerra — é a guerra sem tréguas, com todos os seus ímpetos avançando, com todos os seus recursos destruindo, com todas as violências do direito beligerante em ação renitente...

Mas para que ardeia o poeta êsses aparatos de destruição e incendieia a Terra? Saberemos depois. E ele, transfigurado n'um profeta do amôr universal, e da harmonia dos Povos, é um guerreiro impávido armado das forças do Céu para destruir as forças do Inferno...

E êsse poema épico e bucólico, de dupla feição, é também a canção venturosa da Humanidade feliz:

< e que a Paz voltou novamente
— a paz que alegra as colheitas
— a paz que canta nas charruas >.

Há n'ele Homero cantando a glória dos heróis; e há Virgílio a cantar a fartura das seáras.

E' grande a produção poética do jovem acadêmico. Os seus poemas são muitos: *América, Ausência do irmão Frederico, Homem, Poema da Cidade Tentacular, As Estrelas estão loucas, Canto da Libertação...*

São monumentos de inspiração e de beleza, resistentes ao calor da crítica injusta, como as estátuas de bronze que o incêndio lambe, passa, se apaga e não destroi!

São joias de pensamentos escritos, dardejando, mais a mais, cintilações do talento criador dêsse enamorado querido das Musas.

São poemas cheios dos mais variados temas, que agitam a sensibilidade de um cérebro fecundo, em que as idéias e as imagens do cantor inspirado se parecem com os múltiplos córregos e riachos, nos dias de chuvas grossas, a encher e a rolar catadupas de águas até desembocarem pelas bocas das barras, que beijam o Cuiabá, que, antes sereno, toma a forma gigante de torrente caudal.

E essa torrente — o rio cheio — vai, caminha e corre até o mar e vai de mar em mar, águas se misturando, águas já misturadas, para a comunhão das águas, vindas de todos os rios, de todas as terras, caídas de todos os céus, e afagam em húmidas carícias as praias brancas de todos os continentes. Os versos de Gervásio Leite são assim, é que a natureza da sua terra natal lhe deu a natureza que ele tem.

Terra natal! que natureza esparsa! tem frio e tem calor, tem chuvas e estiadas, relâmpagos e trovões, tempestades que rugem e bonanças serenas... Amaldiçoa ele como um posseso a tirania hodierna que fez o mundo sair dos eixos da harmonia humana.

E o poeta, armado do gládio dos seus versos vivos, combate pela paz do mundo! É um cosmopolita esse soldado das Musas! Ele quer a paz na Terra, belo ideal pelo qual não se cança de pelear. Seus versos, ou melhor, seus pensamentos poéticos irão ou já estão indo por essas outras praias brancas, formadas pelos cérebros desses homens, que são os continentes do mundo da intelectualidade.

Gervásio Leite é poeta. Tem originalidade. É da nova escola! Nem metrificação, nem sílabas contadas, nem rimas... Confesso que nunca atentara nessa forma de versejar, nesse gênero de poesia... Do futurismo de Marinetti nada entendia. É que penso que o verso não é prosa que a pena pouco espera que a mão a agite, depois de ligeira reflexão... Não! o poeta constroi seus versos dentro do seu cérebro e do seu coração. Quando chega a hora de escrevê-los, já estavam edificadas mentalmente. Rujam no ambiente, em seu derredor, terremotos e estrondos de vulcões acêsos, ou paralistem o mundo silêncios sepulcrais, tem ele o privilégio da concentração, indiferente e surdo a tudo quanto houver lá fóra, como um palácio de portas trancadas, iluminado dentro da noite!

Se eu fosse poeta, não faria versos no molde sem molde da escola moderna. Caminharia do romantismo das primeiras canções, que nos embalam na infância, para o simbolismo... para o parnasianismo... Talvez assim fosse, por não poder antingir os páramos da nova escola.

O costume de perlustrar belezas das outras, versos — sentenças claras da suavidade do amor ou da agitação dos desesperos d'alma humana — que pertencem a cada um que os leia, porque retratam sentimentos de todos, que um dos poetas se lembrou de escrever, deu-me o hábito de venerá-las. Palpitam n'elas esse anseio indizível do lirismo imortal...

Agora eu me desarraigo do meu quasi fetichismo.

Se o caminho aberto e trilhado já deu na montanha, do outro lado ainda há o que desbravar. É isso que os poetas novos da Escola Moderna estão fazendo: — ampliando o caminho. Que continuem trabalhando, até que toquem no ponto inicial da velha estrada, até que completem a circunferência artística dos sonhos.

Acontece que pela primeira vez dei um mergulho, não direi n'um mar — onde só se poderia encontrar algas marinhas ou pérolas ou corais, sob o silêncio das profundidades, mas senti que mergulhava n'esse imenso oceano etéreo, pontilhado de estrelas — nesses versos, feitos de fogo, de gelo, de dilúvios e de verão, de metais candentes e de aço frio — e senti o contato de monstruosos e belos diamantes brutos e quentes, cujas cintilações

dardejantes davam clarão para que meus olhos vissem, em êxtasis, fulgores azulados das belezas, das imagens miraculosas criadas pela inspiração do já tão apreciado cantor cuiabano.

Gervásio Leite despontou no nosso ambiente literário, no meio cuiabano, como uma surpresa — uma bôa-nova que surge, sem ser anunciada.

Lá de fóra, conhecia-lhe eu o valor, quando aqui poucos o sabiam, sinão que era um bom estudante.

Veio já feito, e, aqui, quanto mais vai se elevando, produzindo, tanto mais vai aumentando a sua farta projeção de homem de letras... Azas da inteligência, cada dia maiores, crescendo a cada instante para voar de plano em plano, muito acima... até onde o infinito consentir...

O homem de letras é um condor original, e o nosso jovem acadêmico rumou de vôo em vôo, e veio pousar nesta Academia, que se rejubila com a gloriosa companhia de tão ilustre confrade.

O homem de letras é muito semelhante aos pássaros não só no pipilar, como na evolução da existência primitiva: primeiramente implumam para depois voar!...

Já ficou dito que Gervásio Leite é poeta e que precioso poeta êle é! Para que falar do moço jornalista, romancista, autor de muitas novelas, do moço conferencista e do político a estudar e a expender idéias sociais, muito dentro da ância do mundo, do aneio dos povos para descobrir a fórmula que dará à humanidade sofredora de hoje dias sem miséria, sem pobreza, dias, cujo clarão cristalino seja a verdade prática da igualdade humana.

Quem escreve diz o que sente. Idealisar é fazer o esboço da realidade. É o começo da realização.

Gervásio Leite, nos seus versos, nas suas conferências e nos seus artigos, canta e escreve como se fosse um operário do mundo, um camarada internacional, que, subido no tablado da vida, reclama para a vida de todos os que mourejam na face da Terra — uma felicidade só! Revolta-se contra o direito da força, amaldiçoa os usurpadores da força do direito — o direito — esse estatuto que o povo convencionou para existir em sociedade.

Todos são testemunhas de que a evolução pacífica do século foi quebrada em algumas nações, em meio mundo de cujos seios brotaram homens, tão ferozes quanto Átila, tão deshumanos quanto Nero...

Denominam-se *fuehrer*, duce, caudilho ou ditadores — esses neuróticos avarentos de poderes ilimitados, de poderes absolutos... Três já tiveram a morte que se dá às serpes venenosas. Os outros... não perderão por esperar o mesmo destino, porque a liberdade não se afoga, o direito não sucumbe, não estanca a aspiração ao máximo bem da coletividade humana.

Quando um desses calamitosos flagelos da liberdade de pensamento — caudilho Franco manda fusilar o poeta Frederico Garcia Lorca, explode em Gervásio Leite essa divina indignação — esse protesto gritado por sua boca — que é a boca do mundo livre — e é o protesto dos republicanos espanhóis de lábios emudecidos pela opressão, mas de corações batendo pela justiça da vingança. E immortalisa o seu protesto, que ele escreve e assina por todos os homens livres do mundo, com um poema monumental:

AUSÊNCIA DO IRMÃO FREDERICO

A notícia veio simples e lacônica
«Frederico Garcia Lorca
morreu esta madrugada
em Granada»
morreu n'uma madrugada de brumas,
varado pelas balas
da Covardia e do Fascismo.

Uma onda escura de ódio cresceu no peito
e a chama da vingança acendeu nos olhos.
E' preciso vingar a morte do irmão Frederico!

E' inútil o pelotão do fuzilamento!
nem a covardia, nem a crueldade poderão com a poesia
porque nem o fascismo nem a violência poderão com a liberdade.

Os teus irmãos, Frederico,
os chinezes, os escandinavos
e os outros irmãos teus,
poetas sem nomes que jazem nas masmorras
choraram na manhã da tua morte.

Era como se, de repente, todos os pássaros ficassem mudos
em tua boca sem palavras,
como se todas as flores, na manhã do assassinato
ficassem mudas sem tua presença.

Mas a tua morte, Frederico, trouxe a decisão da luta,
a determinação venceu a angústia
e teu corpo caído no pó
ficará marcando nas terras de Granada
o nascimento da esperança.

A poesia não morreu,
a liberdade está aí
bem viva!...

Snr. Acadêmico Gervásio Leite:

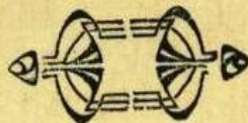
Sentimo-nos, nós desta Academia, honrados com a presença permanente do vosso ego, em nosso meio literário. Uma luz, viva e forte, que aparece, aumenta o brilho de outras luzes. Mais claridade, temos agora, trazida pelo fulgor do vosso espírito.

O brado de Goethe está sendo ouvido: "Luz". Iluminemo-nos nesse convívio de claridade das nossas inteligências, voltadas para todas as belezas, que, semeadas pelo céu do nosso idealismo, formarão grandes e pequenas estrelas para a glória da nossa literatura, no mundo das nossas agitações artísticas. E' indizível o nosso contentamento pela vossa preciosa presença nesta Casa de Letras. Ereis esperado, e todos nós, de braços abertos, o pensamento falando e bendizendo a hora da vossa vinda; e fechamos os braços agora num grande abraço de contentamento, estreitando-vos e ao vosso brilhante espírito de encontro aos nossos corações—transformados num só—pelos mesmos sentimentos de amizade e de admiração à vossa pessoa, e ao valor da vossa inteligência privilegiada.

O que sentimos pela vossa identificação à Academia, pela glória da vossa imortalidade, outros diriam melhor de que eu disse, mas o que vos garanto, é que um só modo de sentir, é o sentimento de satisfação de todos os membros desta Casa, de todos os vossos companheiros da Academia.

Sr. Gervásio Leite:

Sêde bemvindo.



CRONO PASSADISTA

AGOSTO GALFÃO

correspondente em Maceió

Vem comprando o dia,

Trina a passada,

Éria de alvorada,

Tosta do arrebol.

Na escalada lenta

Pelo espaço lafinado,

Íntimo subindo,

Como é belo o sol!

O regalo apêntro,

Que humedecem a arista

Páginas dos correspondentes

Tudo é festa. O campo,

Do verdor na orgia,

Dá nos a calma

Que a sonhar arbor

Faz no céu, na terra,

Par nas nossas almas,

Em noites tão calmas,

De tão doce luz!

Sanguinários monstros

Que, assolando a terra,

Só respiram guerra,

Só semejam dor:

Mais que mans, são loucos,

Cegos a beleza

Dada à natureza

Pelo Criador.

CROMO PASSADISTA

AUGUSTO GALVÃO

(da Academia Alagoana de Letras)

correspondente em Maceió

Vem rompendo o dia.

Trina a passarada,

Ébria da alvorada,

Tonta do arrebol.

Na escalada lenta

Pelo espaço infindo,

Rútilo subindo,

Como é belo o sol!

O regato argênteo,

Que humedece a areia,

Quão sutil serpeia

No feraz vergel!

Já das frescas flores,

Gotejando orvalho,

Lesta no trabalho

Suga a abelha o mel.

Tudo é festa. O campo,

Do verdor na orgia,

Dá-nos a estesia

Que a sonhar induz:

Paz no céu, na terra,

Paz nas nossas almas,

Em manhãs tão calmas,

De tão doce luz!

Sanguinários monstros

Que, assolando a terra,

Só respiram guerra,

Só semeiam dor:

Mais que maus, são loucos,

Cegos à beleza

Dada à natureza

Pelo Criador.

EM BUSCA DA ALMA SONORA

DOMINGOS FELIX DE SOUSA

correspondente em Goiânia

Antes era uma ebulição contínua em meu espírito
alando-se na busca insatisfeita
de qualquer coisa que ficava longe, mais longe, muito ao longe,
mas eternamente às minhas mãos.

Hoje, artificialidade de emoções mal sentidas,
de ilusões inconcebidas, de emoções inconscientes
e de mil anseios vãos.

Onde a antiga emoção de meus primeiros versos ?
E a musicalidade dos velhos sentimentos ?
E a naturalidade das rimas e da música
na música infantil de meus primeiros versos ?

Toda a minha alma de antes — livre, terna e emocional...
Toda a ternura antiga, onde hoje mora ?
Não sei. Sòmente sei que corro ansioso em busca
de minha alma sonora.

NOTURNO

Qual foi, em toda a terra, êsse poeta
que morreu sem deixar o seu noturno ?

A noite tem alma
e envolve-me terna
e me afaga, me acalma
em momentos de dor,
falando-me de sonho,
falando-me de amor.

Na paz que em tôrno a mim silenciosa adeja
a noite me fala...
e às vezes se cala
e me beija.

A noite tem alma
de mãe, de mulher.
A noite que é negra
qual negra mãe preta.
A noite que é calma,
que é morna, que é branda
como é brando um seio
de mãe, de mulher.

A noite me embala com seu canto brando
de leve carícia, na paz doce e quieta
de seu tom soturno...

Qual foi, em toda a terra, êsse poeta
que morreu sem deixar o seu noturno ?

Novembro de 1943.

O Rádio e a Cultura

Marcelo de S. Müller

Páginas femininas

Quando se fala em rádio, a primeira imagem que surge é a de um aparelho eletrônico que transmite e recebe ondas eletromagnéticas. Mas, além disso, o rádio é um meio de comunicação que tem se desenvolvido cada vez mais, tornando-se um dos principais meios de comunicação de massa. Isso se deve ao fato de que o rádio é um meio de comunicação que não depende de uma rede elétrica, sendo, portanto, muito mais acessível e barato do que a televisão e o cinema. Além disso, o rádio é um meio de comunicação que pode ser usado em qualquer lugar, desde que haja uma estação de rádio. Isso torna o rádio um meio de comunicação muito mais versátil do que a televisão e o cinema. Por fim, o rádio é um meio de comunicação que pode ser usado para transmitir qualquer tipo de mensagem, desde que seja transmitida em uma frequência adequada. Isso torna o rádio um meio de comunicação muito mais flexível do que a televisão e o cinema.

O Rádio e a Cultura

Maria de A. Müller

Meus senhores:

Quis o fundador da primeira rádio-emissora cuiabana que com o nome de "A Voz do Oeste" já por várias vezes vem dotando a "Cidade Verde" de um *broadcasting* à altura dos méritos de cultura de nossa gente, que viesse eu parabenizar o ato inaugural desta etapa final de sua instalação.

Aquí estou, prazerosa e confiante, cortando as amarras das asas simbólicas da novel estação radiofônica e emissora, para que o som, desprendendo-se em ondas rítmicas e claras, pelo Brasil em fóra, vá, tal mensageiro da confraternização e da cultura, divulgando os belos sentimentos que engrandecem a gente cuiabana.

Aquí estou, senhores, para dizer-vos como mulher, como cuiabana, e como Presidente da Comissão Estadual da Legião Brasileira de Assistência, do meu vivo júbilo, do meu cívico contentamento ao ver realizado, após vencer tantos óbices, o ideal de um lutador. Admiro a personalidade de quem, num sadio idealismo traça a sua trajetória, impulsiona tôdas as fibras do seu sê e todo o dinamismo de sua alma, até ver coroado de êxito aquilo que sonhou realizar. Sei dos impecilhos tôdos que surgiram e se antepuzeram ao desígnio criador do Professor Jercy, sei que, o seu esforço foi ingente, e que, só a chama do ideal, a brilhar sempre, mesmo através às mais caliginosas noites da vida, pode fortalecer-lhe o ânimo e encorajar-lhe a resistência até enfim, colher a palma da vitória.

Inaugurando a nova e potente estação emissora, de "A Voz do Oeste", vêm-me à memória, por uma natural sucessão de idéias, o que representam para os dias vertiginosos e conturbados que estamos vivendo, a imprensa, o cinema e o rádio — três fontes extraordinariamente poderosas a difundirem valor, crença e confiança no porvir das novas gerações.

Com os nossos soldados numa das frentes de batalha na Europa, tão separados de nós pela imensa superfície líquida do Atlântico e do Mediterrâneo, o telégrafo e o avião prestam relevantes serviços de informações e aproximação; mas, aquelas três fontes a que me referi, completam de maneira maravilhosa e flagrante, o circuito de afetos que nos unem àqueles bravos, cujo sangue de brasileiros, paga na terra de Garibaldi, a dívida sagrada com ele aberta, derramando-o em holocausto à causa sublime da Liberdade dos Povos.

A Imprensa — um forte elo da poderosa cadeia, traz na informação diária dos seus matutinos e vespertinos o atestado do labor extrênuo de bravos e anônimos batalhadores; e, sem esmo-recimentos pelega diuturna e tenazmente, para informar, convencer, esclarecer e doutrinar.

Há poucos dias, assistindo na tela do nosso cinema, à exibição de um film sobre a viagem, chegada e estada em Nápoles, da Fôrça Expedicionária Brasileira, senti um frêmito de emoção indescritível contemplando as feições — algumas conhecidas — dos soldados do Brasil pisando terras do Além Mar.

Ao finalizar a projeção, recortado em aberto o mapa do Brasil, dêste poderoso território que é nosso pela graça de Deus, o belo BRASIL cujo contôrno tem a fôrma clássica e simbólica de um coração, vimos, dentro dêle, passar em desfile, para a glória e para a grandeza do porvir, — soldados, empunhando fuzis; enfermeiras marchando com determinação e destemor; metralhadoras, tanks, aviões; arados e segadeiras, tratores e compressores mecânicos — as armas da Guerra e as armas da Paz, os símbolos do amor e os da caridade, num amálgama feliz e emocionante. Culminando essa sucessão maravilhosa de quadros, grandiloquentes na simplicidade evocativa e sensorial que dêles dimanavam, numa sublime apoteóse surgia, drapejando ao vento, dentro das linhas mestras do Brasil, o lábaro sagrado, o sublime «auriverde pendão que a Pátria encerra». Sozinha, adejando às auras da Pátria, dava nas suas dobras desprendidas, a sinalação misteriosa, núnica da Vitória que se aproxima.

Também o rádio, controlando a magia das ondas hertzianas, é um instrumento de Deus, para amenizar as agruras da vida presente. Não só nas grandes cidades, como nos pequenos

povoados, nas fazendas e sítios distantes onde não chegam com presteza os jornais e revistas, há muitas vezes um pequeno aparelho, servido de baterias elétricas, a informar tudo o que de mais recente e sensacional existe nos vastos diários do Mundo — este Mundo abalado pela Guerra, ardendo em fogueira monstruosa, estremecendo sob o atroar ininterrupto de bombas, metralhas, balas e explosivos...

Nesse quadro que evoca uma visão do Apocalipse, mas que doridamente retrata o mundo dos nossos dias, há uma mutação refrigerante: além das centenas de irradiações recreativas, instrutivas, informativas vêm como um sedativo as mensagens dos soldados do Brasil, enviadas de Além Mar.

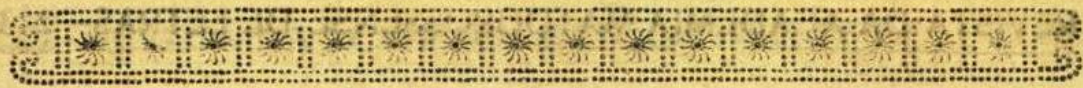
Ouvindo as vozes, dos seus entes queridos, trocando com êles, expressões de afeto e de saudades, as mães, as esposas, as filhas e as noivas sentem revigoradas as fôrças do coração, para esperarem resignada e heroicamente a hora festiva da VITÓRIA e da PAZ.

Quando cessarem as convulsões da Terra doente, enferma de ambição e de fanatismo, quando soarem no ar os acórdes festivos da alegria construtiva, o fremir do trabalho que engrandece e dignifica o gênero humano asseguradores do conforto e da tranquilidade, o rádio será então como a Escola — a fonte mais bela e mais alta de difusão da cultura.

Então, a nossa PRH3, nas azas fagueiras do som, irá pelo Brasil em fóra, levando um pouco da fragrância, do calor, da graça e da intensidade vital da alma cuiabana, sendo um dos baluartes exponenciais do progresso de Mato Grosso.

Á "Voz do Oéste", à minha querida paraninfada, os meus vivos e sinceros votos de perene felicidade.





novos nos seus hábitos e suas maneiras que não chegam com
prezados os hábitos e maneiras de muitas vezes um pedregal
talhe servido de maneiras e maneiras a mostrar tudo o que de
mas recente e sensacional, quase nos vários dias do Mundo
— este mundo sóbrio pela Guerra, atendo em conta a
tudo, estendendo sob o nome de "mundo de guerra" as
trabalha para e explosivos.

Nesse quadro que evoca uma visão do Apocalipse, mas
que doadamente tenta o mundo dos nossos dias há uma mu-
lher que se apresenta: além das centenas de milhares de
instituições, instituições, vem como um ser humano, as
soldados do Brasil, enviados de Além-Mar.

Quando se vê a mulher que se apresenta, quando se
vê a mulher que se apresenta, quando se vê a mulher que se
para esperar, esperando e esperando a hora da vida da VI-
LÓRIA e a AMOR.

Carta para minha filha

MARIA DIMPINA

Quando se vê a mulher que se apresenta, quando se
vê a mulher que se apresenta, quando se vê a mulher que se
festivos de alegria construída, o tempo do trabalho que
dece e dignifica o gênero humano, assegurando o conforto e

Vi-te, hoje, vaidosa, admirando-te ao espelho. Num máxi-
mo de alegria, refletida no brilho de teus olhos, olhavas-te e
tornavas a olhar-te, como que vaidosa de tí mesma, em teu tra-
je domingueiro, que deve ir substituindo, aos poucos, o unifor-
me colegial. E compunhas os cabelos, procuravas jóias e perfu-
mavas-te numa vaidade do botão que rompe as sépalas e procu-
ra abrir a corola para a beleza e para o encanto.

Minha filha :

Vi-te vaidosa, admirando-te ao espelho; e tive nesse mo-
mento muito ciúme de ti, muita preocupação com teu futuro, e
elevei aos céus uma prece, pedindo a Deus, para ti, a beleza da
alma, aquela que faz da mulher o anjo da virtude, o relicário
dos mais santos afetos.

Prometi-me escrever-te umas lições, herança de afetos e de
cuidados, — a maior e a única que te posso legar quando, longe
de ti, no outro mundo talvez, eu não possa mais acompanhar,
em pessoa, teus devaneios da mocidade.

Entre todos os perigos que ameaçam a juventude incauta,
tem primazia as seduções dos admiradores.

Fugas dos incensos queimados a teus pés, tu que és mortal
e não tens direito a adorações.

Vês esse peixinho que criamos cuidadosamente em nosso aquário. Sabes como dantes fugia de mim, arisco e medroso. Hoje, come quasi à minha mão as migalhas de pão que lhe trago quotidianamente.

Cevei-o aos poucos, com geito, com persistência... Assim, o tentador!

Elogios à beleza, ao talento, às tuas graças, são umas como migalhas de pão com quais procurarão, talvez, tentar o teu espírito, se, incauta, não souberes defender-te dos pescadores habilidosos que, a cada passo, procuram a sua prêsa, colhendo-a nas malhas tentadoras de carícias falsas.

Cuida de ti. Procura apresentar-te graciosa e elegante.

Mas... acima das graças e da elegância físicas, coloca a grandeza moral do teu espírito, a candura da tua alma.

Desconfia dos que dizem estimar-te, menosprezando tuas virtudes.

O sinal da cruz do verdadeiro amante, daquele que será digno de ti, é o zêlo, o cuidado pela tua honra que não deve querer barateada pela maledicência humana.

Pudesse eu acompanhar-te os passos, ouvir os elogios às tuas graças, estar oculta dentro de ti, para defender-te a cada momento; ver, de perto, os perigos que por ventura possam ameaçar-te como estou vendo os primeiros sinais de jovalidade que, desenvolvendo prematuramente, em ti te envaidecem... Pudesse eu acompanhar-te para salvar-te com o zêlo cioso de meu amor materno!

Mas, minha filha, se meus olhos e meus ouvidos se distanciarem de ti, não te faltará, no entanto, uma segunda mãe que zelará da tua virtude e da tua honra. É a religião que te ensinei desde o berço e que refletirá, sem mentira e sem falsidade vãs, as belezas de tuas virtudes e a hediondez de teus defeitos, dando-te como protetora Maria — a bendita entre as mulheres.

Nesse espelho de virtudes é que deves mirar-te, menina ou moça, espôsa ou mãe.

E como deverás ficar contente quando ao envez de escutares dizer que és bonita, o que bem póde ser uma falsidade, ouvires, com razão, dizer de ti: «ela é bôa!»

Assim quero vêr-te, filha, e para isto é que preparo o teu espírito, hoje, que procuras despontar para os encantos, numa vaidade como a do botão que rompe as sépalas nas manhãs primaveris da vida.

DE BENILDE MOURA

NORMA

Faze da caridade uma norma constante,
amando o que te ama e mesmo o que te odeia.
Perdôa! O mal provem de um sêr teu semelhante,
que, cego à luz do amor, em trevas cambaleia.

Transforma teu viver num templo confortante
e oferece consolo a toda dôr alheia.
Esparze sobre a vida o divino calmante
dessa Religião de que tens a alma cheia.

Dá tudo quanto tens! dá todo o coração,
num óbulo qualquer, numa palavra de ânimo,
num salutar conselho, e sem ostentação,

Procura a sombra, a paz e a simplicidade,
a cada movimento um gesto magnânimo,
sòmente a desprezar baixeza e falsidade.

NO ALBUM DE ANTONIETA RIES COELHO

Noite escura. Nem um astro
mostra a dourada faceta,
mas iluminam a vida
os olhos de ANTONIETA.

O mundo é qual o veludo,
porém não tem a côr preta
dos belíssimos cabelos
que possui ANTONIETA.

Há duas cousas movendo-se
como asas de borboleta. . .

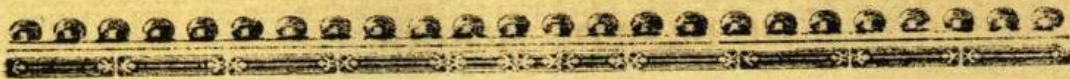
O que será? — Todos dizem:
— são as mãos de ANTONIETA.

Quebra o silêncio noturno
o eco de uma cançoneta.
E' o som que vem dos lábios
risonhos de ANTONIETA.

Agora, entre o céu e a terra
passa linda silhueta.
E' a sombra que a luz reflete
da imagem de ANTONIETA.

O sol atira no espaço
a mais luzida vareta.
Fulgem mais, inda, a bondade
e a graça de ANTONIETA.





Em torno da Sonata ao luar

Maria de Lourdes Oliveira

Beethoven é um dos maiores nomes históricos da música. Gênio autêntico, sua obra é prodigiosa.

Em ligeiro estudo quero referir-me a uma das maravilhas de sua divina arte: a "Sonata ao luar", a mais conhecida e tocada mas, digamos francamente, a mais maltratada de suas composições.

Assistimos, ha alguns anos, na Capital da República, a uma conferência do professor Charles Lachmond, quando nos contou que, dentre as várias lendas, qual mais curiosa, qual mais romântica, tecidas em torno dessa belíssima sonata, uma ha que às outras sobrepuja em ternura de sentimento. Por minha vez tentarei resumí-la.

Certo dia, ao atravessar uma rua da cidade, ouviu, Beethoven, surpreendido, os sons que partiam de um cravo. O grande artista aguça melhor os ouvidos e procura fixar o rumo daqueles acordes evocativos. Estava defronte de modesta casa de operário. Pelas persianas filtra-se o encantamento da suavíssima harmonia, que lhe sacudira subitamente o coração. Não hesita. Abre a porta, como eletrizado, e entra. A um canto da modesta sala de um sapateiro uma jovem triste dedilha o cravo. Contempla-a, primeiramente silencioso, o mestre imortal. Depois, acerca-se da artista e pergunta-lhe como aprendera tão suave música. Ela responde que a tocava simplesmente por tê-la ouvido. Beethoven fita o rosto angélico da moça. E' cega. As pálpebras ocultam os olhos apagados para todo o sempre. Grande comoção assalta-lhe o espírito. Faz-se reconhecer, nesse momento, o curioso visitante. E dirigindo-se à jovem e ao irmão sapateiro ali presente, diz-lhes que ama igualmente a música. Foi nesse divino momento, diante da linda jovem cega, na sala do pobre sapateiro, que Beethoven improvisou a extraordinária Sonata ao luar.

Agora perguntamos. Teria porventura na cegueira da humilde artista, previsto insfintivamente a própria escuridão que lhe iria tomar os olhos na sua triste porem gloriosa velhice?...

Mas, acrescentou-nos o professor Lachmond, a verdadeira história da Sonata op. 27 do genial filho de Bonn, é a seguinte:

Em 1801, chamado a lecionar a filha de um conde italiano, Beethoven sentiu-se logo preso de paixão pela jovem condessinha. Dominavam-no a graça e a candura da aluna. Julgando correspondido o seu grande se não infinito amor, estava resolvido a concretizá-lo no casamento, quando terrível imprevisto derruba o seu castelo de sonhos. Sua eleita era noiva de um titular. Beethoven arrasado na sua dor, procura então o divino amparo da música, sublimando o sentimento que lhe enchia o coração apaixonado.

Não podendo conquistar a mão que se dera ao feliz conde, o extraordinário compositor funde em sons o mundo de agonias que lhe torturam a alma sensível de artista.

A Sonata ao luar encerra um dos episódios talvez mais românticos de sua vida. Traduz o lirismo da alma apaixonada e inteliz do grande imortal. O incomparavel gênio sonhador que o mundo aplaude e admira profundamente.

Páginas dos novos



O RETIRO DA SAUDADE

(CONTO)

João Benedito de Almeida

Afinal Luiz Olíveo tinha chegado. Êle mesmo custava a crêr que estava alí no sítio da "Várzea das Pedras", no seu "saudoso recanto", como êle dizia.

No entanto, alí se achava em companhia de Nhô Chico e Siá Maria, a contemplar o céu bordado de estrêlas que iluminavam aquela fresca noite de primavera e a olhar pensativo para as capoeiras que se altejavam em grupos, aquí e alí, no meio do campo, indicando cada uma delas uma tapera do velho sítio que se extinguia.

E agora Luiz se lembrava da sua chegada ao sítio, ontem ao anoitecer.

Viajara tôda a tarde por aquêles caminhos que vão da vila ao sítio e que lhe guardavam em cada trecho uma recordação, em cada encruzilhada uma saudade. Por muito tempo que não andava a pé. Por isso, extropiara-se e em vez de estugar o passo com o cair da tarde, diminuira-o. Demais disso, queria sentir bem fundo aquela doce nostalgia que lhe infundia a brisa suave a bafejar-lhe a face, naquela hora tão saudosa em que os passarinhos cantando alegremente, os papagaios demandando o pouso em gritaria, as jaós cantando no centro da mata, o urutau martelando os ares com o seu grito forte e agourento, a perdiz assustando de quando em quando o viajor com o seu vôo súbito e sibilante, os curiangos cortando velozmente o ar, o gado mugindo tristemente ao longe, e tôda a natureza em festa parece entoar um hino ao Criador.

A influência natural do crepúsculo propiciando a Luiz as recordações saudosas do seu berço natal, da sua meninice vadia e despreocupada passada ali, não o deixava perceber a noite que, pouco a pouco, ia envolvendo os campos e a estrada.

Parecia-lhe que a alegria dos pássaros e dos animais, o murmúrio cantante dos regatos que atravessava e tôda aquela doçura crepuscular eram o gesto carinhoso da terra-mãe que o recebia, como o pai ao filho pródigo.

A sua chegada fora uma surpresa e uma satisfação para os velhos que nem sabiam como tratá-lo.

Quem tirou Luiz Olíveo dêste cismar foi o velho Chico

— Nhô Luizinho, vuncê já é dotô?

— Não, seu Chico, retorquiu Luiz Olíveo, sou apenas estudante de medicina. Não me trate assim com tanta cerimônia. Diga simplesmente Luiz ou Luizinho, como quiser, pois assim eu me recordarei melhor daqueles bons tempos em que o vovô Inácio ainda existia e todos os parentes moravam aqui, fazendo êste sítio alegre como um paraíso.

— É verdade, os bons tempos... suspirou o velho campônio. Dêsde que vunces mudaro prá Capitá, isto aqui foi ficano que é só tapera e tristeza. Nosso consôlo agora é só recordá e curtí sodade.

Nesse tom, o rude sertanejo recordou pachorrentamente, por entre suspiros de saudades, a opulência do seu querido sítio e depois a sua lenta e melancólica decadência. Com efeito, aquele "saudoso recanto", pelo qual também muito suspira Luiz Olíveo fôra uma fazendola bem alegre e tem uma história que talvez comova. O lugar, uma aprazível campina, que não é morro, nem vale, fica agradavelmente situado. Á direita e à esquerda, na direção Leste-Oêste correm, respectivamente, um caudaloso ribeirão e um regato de límpida água, que se encontram mais adiante, formando uma pequena mesopotâmia: é aí o pinturesco sítio da "Várzea das Pedras".

No fim do século passado essa sesmaria passou a pertencer a Inácio Ojeda, um destemido argentino de Corrientes, que emigrara ainda menino, quando da guerra paraguaia. Levando-o o destino até ali, mais tarde, formara um sítio onde lavrara a terra e criara gados. Homem de certa cultura, filho de família rica e criado em centros adiantados de sua próspera terra, adaptou-se, entretanto, perfeitamente à vida sertaneja e naquele isolado lugar fizera nascer em pouco tempo um ridente povoado que aumentava com novas famílias formadas pelos seus filhos ou com outras famílias que a êle vinham agregar se. Nhô Chico está no

segundo caso. Atraído pela bondade do correntino, viera com sua cara metade e aí erguera o seu rancho. Mas o seu protetor morrera e sua geração, já grande, sentindo, talvez, a falta dum chefe, foi abandonando o sítio depois de alguns tempos. Assim é que, depois de mudada a família de Luiz Olíveo, outras logo saíram. Só ficara Nhô Chico. Ele é a reminiscência do passado. Ele é o hospiliteiro morador que dá cômodo para os que, sentindo saudades do querido berço, vêm visitá-lo. Mas agora já não passam por aí as bandeiras de Senhor Divino, ou de São Benedito. Já não passeiam aí as famílias da redondeza e não passa mais senão um que outro viajante perdido que procura a cabana de Nhô Chico para lhe pedir pousada.

Era sôbre isso que conversavam Nhô Chico e Luiz Olíveo, quando Siá Maria os interrompeu.

— Gentes, bamo comodá, qu'êlé já é tarde.

A êste convite os dois acederam.

Naquela noite Luiz Olíveo sonhou que se tornara gurí e que tudo voltara à antiga felicidade. O sítio estava cheio de vida e de movimento. Luiz encontrando os primos e os velhos companheiros brincara por muito tempo na despreocupação de menino vadio.

Os três meses de férias passavam rapidamente e os últimos dias que restavam, Luiz Olíveo empregava em passeios ou em pescarias, sua diversão favorita. Fazia dez anos que mudara sua família. Estava então com doze anos. Desde êsse tempo não visitara mais aquelas viridentes campinas que a primavera envolve todos os anos de fragrantas flores, enchendo o sítio de poesia e saudade.

E agora êle corria os bosques, os campos e os prados. Achava em tudo um pedaço de sua fugidia infância. Visitava as taperas, revendo os velhos muros e as ruínas que em sua muidez lhe diziam eloquentemente do passado. Grande foi a sua satisfação ao encontrar na tapera de sua casa as árvores de sua estimação. A grande mangueira, alí estava estendendo a sua larga sombra que abriga contra a soalheira. O laranjal em plena pujança, alí estava perfumando os ares com o cheiro olente de suas flores. O cajueiro já soltava as primeiras bagas e no fundo do velho quintal, o limoeiro doirava o chão com a côr das suas frutas. Maior foi a sua explosão, porém, ao ver a ximbaúva.

— Oh! a minha ximbuveira que eu plantei, exclamou, apontando a Nhô Chico o enorme tronco da acácia que se altejava galhardamente.

Mais longe as águas cristalinas do regato, o "corruguinho", mumurejavam sonoramente por entre seixos e abrolhos. E subindo-lhe o curso teve Luiz Olíveo ainda agradável surpresa. No meio da verdejante várzea estendia-se uma cadeia de enormes pedras em perfeito contraste com aquele terreno vertente e alagadiço.

— Só agora compreendo, explicava êle ao paciente companheiro, porque chamaram de "Várzea das Pedras" a este sítio, pois, não é razão disso este belo panorama? Isto aquí é uma verdadeira curiosidade geológica e digno de um estudo.

Mas Nhô Chico não pegava mais nada da pedante dissertação de Luiz Olíveo. Por isso êste mudou de assunto.

— E a moçada, Nhô Chico, que é feito dela?

— Oh! a moçada, casou-se tôda.

Na verdade, "Várzea das Pedras" foi um sítio de muita moça bonita, motivo porque havia muita concorrência no lugar. Nas grandes festas de São Benedito ou de Santo Antonio que se faziam, juntavam as famílias mais distintas da redondeza. E a alegria era geral. Após a reza ao santo festejado, os trovadores cantavam o "cururú" a noite inteira, até o raiar do dia seguinte. Uns demonstravam os seus conhecimentos bíblicos e outros galanteando as pequenas bonitas, cantavam as suas "toadas".

Terminadas as férias Luiz Olíveo voltou para a Capital, com o espírito enebriado ainda de saudosas recordações. E diz êle que o melhor de suas férias foi aquele "retiro da saudade".

Cniabá, 8 / 945.



HUMANIDADE

EURICLES MOTA

A RUBENS DE MENDONÇA

O' minha musa olvidada e traída,
retorno hoje, feliz, ao teu encanto,
no culto da beleza já vivida
e no antigo fervor que prezei tanto.

A alma na noite material perdida,
vejo, agora, no meu lúcido espanto,
que me tornara o autômato suicida,
rebelde às emoções — ao riso e ao pranto.

Renasço para a vida do consciente,
ausculto o coração, que nunca mente,
— e sinto, dentro em mim, a humanidade

ainda a vibrar, no amor da natureza,
com a mesma pretérita grandeza
e com o ardor solar da mocidade.

IMAGEM...

Newton Alfredo

Olhos fechados, coração sonhando,
dá gosto olhá-la, assim quando, adormece...
Alvos braços em cruz, o rosto brando,
numa atitude angelical de prece.

Com um sorriso em seus lábios aflorando,
o lindo busto descoberto esquece...
E o luar pelo quarto penetrando,
enamorar-se dela, então parece.

De seus cabelos negros e sedosos,
um volátil perfume se trescala,
em suaves adejos vaporosos...

Tão mimosa se deita no seu leito,
que extasiado fico a contemplá-la,
e entre carícias, beijo-a satisfeito!

A CANCELA DA FAZENDA

Ramiro Vieira

... Eu e ela ...

Nós dois bricávamos
na cancela grande da fazenda.

Mimosa — dizia eu — não se ofenda,
mas quando eu for homem já feito —
casarei com você, de qualquer jeito...

Serei como o mocinho do cinema,
o galã,
e lhe beijarei com ternura,
com afan...

— Quando eu for grande e ganhar a vida
serei sòmente seu, minha querida!

Eu e ela,
escrevemos bem juntinhos
nossos nomes na cancela...

.....

Tudo mudou...
Passou-se a mocidade,
e, dela, o que ficou? —
Apenas mal se lê, na velha cancela
que o tempo corroeu,
evocando uma saudade
um nome junto ao meu...

ADVERTÊNCIA

Celestino Corrêa Cardozo

Mesmo que o coração me estále
Sob o teu desamor,
Inda pronunciarei teu nome
Na hora em que me fôr...

Para que me maltratas? Nada adianta
A tua indiferença, essa rosa de gelo:
Á força de sofrer, paciente, a dôr que é tanta,
O "ice-berg" em teu peito eu hei-de derretê-lo!

A chama deste amor há-de altear-se, imensa,
E os seus dedos de fogo enfim te envolverão,
Destruindo o desprezo e toda a malquerença
Com que me vens matando o pobre coração.

Cada dia que passa, mais minha ternura
Se represa com a dôr da tua incompreensão...
Cuidado: — ela ainda há de romper esses diques
E vencer a planura,
Levando o meu martírio e tudo de roldão.

Vivo para este afêto e como não me entendes,
Nem ao menos, piedosa, esperança me dás,
Sou levado a pensar que tu não compreendes
O mal que o teu olhar tão duro às vezes faz...

Esta angústia sem fim já não cabe em meu peito:
Minha fisionomia conturbada
Deixa ver a minha alma desvairada
Como um riacho a transbordar do leito.

E embora o coração me pare
Sob o império da dôr,
Querida, ainda direi teu nome
Na hora em que me fôr,

Rio, 22 / 1 / 944.

SOMBRA

Elza Bianchi Cerante

Eu te segui por todos os caminhos,
te falei em todos os idiomas,
te olhei por todos os olhares,
te desejei como todas as mulheres...

Eu palmilhei as terras mais distantes,
acompanhei a tua solidão,
teu temor, tua dúvida, tua inquietação...

Eu te guardei de longe,
fui anjo,
fui espírito,
fui guia.

Eu te segui por todos os caminhos
e segurei silenciosa a tua mão.

SONHO DE BANDEIRANTE

Nelson Nassif

Sedento de riquezas fabulosas,
A sonhar com tesouros deslumbrantes,
Transpuz matas, montanhas misteriosas,
Como outrora os audazes bandeirantes.

Vi opalas, safiras luminosas
E régias ametistas fulgurantes,
Esplendências miríficas, radiosas,
De turquezas, topásios e diamantes.

Pés a sangrar, exausto e combalido,
Regressei, mais que nunca convencido,
— Não valera transpor tantos escolhos —

Pois, em minh'alma eu tinha, luzidia,
A jóia rara de maior valia,
A esmeralda divina dos teus olhos!